

ISSN 1414-1906

**PANDAEMONIUM
GERMANICUM**

REVISTA DE ESTUDOS GERMÂNICOS

Número 2

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS – FFLCH/USP
ÁREA DE ALEMÃO
Humanitas Publicações
São Paulo, 1998

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Jacques Marcovitch

Vice-Reitora: Profª Drª Myriam Krasilchik

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Chefe: Profª Drª Sandra G. T. Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa

Claudia S. Dornbusch

Eliana G. Fischer

Eloá Di Pierro Heise

Eva Maria Ferreira Glenk

George B. Sperber

Hardarik Blühdorn

Irene T. H. Aron

João Azenha Junior

Maria Helena V. Battaglia

Masa Nomura

Ruth Cerqueira de Oliveira Röhl

Selma Martins Meireles

Willi Bolle

ASSESSORES EDITORIAIS

Francis Aubert (USP, São Paulo)

Ingedore G. Villaça Koch (UNICAMP, Campinas)

Colin B. Grant (UFRJ, Rio de Janeiro)

Heinz Vater (Universität zu Köln)

Berthold Zilly (Freie Universität Berlin)

Walter Moser (Université de Montreal)

ORGANIZAÇÃO DESTE NÚMERO

Willi Bolle, Eva Glenk, Eliana Fischer e Hardarik Blühdorn com a colaboração de Selma Meireles e Masa Nomura

Endereço para correspondência

Comissão Editorial

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

ÁREA DE ALEMÃO

Rua Prof. Luciano Gualberto, 403

05508-900 – São Paulo – SP – Brasil

Fone: + 55 (0)11-210-2325

Fax: + 55 (0)11-818-5041

e-mail: dlm@edu.usp.br

Compras e/ou assinaturas

HUMANITAS LIVRARIA – FFLCH/USP

Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária

05508-900 – São Paulo – SP – Brasil

Telefax: 818-4589

e-mail: publflch@edu.usp.br

http://www.usp.br/flch/flch.html

SUMÁRIO – INHALTSVERZEICHNIS

Apresentação 7

Geleitwort 9

LITERATURA – LITERATUR

O olhar estrangeiro 13

Claudia Dornbusch

Heinrich Heine e Castro Alves: diversidade na convergência 23

Eloá Heise

O Rio de Janeiro de 1925, sob o olhar de Victor Klemperer 35

Irene Aron

Os dois Brasis de Marie Luise Kaschnitz 47

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa

A etnopoiesia de Hubert Fichte 63

Ruth Röhl

Estética do futebol: Brasil vs. Alemanha 67

Willi Bolle (org.), Hans Ulrich Gumbrecht,

Flávio Aguiar, Antonio Medina, José Miguel Wisnik

“Für eine Kultur des Möglichkeitssinns”. Interview mit

Wilhelm Voßkamp 105

Willi Bolle



APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos o segundo número da revista PANDAEMONIUM GERMANICUM, que se propõe a ser um veículo de intercâmbio e de debates com a comunidade acadêmica no âmbito dos estudos germânicos.

O nome da revista inspirou-se em uma peça teatral de Jakob Michael Reinhold Lenz, como já foi esclarecido na apresentação do número inaugural.

Enquanto o número anterior apresentou trabalhos unicamente de colegas da USP, a saber, das Áreas de Alemão, Inglês e Língua Portuguesa, contamos, no presente número, também com a contribuição de artigos de colegas de outras universidades brasileiras e estrangeiras, redigidos em português, alemão e inglês.

A parte dedicada à literatura inicia-se com as palestras proferidas durante a XI Semana de Literatura Alemã (1997), evento promovido anualmente no mês de setembro na Área de Alemão. Essas palestras versaram sobre o tema *O olhar alemão sobre o Brasil*. A Semana culminou em uma mesa-redonda sobre a *Estética do Futebol: Brasil vs. Alemanha*, com uma conferência do professor Hans Ulrich Gumbrecht, da Universidade de Stanford, e o debate com colegas das Áreas de Literatura Brasileira e Letras Clássicas. Seguem-se uma entrevista com Wilhelm Voßkamp, professor visitante da Área de Alemão em 1997, um artigo que trata do conceito de vanguarda e um artigo de literatura comparada.

A parte dedicada à língua apresenta, inicialmente, três contribuições relacionadas com as teses de doutoramento defendidas em 1996/97 por docentes da Área de Alemão: *Provérbios no texto*, *Tempos verbais e Verbos de conexão*. Em seguida, dois estudantes da graduação do programa de iniciação científica apresentam resultados

parciais de um projeto de pesquisa sobre verbos de transporte. Temos um artigo que aborda questões semióticas, um sobre estereótipos e o último sobre o papel do alemão na União Européia.

Na parte referente à tradução, temos um artigo sobre teorias da tradução, e outro, que aborda questões da tradução do médio alto-alemão. Contamos, ainda, com uma resenha sobre um livro de literatura e duas sobre livros de lingüística.

Pela revisão dos textos em inglês, agradecemos aos colegas John Milton e Marina McRae, da Área de Inglês.

A revista está aberta para contribuições de colegas de instituições brasileiras e do exterior, sendo bem-vinda, inclusive, a participação de pós-graduandos. Todos os artigos submetidos passarão pelo crivo de dois especialistas. Os textos poderão ser redigidos em alemão, português, inglês, francês ou espanhol.

Os editores

GELEITWORT

Wir freuen uns, unseren Lesern das zweite Heft der Zeitschrift PANDAEMONIUM GERMANICUM vorstellen zu können, die sich als Forum des akademischen Austauschs und der wissenschaftlichen Diskussion auf dem Gebiet der Germanistik versteht.

Der Name der Zeitschrift ist einem Theaterstück von Jakob Michael Reinhold Lenz entnommen, wie schon im ersten Heft dargestellt wurde.

Während in der vorigen Nummer nur Arbeiten von Kollegen der Universität São Paulo aus den Instituten für Deutsch, Englisch und Portugiesisch vorgestellt wurden, haben zu diesem Heft auch Kollegen von anderen brasilianischen und ausländischen Universitäten Artikel in portugiesischer, deutscher und englischer Sprache beigetragen.

Der Schwerpunkt des Literaturteils sind die Beiträge der XI. Woche für Deutsche Literatur (1997) – einer alljährlich im September stattfindenden Veranstaltung des Instituts für Deutsch –, deren Thema diesmal *Der deutsche Blick auf Brasilien* war. Höhepunkt war die Podiumsdiskussion *Ästhetik des Fußballs: Deutschland vs. Brasilien* mit Hans Ulrich Gumbrecht (Universität Stanford) und Kollegen der Institute für Brasilianische Literatur und Klassische Philologie. Es folgen ein Interview mit Wilhelm Vosskamp (Universität zu Köln), der 1997 Gastprofessor an der Universität São Paulo war, sowie ein Aufsatz zum Avantgarde-Begriff und ein Beitrag zur vergleichenden Literaturwissenschaft.

Im Sprachteil behandeln drei Beiträge zentrale Themen von Dissertationen, die 1996/97 von Dozenten des Instituts für Deutsch verteidigt wurden: Sprichwörter im Text, Tempora und Konnektionsverben. Anschließend daran stellen zwei Studenten der Graduierung

Teilergebnisse eines Forschungsprojekts über Transportverben vor. Von den weiteren Beiträgen behandelt der erste semiotische Fragestellungen, der zweite die Problematik von Stereotypen und Vorurteilen und der letzte die Rolle der deutschen Sprache in der Europäischen Union.

Im Übersetzungsteil geht es in zwei Aufsätzen um Übersetzungstheorien und um Übersetzungen aus dem Mittelhochdeutschen. Den Abschluß bilden Rezensionen von literarischen und sprachwissenschaftlichen Werken.

Für die Revision der Texte in englischer Sprache möchten wir unseren Kollegen John Milton und Marina McRae vom Institut für Englisch danken.

Alle Leser sind herzlich eingeladen, Aufsätze und Rezensionen für die folgenden Nummern an die Redaktion zu schicken. Die eingereichten Manuskripte werden von zwei Fachwissenschaftlern begutachtet. Die Texte können in deutscher, portugiesischer, englischer, französischer oder spanischer Sprache verfaßt werden.

Die Herausgeber

*LITERATURA –
LITERATUR*

O OLHAR ESTRANGEIRO

Claudia Dornbusch*

Abstract: This text tries to illustrate what we understand by *strangeness*, *alterity* and *exotopy*. From the point of view of a stranger, we, as Brazilians, see and read products of foreign cultures in an exotopic way, which is quite productive. The same occurs with Germans looking at us, which gives us another view of ourselves. As an illustration, the poem *calypso* from Ernst Jandl will be discussed in this context.

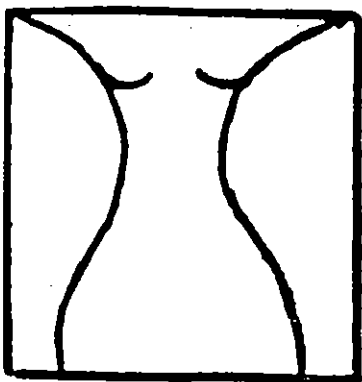
Keywords: Alterity; German literature; Imagology; Ernst Jandl; Exotopy.

Zusammenfassung: Dieser Text versucht zu veranschaulichen, was man unter *Fremdheit*, *Alterität* und *Exotopie* versteht. Als Brasilianer sehen und lesen wir Produkte einer fremden Kultur von einem exotopischen Standpunkt aus, der besonders produktiv ist. Dieselbe Perspektive haben wiederum Deutsche, wenn sie ihren Blick auf uns richten, was uns selbst eine neue Perspektive unserer Identität ermöglicht. Als Veranschaulichung wird das Gedicht *calypso* von Ernst Jandl in diesem Kontext behandelt.

Stichwörter: Alterität; Deutsche Literatur; Imagologie; Ernst Jandl; Exotopie.

Palavras-chave: Alteridade; Literatura alemã; Imagologia; Ernst Jandl; Exotopia.

* A autora é professora doutora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.



Se observarmos a ilustração acima, detectaremos que cada um de nós chegará a uma conclusão diferente acerca do que está vendo: um corpo feminino de braços levantados (não à vista) ou dois elefantes, um de costas para o outro. Este fato evidencia que não existe uma resposta definitiva e única em relação à percepção que temos da realidade. Cada um dos modos de percepção representa uma interpretação individual do elemento icônico, no exemplo acima.

Essas diferenças de percepção, detectadas aqui através do olhar, podem ser igualmente aplicadas a outras áreas de interpretação, como o filme (também uma arte visual), leis, textos da Bíblia e literários. Determinamos nesses últimos, já que são o objeto de estudo de nossa área específica, a literatura alemã.

Pelo fato de serem os textos em questão redigidos num idioma estrangeiro tão complexo como o alemão, apresentam um obstáculo linguístico a transpor para leitores brasileiros que se disponham a ler um texto literário alemão na versão original. Não é sem motivo que o termo *Deutsch als Fremdsprache*, correntemente traduzido por *alemão como língua estrangeira*, poderia ser também entendido como *alemão como língua estranha*, devido a suas inúmeras inflexões, declinações e outros obstáculos hostis ao aprendizado. Em português, os termos *estranho* e *estrangeiro* não coincidem num só vocábulo; já em alemão, os sentidos se complementam, entrelaçando-se. Esta variedade de sentidos repre-

senta com exatidão as sensações do leitor brasileiro diante de um texto literário alemão: um misto de surpresa, incompreensão, curiosidade e estranheza. O termo *fremd* apresenta uma variada gama de sentidos em alemão, em que se incluem *estrangeiro*, *estranho*, também algo novo, extraordinário, não familiar, causando espanto, estranheza ou estranhamento.

O estranhamento, termo cunhado por Bertolt Brecht em seu teatro épico, tem, na verdade, função esclarecedora. Explicando o conceito, o dramaturgo mostra que Galileu *estranhou* as oscilações do lustre, o que fez com que descobrisse as leis que provocavam esse movimento. Configura-se, assim, segundo Anatol Rosenfeld, “aquele estado de surpresa que para os gregos se afigurava como o início da investigação científica e do conhecimento”.

Para nós, leitores brasileiros, esse estranhamento configura-se como elemento produtivo na leitura de textos estrangeiros, já que, se lhe aplicarmos o olhar estrangeiro, que é o nosso, por fazermos parte de uma cultura diferente daquela que produziu o texto alemão, estaremos contribuindo com uma interpretação individual e original. Essa posição que temos em relação à cultura analisada, ou seja, de não pertencermos diretamente a ela, caracteriza-se como *exotopia*, termo cunhado por Bakhtin. No entanto, segundo esse estudioso russo, a exotopia não só não é obstáculo para conhecer uma outra cultura, mas é condição necessária para tanto. Segundo Bakhtin, “na área da cultura, a exotopia é o nível mais poderoso de conhecimento. É apenas através do olhar de uma *outra* cultura que a cultura estrangeira se revela mais completa e profundamente.”

Sob esse aspecto, estamos em vantagem, pois podemos revelar facetas novas de uma determinada cultura, no caso, a alemã, interpretada a partir de nossa exotopia. O mesmo se dá com o olhar alemão lançado sobre o Brasil, tal como refletido, por exemplo, nas obras literárias. De acordo com Nelson Brissac Peixoto: “É a questão que atravessa, nos últimos anos, o pensamento e a arte contemporânea: a perda de sentido das imagens que constituíam nossa identidade e lugar. Daí o recurso ao

olhar do estrangeiro, tão recorrente nas narrativas e filmes americanos recentes: aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. Todo um programa se delinea aí: livrar a paisagem da representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são”. Pelo fato de nós estarmos distantes do centro em que foi produzida a obra, podemos ver com mais clareza o que um público alemão, por exemplo, “não pode mais ver”, segundo Brissac Peixoto.

Sendo assim, não devemos considerar a nossa interpretação como inferior ou incorreta, já que, como vimos no início, essa definição torna-se inócua. Muito pelo contrário: nosso distanciamento e estranhamento tornam-se extremamente produtivos, já que lemos e interpretamos com olhar estrangeiro. De acordo com Silviano Santiago, “a América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo.” Santiago cita ainda Oswald de Andrade, que se refere especificamente ao contato entre Brasil e Alemanha da seguinte forma: “A Alemanha racista, purista e recordista precisa ser educada pelo nosso mulato, pelo chinês, pelo índio mais atrasado do Peru ou do México, pelo africano do Sudão. E precisa ser misturada uma vez para sempre. Precisa ser desfeita no *melting-pot* do futuro. Precisa mulatizar-se.” (em *Ponta de Lança*, Rio, Civilização, 1972, p. 62). Essa visão contundente confirma as nossas afirmações anteriores sobre as vantagens da exotopia, que produz essa mistura cultural, apontando para o *melting-pot* do futuro, em épocas de universalização e homogeneização das culturas.

Segundo Todorov, o outro pode estar distante de nós no âmbito temporal (aspecto histórico), espacial (aspecto etnológico) ou existencial (o outro é meu vizinho, meu colega, todo aquele que seja o não-eu). Na tentativa de compreensão do outro, Todorov distingue quatro fases de compreensão:

1. Num primeiro momento, assimila-se o outro a si próprio, existindo apenas uma identidade: eu mesmo. Se, por exemplo, estou interessado em culturas distantes da minha, organizo-as de acordo com a minha própria. Nesta etapa, meu conhecimento do outro é apenas quantitativo, ao invés de qualitativo.
2. Num segundo passo, elimina-se a própria identidade em benefício do outro. Eliminando a minha subjetividade, acredito estar sendo objetivo. Aqui, novamente, temos uma única identidade: nesse caso, a do outro. Nesta etapa, busco, por exemplo, o máximo de informações sobre a Alemanha, conhecendo a sua história, tentando ver o mundo através de seus olhos.
3. Nesta fase, eu reassumo minha própria identidade, com a ressalva de que antes busquei, de todas as formas, compreender o outro. Nesse caso, minha exotopia produziu conhecimento qualitativo, não quantitativo. Concluo que os meus valores são tão relativos quanto os do outro. A multiplicidade (ou dualidade), aqui, substitui a unidade, sendo que o eu estabelece-se como diferente do outro.
4. Na última fase do conhecimento, eu me abandono novamente, porém de modo totalmente diverso. Eu não quero nem sou mais capaz de me identificar com o outro, nem posso mais identificar-me comigo mesmo. Em outros termos: o conhecimento do outro depende de minha própria identidade. Mas esse conhecimento do outro, por sua vez, determina o conhecimento de mim próprio. Interagindo com o outro, portanto, meus conceitos transformaram-se de uma tal maneira que respondem por ambos – por mim e pelo outro. Desta forma, a universalidade que julgava perdida é reencontrada em outro lugar, não no objeto, mas no projeto.

Essas etapas da alteridade já são mencionadas anteriormente por Todorov em sua obra *A conquista da América*, em que as resume, destacando três planos de alteridade: o axiológico, o praxiológico e o epistêmico. O primeiro plano, axiológico, é representado através de um

juízo de valor acerca do outro: ele é bom ou mau, gosto ou não gosto dele, ou mesmo: ele é inferior ou igual a mim. Este plano corresponde, portanto, ao primeiro nível acima mencionado. No eixo praxiológico, observamos a aproximação ou o distanciamento do outro. Nesse nível, adoto os valores do outro, identificando-me a ele, ou então assimilo o outro, conferindo primazia à minha própria identidade; posso, ainda, ser indiferente ao outro. Desta forma, identificamos este eixo ao segundo e ao terceiro nível anteriormente citado. No nível epistêmico, dá-se ou o conhecimento, ou a desconsideração da identidade do outro, havendo, porém, gradações de conhecimento. Este nível corresponde, portanto, ao quarto plano da alteridade.

Essas etapas mencionadas por Todorov dão-se em nosso inconsciente toda vez que analisamos um texto estrangeiro, produto do outro. Se nos conscientizarmos desse processo, ele poderá tornar-se mais profícuo do ponto de vista intercultural, já que o conhecimento tornar-se-á, também, consciente, contribuindo para a formação de nossa própria identidade.

Na literatura, o contato com o outro revela-se mais plasticamente através das imagens de outras culturas presentes nas obras, seja através de relatos de viajantes, personagens considerados “exóticos” ou preconceitos. Um tal enfoque das obras é conferido pela área de estudos denominada de Imagologia. É através desse olhar estrangeiro sobre o Brasil que conheceremos um pouco mais sobre nós mesmos.

À guisa de ilustração, gostaria de citar o poema de Ernst Jandl, intitulado *calypso*:

calypso

ich was not yet
in brasilien
nach brasilien
wulld ich laik du go

wer de wimen
arr so ander
so quait ander
denn anderwo

ich was not yet
in brasilien
nach brasilien
wulld ich laik du go

als ich anderschdehn
mange lanquidsch
will ich anderschdehn
auch lanquidsch in rioo

ich was not yet
in brasilien
nach brasilien
wulld ich laik du go

wenn de senden
mi across de meer
wai mi not senden wer
ich wulld laik du go

À primeira vista, salta aos olhos a repetição dos estereótipos sobre o Brasil já conhecidos: mulheres “diferentes” e língua exótica, Rio de Janeiro, musicalidade e sensualidade. Os dois últimos elementos podem ser inferidos a partir do título: *calypso*. A esse nome pode-se associar tanto

uma dança caribenha quanto a musa que enfeitiçou e seduziu Ulisses na ilha de Ogígia, um cenário paradisíaco.

A partir dessas associações, o eu lírico do poema sente uma saudade, uma necessidade de vir ao Brasil, país que não conhece, mas do qual só sabe que tem “mulheres diferentes” (*wer de wimen / arr so ander / so quait ander / denn anderwo*), em que se fala uma língua diferente, especificamente *in rioo*. O eu lírico quer entender essa língua diferente (*will ich anderschdehn*), e, por extensão, a cultura a que ela pertence, processo que já lhe é familiar com outras línguas (*als ich anderschdehn / mange languidsch*). Esses fatores transformam o próprio texto em algo “diferente”: observa-se que o poema foi escrito numa língua inexistente, ou melhor, uma nova língua, misto de inglês e alemão. A transcrição por vezes fonética dos vocábulos pode ser a desmontagem da língua, buscando construir outra, mais atraente e musical, em ritmo de calypso e envolvente como a musa homônima. Pode ser também entendida como uma forma de aproximação em relação ao outro, esperando que se entenda uma língua universalizada pelo inglês. Portanto, é a alteridade o porto de onde zarpa o navio em busca de novos caminhos. O poema todo, portanto, vive da exotopia. Podemos ver nele, se quisermos, tanto a mulher da ilustração introdutória deste artigo, “diferente”, quanto os dois elefantes, que talvez se encontrem em algum momento. Ou seja: podemos ver tanto a simples confirmação de estereótipos do “exotismo”, quanto a tentativa de aproximação de um mundo distante, através de recursos estilísticos.

Nesse sentido, a própria forma do poema pode ser entendida como uma tentativa de concretizar o projeto de que fala Todorov em seu quarto nível da alteridade: o poema foi de tal forma contaminado pelo outro, que não é mais produto do eu inicial, nem assimilou completamente o novo. Trata-se de um projeto original, nascido a partir da fusão de elementos díspares, cujo núcleo embrionário é o olhar estrangeiro.

O tema da Semana de Literatura de 1997, âmbito em que foi apresentado o presente trabalho, é justamente a questão do olhar estrangeiro, a interação com o outro através da literatura. Se tentarmos detectar, nos

artigos aqui apresentados, as quatro etapas de conhecimento sugeridas por Todorov, estaremos nos conscientizando do nosso procedimento em busca do autoconhecimento, à medida que o nosso objetivo é fornecer respostas originais a perguntas universais propostas pelas obras analisadas, a partir do olhar estrangeiro.

Referências bibliográficas

- JANDL, Ernst. *Laut und Luise*. Stuttgart, Reclam, 1977.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. “O olhar do estrangeiro”. In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo, Cia. das Letras, 1988.
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo, Perspectiva, 1994.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- SOUSA, Celeste H.M.R. *Retratos do Brasil*. São Paulo, Arte & Cultura, 1996.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- TODOROV, Tzvetan. *The morals of history*. Minneapolis/Londres, University of Minnesota Press, 1995.

**HEINRICH HEINE E CASTRO ALVES:
DIVERSIDADE NA CONVERGÊNCIA**

*Eloá Heise**

Abstract: Heinrich Heine and Castro Alves wrote poems with the same title: *Das Sklavenschiff* and *O Navio Negreiro*. However, this does not mean that Castro Alves plagiarized Heinrich Heine, the author of the first source. Although both of the poems deal with the same theme, an analysis will show and prove the evident divergency in the convergency.

Keywords: Heinrich Heine; Castro Alves; Abolitionist poetry; Comparative literature.

Zusammenfassung: Heinrich Heine und Castro Alves haben Gedichte unter dem gleichen Titel geschrieben: *Das Sklavenschiff* und *O Navio Negreiro*. Das bedeutet aber nicht, daß Castro Alves ein Plagiat des Gedichts Heines, des Verfassers der ersten Quelle, begangen hat. Trotz der gleichen Thematik in beiden Fällen kann man durch die Analyse der beiden Gedichte die deutliche Divergenz in der Konvergenz belegen.

Stichwörter: Heinrich Heine; Castro Alves; Abolitionistische Dichtung; Vergleichende Literaturwissenschaft.

Palavras-chave: Heinrich Heine; Castro Alves; Poesia abolicionista; Literatura comparada.

Dentro do temário que norteia a XI Semana de Literatura Alemã, *O olhar alemão sobre o Brasil*, gostaria de apresentar uma perspectiva

* A autora é professora doutora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

peculiar do problema, ou seja, analisar em que medida um fato histórico, o tráfico de escravos para o Brasil, serviu inicialmente de inspiração para um poema de cunho marcadamente político do poeta Heinrich Heine. Essa poesia, por sua vez, traçando a elipse em um efeito bumerangue, volta revestida de nova roupagem em outra direção, constituindo-se em um produto característico da Literatura Brasileira, o poema *O Navio Negro* de Castro Alves.

A primeira convergência entre os dois poetas pode ser apontada pelo ano de 1997, quando se registra o bicentenário de nascimento de Heine (1797-1856) e também o sesquicentenário de nascimento de Castro Alves (1847-1871). Mas se a efeméride que se comemora em 97 aproxima os dois autores, a inserção de cada um deles no contexto de seus respectivos países os separa diametralmente. Castro Alves, o nosso cantor da liberdade e dos escravos, se projeta como um dos poetas mais vigorosos da Literatura Brasileira, um orador em versos, que transformou sua poesia no maior episódio de literatura participante de seu tempo. Representante de uma juventude letrada, integra-se como componente de uma geração educada para fazer poesia. Filho de família abastada do campo, compôs a parte da inteligência brasileira do século XIX que recebeu instrução jurídica nos centros urbanos da época, absorvendo os padrões culturais europeus refletidos nas cortes e nas capitais brasileiras de então. Já Heinrich Heine é o poeta marginal que vivia na encruzilhada entre várias opções, nenhuma definitiva. Dividia-se entre diversas lealdades: lealdade à Alemanha, lealdade à Revolução de 1789, lealdade à França. Impossibilitado de integrar-se na Alemanha reacionária do *Biedermeier*, estabeleceu-se definitivamente em 1831 em Paris, pois sua agressividade e atitudes de liberal radical tornaram sua situação na Alemanha insustentável, sendo alvo constante da censura. Anatol Rosenfeld bem sintetiza a posição de escritor à margem de Heinrich Heine: “Estranho como alemão entre os franceses, como judeu entre os cristãos, como convertido entre judeus, como liberal *sui generis* entre os liberais da linha justa e como socialista *sui generis* entre os socialistas da linha justa.” (ROSENFELD 1993: 71).

Contudo, se por um lado divergem, por outro se aproximam na intenção básica de suas respectivas obras. Os dois lançaram mão da pa-

lavra para externar sua indignação ante a inércia dos homens diante das injustiças e a exploração do ser humano.

Se os dois poetas escreveram uma poesia sob o mesmo título, *O Navio Negro* – *Das Sklavenschiff*, isso não significa, necessariamente, que Castro Alves tenha plagiado o poema de Heine, o autor da primeira fonte de inspiração. O tratamento do mesmo tema em ambos os casos, a dança dos negros escravos no convés do navio, não impede que se possa demonstrar a grande diferença entre os dois poemas.

Partindo-se da perspectiva brasileira, a discussão do que se convencionou chamar de empréstimo cultural parece ser uma fixação nacional. A gente só se apercebe dessa nossa necessidade de constante justificativa diante de eventuais “influências”, quando um historiador inglês como Peter Burke, com seu olhar “de fora” declara: “Para um estrangeiro como eu, os brasileiros de hoje parecem obcecados com a noção de empréstimo cultural, seja quando o praticam, seja quando o denunciam.” (*Folha de São Paulo*, 27/07/97, *Mais*, 5/3)

A comparação que faremos entre os dois poemas não pretende nem denunciar uma reutilização temática nem encobrir a sua prática, almeja, isto sim, libertar-se das categorias de análise “colonialista” e defender uma abordagem onde não pese a noção de “influência” de uma literatura sobre outra. Distancia-se da abordagem que encara a literatura “periférica”, nesse caso a brasileira, como “devedora” em relação à literatura alemã, apontando apenas uma analogia interessante¹ entre as duas literaturas com o fito de mostrar a especificidade expressiva de cada um dos casos.

Se formos nos indagar se Castro Alves conhecia o poema de Heine, a resposta será, definitivamente, sim. O nosso poeta deve ter lido a ver-

1 Anatol Rosenfeld, em artigo “Castro Alves e Heinrich Heine”, em *Letras e leituras*, São Paulo, Perspectiva, 1993, analisa a analogia entre os dois poemas. Nesse texto o autor cita o artigo de Hans Jürgen Horch, “Castro Alves: Sklavendichtung und Abolition”, onde o mesmo tema é tratado.

são francesa (1855) da poesia alemã (1854), uma vez que várias citações de Heine, quer em francês, quer traduzidas, servem de epígrafe a poemas de temática abolicionista de Castro Alves. Além do mais, um dos mentores confesso do poeta brasileiro, Fagundes Varela, traduziu vários poemas do autor alemão. Portanto, a geração estudantil a qual pertenceu Castro Alves parece ter lido a versão francesa de várias obras de Heine. Some-se a todos esses indícios o fato de que os poetas do romantismo brasileiro, como sinal de libertação da pátria-mãe Portugal numa época ainda próxima da Independência do Brasil, voltam-se para a cultura francesa como nova Meca civilizatória. O pólo da nossa inteligência transfere-se, assim, de Coimbra para Paris ou Londres. Essa ligação visceral com a cultura francesa, através da qual se assimilou Heine no Brasil, também pode ser constatada pela relação de Castro Alves com seu grande mestre, Victor Hugo, a quem o unia indisfarçável afinidade eletiva, seja de natureza lírica, seja de cunho político com vocação de tribuna. Todo esse embasamento cultural e conhecimento de outras literaturas vai transformar Castro Alves em um dos poetas brasileiros mais propícios a assimilações e paráfrases externas, sem que isso o desmereça como um de nossos escritores mais originais e ciosos dos arroubos inflamados de seu *eu*.

No que tange à relação das poesias com o dado histórico, o tráfico de escravos para o Brasil, deve-se mencionar que a poesia de Heine, publicada em 1854, no primeiro volume de sua *Miscelânea de escritos (Vermischte Schriften)*, coincide com a época em que se extingue o tráfico (leis de 1850 e 1854), sendo que ainda houve um último desembarque clandestino no Brasil em 1855. Portanto, a poesia do autor alemão tem o caráter de relato de um fato imediato, uma vez que se relaciona temporalmente com uma realidade circunstancial. Já o poema de Castro Alves, escrito em 1868, distancia-se no tempo do fato concreto, adquirindo os contornos de uma proposição épica. O texto integra a onda de vocação democrática dos anos 60 no Brasil, refluxo das lutas liberais na Europa. Essa é uma época em que a poesia e a oratória se aproximam e se fundem, transformando os poetas em tribunos, num amálgama entre o verso e a grandiloquência do discurso. Esse pano de fundo histórico diverso coloca o poema brasileiro diante de uma perspectiva de atemporalidade onde o problema ético é ancorado em evidências históri-

cas. Afinal, não se pode esquecer que, durante os 300 anos de tráfico, 70 milhões de negros foram transportados à força para a América.

O poema de Heine, composto de duas partes, com estrofes de 4 versos que se estendem de forma invariável por todo o texto, apresenta uma construção mais breve e uniforme que a poesia de Castro Alves, com suas 6 partes, composta de versos irregulares, onde surgem novas focalizações a cada parte e se evidenciam os diversos ritmos emocionais do eu lírico.

No texto alemão o leitor é introduzido de forma imediata no mundo do navio negreiro, sendo que a primeira parte descreve, com características marcantes de narrativa, a perspectiva comercial do capitão do navio e do médico que se preocupam com a rentabilidade da mercadoria transportada, uma vez que essa carga vale mais que ouro em pó ou marfim e pode oferecer lucros astronômicos.

“Ich hab zum Tausche Branntewein,
Glasperlen und Stahlzeug gegeben;
gewinne daran achthundert Prozent,
bleibt mir die Hälfte am Leben.”

“Em troca dei água-ardente,
contas de vidro e algum metal;
oitocentos por cento ganho com isso,
se restar metade com força vital.”

“Bleiben mir Neger dreihundert nur
im Hafen von Rio-Janeiro,
zahlt dort mir hundert Dukaten per Stück
das Haus Gonzales Perreiro.”

“Restam-me dos negros apenas trezentos
no porto do Rio de Janeiro,
paga-me lá duzentos ducados por peça
a casa Gonzales Perreiro.”

A objetivação do mundo empírico é reforçada pela transcrição da fala em discurso direto do capitão, calculando suas perdas e ganhos, e do médico, que vem reportar ao comandante o aumento da mortalidade entre os negros. A figura do médico, grotesca por si só, com seu nariz cheio de verrugas vermelhas, adquire contornos mais macabros quando relata a descarga dos cadáveres, atirados aos tubarões, que ávidos pela carne dos negros, parecem agradecer, quando satisfeitos, pelo laudo repasto. Esse quadro dantesco, que até chega a divertir o médico, não interessa ao capitão, aficionado pela idéia de lucro e necessitando de uma receita para o súbito mal. O cientista, tão douto quanto Aristóteles, prescreve, para a

doença da melancolia e da tristeza, ar, música e dança no convés. Os negros, mercadoria com o defeito dos sentimentos, devem se divertir sob a batuta do chicote.

A paráfrase detalhada dessa primeira parte do poema serve para apontar a caracterização pelo viés do absurdo que o autor faz de toda a cena. Numa linguagem onde os tons variam entre objetivo, irônico e grotesco, Heine, parcimonioso na adjetivação, consegue, através da singeleza da métrica e do estilo descritivo, individualizar o relato (uma das personagens tem nome próprio, a outra merece uma descrição caricatural), dando ao leitor a impressão de que se trata de um acontecimento “real”.

Na segunda parte do poema, o narrador (se é que se pode falar de um narrador dentro de um poema) descreve a cena da dança dos negros no tombadilho. A atmosfera de erotismo e “pecado”, que caracteriza o relato, já é insinuada pela descrição inicial da natureza, onde as estrelas fitam o espetáculo com “olhos de belas mulheres” e as ondas emitem soluços de amor. Ao compasso do tinir dos ferros e excitados pela chibata do *maître des plaisirs* os dançarinos pulam e rodam, emitindo gemidos numa mistura de raiva, prazer e suplício. Em meio a esse quadro burlesco, para mais ironicamente caracterizar a desumanidade de todo o processo, surge outra vez a descrição dos tubarões que, esperando pela refeição que não vem (um sinal concreto de que a terapia do médico surtiu efeito), acabam mordendo o próprio rabo.

Nas duas últimas estrofes do poema aparece novamente a figura do capitão van Koek que, de mãos postas, pede a Deus:

“Um Christi willen verschone, o Herr,
das Leben der schwarzen Sündner!
Erzürnten sie dich, so weißt du ja,
sie sind so dumm wie die Rinder.”

“Pelo sangue de Cristo, poupa, ó Senhor,
a vida dos negros pecadores!
Se inflamam tua ira, bem sabes
que são como as bestas, estupores.”

“Verschone ihr Leben um Christi willen,
der für uns alle gestorben!
Denn bleiben mir nicht dreihundert Stück,
so ist mein Geschäft verdorben.”

“Poupa suas vidas pelo sangue de Cristo,
que por todos nós morreu!
Pois se não me sobram trezentas peças,
todo meu negócio se perdeu.”

A poesia, concluindo como começou – o capitão pensa em seus possíveis lucros –, aponta para o retorno circular da mesma situação, para a qual não há saída. A mistura, contudo, de elementos heterogêneos e a associação inusitada de registros de linguagem díspares, a linguagem de prece e a caracterização dos negros como animais ou o cálculo dos ganhos, desvirtua todo o significado da religião, que também passa a colaborar na efetivação do lucro. Nessa passagem Heine mostra uma das características mais marcantes de seu estilo: o uso refinado do paradoxo que atrai e agride pelo conflito de coisas desconexas. Procurando o choque de conceitos em oposição, o autor consegue todo o efeito de seu chiste e, nesse caso, do seu escárnio contundente. A prece do capitão, em *Das Sklavenschiff*, soa não só como blasfema, mas denota também o cinismo inconcebível da personagem, uma vez que pede ao Senhor perdão pelo pecado de luxúria dos negros, pecado esse que ele mesmo os força a cometer.

Se a poesia de Heine se caracteriza pela emoção fria, pela singeleza narrativa e pelo escárnio desconcertante, ela se coloca em um pólo diametralmente oposto ao poema de Castro Alves que, com seu *O Navio Negreiro*, constrói um epos libertário.

A epopéia de expressão heróica, já em crise no século XVIII, vai, através da poesia abolicionista de cunho político do XIX, conseguir um substituto equivalente. É nesse tipo de poesia que se fundem e entrecruzam o humanitarismo, a rebeldia e a ênfase do discurso, propugnando o leitor/ouvinte, através de recursos retóricos, a assumir uma posição diante das injustiças do mundo.

Na primeira parte do poema de Castro Alves a voz do eu lírico cria no espaço aberto da natureza um imenso painel, onde céu e mar se fundem na imensidão e na infinitude e onde reina a harmonia. Essa abstração cósmica é povoada por marinheiros dos “quatro mundos”, trazendo consigo a marca da universalidade. A poesia se orchestra entre o som das ondas e o assobiar do vento.

Já nessa primeira parte o trabalho rebuscado do autor com a palavra produz imagens visuais de grande expressividade.

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano...
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?

Na segunda parte do poema prossegue o tratamento do motivo mar-poesia, com a voz lírica buscando essa identidade não mais na natureza, mas na evocação de povos que em sua dimensão mítica e histórica têm uma profunda relação com o mar.

Como se pode perceber, nesse cenário aberto não há nenhuma determinação do caso particular. A predominância da voz lírica se manifesta de forma decisiva nas duas primeiras e nas duas últimas partes do poema. Levando-se em conta a individuação do acontecimento concreto, o episódio que se desenvolve no navio negreiro, o poema de Castro Alves apresenta uma estrutura claramente detectável. As partes 3 e 4 restringem o foco de percepção e concentram-se na cena que transcorre no navio, o núcleo espacialmente determinado da poesia. Emoldurando esse episódio, as partes 1 e 2 vão da amplitude para o núcleo do episódio, enquanto que as partes 5 e 6, onde são discutidas a dimensão nacional e a ético-metafísica do problema, retomam a visão abrangente do início.

A harmonia inicialmente experimentada nas duas primeiras etapas é desfeita pelo encontro com o navio, quando a perspectiva dirige seu foco para o caso concreto. O terceiro segmento, o mais breve, é como uma preparação do espírito do leitor/ouvinte para a cena dantesca que será descrita. Essa preparação é encetada com a ajuda de recursos retóricos que, através de invocações exclamativas, criam suspense em relação ao episódio que se segue.

É só na parte 4 que a voz lírica passa a focalizar o drama dos escravos, fulcro principal do poema. Toda a atmosfera de horror é caracterizada e emoldurada por dois signos do inferno, o adjetivo "dantesco" no início do episódio e a menção do riso de "Satanás" no último verso desse segmento.

A metonímia Satanás, por sua vez, funciona pelo efeito de contraste em relação ao tom de prece que caracteriza a quinta parte, onde através do recurso retórico da apóstrofe, o apelo do poeta ou do orador a alguém fora do contexto do poema, invoca-se a intervenção de Deus. Essa etapa, que levanta a questão ético-metafísica do problema, bem mostra como Castro Alves logrou não apenas discutir um caso episódico da história do Brasil, mas sim dar uma visão ampla e humana do escravo como símbolo da exploração do homem pelo homem.

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Em resposta ao apelo, "quem são estes desgraçados", desenvolve-se um mosaico de antíteses contrapondo a liberdade e a felicidade de outrora com a escravidão e o sofrimento de hoje. Nesse rol de oposições delineiam-se motivos típicos da busca romântica pela dimensão mítica ("São filhos do deserto / Onde a terra esposa a luz"), pela aventura ("Ontem a Serra Leoa, / A guerra, a caça ao leão,") pela esfera do utópico ("Ontem plena liberdade, / A vontade por poder...), em oposição ao presente trágico ("Vaga um lugar na cadeia, / Mas o chagal sobre a areia / Acha um corpo que roer").

Na sexta parte, a discussão ética está relacionada a um enfoque nacional. A densidade oratória do poema consegue o seu grau mais patente, através de imagens hiperbólicas e de efeitos rítmicos e sonoros, como no caso da aliteração:

"Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,"

A voz do eu lírico torna-se cada vez mais agressiva e, num tom marcial e acusatório, condena o navio ao naufrágio.

Como se pode facilmente perceber, o móvel profundo da indignação de Castro Alves em sua arte revolucionária, da qual a poesia *O Navio Negreiro* é um admirável exemplo, concretiza-se através de imagens grandiosas, onde a natureza, a divindade, a história servem de material para metáforas e símiles. Centra sua mensagem na função conativa da linguagem, quando se dirige ao destinatário, para mover seus afetos, tendo, como em toda mensagem oratória, o alvo da persuasão.

Nada poderia ser mais diverso do que o poema de Heine.

Heine, em seu poema, é essencialmente narrativo; Castro Alves, lírico, com forte pendor apelativo, que empresta à sua poesia qualidades dramáticas. O poeta brasileiro tenta convencer pelo excesso, o outro pela sugestão; enquanto um é hiperbólico, o outro mostra sua ironia cáustica. Se Castro Alves é desmedido, Heine é comedido. O poeta alemão é criticamente distante, o brasileiro, emocionalmente catártico. Partindo do mesmo fato histórico, Castro Alves faz apelos morais e humanitários, concretizando, com sua poesia, a tendência messiânica do romantismo, ao mesmo tempo que apresenta reunidos dois aspectos concomitantes de sua obra: a poesia pública e privada, a sociedade e o *eu*. Já a identificação total do *eu*, com qualquer causa, é estranha a Heine. Sua postura fundamental é a da distância, de observação dos fatos com o “olhar de fora”, foco de percepção daquele que não se sente atingido como parte do processo, mas que por isso consegue maior densidade crítica. Ele é o viajante que se propõe a interpretar outros contextos socioculturais, sem abandonar sua prerrogativa de autonomia.

Talvez Heine, com seu humor corrosivo, nos pareça mais atual e próximo do gosto contemporâneo do que Castro Alves que soa um tanto envelhecido com sua poesia retumbante. Contudo, cada um a sua maneira, um mais emocional e comovente, o outro, frio e dolorosamente satírico, expressam a mesma indignação e se colocam a postos “na guerra de libertação da humanidade.”

Referências bibliográficas

- ALVES, Castro. *Poemas*. São Paulo, Global Editora, 1988.
- HEINE, Heinrich. *Sämtliche Werke*. Vol. 8, München, Georg Müller, 1925.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Vol. 2, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1981.
- MEDINA, A. Rodrigues et al. *Antologia da Literatura Brasileira*. Vol. 1, São Paulo, Marco Editorial, 1979.
- ROSENFELD, Anatol. “Heinrich Heine e o judeu marginal”. In: *Letras Germânicas*, São Paulo, Editora Perspectiva, p. 57-79, 1993.
- ROSENFELD, Anatol. “Castro Alves e Heinrich Heine”. In: *Letras e leituras*, São Paulo, Editora Perspectiva, p. 85-93, 1994.
- RÖTZER, Hans Gerd. *Geschichte der deutschen Literatur*. Bamberg, C.C. Buchner Verlag, 1992.
- WÜRFEL, Stefan Bodo. *Heinrich Heine*. München, Verlag C. H. Beck, 1989.

O RIO DE JANEIRO DE 1925, SOB O OLHAR DE VICTOR KLEMPERER

*Irene Aron**

Abstract: This article deals with the annotations made by Victor Klemperer, in the diary of his 1925 journey to Rio de Janeiro. His descriptions are shown to be pervaded by his constant attempt to analyse, to interpret objectively and to compare his observations with what he already knew, and not merely a protocol of his emotions and the impressions brought about by the newness and the exotism of his experiences during the journey.

Keywords: Testimonial literature; journals; Objectivity vs. subjectivity; Rationality vs. emotions.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz handelt von den Aufzeichnungen Viktor Klemperers im Tagebuch seiner Reise nach Rio de Janeiro von 1925. Es wird herausgearbeitet, daß seine Beschreibungen nicht einfach seine Gefühle und Eindrücke angesichts der Neuheit und des Exotismus seiner Reiseerfahrungen wiedergeben, sondern durchdrungen sind von seinem beständigen Bemühen, zu analysieren, auf objektive Weise zu interpretieren und seine Beobachtungen mit schon Bekanntem zu vergleichen.

Stichwörter: Bekenntnisliteratur; Tagebuch; Objektivität vs. Subjektivität; Rationalität vs. Emotion.

Palavras-chave: Literatura testemunhal; diário; Objetividade vs. subjetividade; Razão vs. emoção.

Victor Klemperer seria hoje, com muita probabilidade, totalmente desconhecido, não fosse sua obsessão de escrever diários. Essa afirmação certamente não se aplicaria aos seus anos de atuação como professor

* A autora é professora doutora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

catedrático da Escola Técnica Superior de Dresden, na área de línguas e literaturas românicas, de 1920 a 1935, num primeiro período.

Nesses anos, Klemperer teve, sem dúvida, um lugar destacado entre os grandes nomes, a começar pelo de Karl Voßler, seu professor e mentor, e outros, como Curtius, Spitzer, Auerbach, embora a história tenha rendido a estes últimos nomes, num âmbito internacional, maiores homenagens e tributos. Klemperer mesmo chega a mencionar em seus diários o conflito de egos e vaidades que existia entre eles e o ciúme que nutria pela projeção que estes gozavam, que permanece, de certa forma, até hoje. No entanto, Klemperer é autor de estudos importantes, tais como os dois volumes sobre Montesquieu, de 1915, a *Moderna prosa francesa*, de 1923, os quatro volumes de *A literatura francesa de Napoleão até a época contemporânea*, de 1925 a 1931, *A moderna lírica francesa*, de 1929 e *Pierre Corneille*, de 1933, entre outros.

Judeu, filho de um rabino, Klemperer nasceu em Landsberg/Warthe, em 1881. Embora convertido ao protestantismo, isso não impediu que Klemperer sofresse perseguições do regime nazista que culminaram em sua demissão do cargo de professor em 1935. Durante os anos mais terríveis do nazismo, Klemperer e sua mulher conseguiram sobreviver da maneira mais dramática e escapar ao campo de concentração e à morte, até que, com a rendição da Alemanha, pudessem retornar à sua casa em Dresden, abandonada muitos anos antes por imposição da Gestapo. Em 1945, retomou seu cargo de professor na Universidade de Dresden, atuou, igualmente, em outras universidades da então RDA, foi eleito membro da Academia Alemã das Ciências, em Berlim, em 1953. Durante esses anos, foram editadas outras obras dedicadas à literatura francesa, algumas delas foram publicadas depois de sua morte, em 1960.

Faltam-me dados para afirmar se a produção científica de Klemperer continua a atrair a atenção de estudiosos e pesquisadores da literatura francesa, principalmente, por isso a formulação cuidadosa do início, a de que Klemperer, muito provavelmente seria um desconhecido hoje em dia, considerando-se apenas o âmbito de seus estudos literários. No entanto, a publicação dos diários com a autorização da segunda mulher de

Klemperer, cujos manuscritos tinham sido doados à biblioteca da Universidade de Dresden após a sua morte, produziu um considerável efeito na Alemanha e nos países em que foram publicados e o nome de seu autor está hoje mais vivo do que nunca.

Klemperer praticamente durante toda sua vida escreveu diários. A publicação dos primeiros dois volumes dos diários traz a data inicial de 20 de novembro de 1918, talvez por uma decisão de seus editores, marcando o retorno de Klemperer dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial. Esses dois primeiros volumes, com o título de *Colecionar vida, sem perguntar para quê e por quê*, num total de cerca de 2.000 páginas, foram publicados em 1996. Um ano antes, em 1995, foram publicados os dois volumes subsequentes, que abrangem os anos de 1933 a junho de 1945, outras 1.800 páginas, com o título de *Quero prestar testemunho até o fim*. Além disso, foi publicado um pequeno volume, com as anotações de Klemperer até o fim do ano de 1945, sob o título *E assim tudo está oscilando*, com a primeira edição de 1995. Antes de tudo isso, em 1989, surgiu a primeira edição do *Curriculum Vitae* do autor, com memórias abrangendo os anos de 1881 a 1918. Desconheço a repercussão dessa publicação, mas posso afirmar que a reedição de 1996 só fez aumentar o interesse por toda essa obra que virou uma espécie de best-seller. Completando a série, é necessário mencionar um conjunto de ensaios publicados sob o título de *LTI (Lingua Tertii Imperii)*, a Linguagem do Terceiro Reich, contendo material preciosíssimo, diga-se de passagem, coletado durante o regime nazista ao qual Klemperer faz menção e comentários nos diários desses anos. Também a idéia do *Curriculum* germinou durante essa mesma época e os leitores dos diários podem acompanhar a evolução dos dois projetos.

Todo esse material constitui, portanto, a história de uma vida muito peculiar e muito alemã, que vai desde o nascimento de Klemperer, no fim do Império, passando pela Primeira Guerra Mundial, República de Weimar, a devastação do nazismo, a Segunda Guerra Mundial, até os primeiros meses da administração soviética na zona de ocupação que seria pouco depois a RDA. O que surpreende é que, ao lado de sua atividade profissional que envolveu o jornalismo no começo, depois a docência, a pesquisa e atividades administrativas relevantes, e ao lado do cotidiano do-

méstico, Klemperer achava tempo para descrever praticamente todos os dias tudo o que lhe acontecia e o que passava à sua volta. E não se trata de relatos puramente subjetivos apenas, e sim de observações minuciosas, detalhadas, precisas e objetivas, de todos os acontecimentos que ilustram praticamente a história européia e mundial e, particularmente, alemã, de quase um século.

No que se refere aos diários de 1933 a 1945, os relatos atingem uma dramaticidade impressionante, não só pelos acontecimentos narrados, mas pelo fato de Klemperer, à medida que o regime nazista ia se brutalizando cada vez mais, não perdia a coragem, como indica o título dado a esses diários, uma citação tirada de uma anotação do autor; pelo contrário, escrevia em folhas, tiras de papel, beirinhas de jornal, escondidas da fúria da Gestapo que submetia as *Judenhäuser*, as casas onde eram reunidos os judeus remanescentes de Dresden, a buscas domiciliares que acabavam geralmente com a deportação e a morte. Os manuscritos eram, à medida que se avolumavam, levados sob condições de grande perigo até a casa de uma amiga que os manteve escondidos até o fim da guerra. Explica-se, neste fim de século que procura passar-se a limpo, sem deixar grandes dívidas abertas com o passado, portanto, o impacto, a comoção e o interesse que esses dois volumes dos diários provocaram, chegando a ser comparados em sua autenticidade documental ao diário de Anne Frank. Na verdade, a meu ver, é necessário apontar para diferenças marcantes entre os dois textos: Anne Frank anota o dia-a-dia no esconderijo de uma casa de Amsterdam, onde a família se refugiou durante alguns anos da ocupação nazista na Holanda, até ser encontrada e deportada para o campo de concentração. Seu diário revela a visão da adolescente relativa a si mesma, à família e aos acontecimentos do lado de fora. O diário de Klemperer aborda, por um lado, toda a duração do Terceiro Reich, por outro, seu relato é necessariamente mais objetivo, por se tratar de um intelectual maduro, preocupado sempre em analisar e interpretar os acontecimentos inserindo-os num contexto que vai além de seu destino pessoal.

Somente aproximando-se o fim da guerra, Klemperer aventa a possibilidade da publicação de seu diário referente ao período nazista, ao compreender a importância de suas anotações do cotidiano, de suas análises

de discursos, textos de jornais, do poder da propaganda maciça e avassaladora, e assim por diante. Mas não foi essa a intenção desde o começo. A questão toda era escrever diários, gostava de escrever, tinha sido jornalista, queria embrenhar-se um dia pela ficção – como aconteceu de certa forma com o relato autobiográfico *Curriculum Vitae*. Simples? Simples para quem os lê agora, passadas décadas, e descobre a atualidade do que descreveu e a objetividade e clareza de suas análises. Mas como tentar classificar seu texto, explicá-lo e interpretá-lo?

Os quatro volumes dos diários de Klemperer caracterizam-se pela minúcia dos relatos, não simplesmente um amontoado de acontecimentos sucessivos que constituíram sua vida, mas ao lado da subjetividade que determina, certamente, esse tipo de texto, onde o autor se expõe a si e aos outros por vezes de maneira não muito lisonjeira, ele, igualmente, cerca-os de comentários críticos, objetivos, interpretando e analisando, por assim dizer, suas próprias impressões. Há nisso, sem dúvida, algumas peculiaridades que devem ser apontadas. Sem querer entrar em questões estereotípicas ou preconceituosas, a obsessão de Klemperer em deixar anotado o seu dia-a-dia, com detalhes e minúcias por vezes exaustivos, tem a ver, na minha aceção, com uma série de particularidades. Os judeus do leste europeu, em sua eterna rivalidade com os judeus alemães – e vice-versa – apontavam nesses a exacerbação da *deutsche Gründlichkeit*, a meticulosidade alemã levada a extremos. De certa forma, é o que ocorre nos textos de Klemperer; ao lado disso, o “ceticismo ou pessimismo judaico”, conforme o autor mesmo assevera, ou se quisermos simplificar, uma dose de mau humor, típica dele, está sempre presente, dando um certo anticlímax que o recoloca com os pés na realidade objetiva, analisável, porque submetida à razão. Contestável seria sempre a subjetividade, sujeita a emoções fugazes. Não se esqueça, porém, do orgulho nacional alemão que jamais o abandona, tampouco do orgulho e da autoridade da cátedra universitária, que se faz presente em muitos trechos.

Trata-se, portanto, de anotações de um sujeito que escreve para si mesmo. Pois, num diário, fala-se com ninguém mais, a não ser consigo mesmo, conforme diz Canetti em seu ensaio *Diálogo com o Interlocutor Cruel* (CANETTI 1990). No entanto, são, de fato, duas pessoas a dialogar, como

pode se observar claramente também no texto de Klemperer. Um sujeito narrador e um “eu fictício a quem nos endereçamos [...] e que realmente nos ouve. Ele está sempre a postos; nunca nos dá as costas. Não simula interesse; não é gentil. Ele não nos interrompe; deixa-nos falar. Não é só curioso, mas também paciente. [...] Não é só paciente, mas também malévolo. Não deixa passar nada, vê tudo. Registra o menor detalhe, e, assim que nos pusermos a dissimulá-lo, apontará para ele com veemência. [...] Seu instinto para detectar manifestações de poder ou vaidade é enorme. Naturalmente favorece-o o fato de nos conhecer a fundo.” (p. 61-62)

O ensaio de Canetti dá mais alguma clareza à tentativa de explicar, neste caso específico, os trechos da viagem de Klemperer à América do Sul e, em particular, os poucos dias que passou no Rio de Janeiro, o constante jogo entre sujeito e objeto, entre subjetividade e objetividade, entre emoção e razão que perpassa o texto. É esse jogo dialético que enriquece as descrições de Klemperer, dando para nós leitores de hoje, que conhecemos o Brasil e o Rio de Janeiro, a oportunidade de avaliar a sua importância histórica propriamente dita, a acuidade jornalística, a análise crítica social, a expectativa subjetiva do europeu diante dos trópicos, a emoção da expectativa satisfeita e a decepção provocada pela racionalidade desse mesmo europeu.

À guisa de exemplo do que foi mencionado acima chamamos a atenção para alguns trechos do texto do diário de Klemperer, traduzidos por mim (KLEMPERER 1996)¹.

Em primeiro lugar, há que se destacar um exemplo da descrição detalhada de Klemperer do Rio de Janeiro, chamando-se a atenção para a minúcia que perpassa o texto e a tentativa de seu autor de conseguir uma objetividade racional e distanciada, através da depuração da impressão subjetiva. Sempre presente no texto, portanto, a tentativa de análise e interpretação própria do intelectual:

¹ Os números entre parênteses remetem às páginas do original. Observações entre parênteses são de autoria da tradutora.

“Sexta-feira à noite, 31 de julho, 20:30h, ao sul do Rio de Janeiro Poder-se-ia, certamente, fazer uma descrição cartográfica da baía e da cidade. Mas uma *descrição* se perderia em impressões, pois a característica do todo é não-clássica, dissolução, dilaceramento. E não apenas porque devido à movimentação do navio a costa se torna uma baía redonda, com ilhas, fiordes, colinas, serras, corcovas, para então dobrar-se novamente numa linha que se desloca constantemente, e sim porque, também numa observação calma e sem inibição, o sol ofuscante, com certeza sempre presente, mesmo através da névoa, despedaça tudo grotescamente e rompe tudo inquietamente e de maneira caprichosamente confusa. Mas uma riqueza imensa de impressões. O super-bizarro das formas dos morros. Na altura de Fernando de Noronha, apareceu pela primeira vez. A forma de um dente torto ou de um dedo ou de um punho com o dedão levantado. No Rio, aparece duas vezes. O Pão de Açúcar, onde o estreito cabo do teleférico se estende do punho até o dedão, e, como uma verruga, a estação lá em cima e – mais majestoso – o Corcovado. Além disso, um maciço como um gigante deitado de nariz anguloso e testa arqueada e pés como numa imagem de um sarcófago medieval, além disso, rochedos que lembram a Suíça saxã, e, ao longe, uma cadeia de montanhas denteadas, mas maciças e, no meio de tudo isso, partes da cidade e faixas d’água e ilhas e fortes e navios de guerra e de transporte no ancoradouro e navios a vapor e as montanhas, em parte, rochedos nus, em parte, cobertos de vegetação. E do verde-escuro vêm-se emergir as palmeiras. A primeira grande impressão foi a de ter divisado claramente palmeiras num morro. Ficamos parados no meio da baía, muito tempo depois da caída da noite, sem nos movimentar, até que as autoridades liberassem o navio, fomos deslizando, à noite, às 8 horas, devagar, lentamente, até um pier. Houve um grande empurra-empurra até que nos devolvessem os passaportes, que o comissário já tinha solicitado há dias, até que pudéssemos descer à terra. [...] Sentamo-nos num grande salão, imaculadamente limpo, café, restaurante, venda de charutos e cartões, bar. Serviram-nos o mais forte e o mais puro café em pequenas xícaras, cada xicrinha por 200 réis, aproximadamente, 10 pfennigs. Foi um deleite enorme. [...] Já nessa noite de ontem, achei a Avenida Branco (sic); com certeza elegante, limpa e rica e todo o jeito da cidade substancialmente melhor que naquela Lisboa miserável, decadente e rapace – tive, porém, a impressão de uma armadilha. [...] A imagem noturna da cidade e do porto com seu jogo de luzes na água e sobre ele foi maravilhosa.

Levantamo-nos antes do amanhecer, pois estava marcada uma grande excursão de carro para às 7 horas. Esta excursão, das 7 às 10 horas, proporcionou-nos muito, demais. O luxo dos edifícios e o esplendor das ruas da cidade. Entre tudo isso, terrenos vazios. Os enormes pavilhões ou construções de uma antiga exposição. Ruas inteiras em construção ao longo da água. Que água? Ora mar, ora lagoa, non si sa mai. Mas a atração propriamente dita, ruas de palmeiras de um esplendor incrível. Palmeiras de várias espécies. Bananeiras. Uma delas com uma flor violeta, em forma de bulbo. [...]” (97/98)

O permanente jogo entre a emoção ou a subjetividade e a razão ou a objetividade é característica marcante dos trechos em questão. Ressalte-se, por um lado, a constante tentativa de não permitir que emoções tomem conta da mente racional própria do intelectual e, por conseguinte, o temor que tais emoções obstruam o distanciamento crítico necessário à objetividade. Por outro lado, o mencionado “ceticismo ou pessimismo judaico” que o próprio Klemperer considera um dado marcante de sua personalidade, certamente deve ser apontado, provocando constantemente o anticlímax necessário ao raciocínio de que as coisas talvez não sejam exatamente o que parecem, fazendo com que o autor recoloque os pés na realidade objetiva. O texto de Klemperer exemplifica reiteradamente essa característica. Assim:

“No geral, toda essa emoção já chega para mim, ela entorpece um pouco à medida que o tempo passa.” (94) “O céu estrelado também seria lindo se não exigíssemos dele uma particularidade tropical que ele não apresenta. Que *estrelas* formam então o famoso Cruzeiro do Sul? Por si mesmas, elas certamente não o revelam.” (95) “Talvez eu esteja vendo tudo especialmente negro – mas, certamente, há um certo tom negro nisso tudo. [...] Em relação à costa americana, aconteceu comigo algo igual ao que ocorreu ao homem do conto de fadas que ficou murmurando o seu desejo um dia inteiro, e, no entanto, acabou deixando escapar o único instante da eficácia.” (95) “E esta é a impressão do novo continente em sua primeira aparição. Cômico? Trágico? Cotidiano. Depois mostraram-me o ‘Cruzeiro do Sul’ e ele aparecia bem fraco e deplorável.” (96) “[...] desta vez certamente a América. (Poderia, da mesma forma, ser a Pomerânia ou a ilha de Rügen).” (97) “Agora estamos propriamente na baía do Rio de Janeiro com sua formação de morros fantástica e grotesca. [...] E, no entanto, são linhas incrivelmente

te fantásticas, mas nada mais que linhas, superfícies, costa.” (97) “[...] o sol ofuscante, com certeza sempre presente, mesmo através da névoa, despedaça tudo grotescamente e rompe tudo inquietamente e de maneira caprichosamente confusa.” (97) “A primeira grande impressão foi a de ter divisado claramente palmeiras num morro.” (97)

O contraponto acontece páginas depois, revertendo a emoção:

“[...] e aqui se vêem os mais empoeirados e mesquinhos exemplares que se encontram no Rio inteiro.” (130) “Agora o tour pela Tijuca, uma meia ou quase inteira decepção. [...] E, no entanto, foi uma viagem grandiosa.” (130) “A vista para o mar azul faiscante com algumas ilhotas de pedras no meio é maravilhosa, mas não tão ricamente divina quanto uma vista parecida em Nápoles.” (130)

Num terceiro conjunto de exemplos, chama a atenção a capacidade de percepção crítica de Klemperer ao captar as diferenças sociais já flagrantes no Rio de Janeiro de 1925, não só entre ricos e pobres, edifícios e mansões luxuosos e as favelas, mas as próprias diferenças existentes entre os mais afortunados, pela descrição de bairros onde, sem dúvida, morava a classe média carioca, apontando a própria topografia carioca como fator de separação entre classes:

“Todos esses bairros são desparat, não vejo nenhuma relação entre eles, espremem-se de alguma maneira entre mar e morros.” (100) “O que guardarei do *Rio de Janeiro* será o seguinte. Principalmente, a longa rua estreita, ornada de imensas palmeiras; um palácio, atrás dele, um morro fantástico, creio que o Corcovado, dá o arremate. – A aldeia dos negros. As encostas de um morro e subindo de maneira confusa através do verde (palmeiras, bananeiras): casebres, aqui e ali, caramanchões de ripas de madeira, freqüentemente, por cima deles fixada com pregos, uma cobertura de velhos pedaços de lata, algumas vezes, camadas de argamassa. Vislumbram-se uma cama branca, imagens de santos, um pequeno fogareiro de lata ou um recipiente de carvão ... Formigueiro de crianças negras de olhos bonitos, cabeças expressivas, mulheres de vestidos estampados. No meio disso, uma mulher de sangue índio. Em muitos morros, tais aldeias, diretamente ao lado dos edifícios de luxo do centro da cidade. E todo esse primitivismo que se constrói de restos da civilização [...]” (99) “[...] E

acima de tudo isso, no céu azul pálido, voam pássaros bastante imponentes – urubus, diz o guia, nos quais não se deve atirar, porque formam aqui a ‘polícia sanitária’. Vê-se um bando deles dirigindo-se para um determinado lado e descendo. Não consegui ver nenhum urubu pousado ou nas proximidades. No entanto, ou justamente talvez por isso, permanecerá o seguinte: os pássaros negros voando em círculos no ar fulgurante acima da vegetação e da mulidão, decomposição sobre a vida mais exuberante, natureza na máxima potência.” (100)

Várias passagens da descrição da viagem de Klemperer ao Rio de Janeiro revelam uma série de curiosidades que não só chamaram a atenção do autor, conforme exemplifica no texto, mas, igualmente, chamam a nossa atenção como leitores brasileiros a mais de 70 anos de distância no tempo, uma vez que apontam para certas características típicas do Brasil. A extrema e enervante burocracia por certo não é um privilégio brasileiro, mas nós, brasileiros, a consideramos parte inseparável e insuperável do nosso dia-a-dia, assim, tanto lá como cá:

“Segundo ele (o comandante do navio), a polícia portuária comporta-se feito Deus, é toda-poderosa. Pobre Alemanha – lembro-me que, em 1905, em Roma, ameacei um funcionário do correio com a embaixada alemã porque selou uma carta expressa como carta registrada e não queria desfazer o seu erro. Quem está levando a pior são os passageiros para o Brasil que foram vacinados há algumas semanas na Alemanha, conseguiram que o médico do posto de saúde e o cônsul lhes dessem o atestado de vacinação com firma reconhecida, e agora vão ter que ser vacinados novamente.” (93/94)

O brasileiríssimo cafezinho, nossa marca registrada desde sempre, encantou Klemperer e os participantes da viagem pela América do Sul, como se observa no trecho seguinte:

“Serviram-nos o mais forte e o mais puro café em pequenas xícaras, cada xicrinha por 200 réis, aproximadamente, 10 pfennigs. Foi um enorme deleite.” (97)

Por outro lado, suas observações sobre o local, a cafeteria, e o que é servido ali, apontam para certas regras sociais de conduta próprias da época e, por isso, curiosas também para nós leitores de hoje:

“Café [...] não é ‘fashionable’, nos lugares elegantes [...] não há, literalmente, não há café. As pessoas finas tomam chá ou chocolate, essas confeitarias ou salões não servem café. [...] A cafeteria, por sua vez, não é lugar para mulheres. Estrangeiras podem freqüentá-las [...]” (132)

Para finalizar, é importante realçar sempre que em relação aos diários de Klemperer trata-se de textos não-ficcionais, de valor documental, histórico e jornalístico, que lidam, contudo, com o imaginário europeu e a expectativa de um viajante diferenciado pela cultura e tradição alemãs, principalmente, diante do exotismo tropical. Durante a leitura dos trechos da viagem de Klemperer pela América do Sul, no caso de nossos exemplos, a visita ao Rio de Janeiro, fica patente a dificuldade de catalogar certas impressões sob um conceito ou uma definição generalizante ou racional. O trecho seguinte comprova essa afirmação:

“A vista daqui de cima (do Pão de Açúcar) oferece uma imagem como a que se vê em fotos aéreas, para nós a mais incrível e mais original imagem. Mas, impossível de se captar em detalhes, e para mim foi um consolo que Eva (a mulher de Klemperer) também afirmasse ser esta confusão toda impossível de ser captada.” (131)

“Que lugar é esse?”: quem sabe uma paráfrase da pergunta que nós brasileiros nos permitimos fazer freqüentemente em relação ao nosso país tenha perpassado a mente de Klemperer naquele momento e talvez seja a dificuldade de encontrar as muitas respostas que envolvem a pergunta a definição mais característica para o Brasil, leia-se, principalmente, o Rio de Janeiro, tanto naquela época quanto agora.

Referências bibliográficas

- CANETTI, Elias. *A consciência das palavras*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 55-71, 1990.
- KLEMPERER, Victor. *Leben sammeln, nicht fragen wozu und warum, Tagebücher 1925-1932*. Vol. II, Berlin, Aufbau-Verlag, 1996.

OS DOIS BRASIS DE MARIE LUISE KASCHNITZ

*Celeste H. M. Ribeiro de Sousa**

Abstract: This text aims to describe and to discuss the two different images of Brazil present in the travel notes and in the poetry of the German writer Marie Luise Kaschnitz.

Keywords: Marie Luise Kaschnitz; Image of Brazil; Imagology; Journey literature.

Zusammenfassung: Absicht dieses Aufsatzes ist es, die zwei verschiedenen, in den Reiseaufzeichnungen und der Lyrik von Marie Luise Kaschnitz gestalteten Brasilienbilder zu zeigen und zu deuten.

Stichwörter: Marie Luise Kaschnitz; Brasilienbild; Imagologie; Reiseliteratur.

Palavras-chave: Marie Luise Kaschnitz; Imagem do Brasil; Imagologia; Literatura de viagens.

Gostaria de começar por esclarecer a pertinência de um estudo imagológico do Brasil nos dias de hoje¹: como brasileiros interessa-nos contribuir para o desenvolvimento cultural do país, como pesquisadores da área de literatura temos à mão a literatura comparada que nos permite trabalhar simultaneamente com as culturas brasileira e alemã. Dentro da área de literatura comparada, dispomos da imagologia que nos possibilita investigar a imagem do Brasil que os escritores alemães criam em suas obras. Estudar estas imagens interessa-nos, porque é preciso que saiba-

* A autora é professora doutora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

¹ Outras informações sobre imagologia podem ser encontradas em SOUSA 1995.

mos o que o outro pensa de nós, para nos perguntarmos se isso é verdade, se não é, em que medida o é, se isso nos agrada, se não nos agrada, por que não nos agrada. Todas estas perguntas remetem-nos para o questionamento de nossa identidade – um problema que, no Brasil, ainda continua em foco, sinal de que não está resolvido de modo satisfatório. Portanto, ao estudarmos a imagem do Brasil na literatura alemã, ou em outras literaturas, estamos contribuindo, realmente, para o enriquecimento dos estudos que se preocupam com a identidade cultural do nosso país. Lembremo-nos que Otávio Paz em *Signos em rotação* (1976) faz questão de afirmar que “não é possível entender-nos se esquecer de que somos um capítulo da história das utopias européias”.

Vejam, então, como toda esta problemática pode surgir, tomando como exemplo a obra de Marie Luise Kaschnitz.

Marie Luise Kaschnitz é uma escritora alemã deste século, nascida em 1901 em Karlsruhe e falecida em 1974 em Roma. Escreve ensaios, romances, peças radiofônicas e, sobretudo, contos e poemas.

Percebe-se, em sua obra, a ânsia consciente pela apreensão e compreensão do mundo sempre da perspectiva do amor e da esperança e a tentativa bem-sucedida de representá-lo através de um renovado imaginário poético. Tanto a postura de Marie Luise Kaschnitz ante a realidade passível de ser experimentada quanto o seu próprio fazer literário são caracterizados pela reflexão e pela contemplação. Querer penetrar o mundo equivale, em Marie Luise Kaschnitz, a penetrar em si mesma à procura de sua própria identidade.

Marie Luise Kaschnitz vive longos períodos na Itália. Conhece vários países como a Grécia, visita os E.U.A., o Norte da África, a Ásia e, em abril de 1962, está no Brasil. A obra de Marie Luise Kaschnitz está perpassada por nomes de lugares, os mais variados. Não quero falar de influência, mas quero tecer uma associação com o fato de seu marido ter sido um famoso arqueólogo.

As anotações publicadas em que fala sobre esses lugares provêm de outras anotações registradas em muitos diários não publicados. O trabalho

da memória e, portanto, o imaginário da poetisa já se fazem muito presentes e servem de intermediários entre o registro imediato das sensações/percepções presentes nos diários, que não chegaram até nós, e suas anotações publicadas mais tarde. Estas caracterizam-se inevitavelmente por uma reelaboração, marcada pela distância no tempo e no espaço, das sensações/percepções descritas nos diários. Nada têm a ver com relatos ou descrições de viagens, porque não apresentam nenhum fio condutor. Também não são meras impressões, porque são invariavelmente textos muito precisos e pouco pinturescos. Marie Luise Kaschnitz define suas anotações como uma “coleção de cartões-postais”, que mostram paisagens, já conhecidas suas de outras vidas, que exercem sobre ela um fascínio enigmático muito próprio. São ruas, são praças, localidades descritas com muita realidade, mas de modo nenhum representativas ou típicas. A escolha dessas paisagens obedece a camadas profundas de sua sensibilidade. Diz ainda que quadros de viagem emergem do seu interior, não em fila, um atrás do outro, mas confusamente, como fotos que ninguém colou nem etiquetou e que, agora, se retiram de uma caixa. Acrescenta que há, inclusive, lugares que ela nunca visitou, como Estocolmo ou Aden no Mar Vermelho. Não tem, portanto, lembrança deles. No entanto, há algo diante de seus olhos em Aden: ela vê torres de petróleo, petroleiros, asfalto derretendo num calor insuportável, montanhas desertas, nada do oriente pictórico. Os navios movimentam-se. Ela vê-se lá, num escritório quente e triste, escrevendo, números, ou sentada a uma mesa de ferro, bebendo, e as horas, os dias, as semanas se arrastando. Como ela chega lá, como consegue a profissão, como bebe sofregamente, ela não sabe. Confessa que, também em outras cidades desconhecidas, experimenta existências estranhas, das quais não consegue desprender-se. É curioso, por exemplo, que em alguns casos vem a conhecer mais tarde tais localidades e, então, duas imagens passam a conviver nela: a da realidade e a da imaginação, sem se misturarem. Será que isso também acontece com o Brasil?

Marie Luise Kaschnitz chega aqui como convidada especial para participar da *Deutsche Buchausstellung* (exposição do livro alemão) no Rio de Janeiro, em São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, onde lê trechos de suas obras. A primeira de suas leituras ocorre em 3 de abril de 1962 na Embaixada Alemã no Rio; a segunda em 7 de abril de 1962 na Biblioteca

Municipal em São Paulo; a terceira em 14 de abril em Curitiba e a última em 17 de abril em Porto Alegre.

Desta visita ao nosso país nascem também anotações, publicadas mais tarde em prosa, e vários poemas. Sobre esta viagem ela declara o seguinte: “O pensamento sobre a viagem à América do Sul recentemente realizada me oprimiu muito. Não senti alegria em ver terras tão estranhas. Perguntava-me o que me esperaria nestas regiões tão esquisitas que havia de encontrar e, se as formas bizarras de uma violetinha dos Alpes, em determinadas circunstâncias, não poderiam substituir a vista do Rio de Janeiro, ou em outras palavras, se a florzinha dos Alpes não poderia transmitir sentimentos igualmente fortes sobre o enigma da beleza”. Assusta-se com o fato de ficar sabendo que, no Brasil, fala-se português, pois isso significa que não entenderá nada do que se falar ao seu redor, nem conseguirá ler coisa alguma, o que a fará sentir-se uma inválida. Além disso, receia não voltar mais desta grande viagem, porque talvez possa morrer em terras estranhas. Não deixa de ser oportuno lembrar, a respeito desta falta de entusiasmo pela viagem à América do Sul, uma outra anotação da escritora em que ela diz o seguinte: “Já ouvi falar das torturas aplicadas a presos políticos na América Latina, de olhos vazados, de orelhas cortadas, de tochas ardentes nas genitálias. Poder-se-ia fazer um catálogo, por ordem de país ou por ordem histórica, do que o homem tem feito ao homem e ainda faz – enquanto que, por ocasião de catástrofes naturais como inundações ou tempestades, cada um tem sempre algo a dar ao outro e, em todos os correios, gruda-se um cartaz dizendo ‘sede caridosos uns para com os outros’.” Todavia, seu medo da morte tem raízes mais profundas. Na verdade, o que Marie Luise Kaschnitz teme é o contato com o estrangeiro, a vivência de inúmeras experiências estranhas que a poderão levar à perda de sua identidade, à desterritorialização do seu eu. Teme, no fundo, não ser capaz de se manter mais a mesma.

Vejamos, agora, como a autora retrata o Brasil na sua obra em prosa e em sua poesia. Este texto pretende abordar dois Brasis diferentes, cujas imagens, porém, convivem simultaneamente no imaginário da poetisa, embora com graus diferenciados, diria mesmo extremos, de poeticidade, indo da linguagem prosaica à metáfora absoluta.

Dez localidades brasileiras chamam a atenção de Marie Luise Kaschnitz de modo especial. São elas o Rio de Janeiro, Petrópolis, São Paulo, Santos, Bertioga, Curitiba, Florianópolis, Torres, Caxias do Sul e Salvador. Além destas localidades, o pássaro bem-te-vi, o quartzo róseo e a figura do bandeirante também ficam retidos na memória da autora.

O Rio de Janeiro, Petrópolis, São Paulo, Santos, Curitiba, Caxias do Sul e Salvador estimulam os sentidos de Marie Luise Kaschnitz, mas, eu diria, com menos impacto do que os outros lugares mencionados – Bertioga, Florianópolis e Torres. As sensações daí advindas transformam-se em percepções que são arquivadas na forma de imagens na memória e, depois, são trazidas à consciência por sua imaginação reprodutora e registradas em prosa nos livros *Wohin denn ich* de 1963, *Tage, Tage, Jahre. Aufzeichnungen* de 1968, *Steht noch dahin* de 1979 e *Orte. Aufzeichnungen* de 1973. São imagens de coisas já conhecidas mas não familiares e de coisas a ela explicadas no país, portanto, constituem algo que lhe é estranho.

No Rio de Janeiro, onde permanece um dia em visita às florestas que rodeiam a parte norte da cidade (deve tratar-se da floresta da Tijuca), não se atreve a sair da estrada e penetrar nestes bosques porque é perigoso. O olhar de Marie Luise Kaschnitz percebe, então, a estrada serpenteando por entre morros bizarros, fálcos, que pega praias e desce íngreme. Vê os arranha-céus, encostas com barracos de lata, jardins cheios de árvores em flor, depois só a floresta de cipós, quente e úmida, orquídeas, cobras escuras, luzidias, penduradas, movendo a cabeça. Da estrada, aqui e ali, avista altazinhos de macumba (repare-se na terminologia do catolicismo para designar algo conhecido, mas não familiar, que certamente lhe é explicado). Os altazinhos encontram-se sobre uma pedra, uma raiz de árvore e apresentam uma galinha branca degolada e suja, um charuto e uma garrafa de cerveja pela metade e Marie Luise Kaschnitz comenta que os deuses dos imigrantes negros na selva protegem aqueles que lhes trazem oferendas, algo que também deve ter-lhe sido explicado. Tudo muito estranho, acha ela. O ar é pesado, quente, sem brisa nem à tardinha. Diz que mora num hotel em Copacabana no qual é permitido descer em trajes de banho, não pelo elevador social, mas pelo elevador

de serviço, em meio a montes de roupa suja. Então é só atravessar a rua e já se está na praia! As ondas são fortes e, na praia, gigantes robustos espreitam incessantemente eventuais afogados. Novamente, observa o calor pesado sem brisa nem à tardinha nem à noite. O ar entre os arranha-céus é sufocantemente quente. Nem do mar vem um ventinho fresco. Escondidas na areia tremeluzem as velas que recomendam as almas perdidas à senhora das águas, que deve ser Iemanjá. Percebe-se que, para dar expressão à paisagem brasileira, nova para a poetisa, ela parte do conhecido e familiar europeu, modifica-o e deixa, através do contraste criado, surgir as realidades do Brasil que vislumbra.

Amigos brasileiros levam a escritora a passear por lindas baías e morros. Diz ela que vê os ninhos tristes de latão e zinco dos pobres, ameaçados por chuvas, e os palacetes brancos em grandes jardins e, de novo, a floresta, os altares de macumba, uma galinha morta, três charutos e uma garrafa de cerveja pela metade, uma estranha magia colocada nas raízes das árvores cobertas de cipós. Acrescenta ainda que vem a conhecer algumas empresárias que não se incomodam com o calor, trabalham arduamente e relaxam à noite em suas piscinas, e opõe a esta realidade o fato de também saber que os moradores das favelas se revoltam quando se quer removê-los de lá para casas de alvenaria. Revela que leu o livro de uma negra que descreve a existência miserável dos pobres, ganha muito dinheiro, muda-se do barraco e é, depois, apedrejada. Imagino que se trata do livro *Quarto de despejo. Diário de uma favelada* de Carolina de Maria de Jesus traduzido para o alemão em 1962 com o título *Tagebuch der Armut. Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin* e em 1983 com o título *Tagebuch der Armut. Das Leben in einer brasilianischen Favela*. Observa a escritora que, no Rio, as pessoas ficam em casa como numa incubadora. Isto é muito chato, pois à noite com temperatura amena como em Roma passeia-se até meia-noite. No sul, a noite cai como uma pedra, repentinamente e com regularidade. Esta observação desencadeará também um poema que veremos em seguida. A poetisa verá ainda o Rio mais uma vez a partir do navio de nacionalidade francesa em que volta à Europa. O Rio surge-lhe configurado novamente através dos morros e das belas baías nubladas. Marie Luise Kaschnitz sente-se adoentada e permanece a bordo descansando, mas seu olhar vai seguindo e regis-

trando o barulho das bombas de óleo que a incomoda, o movimento do guindaste, passando por cima dela cargas de café e de bananas, trazidas por negros favelados para o cais em caminhões. É possível que houvesse outras mercadorias sendo carregadas, mas a atenção de Kaschnitz é atraída apenas pelo que lhe não é usual na Alemanha, ou seja, pelo diferente, pelo exótico. Por cima da moldura do edifício portuário feio e amarelado de pó, lembrando a arquitetura de um templo grego, observa duas pombas, uma preta e outra branca, enquanto no interior do prédio ardem lampiões azuis e homens gordos em mangas de camisa estão encostados às janelas. À partida não há música, nem confetes: a maioria dos passageiros já está almoçando quando o navio começa a se mover. Evidentemente o esplendor e a melancolia da partida de emigrantes da velha Europa ainda está presente – às vezes há despedidas definitivas!

Petrópolis surge para Marie Luise Kaschnitz como o lugar onde é possível respirar um pouco de ar fresco, um lugar rodeado por morros fálcos, em que se pode ver o palácio imperial, e onde um escritor austríaco, em outra passagem referido também como escritor alemão, um europeu, um imigrante, não quis ou não pôde continuar a viver. O paraíso envenenou-o, ou as saudades da pátria que só realmente conhece quem quis voltar e não o conseguiu. Trata-se, é claro, do exilado Stefan Zweig que se suicida em Petrópolis em 1942.

De São Paulo, Marie Luise Kaschnitz leva as imagens do Butantã – uma fazenda de cobras, com um jardim subtropical, árvores em flor, água correndo por leitos de cimento onde se encontram os animais não venenosos. A autora e seus acompanhantes observam as cavidades profundas, debruçam-se nos pequenos muros para olhar os amontoados de répteis e suas casinhas de pedra. Estas cobras figuram também no poema que examinaremos logo mais. Há pontes bonitas sobre os pequenos riachos. Há exemplares especiais que se enroscam nos braços e nos pescoços dos empregados, diante dos visitantes assustados que admiram a sua cor e seus desenhos deslumbrantes. Foi-lhes tirado o veneno, portanto, durante um curto espaço de tempo, são inofensivos. Observam ainda como estes homens, a maioria jovens mestiços, seguram as cobras com 2 dedos atrás da cabeça e pressionam o veneno que cai em taças de vidro gota a

gota. Admiram as cobras gigantes empalhadas e os gráficos nas paredes que mostram a evolução das doenças tropicais – algumas já erradicadas. Vêem ainda a aranha negra, cuja picada é tão perigosa quanto a picada de todas as cobras do mundo.

Santos é assinalada pelo clube à beira-mar e por um pedaço de praia cercado por casinhas lindas e escandalosamente caras com um jardim rico em folhagens com cadeiras e mesinhas que têm como ponto central um lugar para o fogo (que deve ser uma churrasqueira de alvenaria) e um buffet com alimentos frios e quentes (que devem ser as saladas e as carnes). Marie Luise Kaschnitz revela em suas anotações que, aqui neste clube, seu amigo Nostiz lhe conta que todas aquelas pessoas que ela vê ali no clube são as pessoas mais ricas de São Paulo. Pede-lhe que as olhe com atenção, pois vai contar-lhe algo sobre cada uma delas. A autora descreve essas pessoas da seguinte maneira: vestem maiô ou biquini; algumas são gordas, mas a maioria possui membros fortes e bem massageados e, sempre que se aproximam do oceano e mergulham nas ondas altas e ameaçadoras, o fazem sem medo. Seu amigo explica que todas são imigrantes. Chegaram ao porto de Santos apenas há alguns anos, não mais do que com 10 dólares no bolso. Já nas primeiras horas foram requisitadas e a maioria, graças a seus conhecimentos lingüísticos ou a sua profissão, achou logo um emprego. Depois colocaram em ação seus próprios planos. Este aqui abriu uma garagem. Aquele lá uma fábrica de colchões, aquele ali na mesa atrás criou um comércio de móveis que ele próprio, depois, começou a fabricar. A senhora de roupão amarelo entendia alguma coisa de geologia e de mineralogia e agora participa de todas as decisões ligadas às riquezas minerais do Estado. Todos começaram por especular imediatamente com terrenos e ainda o fazem. Suas elegantes esposas o fazem por conta e lucro próprios. Com tudo o que fizeram ganharam dinheiro, com sucata, com a fazenda afastada lá no pé da serra do mar, com o terreno pobre da cidade, onde agora se ergue um arranha-céus. É uma terra de possibilidades ilimitadas, como já o foram os *E. U. A.*, possui uma população subdesenvolvida, em que houve um pequeno avanço da alfabetização. As pessoas do clube são gente fina que foi paupérrima e se tornou milionária. Marie Luise Kaschnitz observa o jeito como elas tomam banho de mar, como comem, bebem vinho, como usufruem o seu domingo – e acha que, nessa história, há algo que não se encaixa!

Curitiba e Caxias do Sul aparecem como pontos referenciais de uma viagem feita no domingo de ramos, serra acima, serra abaixo, em que a poetisa percorre 553 quilômetros. Passa primeiro por florestas de pinheiros, depois por florestas mistas de pinheiros, bambus e eucaliptos. Aparecem as monoculturas de milho, as árvores escasseiam e as pastagens aumentam. Numa cidadezinha às margens do Rio Negro, Hardy – acompanhante da autora – visita uma família originariamente alemã que ainda hoje fala a língua. Esta família tem uma oficina em que se pintam figuras sacras. Quando a autora e seus outros acompanhantes buscam Hardy, a família aparece toda na varanda de madeira com a avó falando suábico e as mocinhas têm que fazer reverência diante do cônsul geral e da poetisa. Nas pastagens, há touros negros e fortes e Nené, de procedência espanhola, não pode deixar de ensaiar uns passos de toureiro com um pano escocês. Os primeiros gaúchos aparecem, tocadores de gado em pequenos cavalos, com brilhantes ferragens de latão na sela e nas rédeas. Um caminhão é enfeitado com ramos gigantescos. Entre as casas de madeira, em pequenas povoações, as pessoas trajam cores alegres. Há apenas uma rua principal! As pessoas se visitam nas varandas; amarram os cavalos nas grades de madeira. Madeiras, pilhas de tábuas e postos de gasolina sucedem-se pelo caminho. Depois, outra vez, centenas de quilômetros de floresta. Marie Luise Kaschnitz descansa no Grand Hotel, decaído, com muitas bandeiras coloridas, puídas, com uma cromolitografia gigantesca, onde está reproduzido um flamboyant – uma árvore de flores de cor de fogo. Por sobre um vale pitoresco cai o crepúsculo, mas a viagem prossegue ainda por muito tempo. Em Caxias do Sul são recebidos com um jantar tipicamente brasileiro: ervilhas com pedaços de linguiça, geléia, *Wiener Schnitzel* gorda, sopa, *spaghetti*, arroz – tudo colocado na mesa ao mesmo tempo. Trata-se de refeições típicas do sul brasileiro. Fazem um passeio pela cidade e desse passeio Marie Luise Kaschnitz retém o barulho dos caminhões, uma barraca de tiro ao alvo em que vê um jovem pai apático com um bebê. Quando volta ao hotel, há falta de luz elétrica, pelo que vai para o quarto à luz de uma vela.

Salvador é o nome da primeira cidade brasileira que chama a atenção de Marie Luise Kaschnitz ainda na Alemanha. Alguém, que a leitura de suas anotações leva a crer seja o mesmo homem, encarregado de convidá-la a fazer muitas conferências e a organizar as respectivas via-

gens, oferece-lhe por ocasião do convite para vir ao Brasil um livro com fotos deste país gigantesco. Nesse livro, o nome Salvador, traduzido por “*Rettung*” (=salvação) fá-la refletir sobre o destino de sua viagem, por ela designada como a grande viagem ao desconhecido, de onde se espera a realização de algo anormal, de algum milagre. Pelas informações contidas no livro, porém, já lhe parece improvável poder visitar esta cidade, pois fica a 1.200 quilômetros do Rio e ela tem medo de andar de avião. Só no oitavo dia de viagem, tem certeza de que o navio italiano em que está também não irá parar em Salvador. Mas isso não a decepciona, pois Salvador já existe em sua imaginação. Lamenta apenas não saber nada sobre o Aleijadinho, o negro leproso, que esculpiu com os coutos dos braços inúmeras figuras para as igrejas barrocas da Bahia – um equívoco da poetisa, naturalmente, pois Aleijadinho desenvolveu sua arte em Minas Gerais. Outras imagens da Bahia, contidas no livro sobre o Brasil, como as carrancas do São Francisco, os pescadores, os arranha-céus e as casinhas em estilo barroco, as moças com vasos de flores na cabeça, dançarinos com plumagens indígenas, a procissão no mar, as palmeiras/coqueiros, são imagens que a deixam fascinada.

Em suas anotações, Marie Luise Kaschnitz ainda se refere ao Brasil, de um modo geral, como um país em que não se podem adentrar terrenos estranhos, ainda que a porta esteja aberta. É preciso bater, chamar, bater palmas. Os donos têm o direito de atirar em qualquer intruso, sem aviso. Convites sem data marcada são, no Brasil, peças de retórica. Durante as conversas, cobras e escorpiões são tabu. Depois de utilizar o toilete, não se pode jogar o papel no vaso, porque os canos são estreitos e sempre entopem. Os brasileiros costumam levantar-se cedo e deitam-se também cedo em oposição a seus vizinhos hispânicos. Manifestam forte inclinação ao espiritismo. Conta-se que a alma de um tal Sauerbruch incorporou-se em um cirurgião que, em transe, fez uma operação difícil. Um criado dirigiu-se à poetisa e lhe disse cortesmente que se não gostasse de alguém, era só avisar, pois ele se encarregaria de afastar a pessoa não grata!

Marie Luise Kaschnitz menciona ainda o caso de um pesquisador de orquídeas que se aventurou a descer de corda numa garganta para procurar lá exemplares raros. Mal havia chegado ao fundo soltou um grito

lancinante e tiveram que içá-lo imediatamente, porque o lindo vale da floresta estava infestado de cobras venenosas.

Em outra passagem, a poetisa volta a falar da macumba e explica que em estado de encantamento o homem velho sai de seu corpo, este é depois atado como um pacote e carregado em mãos. É rodeado por vasilhas que contêm uma infusão de folhas. Depois este cadáver é desembrulhado solenemente e o homem novo acorda, mas ainda não pode se levantar e andar. Deve tratar-se de algum ritual de candomblé, talvez por ela assistido, ou a ela narrado.

As outras localidades – Torres, Bertioga, Florianópolis – o bem-te-vi, o quartzo róseo e a figura do bandeirante provocam sensações e percepções que, ao serem arquivadas na memória de Marie Luise Kaschnitz em forma de imagens, associam-se profundamente a outras já lá existentes e, quando afloram à consciência, trazidas pela imaginação criadora ou produtora, apresentam-se deformadas, isto é, diversas partes de diferentes originais surgem recompostas em novos conjuntos conscienciais significativos, inesperados, em metáforas absolutas, como expressão, agora, do imaginário da poetisa. Marie Luise Kaschnitz reconhece que os lugares estrangeiros/estranhos estão dentro de nós, irrompem do nosso âmago, sobrepõem-se ao que é familiar, apontam suas cabeças brancas de crocodilo no charco. Pergunta-se a escritora por que, falando ela de corrida de automóveis, tem diante de seus olhos outra coisa, precisamente um barco a vapor amarelo numa laguna da costa brasileira, por que justamente esta margem noturna tropical, não muito longe de Santos que, aliás, está presente no poema dedicado a Bertioga? Também se pergunta por que, durante esta mesma conversa sobre corrida de automóveis, passam pelos seus olhos o cemitério de Torres que vem nadando e depois se impõe sobre lajes brancas com crânios revoltos e cobras venenosas, imagens que também estão presentes em um poema dedicado a Torres. Diz a poetisa que o estranho é lindo e o estranho é triste. Marie Luise Kaschnitz, na verdade, está falando de seu imaginário riquíssimo, a que ela tem acesso com muita facilidade.

Os poemas que escreveu sobre o Brasil encontram-se na obra *Ein Wort weiter* de 1965. Dentre os poemas *Bertioga*, *Bem-te-vi*, *Floria-*

nópolis, Rosenquarz e Torres, escolhemos este último para ilustrar, de uma perspectiva brasileira, o imaginário da autora elevado à potência máxima.

Torres

Friedhof und der jüngste Tag vorbei.
Grabsteine umgestürzt
Platten gewälzt auf die Würmerseite.
Wer hat die Skelette gerufen
über die Dünen wohin der beinerne Zug?
Setzen wir uns auf den Malstein
Reden wir einerlei von was
Eine lebendige Stimme mit einer lebendigen Stimme,
Ein Licht zu einem Licht,
Die Schwarznacht kommt hurtig.
Ohne Übergang.
Im Gras sind Schlangen.

Torres

Cemitério e o dia do Juízo Final passado.
Tumbas revolvidas
Lajes viradas do lado dos vermes.
Quem chamou os esqueletos
Por sobre as dunas para onde foi o cortejo de ossos?
Sentemo-nos no marco
Falemos de qualquer coisa
Uma voz viva com outra voz viva,
Uma luz para uma luz,
A noite escura chega célere.
Sem transição.
Na grama há serpentes.

Torres é, como sabemos, o nome de uma cidade balneária, localizada no Rio Grande do Sul, e conhecida pelas formações rochosas exó-

ticas existentes em suas praias. A paisagem rochosa e a visão do cemitério da cidade, que segundo as anotações registradas a poetisa teve oportunidade de ver, constituem estímulos externos desencadeadores da criação do poema em estudo, e ao mesmo tempo surgem metamorfoseados na representação poética que Marie Luise Kaschnitz lhes confere no cenário de um quadro apocalíptico: a paisagem poética é a de um cemitério, depois do Juízo Final. As tumbas estão abertas e revolvidas. Em seguida, o eu do poema formula uma pergunta que revela a sua perplexidade: “Quem chamou os esqueletos” e “para onde foi o cortejo de ossos?” Trata-se de um Juízo Final *sui-generis*. Afinal, a separação entre bons e maus, anunciada na Bíblia, não ocorre no poema. O que observamos é uma separação entre mortos e vivos. Os mortos desapareceram das tumbas. Não se sabe para onde foram. Os vivos, representados pelo sujeito lírico, ficaram. Depois, o eu do poema faz uma exortação ao leitor para que, juntos, se sentem sobre o marco divisório. No poema, porém, o marco não está delimitando terras, mas tempos, pois no primeiro verso está declarado que o dia do Juízo Final passou. Segundo a tradição, o dia do Juízo Final marca o fim do mundo, em que os vivos e os mortos são julgados: os bons são recompensados e os maus castigados. Os bons habitarão o céu e os maus o inferno. Portanto, o dia do Juízo Final marca o fim de um ciclo temporal e o começo de outro. Como no caso do presente poema, a separação se efetua entre vivos e mortos, os vivos que permanecem encontram-se no início de um novo ciclo temporal. Em outras palavras, os vivos iniciam de alguma forma uma vida nova que o eu do poema caracteriza em seguida, ao fazer uma segunda exortação ao leitor: “Falemos de qualquer coisa / Uma voz viva com outra voz viva, / Uma luz para uma luz, / A noite escura chega célere.” Há um tom de advertência neste último verso, como se a noite oferecesse algum perigo inevitável. Ora, a noite é tradicionalmente associada à morte. A seu turno, a palavra, necessariamente presente na conversa, que em sua concepção simbólica é manifestação de vida, opõe-se à noite que simboliza a morte. O próprio eu do poema, através de dois apostos, tenta definir o poder da palavra: trata-se de uma voz viva, de uma luz. Dito de outro modo: o uso da palavra faz a vida manifestar-se, impedindo a morte, aludida pela noite. A advertência sobre a chegada da noite ou da morte assume um caráter drástico pelo fato de se lhe atribuir apenas uma única e definitiva característica, a rapidez. Trata-se de uma

aproximação rápida. A noite far-se-á inesperada e imperceptivelmente, sem ser anunciada, como nas regiões tropicais. Tal peculiaridade é manifestada através de um verso isolado, também abrupto, constituído apenas por duas palavras: “*Sem transição.*” A dimensão reduzida da frase concentra o impacto da informação que contém. É preciso, portanto, estar atento.

O poema termina pelo verso seguinte, expressando uma constatação: “*Na grama há serpentes.*” Trata-se igualmente de um verso isolado, não só por causa da pontuação – está entre dois pontos finais – mas, sobretudo, porque o liame entre ele e o resto do poema está fora do alcance imediato, e só pode ser encontrado no extenso campo de significações simbólicas que o vocábulo *serpente* evoca. Entre tantos significados ambivalentes, e aqui é preciso lembrarmos de que Marie Luise Kaschnitz tem uma formação católica, podemos explorar o do perigo, presente na Bíblia no texto referente ao paraíso. É a serpente tanática e erótica. Por um lado, ela evoca a morte, se considerarmos a simbologia da expulsão do homem do éden e de seu afastamento de Deus devido à tentação da serpente; mas também vida, se pensarmos nos esforços posteriores do homem para superar as suas limitações e para conhecer o cosmos. Em outras palavras, a morte e a vida são duas faces de uma mesma realidade e estão simbolicamente plasmadas na figura da serpente.

Ao suceder dos signos morte-vida-luz-noite, manifesto no poema, se junta a presença das serpentes, conotando o perigo da morte, mas também a possibilidade de vida que é assegurada através da articulação da conversa. Assim, o significado de *palavra* e de *vida* se justapõem, e quando o significado de *palavra* e de *vida* se justapõem somos remetidos à noção da palavra inaugural, da palavra divina: “No começo era o verbo”. O poema tematiza, desta forma, o poder da palavra, mais precisamente o poder da palavra poética, e fá-la assemelhar-se ao Verbo bíblico ou ao mito no sentido primeiro que os gregos lhe atribuíram na Teogonia de Hesíodo: a palavra que dá sentido ao mundo. Ao estabelecer tal paralelismo, o poema – e por extensão o espaço brasileiro representado por Torres – evoca imagens dos tempos primordiais, quando o Caos cede lugar à Ordem através da articulação da Palavra. O Brasil

surge, neste poema, num tempo imediatamente posterior ao Juízo Final evocador do Caos primordial, porém, a caminho do estabelecimento da Ordem pela instauração da palavra, da palavra poética. O Brasil é empregado como metáfora do nada que é tudo. O Brasil é, aqui, uma metáfora absoluta.

Embora tenhamos observado que um estrangeiro, neste caso Marie Luise Kaschnitz, ao nos ver *in loco*, distingue-nos, sobretudo, pelo que temos de diferente, o que é natural, e o diferente, no nosso caso, se caracterize do ponto de vista social como pobre, como primitivo, subdesenvolvido e, do ponto de vista físico, como uma terra de paisagem linda, de mil possibilidades, mas também ainda primordial e selvática, já é possível perceber, nessas anotações, imagens mítico-ancestrais do Brasil como a do Eldorado, do continente intocado – último vestígio do começo do mundo. Assim, de um lado, Marie Luise Kaschnitz apresenta-nos, em suas anotações, um Brasil real com toques míticos; de outro lado, em suas poesias², um Brasil mítico com toques de realidade.

Dito de outro modo, a tentativa de explicar o Brasil, de lhe dar uma imagem, é um processo complicado: começa ao tempo da descoberta e da colonização, quando a imagem do país e do continente é construída por europeus conquistadores e colonizadores que, de volta à Europa, a tornam conhecida por lá, passando esta imagem europeia de geração em geração. As gerações europeias que imigram para o Brasil, ou simplesmente o visitam, trazem, então, essas imagens consigo e não sabemos, isto é, não existem estudos que mostrem em que medida as modificam ou mantêm. No caso de Kaschnitz, é certo que como europeia deve ter ouvido falar, em algum momento de sua vida, do Brasil mítico. Além disso, verificamos que as pessoas que a recebem no Brasil, de fala alemã, corroboram essas imagens mítico-ancestrais brasileiras de Eldorado, de terra de mil possibilidades, onde se chega pobre e se fica rico. A imagem arquetípica do Brasil, vinda da Europa, reafirmada no Brasil, volta à Europa via obra de Kaschnitz, entre outros, fechando um ciclo vicioso, passível de ser quebrado apenas através de múltiplas pesquisas, que tragam à

2 Sobre as outras poesias consulte-se SOUSA 1996.

luz esse processo e permitam ao brasileiro ter consciência do jogo de espelhos em que sua imagem é manipulada. A conscientização amplamente divulgada desse processo pode ter, creio eu, até mesmo consequências políticas e econômicas no plano das relações pessoais envolvendo negociações, na medida em que será possível a cada um entender com que armas ideológicas o outro negocia, e escolher o que quer para ele.

Referências bibliográficas

- KASCHNITZ, Marie Luise. *Tage, Tage, Jahre. Aufzeichnungen*. Frankfurt a.M., Fischer, 1972.
- KASCHNITZ, Marie Luise. *Orte. Aufzeichnungen*. Frankfurt a.M., Insel, 1973.
- KASCHNITZ, Marie Luise. *Ein Wort weiter*. Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1973.
- KASCHNITZ, Marie Luise. "Steht noch dahin". In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt a.M., Insel, vol. 3, p. 339-414, 1982.
- KASCHNITZ, Marie Luise. "Wohin denn ich". In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt a.M., Insel, vol. 2, p. 379-556, 1982.
- PAZ, Otávio. *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- SOUSA, Celeste H. M. Ribeiro de. "A questão da imagologia hoje". In: *Limites*. Anais do 3º Congresso ABRALIC. São Paulo, EDUSP, vol. 1, p. 293-298, 1995.
- SOUSA, Celeste H. M. Ribeiro de. *Retratos do Brasil. Heteroimagens literárias alemãs*. São Paulo, Ed. Arte e Ciência, 1996.

A ETNOPOESIA DE HUBERT FICHTE

Ruth Röhl*

Abstract: This paper is meant to be an introduction to the works of *Hubert Fichte*. It presents some passages from his texts that help to understand his ethnopoetics.

Keywords: Hubert Fichte; Homosexuality; Ethnopoetics.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz ist als eine Einführung in Hubert Fichtes Werke gedacht. Er stellt einige Textpassagen vor, die zum Verständnis seiner Ethnopoese beitragen.

Stichwörter: Hubert Fichte; Homosexualität; Ethnopoese.

Palavras-chave: Hubert Fichte; Homossexualidade; Etnopoesia.

Hubert Fichte é um escritor sensível, crítico, irreverente: "Ich bin ein Mischling ersten Grades, ein uneheliches Kind und nun auch noch schwul." (Sou um mestiço de primeiro grau, filho de mãe solteira e ainda por cima viado.)

Não obstante a gama de formas e conteúdos vários, a obra de Fichte mostra grande coerência interna. No fundo, seu tema central é o homem, seus sentimentos e desejos reprimidos, seus impulsos irracionais, bem como seu anseio por transcender a realidade – pela magia, pela experiência extática ou por excessos de todo tipo.

* A autora é professora livre-docente do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

Se uma das vertentes da atividade literária de Fichte flui do material autobiográfico, a outra é dada pelo material autêntico, colhido preferencialmente no submundo de Hamburgo e em vários países da África e das Américas. A busca do “outro”, do marginal, do primitivo e do exótico é um reflexo da busca de si mesmo. Passagens selecionadas mostram a tendência de Fichte de combinar elementos dessemelhantes, sua predileção pelo irregular, pelo fragmentário.

A etnolinguística é uma ciência que por meio da linguística procura descobrir o espírito de um grupo étnico e sua cultura. Assim, a etnopoiesia é uma poesia que procura descobrir o espírito de um grupo étnico e sua cultura. Resta saber o que é poesia. Poesia é o texto no qual está centrada a função poética. Todo texto pode ser poesia, contanto que aponte a função poética como função capital.

Em *Observações heréticas pra uma nova ciência do Homem* (1976), Fichte diz: “Se tomarmos por comparação a linguagem dos antigos teóricos, estudiosos do comportamento e etnólogos – de Hesíodo, dos pré-socráticos, de Heródoto – seu fascínio, sua disciplina, sua leveza, sua fantasia, sua liberdade, sua concisão, em suma, sua beleza, compreenderemos o quanto nosso confronto com o mundo diminuiu, o quanto decaiu o insosso rorocó didático de nossas faculdades e revistas. (...) O que se pretende com isso? A sujeição. A sujeição através de uma linguagem da ciência. (...) O desprezo, a escravidão, a fome, a fealdade, a sede de destruição não diminuíram desde os pré-socráticos; o problema é que nossa civilização arrasta a todos para a destruição, não apenas o ser humano, mas também tudo o que existe: animais, plantas, água e ar. (...) Mas será que isso quer dizer que a linguagem científica deveria se retrair a ritos assépticos, a ladainhas pseudo-sintáticas, com as quais ela encobre a opressão? (...) Por que o etnólogo rejeita suas possibilidades estéticas?”

No Brasil, Fichte entrevistou várias pessoas ligadas ao candomblé. Vejamos o que ele diz no texto *Wilma diz*: “Mês que vem faço 22 anos. Minha infância foi muito boa. Aos sete anos tudo era bonito. Meu pai gostava muito de mim. Tínhamos uma casa maravilhosa.

Comigo tudo começou muito cedo. Com oito anos já era mocinha. Já menstruava. Com 12 era mulher. Já tinha perdido a virgindade. Aos 14 anos fui trabalhar e freqüentava a escola à noite. Nasci em Salvador. Mas meus pais se mudaram para o Rio quando eu tinha dois anos. Não tenho nenhuma lembrança de Salvador. Na Bahia meus pais haviam levado uma vida normal. Aqui no Rio eles não tinham nada. (...) Nossa casa ficava em uma favela. Tínhamos o melhor barraco de toda a favela. (...) Todo mundo dizia para minha mãe: A senhora precisa ir a um terreiro de umbanda, isso que está acontecendo com a senhora é macumba. Acabamos indo, portanto, a um terreiro de umbanda. Um dia, durante uma festa, tive um choro convulsivo. Não sabia por que estava chorando. A mãe-de-santo me pegou pela mão e me levou até o centro do terreiro. Então eu comecei a girar. Eu rodava, rodava, rodava. Esbarrava em tudo. Pelo amor de Deus, eu quero parar. Não parava. A mãe-de-santo disse: Ah, mais uma filha de Oxum. – Porque na umbanda dizem que, quando a gente chora, é filha de Oxum.”

Essa *discordia concors* não só consegue captar a realidade complexa do homem, como também dá à sua obra uma feição dionisíaca. No texto fichteano convivem imagens eróticas e imagens que traduzem crueldade e morte; é a máscara de Dioniso – deus do sexo e do êxtase, mas também da melancolia e da morte – que evoca: “In meinem Bewusstsein liegen Samenflüssigkeit und Todesflüssigkeit nahe zusammen.” (*Ensaio sobre a puberdade*) (Em minha consciência estão próximos o líquido do sêmen e o líquido da morte.)

O estilo inconfundível de Fichte salta aos olhos tanto em sua ficção como em seus estudos sócio-científicos, aproximando-os. Enquanto utiliza em sua ficção o método científico da pesquisa, seleção e elaboração de dados autênticos, ou nela incorpora fatos e vivências de outras culturas, não abre mão do elemento estético ao documentar essas culturas, trazendo-as ao leitor sem empobrecê-las pela linguagem científica, na medida em que valoriza as camadas sonoras da palavra e o ritmo.

Concluindo, gostaríamos de acrescentar que não é apenas por suas qualidades estéticas que a obra de Fichte merece a nossa atenção. Fichte conhece muito bem o Brasil; pesquisou o candomblé no Rio, na Bahia, a Casa das Minas no Maranhão. Sua obra tem muito a nos dizer sobre as raízes africanas de nossa cultura, o que a torna, para nós, duplamente significativa.

Referências bibliográficas

FICHTE, H. *Observações heréticas para uma nova ciência do Homem*. São Paulo, Brasiliense, 1976.

FICHTE, H. *Etnopoesia*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

FICHTE, H. *Ensaio sobre a puberdade*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

ESTÉTICA DO FUTEBOL: BRASIL VS. ALEMANHA *

Willi Bolle (org.), Hans Ulrich Gumbrecht,
Flávio Aguiar, Antonio Medina, José Miguel Wisnik**

Abstract: In September of 1997, a group of German and Brazilian literary critics met at the University of São Paulo, in order to comment on the aesthetics of two great soccer schools. As our "basic text" we chose the match Germany vs Brazil (final score: 3 : 3; half-time score: 0 : 3), which took place in Washington, in June 1993, between the two triple World Champions. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) proposed a philosophical reflection on football/*Fußball*, combined with a comparative analysis of soccer and American football. In both modalities he identified the magic phenomenon of "production of presence", which expresses itself through three functions: the ontological function (action vs nothing), the "epiphany of form" (the touch of genius) and the oscillation between finality and *telos* (linked to the *mise-en-scène* of intention and contingency). These three functions manifest themselves in both American football and soccer, but in different forms. Flávio Aguiar (University of São Paulo) pointed out the phenomenon of empty spaces and the occupation of space. Antonio Medina (University of São Paulo) contrasted the somewhat ontologic character of American football with the mimetic character of soccer, especially as played in Brazil, where the paradigm of masters and slaves is still present. José Miguel Wisnik (University of São Paulo) elaborated on the dialectics of production of presence (resistance against interpretation, "no-hermeneutics") and production of sense. In his reply, Gumbrecht explained that the concepts of empty and occupied space imply religious allusions (transcendental emptiness). Willi Bolle (University of São Paulo) raised the question of the extent to which the issue of aesthetics, seen from the perspective of American football and soccer, must be totally reconsidered.

Keywords: Esthetics; Football (soccer); American football; Brazilian soccer; German soccer; American football: philosophical analysis; Soccer: philosophical analysis; Soccer and American football: comparison.

* Transcrição e tradução do espanhol: Eduardo Manoel de Brito, Maria Célia Ribeiro Santos e Renato Oliveira de Faria; Revisão: Maria Célia Ribeiro Santos e Willi Bolle.

** Os autores são: Willi Bolle: Professor titular do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP; Hans Ulrich Gumbrecht: Professor titular de Literatura Comparada, da Universidade de Stanford, EUA; Flávio Aguiar e José Miguel Wisnik: Professores doutores do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Literatura Brasileira, da USP; Antonio Medina: Professor livre docente doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Grego, da USP. Endereço do Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht: Department of Comparative Literature, Stanford University, Stanford, California, 94305.

Zusammenfassung: Im September 1997 trafen sich deutsche und brasilianische Literaturwissenschaftler in der Universität São Paulo, um den Stil zweier großer Fußball-Schulen zu kommentieren. Als "Textgrundlage" hatten wir das Spiel Deutschland : Brasilien ausgewählt (Endstand: 3 : 3; Halbzeitstand: 0 : 3), das im Juni 1993 in Washington zwischen den seinerzeit dreifachen Weltmeistern ausgetragen worden war. Hans Ulrich Gumbrecht (Universität Stanford) schlug eine philosophische Reflexion über den Fußball vor, verbunden mit einer vergleichenden Analyse des Soccer und des American Football. In beiden Ballspielarten beobachtet er das magische Phänomen der "Produktion von Gegenwart". Sie tritt in drei Arten von Funktionen zu Tage – ontologische Funktion (die Aktion gegen das Nichts), die "Epiphanie der Form" (der geniale Spielzug) und Spannung zwischen Finalität und Telos (oder auch Inszenierung von Intentionalität und Kontingenz) –, die sich sowohl im Football wie im Fußball beobachten lassen, aber in ganz verschiedener Zusammensetzung. Flávio Aguiar (Universität São Paulo) hob in seinem Kommentar das Phänomen der leeren Spielräume und der Besetzung des Raums hervor. Antonio Medina (Universität São Paulo) setzte dem eher ontologischen Charakter des American Football den mimetischen Charakter des Fußballs entgegen, der (zumindest in Brasilien) von dem Verhältnis zwischen Herren und Sklaven affiziert wird. José Miguel Wisnik (Universität São Paulo) vertiefte die Dialektik zwischen der Herstellung von Gegenwart (Widerstand gegen Interpretation, negative Hermeneutik) und der Produktion von Sinn. In seiner Antwort erläuterte Gumbrecht, dass die Begriffe des leeren und des besetzten Raumes religiöse Tonalitäten mit sich bringen (die transzendente Leere). Willi Bolle (Universität São Paulo) stellte die Frage, inwiefern eine aus der Perspektive des Massensports Fußball entworfene Ästhetik dazu führen kann, den Begriff der Ästhetik neu zu denken.

Schlüsselwörter: Ästhetik; Fußball (*soccer*); *American football*; Fußball in Brasilien; Fußball in Deutschland; Fußball: philosophische Reflexion; *American football*: philosophische Reflexion; Vergleich zwischen Fußball und *American football*.

Palavras-chave: Estética; Futebol (*soccer*); *American football*; Futebol brasileiro; Futebol alemão; Futebol: análise filosófica; *Football*: análise filosófica; *Soccer e football*: comparação.

WILLI BOLLE

Em nome da Área de Alemão, dou a todos vocês as boas-vindas a esta mesa-redonda que é o evento final de nossa semana "O Olhar Alemão sobre o Brasil". Esta noite ouviremos a conferência do



**ESTÉTICA
DO FÚTEBOL:
BRASIL VS.
ALEMANHA**

PROF. DR. HANS-ULRICH GUMBRECHT
(STANFORD UNIVERSITY)

MESA REDONDA:
PROF. DR. JOSÉ MIGUEL WISNIK (FFLCH USP)
FLAVIO AGUIAR (FFLCH USP)
ANTONIO MEDINA (FFLCH USP)

MODERAÇÃO:
PROF. DR. WILLI BOLLE

**DIA 23/09/97
HORA: 19H30
LOCAL: PRÉDIO
DE LETRAS
SALA 200**

professor Hans-Ulrich Gumbrecht, e em seguida teremos as observações dos professores Flávio Aguiar, Antonio Medina e José Miguel Wisnik. É uma grande alegria pra mim, ter aqui estes colegas conosco. Antes de iniciarmos, eu gostaria de dizer duas ou três breves palavras sobre o trabalho de Gumbrecht. Ele fez parte da Escola de Konstanz, que projetou a teoria literária alemã no cenário internacional. Pouco depois de ter feito o doutorado e a livre-docência naquela Universidade, organizou uma série de pesquisas em equipe, na forma de encontros interdisciplinares realizados na cidade de Dubrovnik na Iugoslávia, único país nos anos 80 a viabilizar debates entre pesquisadores do Oeste e do Leste. Os temas abrangiam desde o conceito de época e tendências de inovação na teoria literária, até materialidades na comunicação, com trabalhos sobre o estilo e a escrita – houve ao todo cinco volumes publicados. A partir de 1989, quando esses colóquios se encerraram, Gumbrecht foi trabalhar na Universidade de Stanford, onde leciona até a presente data a disciplina de Literatura Comparada. Entre seus objetivos principais está a promoção do diálogo entre as Ciências Humanas e as Ciências. Uma breve explicação também sobre a origem deste evento: quando conheci pessoalmente “Sepp” Gumbrecht, em Stanford em janeiro deste ano, achei que para conversar com um *scholar* tão eminente, o melhor seria começar por um assunto bem *light*: futebol, então. Qual não foi a minha surpresa, quando me dei conta de que estava diante de um pesquisador profissional do assunto. Imaginei, então, que poderia ser interessante reuni-lo numa mesma mesa com os três colegas da USP com os quais costumo comentar futebol no intervalo das aulas. Sepp Gumbrecht, é um vivo prazer tê-lo aqui conosco. Por favor, esteja com a bola toda.

HANS ULRICH GUMBRECHT

Muito obrigado, estou muito contente de falar, finalmente, na USP. Vou falar de um livro que estou preparando e cujo título é *The beauty of American Football* – A beleza do Futebol Americano. O que vou apresentar é, sobretudo, uma comparação entre o *American football*, de um lado, e, do outro lado, o futebol, o *soccer*. Eu teria a

maior boa vontade do mundo em falar só sobre futebol, uma vez que tenho sido torcedor de futebol durante 48 anos dos 49 anos de minha vida. Teria material suficiente para falar só sobre futebol, mas acho que metodologicamente será melhor falar do *American football* que do futebol. Espero que este não seja motivo para nervosismo entre meus apreciados espectadores.

Então, vamos às notas introdutórias, porque nós alemães sempre começamos com notas introdutórias muito longas. Os esportes, sobretudo, os esportes de equipe, foram importantes para mim desde minha primeira infância. Meu pai foi jogador de primeira liga na Alemanha, logo depois da Segunda Guerra Mundial, quando ficaram muito poucos homens. Há uma foto minha, eu devia ter entre 3 ou 4 meses, em que eu estou nos braços de minha mãe e estamos vendo a partida de despedida de meu pai. Tenho que insistir, então, que ver futebol e ver jogos de equipe sempre foi muito importante para mim e muito mais do que um passatempo. Eu sei que, pelo menos na Alemanha e nos Estados Unidos entre professores universitários, sobretudo de Letras, não é uma coisa normal ser aficionado, por isso meus colegas sempre pensavam que eu era um pouco estranho. Eles admitiam até um certo ponto como um passatempo. Mas tenho que dizer que, as duas, três ou mais horas por semana que eu passo vendo *American football*, são as horas de menor relaxamento. Se algum dia eu morrer de ataque do coração, vai ser vendo esporte, falando de esporte. Ou seja, não é um passatempo, é uma coisa intensa, uma coisa importante para mim. Às vezes penso, mas eu nunca diria isso em minha universidade, que para mim é mais importante do que ler livros, tenho mais prazer vendo futebol, partidas de *American football*, hockey sobre gelo... Mas não estou falando de meus hobbies, estou falando de coisas muito sérias, demasiado sérias. Tenho que insistir também que nunca desenvolvi, como vêm por meu corpo, uma aficção muito forte para praticar os esportes. Isso tem conseqüências para meu corpo e, também, conseqüências para a conferência desta noite. Tudo o que vou dizer vai se basear estritamente em um ponto de vista de *espectador*. Não vou falar do valor que têm esses esportes para quem os pratica. Não nego que possam ter um valor, só que não

quero falar dele, ou seja, não vou falar sobre *mens sano in corpore sano*.

Quando fui para os Estados Unidos em 1989, tomei a decisão bem racional, ainda na Alemanha, de me converter-me num aficionado em American football. Porque eu creio que esta emoção quase existencial que sinto quando vejo os esportes não se pode viver se não há ambiente. Pensei que não era suficiente ser um fã de soccer nos Estados Unidos e, por isso, muito racionalmente, tornei-me, durante os últimos oito anos, aficionado sobretudo do American football e um pouco de hockey sobre gelo. Neste momento, orgulhosamente, creio que posso falar competentemente sobre esses esportes, na primeira parte desta palestra, e a segunda parte, sim, vai ser sobre futebol, sobre soccer. De forma que vou apresentar uma comparação entre American football e futebol. O fundo vai ser American football e depois vou falar de futebol para fazer um contraste.

Esta conferência tem três blocos. O primeiro bloco é uma introdução sobre as condições em que se desenvolve o projeto do meu livro. Gostaria de explicar um pouco porque estou passando meu tempo pago pela universidade escrevendo um livro sobre esporte. Não é somente um *hobbyhorse*. Inicialmente vou falar de um interesse filosófico que eu estou cultivando, que chamo de interesse não-hermenêutico, não-interpretativo. Depois, gostaria de falar de certos fenômenos culturais que chamo de fenômenos de “produção de presença”. É claro que o esporte faz parte dessa produção de presença. A seguir vou falar de estados de esporte e produção de presença. E, para finalizar esse bloco introdutório, vou explicar brevemente por que, entre todos os esportes possíveis, escolhi o futebol americano: não somente porque este está próximo de minha vida diária em Stanford, mas também porque se presta bem a uma análise. Em outras palavras, creio que é mais fácil fazer uma análise pioneira do American football do que, por exemplo, do futebol. O bloco central começa com uma brevíssima introdução a algumas regras do American football. Podemos chegar, a partir dessas regras, a três aspectos que realmente importam para minha análise. O primeiro – tudo tem uma marca

muito filosófica – é o que chamo de função “ontológica” ou “ôntica”, se quiserem, remetemos a Heidegger. O segundo aspecto é a função que chamo de “epifania da forma”. E o terceiro, com uma distinção kantiana, é a função “finalidade”. Então, vou aplicar, nesta análise, as três funções, tanto ao American football como ao soccer. Este é o bloco que, a meu ver, podemos discutir com maiores detalhes. Finalmente, no terceiro bloco, vou dizer umas breves palavras sobre o valor cultural dos contrastes entre “American football” e “futebol” e depois, entre “futebol brasileiro” e “futebol alemão”.

Todos vocês sabem que é um jogo intelectual dizer que a maneira como os brasileiros jogam futebol é uma expressão da alma brasileira, e o mesmo se aplicaria à maneira de jogar dos alemães... Vou discutir em geral os pressupostos dessa questão. Bem, depois de ter cumprido meus compromissos com a identidade alemã, fazendo uma longa introdução, vou começar, finalmente, com as condições gerais em que se desenvolveu o meu projeto.

O livro em que estou trabalhando neste momento, *The beauty of American Football*, é um projeto complementar a um livro que acabei antes de vir para cá e que se chama *The No-Hermeneutic – O Não-Hermenêutico*. Contrariamente ao que muita gente possa acreditar, não se trata de uma anti-hermenêutica; não tenho nada ou só um pouco contra a interpretação hermenêutica, porém penso que há muitos fenômenos culturais, com os quais não se faz justiça, fenômenos que nós – permitam-me essa metáfora – não redimimos em seu pleno valor, se os queremos interpretar. Vou dar alguns exemplos: existe para mim uma miséria na crítica da música, porque querem interpretar a música e creio que a música não deixa muito a interpretar; ela não é portadora de sentido; o mesmo ocorre com a pintura abstrata, porque interpretar a pintura abstrata, perguntar que mensagem ela tem é uma coisa bastante difícil, se não impossível; e o mesmo vale, na minha opinião, para o esporte. Quer dizer que a pergunta “O que expressa o esporte?” ou “Que valor, que mensagem há no esporte?” não funciona. Claro que esses fenômenos não resistem ativamente à interpretação. Mas creio que todos sabemos mais ou menos, ou temos um pressentimento, que

não analisamos ou descrevemos adequadamente os esportes, se nos apegamos unicamente ao paradigma da interpretação. O paradigma de interpretar o mundo surgiu historicamente com a primeira modernidade. Creio que sempre houve fenômenos que “resistiram” a isso, que não se deixam realmente interpretar. Nesse sentido creio que, embora o paradigma de ler o mundo tenha dominado a cultura ocidental durante quase quinhentos anos, sempre houve fenômenos de “produção de presença”, fenômenos que não se deixam redimir através da interpretação. Talvez hoje em dia haja um número maior desses fenômenos e talvez esse fato tenha sido a motivação para que eu escrevesse esses dois livros.

Creio, portanto, que o esporte é um dos fenômenos de nossa cultura que não se deixa interpretar. Gostaria de explicar agora o paradigma que quero construir como alternativa à “leitura do mundo” e que é precisamente a “produção de presença”. O paradigma tradicional que domina totalmente nossas disciplinas é que qualquer fenômeno que percebemos, qualquer coisa que possamos tocar, só existe para conter um significado, um sentido, algo que se tenha de decifrar. Nesse sentido, a coisa espiritual, o significado, é o que a nossa cultura em geral e a nossa cultura acadêmica em especial acham realmente interessante. O melhor exemplo que conheço para ilustrar essa diferença é a teologia medieval da eucaristia, da presença real de Deus. Porque o pão e o vinho, depois da transubstanciação, já não são significantes ou símbolos da carne e do sangue de Deus, e sim, formas (a palavra “forma” é importante), são formas sob as quais Deus se faz presente substancialmente. Isto é importante: o paradigma “forma – substância” não tem nada a ver com o paradigma “significante – significado”. E através dessa presença real, substancial, na forma de pão, na forma de vinho, pode-se tocar Deus e pode-se comer Deus. É importante que a relação “produção de presença – presença real de Deus”, sempre é uma relação menos temporal do que espacial. Porque normalmente quando dizemos “presença”, pensamos no tempo, na temporalidade; porém quando eu falo em presença, refiro-me ao que se pode tocar. Por exemplo, podem me tocar depois da conferência (com muito gosto), mas não poderiam me tocar se esta conferência fosse transmitida de Stanford.

Ou seja, presença real, presença corporal e também diria: presença mágica. Para ilustrar um ato que tem algo de “mágico”, a teologia da eucaristia é um bom exemplo, pois, da perspectiva antropológica, a transubstanciação é um ato mágico, que é sempre algo que se faz presente sob uma forma. Então, se este exemplo da teologia medieval serviu para dar-lhes uma noção do que quero dizer com “produção de presença”, a questão seria se os fenômenos de produção de presença que estão tão fortemente “presentes” em nossa cultura contemporânea são diferentes da presença real de Deus na teologia medieval. E para explicar como a produção de presença hoje é diferente da medieval, reporto-me a um filósofo francês da segunda geração da desconstrução que me agrada muito, Jean-Luc Nancy. Refiro-me em particular a um livro dele que só foi publicado em inglês, *The birth to presence* – O nascimento à presença. Nesse livro, Nancy desenvolve o programa da nova hermenêutica, o da não-hermenêutica e diz: “deixemos de interpretar, tudo está interpretado”. Então, percebe-se um desejo particular, característico de nossas culturas contemporâneas, um desejo de presença. Mas, ao contrário da Idade Média, tudo o que cremos conseguir é uma espécie de aproximação, um ioiô (Nancy utiliza essa metáfora): uma presença que se aproxima e uma presença que se distancia, porém nunca teremos a presença plena. Nesse sentido (e isso é muito importante para o que vou dizer acerca dos esportes), a produção de presença característica em nossa cultura, não seria propriamente uma simples ilusão de presença, mas sempre é uma presença efêmera ou, como disse Nancy com outra metáfora, é sempre uma presença geométrica. Mais tarde, vou falar da “epifania da forma”, como algo que surge, que emerge, mas que nunca se pode possuir, que nunca está aqui plenamente.

Então, quero tratar dos esportes – esta é a terceira parte da introdução – o American football e o futebol. Se quero tratá-los como exemplos da cultura de “produção de presença” contemporânea, isso tem três conseqüências que gostaria de anunciar para que se compreenda bem o que vou dizer a seguir. Em primeiro lugar, é óbvio que não vou entrar nessa via errônea do intelectual que interpreta os esportes. Nos Estados Unidos é quase um hobby falar de American football como uma alegoria do capitalismo porque sempre se trata de

ganhar ou perder terreno. Ou fala-se muito de baseball, como um exemplo da nostalgia dos americanos pelo estado social rural dos primeiros Estados Unidos do século XVIII. Ou, ainda, fala-se de hockey sobre gelo como a expressão da dureza dos proletários da East Coast. Desgraçadamente, como lhes disse, não posso proibir os professores de dizerem tais absurdos. Mas acredito que os estádios não se encheriam e não se fariam contratos de televisão para se ver alegorias do capitalismo. Em segundo lugar, tampouco vou interpretar os esportes, American football e futebol, como uma compensação psíquica. Existe uma tendência entre os “losers”, ou seja, os que sempre perdem em suas vidas cotidianas, de identificar-se com Michael Jordan ou com Pelé. Mas creio que a compensação nunca é total, sempre há algo nos esportes, uma atração, um fascínio, que não se explica nem pela alegoria, nem pela compensação psíquica. Esse algo desconhecido é o que me interessa. Todos sabemos, por exemplo, que, quando a nossa equipe perde, ficamos furiosos às vezes porque jogou mal, mas outras vezes dizemos que jogou bem, embora tenha perdido. E sabemos que, se outra equipe que odiamos faz uma boa jogada, mesmo que ela não nos agrada, dizemos: “bom, essa foi uma boa jogada”. Todos estaremos de acordo facilmente a respeito disso. Ora, precisamente, como é possível que possamos dizer: “esta é uma boa jogada”? Como é possível, às vezes, voltarmos tristes do estádio, porque nossa equipe perdeu, mas dizermos que ela jogou bem? Esse ponto desconhecido é o que me interessa. Se analiso o esporte desse ponto de vista, emerge um fenômeno estético, sob as definições mais clássicas, kantianas, a Terceira Crítica. Quero enfatizar que não falo aqui do esporte como uma experiência estética para fazer uma reabilitação do esporte, pois não creio que haja algo mais contraproducente do que essas reabilitações acadêmicas; imaginem como Pelé ficaria feliz se soubesse que eu reabilito o futebol aqui, sob uma perspectiva acadêmica! Falo de uma perspectiva estética porque, tomando essa decisão, tornamos acessível um grande repertório conceitual com o qual podemos trabalhar. Há, então, duas razões principais pelas quais falo do esporte como um fenômeno estético, ambas partem de definições kantianas. Em primeiro lugar, Kant diz que a experiência estética é um prazer desinteressado, quer dizer,

não há interesse cotidiano. Ou seja, é um prazer que não podemos ter na vida cotidiana. Como espectadores, se nossa equipe marcar três gols bonitos, desgraçadamente, ou felizmente, não vamos ganhar mais dinheiro, etc. Segundo, é uma característica da experiência estética, o fato de podermos fazer juízos que, muitas vezes, resultam facilmente consensuais, sem conceitos nem critérios. Esse é um fenômeno que vemos frequentemente numa partida de futebol. Dizemos: “esta foi uma jogada preciosa”, mas se alguém nos perguntar por que foi uma jogada preciosa, não teremos conceitos, critérios, nem palavras para descrever, nem mesmo medidas como temos no atletismo (de um salto alto não se diz que foi “bonito”, diz-se que foi de dois metros e trinta e quatro). Não temos esses critérios para os esportes de equipe.

No final desta introdução, vou dizer brevemente quatro razões pelas quais escolhi o American football para a minha pesquisa. São um pouco uma desculpa que lhes ofereço para apresentar esse esporte tão exótico aqui. Primeiro, não sei se sabem que as regras para os esportes de equipe nos Estados Unidos modificam-se a cada ano, de acordo com as reações dos telespectadores. Todos os anos ocorrem modificações nas regras, ou seja, não há tanta inércia quanto na FIFA que levou cinquenta anos para modificar as regras do *off side*. O que me interessa aqui é que isso dá uma certa garantia de que a estrutura do jogo reflete o fascínio particular dos espectadores. Segundo, não sei se sabem que tanto o American football quanto o basketball são jogados em dois níveis, no nível profissional e universitário, sendo que as universidades ou *colleges* atraem tantos ou mais espectadores do que os profissionais. Uma vez que trabalho numa dessas universidades, tenho acesso aos bastidores do trabalho de um time. Finalmente, embora não pareça, o futebol americano é um esporte sumamente sistematizado, pode-se dizer, sumamente intelectualizado, ou seja, há uma cultura de descrição muito precisa das jogadas. Nesse sentido, presta-se mais facilmente a uma análise com conceitos filosóficos.

Passemos agora para a segunda parte da conferência, uma parte breve na qual vou explicar algumas regras do American football que

me interessam e que não são paralelas àquelas com que estamos acostumados no futebol. Insisto nos contrastes. O primeiro contraste muito importante para tudo o que vai se seguir é que, em um jogo de American football, em cada momento fica muito claro qual equipe está na ofensiva e qual está na defensiva. A equipe ofensiva é aquela que tem a posse da bola. Os jogadores ofensivos não são os mesmos que os defensivos, ou seja, quando uma equipe está na ofensiva tem onze jogadores que nunca jogariam se a equipe estivesse na defensiva. Além disso, é quase impossível que de um momento para outro isso se modifique. Já no futebol, muitas vezes não sabemos se a equipe está claramente na ofensiva ou na defensiva. Isso é impensável no American football, sempre fica muito claro quem está atacando e quem está defendendo, e o risco de que isso se inverta é mínimo. Segundo contraste: uma equipe continua na posse de bola contanto que consiga avançar dez yards (mais ou menos 10 metros) com quatro jogadas seguidas. Agora, é possível que em uma jogada um time avance dois metros e logo em uma segunda jogada perca quatro, porém pode recuperar essa perda, o importante é que avance 10 yards com quatro jogadas seguidas. Desde que cumpra isso, pode manter a posse de bola. Basicamente há três formas de avançar a bola: o *quarterback* pode lançar a bola a um jogador, normalmente um *receiver*; ou pode entregar a bola a um jogador que então corre com ela; e se o *quarterback* não encontra nenhum jogador que não esteja marcado, corre ele mesmo. Há também três maneiras de não conseguir avançar: o *quarterback* que atira a bola não encontra o *receiver*, é um *pass incomplete*, porém a equipe não perde a bola, apenas repete-se a jogada. A segunda possibilidade é que a bola seja “interceptada”. É possível, ainda, que o jogador queira avançar, mas não avance, ou seja, que não ganhe terreno.

Algo que me importa muito e que pouquíssimas vezes é visto no American football pela televisão: antes do início de cada jogada, há o momento de *freeze*, de congelamento, em que as duas equipes estão confrontadas e não se movem, ou seja, a jogada já se iniciou e as equipes permanecem imóveis – só no momento dado, quando passam a bola para o *quarterback* é que todos se movem. Sempre há esse contraste radical entre um momento muito intenso e um congelamento,

um vazio, de certa forma, absoluto. Finalmente o gol, em duplo sentido, o último gol da última jogada, o gol que seria o equivalente ao gol do futebol, esse passar a bola a um jogador que está na *endzone*. Os “gols” que vemos no American football são muito pouco importantes, o importante é o *box* no campo, um retângulo final, de dez metros de largura por quarenta metros de profundidade. Correr com a bola na *endzone* ou passá-la a um jogador que está na *endzone* dá 6 pontos e, logo depois, pode-se fazer um ponto suplementar, que é o único que se parece com o futebol.

Antes de passar para a parte analítica desse esporte, queria mencionar os três elementos que me interessam nas regras. O primeiro aspecto que me importa é esse contraste contínuo e radical entre uma ação muito compacta e a “não-ação”. Sobretudo, no momento em que as duas equipes estão confrontadas, porém “congeladas”, nada se move e, então, de um golpe, movem-se todos. Logo que a jogada se acaba, e entre uma jogada e outra, normalmente, todos os jogadores deixam o campo e falam com seus técnicos, ou seja, entre duas jogadas quase sempre há um momento no qual o campo está totalmente vazio, em que nada se move. Segundo aspecto que me importa, e já falei suficientemente sobre ele: fica muito claro, a cada momento, qual equipe está na posição ofensiva e qual está na defensiva, e isso não é tão claro no soccer. A única tarefa da equipe defensiva é evitar, reprimir a emergência de uma forma, a emergência de uma boa jogada da equipe ofensiva. A função dos jogadores defensivos no American football é puramente destrutiva e, nesse sentido, poderíamos dizer que a defensiva tem somente a função entrópica, de criar caos, de evitar que salte ou que emerja uma forma, enquanto que a função da ofensiva é puramente neg-entrópica – eles têm que produzir uma boa jogada. Essa distinção entre as duas funções é muito nítida. Finalmente há esse caráter muito composto de ir avante, um ataque bom no American football consome muito tempo, as boas equipes mantêm a posse de bola por dez minutos às vezes. Então, um bom ataque é uma composição de muitos elementos complementares, um bom ataque se chama *drive*, não no sentido freudiano, mas no sentido de movimento no espaço. Um bom *drive* pode durar 10 mi-

nutos. Se um bom técnico faz um balanço e acha alguma coisa muito equilibrada em diferentes jogos, nunca mantém o mesmo tipo de jogada, as jogadas sempre serão variadas, porque é o caráter composto do drive que importa.

E agora já passo à análise. Vou apresentar-lhes três funções que exemplifico com o American football, mas penso que valem mais ou menos para todos os esportes de equipe. Logo mais vou dizer quais seriam, a meu ver, as modificações necessárias para descrever o futebol. A primeira função, como já havia anunciado, chamo de função ôntica ou ontológica (porém ôntica seria mais adequado). Nesse sentido, quanto ao contraste entre o algo e o nada, o que me interessa sobretudo, porém não exclusivamente, no American football, é esse contraste repetido entre a ação compacta e a não-ação, entre a ação compacta e o nada. Há um fato no qual não pensamos com muita frequência: hoje em dia, os estádios de esportes estão localizados nos centros das atividades urbanas, tendência cada vez mais forte, pelo menos nos Estados Unidos. Nesses centros de atividades os terrenos estão tão caros que só é justificável tê-los, se existe uma função específica. São espaços enormes, onde não se passa nada por duas semanas, ou seja, espaços onde só acontece algo durante duas, três ou quatro horas a cada duas semanas. Economicamente isso é uma coisa totalmente insensata; tão insensata, que me parece esconder uma função importante. Para mim, esses estádios vazios têm uma atração enorme. E creio que para todos um estádio vazio tem uma atração particular. Também é importante o momento que os americanos chamam de *taking the field*, quando o time “ocupa” o terreno vazio. Há esse momento que se celebra maravilhosamente no Rio quando o Flamengo joga no Maracanã, o momento da entrada no estádio, que é muito importante. No American football, isso se repete muitas vezes mais, porque depois de cada jogada o campo se esvazia, não há jogador no campo. No momento de freeze, a tensão é enorme entre os espectadores que se perguntam “que vai acontecer?”, mas é possível que não aconteça nada; e pode haver esse momento de “encenação do nada”. Isso, precisamente, me interessa porque creio que exista algo nos esportes, e sobretudo no American football, como uma en-

cenação; muitos filósofos, entre eles Lyotard, têm definido como questão filosófica básica a questão de como se explica que haja algo em contraste com o nada. O efeito que isso tem sobre os espectadores do American football, sobretudo por sua estrutura, não é exatamente o mesmo que no soccer. Isso cria uma tensão, um ser enfocado, descrito com uma palavra em inglês que me agrada muito: *alertness*, a tensão totalmente aberta, essa tensão muito grande: “será que vai haver alguma coisa?” A segunda função – e esta é central para mim e também a mais complicada – é a função da boa jogada. Eu descreveria uma boa jogada como epifania da forma, como evento (também é possível dizer de maneira ainda mais complicada: epifania da forma como presença e como evento). Creio ser evidente que se pode chamar uma boa jogada de forma. Mas por que digo: “forma como evento”? Há três ou quatro elementos que me levam a dizer isso. Em primeiro lugar, é evento porque a forma de uma boa jogada sempre tem que se impor contra a ameaça da entropia, contra a ameaça do caos, ou seja, contra a defesa como perigo. Em segundo lugar, ainda que no American football as jogadas estejam previamente programadas, o espectador não as conhece; assim, uma boa jogada surpreende o espectador, ou como dizem, “ela o golpeia” (*it hits him*). O importante, é que a boa jogada produz uma forma, é uma forma no sentido de “objeto temporalizado”. A forma de uma boa jogada, que só pode existir como temporalizada, faz com que uma fotografia nunca possa captar uma boa jogada. Teremos que recorrer ao vídeo ou à nossa memória, mas nenhuma fotografia pode captar uma boa jogada. Além disso, sempre que uma boa jogada se realiza, ela se acaba; desaparece sem deixar vestígios. É uma forma pura e temporalizada. Finalmente, digo que a emergência, a “epifania da forma” é uma “produção de presença”, Nesse sentido, é uma forma incorporada, uma forma que pede espaço, uma forma de corpos reais.

A terceira função que vou descrever é a função de uma oscilação entre finalidade e telos. Novamente utilizo aqui a distinção famosa (e relativa) produzida por Kant. “Finalidade” seria o atributo que convém a um elemento ou função sempre subordinada. Sempre que Kant fala de finalidade, há um nível mais alto do que aquele ao qual a finalidade

se refere. Em alemão fala-se em *Zweck* quando a finalidade é uma função subordinada. Nesse sentido, voltando ao American football, podemos dizer que o movimento de cada jogador em uma jogada é uma finalidade em relação ao telos de uma boa jogada. Seguindo o mesmo raciocínio, podemos dizer que a boa jogada é uma finalidade em relação ao telos do drive, quer dizer, manter a posse de bola. Podemos dizer também que o drive é uma finalidade em relação ao telos do *touchdown*, do “gol”; logo, podemos dizer que o *touchdown* é uma finalidade em relação ao telos da vitória da equipe. E, em seguida, podemos dizer... Não, não podemos seguir! Do ponto de vista dos espectadores, a vitória da equipe é o telos absoluto. Ou seja, precisamente não podemos trocar por nada essa vitória da nossa equipe na vida cotidiana, é um valor que só vale no estádio e isso corresponde ao que Bakhtin descreveu como a “insularidade do jogo”. Para o espectador há uma insularidade absoluta do jogo e eu creio que isso se relaciona com a primeira função, a função ôntica. Assim, a meu ver, o que todos os esportes de equipe produzem é uma tensão aberta, intensa, tão intensa que só pode se manter por duas ou três horas. Podemos pensar, então, em uma fórmula breve para sintetizar essas três funções. Em um primeiro nível (o da primeira função) coloca-se o contraste entre algo ou nada; se há algo, a jogada começa. Em um segundo nível, instaura-se a pergunta: “vai haver caos (função entrópica) ou forma (função neg-entrópica)?” Se há forma, e não caos, coloca-se a pergunta “será possível continuar ou não?” Se não puder continuar, isso quer dizer que é um “gol”, que é um *touchdown*.

Passo agora ao futebol. O que vou fazer é redefinir essas três funções; vou tentar voltar a cada função, ressaltando os aspectos que creio que o futebol compartilha com o American football e os aspectos em que diferem. Começo com a redefinição da função ôntica. O contraste, evidentemente, entre o estádio vazio e a ação compacta durante duas horas existe também, mas não existem os outros contrastes tão claros entre ação e não-ação. Não há momento de freeze por exemplo, isso é totalmente impensável no soccer. E isso me leva à hipótese de que, no primeiro nível, se o contraste “nada/ação” é importante para o soccer não o é tanto quanto para o American football.

O contraste importante para o futebol é aquele entre nada, por um lado, e a continuidade do movimento, por outro lado. Não se trata de um evento, mas de continuidade, de movimento, em oposição ao nada. Isso poderia levar – e é isso mesmo que gostaria de discutir com os debatedores – a uma conotação mais “existencialista”, poderíamos dizer, porque esse movimento contínuo implica um desafio contínuo. Em cada momento há desafio, não há um momento neutro em que um jogador de futebol poderia falar extensamente com o técnico, também não existe o *time out*. Nesse sentido, o fascínio do American football é mais nesse nível ontológico, enquanto que o soccer tem mais um apelo existencialista. Quero dizer que o tipo de identificação é muito diferente. É interessante observar que há menos protagonismo no futebol americano; alguém como um Pelé ou um Ronaldinho, creio que seria quase impensável.

A segunda redefinição é a da forma como evento ou “epifania da forma” como evento. Existe também no futebol, no soccer, a boa jogada, a forma como evento. Creio, contudo, que há duas diferenças em relação ao American football. Em primeiro lugar, a boa jogada no soccer não sai do nada, ou seja, da não-ação, sai da continuidade do movimento. É algo que tem gerado muito contraste com a Alemanha em relação às equipes brasileiras, sobretudo, a seleção, o movimento muito lento, e de golpe, vem o passe rápido e genial, toda essa mudança de ritmo. No futebol americano não há mudança de ritmo porque as jogadas são cortadas e parceladas, a possibilidade de haver um movimento lento seguido de uma jogada rápida, de haver a mudança de ritmo quase não existe no American football. Além disso, no futebol, as equipes não estão confrontadas como princípios absolutos de entropia e de neg-entropia porque não há muita clareza sobre quem é ofensivo e defensivo no jogo. Creio que o confronto maior se dá no sentido de intencionalidade e contingência. Vou explicar brevemente. A intenção de controlar a bola, o movimento para controlar a bola é muito importante porque o controle da bola nunca está garantido como no American football. No futebol é possível perder o controle da bola a qualquer momento, até com um passe da própria equipe. Isso é o que eu chamaria de “contingência”, o que pode acontecer está fora do controle da

equipe. E, finalmente, redefinição da função oscilação entre finalidade e telos. No futebol, existe a mesma impossibilidade para o espectador de converter a vitória de sua equipe em dinheiro, por exemplo. Se a equipe ganha está bem, porém só no estádio. Mas a complementariedade da boa jogada é diferente. No American football, a complementariedade de um bom drive é realmente uma coisa totalmente planejada pelo técnico, cada jogador sabe em cada momento que tem que dar três passos à esquerda, quatro passos à direita; a genialidade, a criatividade ocupam um papel bem pequeno, que me agrada, mas de qualquer maneira é muito mais planejado. A complementariedade da boa jogada no soccer, é a complementariedade entre intencionalidades, por isso, fala-se muito no futebol e nunca se fala no American football. Se dizemos que “dois jogadores se entendem cegamente”, como Bebeto e Romário no campeonato de 1994, isso é uma coisa não planejada, acontece espontaneamente, é a complementariedade de intenções realizadas contra a contingência.

Chego, assim, a uma fórmula também sintética para o futebol. Digo, em primeiro lugar, que é uma encenação do contraste entre o nada e o movimento contínuo. Se há movimento contínuo, a pergunta que se instaura do lado de cada equipe é a do contraste entre o domínio (intencionalidade) – minha equipe possui a bola – e a ameaça da contingência: perder a bola para a outra equipe. Não é o contraste entre caos e forma. Se a intencionalidade domina, se a minha equipe domina, instauram-se duas perguntas, que não se instauram assim no American football. Primeiramente a pergunta: “durante quanto tempo a equipe consegue controlar a bola?”; porque o controle da bola, em nenhum momento, está garantido no futebol. E também coloca-se a pergunta: “em que direção se joga a bola?”; porque no American football, coisa que não me mencionei, só se pode jogar a bola para a frente, nunca para trás.

Assim, creio que há uma base comum entre American football e futebol, porém, há alguns contrastes bastante interessantes que, basicamente, a meu ver – para dar uma conotação filosófica a esse contraste – é aquele entre um sabor ôntico, por um lado, e existencialista,

por outro lado. Agora, chego à minha pergunta final. A pergunta é, então, se essa distinção que faço entre o American football e o soccer tem algum valor interpretativo, algum valor representativo quanto às culturas. Muitas vezes, como disse no princípio, diz-se “este tipo de futebol é tipicamente brasileiro”, ou “expressão de alguma coisa cultural brasileira”, etc. Não vou colocar a pergunta nesse sentido porque não creio que nenhum esporte seja a expressão de uma substância, de uma alma nacional. Isso seria, para meu gosto, demasiado hermenêutico. Mas digo: claro que certos tipos de jogos e a preferência por certos esportes em diferentes países indica quais tipos e modalidades de “produção de presença” uma cultura prefere. Sabemos que o futebol é mais popular no Brasil que o American football, sabemos que há a preferência por esse tipo de “produção de presença”.

Ora, cabe a pergunta: quais são os elementos comuns a todos os esportes americanos e quais são os que parecem mais sul-americanos, ou seja, que se parecem mais com o futebol? O que não existe em nenhum esporte popular norte-americano é o contraste entre nada e movimento contínuo; não há nenhum esporte que tenha êxito nos Estados Unidos que não tenha estrutura parcelada. Esse contraste somente existe no soccer, e, na minha opinião, é o maior problema para a introdução do soccer nos Estados Unidos, não só devido à falta de tempo para a propaganda, mas também por seu ritmo que é demasiadamente contínuo. Segundo, o que existe na grande maioria dos esportes norte-americanos e não existe no soccer é o contraste entre forma e caos, entre neg-entropia e entropia, isso acontece no American football, e creio que aconteça também no basketball porque, uma vez que uma equipe está de posse da bola no basketball, muito raramente a perde, pode até acontecer que Michael Jordan perca a bola, mas há muito pouca contingência. Mesmo no baseball, durante uma metade de cada *inning*, uma equipe só pode ser defensiva ou ofensiva; essa contingência de perder a bola, de perder a intencionalidade, ter que controlar a bola, simplesmente não existe. O único esporte popular que tem esse contraste entre intencionalidade e contingência é o hockey sobre gelo. No hockey sobre o gelo, é muito difícil controlar o disco, que pode se perder a cada momento. Mas não é assim no American

football, não é assim no basketball, não é assim no baseball. Outra coisa difícil: parece que o contraste entre intencionalidade e contingência não combina com a encenação do esporte americano. E, finalmente, é interessante observarmos que, dentre todos os esportes populares nos Estados Unidos, o único que está próximo da descrição do futebol, do soccer, é o hockey. Também podemos dizer que é o esporte em que regularmente se joga o disco assim, para trás. Joga-se muito para trás no futebol, sobretudo no Brasil. Mas no American football, não se pode. No basketball, pode-se, mas não se deve fazer. No baseball, não existe equivalente. No hockey, é como no soccer, há muitas jogadas para trás.

Assim, vou acabar com uma recomendação meio séria, meio irônica à FIFA, porque, se posso fazer um prognóstico como habitante e recente cidadão norte-americano, essa nova liga de soccer não vai sobreviver. Essa liga tem, este ano, o segundo ano, a metade dos espectadores que tinha no primeiro ano; e, no primeiro ano, já não tinha o suficiente. Ora, se se pensa o que poderia ser uma estratégia para introduzir o soccer nos Estados Unidos, pergunto, em primeiro lugar, para quê? Para mim, parece muito interessante que se joguem esportes diferentes em países diferentes. Ou seja, não teria nenhuma ambição de jogar hockey sobre gelo no *campus* da USP e tenho muita ambição de divulgar o American football. Mas se se pensa e se a FIFA tem essa *mission from God* de divulgar o futebol internacionalmente, quem sabe e, isso digo meio sério, uma boa estratégia seria pensar em todos os lugares onde o *hockey* sobre gelo é popular, porque esse é o único jogo popular nos Estados Unidos que, filosoficamente, conceitualmente, é parecido. Assim, poderiam pensar, quem sabe, o Canadá seria melhor do que a Califórnia para o futebol na América do Norte. Muito obrigado.

WILLI BOLLE

Sepp, você nos deu aqui uma aula magna. Muito obrigado. Vamos passar agora a palavra aos colegas...

FLÁVIO AGUIAR

Em primeiro lugar, eu queria agradecer o convite do Willi para participar desse encontro e ter o prazer de conhecer o Gumbrecht que eu já conhecia por referências. Em segundo lugar, eu queria dizer que eu estou um pouco surpreso pela natureza do jogo. A informação que eu tinha é que ia ser um jogo entre Brasil e Alemanha, e disputado num campo de futebol, soccer. E agora, de repente, eu me dei conta de que é, na verdade, um quadrangular; porque, não só estão em jogo Brasil e Alemanha no campo do futebol, mas entrou também a equipe do futebol americano e, como o Gumbrecht falou em castelhano, isso aqui virou um Brasil e Argentina. Como se sabe, entre Brasil e Argentina, não há amistoso... É guerra o tempo inteiro. Em terceiro lugar, eu queria cumprimentar, também, o Gumbrecht por essa exposição fazendo a epifania da presença de ambos os esportes: o futebol por comparação com o futebol americano. Em último lugar, nessa introdução também um pouco longa, eu queria dizer que a minha única qualificação para discutir esse assunto é que eu, talvez, seja a única pessoa aqui que já jogou os dois. Os três, se contarmos também o hockey, embora eu tenha jogado uma modalidade de fundo de quintal, sobre gelo, de tênis, com vassoura e bola grande. Não é muito elegante mas é bastante divertido. Então, eu desenvolvi alguma idéia sobre essas questões; do ponto de vista muito mais prático do que outra coisa. Uma questão que eu queria levantar se refere a isso que o Gumbrecht colocou como a epifania da forma e se refere à noção de boa jogada. Outra questão se refere, propriamente, à distribuição do jogo, digamos, isso que ele qualificou como a função ôntica. E depois, queria fazer só algumas observações, envolvendo, então, os esportes e o comportamento, uma vez que esse era o tema que me havia sido dado inicialmente, o comportamento de algumas dessas equipes aqui mencionadas. Sobre a questão da boa jogada, a única coisa que eu tenho idéia é de que, dependendo da forma com que a equipe joga, no *soccer*, no futebol, existe um telos mais evidente e pronunciado da boa jogada. Uma boa jogada é muito mais um valor em si. Por exemplo, ontem nós vimos o jogo Brasil e Alemanha que acabou em três a três, e há um momento em que o Careca pega a bola e sai fazendo balãozinho na ponta. Aquilo, do ponto de

vista da finalidade do jogo, que é ganhar do outro time, é uma inutilidade... ele deveria ser multado pelo técnico por ficar perdendo tempo, embora o Brasil estivesse ganhando de um a zero, ou alguma coisa assim. Mas aquilo é uma boa jogada, aquilo é uma finalidade em si mesma. Aquilo é uma epifania da forma porque atinge, eu penso, o objetivo do futebol que é a mineralização do adversário. Quer dizer, deixar o adversário aplastado, colocá-lo no seu lugar. Aquilo que é simbolizado, por exemplo, no futebol, pelo gol. O gol deixa o goleiro caído ou imóvel, aplastado; tira o equilíbrio dele. Então isso é o telos, eu diria, do futebol: mineralizar o adversário, reduzi-lo à condição de natureza. A outra questão, que diz respeito à distribuição do jogo, se refere à noção de espaço vazio. Espaço vazio e a contrapartida: preencher o espaço. Eu penso que, no futebol americano, assim como no basquete e, de certa forma, como no *baseball* e no *hockey*, também não há espaço vazio. Porque o jogo se dá inteiramente entre os jogadores e pela posse da bola. É impossível, por exemplo, no futebol americano, uma jogada como: lançar a bola no espaço vazio; ou se faz o passe para alguém ou não se faz. Não há essa noção, digamos, de você jogar a bola num ponto e o jogador ter que correr até lá. No futebol americano você joga a bola para um *catcher* à frente, mas o passe é preciso: ele já está correndo para receber, e frequentemente já está sendo marcado pelo adversário. O sucesso do passe vai depender da precisão do quarterback, da velocidade do receptor e da sua agilidade para pegar a bola. A relação é direta, sempre, entre o que passa e o que recebe. No futebol uma grande jogada e muito eficaz é a de lançar a bola no “espaço vazio”, à frente, atrás, ou para o lado, onde aparentemente não há ninguém – mas vai haver. Isso muda a condição do jogo porque eu penso que, no futebol, existe uma luta, ao mesmo tempo que existe a luta pela boa jogada – quem mineraliza o adversário, driblando – existe uma luta pelo preenchimento dos espaços. Ontem, quando nós vimos o jogo Brasil e Alemanha, isso ficou muito claro. No primeiro tempo, não havia espaço para a equipe alemã jogar; no segundo tempo, eles ocuparam o espaço. Ocupar o espaço não significa só estar com a posse da bola, na verdade, significa distribuir – de certo modo significa prever o futuro – distribuir os jogadores de modo que as jogadas do adversário sejam, mais ou menos, contidas pela própria equipe. Eu penso

que isso remete também a algumas formas de presença e ausência nesses esportes que são ditos “nacionais”. Eu concordo com o Gumbrecht que é impossível dizer que uma equipe representa a alma nacional ou coisa que o valha, mas que há esportes que, galvanizando coletividades, galgam esse posto de serem considerados esportes nacionais. O futebol americano, até como, para nós, o nome diz, é um jogo profundamente identificado com os Estados Unidos, assim como o futebol é identificado com vários outros países e é identificado como um esporte nacional nesses países. Assim como o *hockey*, por exemplo, eu penso que ele é identificado como um esporte nacional, eu diria nem no Canadá, é no Quebec, é em Montreal; quer dizer, o *hockey* sobre o gelo é um fenômeno de Montreal. Eu penso que a diferença está na direção de que esse dado de haver a possibilidade do espaço vazio no futebol indica, propriamente, uma presença; é uma presença outra que não é propriamente do humano. Eu penso que o futebol é um jogo que se joga contra a natureza. É uma espécie de teologia sem deus, não há deus. E aí, se me permitem a expressão, eu diria que é uma teleologia do corpo, nesse sentido de preencher os espaços porque o espaço é traiçoeiro. Preencher o espaço vazio significa neutralizar a possibilidade de que o espaço vazio te traia, ou seja, que a bola se perca ou que o adversário recupere a bola e comece, por sua vez, imediatamente, um ataque. No futebol americano, isso se dá muito mais num jogo absolutamente entre homens – e aliás, são homens mesmo porque até o momento não há futebol americano de mulheres, embora aqui comece a haver... o futebol de mulheres – esse confronto se dá entre duas equipes radicalmente humanas e elas é que têm que controlar o jogo entre elas. A tal ponto isso chega, essa presença do humano que, na verdade, o futebol americano é disputado, ao mesmo tempo, por quatro equipes: são duas equipes defensivas e duas equipes ofensivas que jogam cruzadamente, mas elas nunca disputam entre si, a não ser no momento em que ocorre esse descaminho, que é a *interception*, então a equipe defensiva, momentaneamente, desempenha uma função ofensiva. Isso me leva a algumas considerações muito gerais sobre o tema inicial... Eu penso que há, por *n* razões, nas manifestações desse esporte algumas visões epifânicas de formas messiânicas. No futebol americano, parece-me que os jogadores disputam o jogo contra si mesmos. Isto é: “supera-te e chegarás à

glória; se conseguires realizar toda essa série de requisitos contra um adversário que está numa posição, claramente, inferiorizada, chegarás – esse chegarás pode ser no plural também – chegarás à glória”. Já no futebol, eu penso que a situação é outra... Eu penso que, inclusive, como o futebol é um esporte jogado mais variadamente ao longo do mundo, em cada circunstância, se colocam telos distintos. Por exemplo, falemos na equipe alemã... não só na que vimos no vídeo, ontem. Embora não tenha a experiência do Gumbrecht, lembro-me de ouvir no rádio a transmissão do famoso jogo Alemanha x Hungria em 1954, em que a Alemanha, depois de estar perdendo de dois a zero, venceu de três a dois e ganhou a Copa do Mundo. Ontem vimos o jogo aqui em que a Alemanha, depois de estar perdendo de três a zero, empatou com o Brasil em três a três. O que eu vi ali foi um pouco de uma manifestação de uma ética baseada no princípio: “trabalha e serás recompensado; e se todos chegarem lá, tu chegarás também”. O que eu penso que é um sentimento, quer dizer, é uma fabulação, eu estou fazendo uma interpretação aqui, é uma fabulação muito presente no esporte alemão. Por fabulação, eu entendo não só o jogo, mas o jogo mais as estruturas de significado que os personagens investem nesse jogo: os jogadores, a assistência, o comentarista, todos eles. Do lado do Brasil, o que nós vimos foi mais uma manifestação de que “o paraíso está ao alcance da mão”. O Brasil estava ganhando, três a zero; um a zero já era o suficiente para o outro começar a fazer embaixadas dentro do campo... e acabou perdendo, quer dizer, perdeu o jogo. O jogo de ontem foi três a três, mas, na verdade, a Alemanha ganhou o empate e o Brasil perdeu o empate. Esse jogo, e muito do estilo brasileiro em campo parece dizer: “O paraíso está ao alcance da mão, ou ao alcance do pé; se tiveres a graça de chegar lá, todos irão contigo ou vão te admirar. E uma vez lá, aproveita e goza porque ele é curto”.

ANTONIO MEDINA

Gostei muito da sua exposição, Gumbrecht. Quero lhe dar, então os parabéns por sua simpatia, seu modo muito claro, muito empolgado de expor e pelo talento que você tem, não em fazer uma

associação entre a filosofia e as modalidades esportivas, mas de buscar um fundamento comum entre elas. E foi, justamente, esse aspecto que me prendeu mais a atenção: o fato de que o Gumbrecht não fez uma analogia entre o pensamento, a filosofia e a prática esportiva; ao contrário, ele tentou encontrar uma raiz comum que, para mim, está naquela diferença que ele estabeleceu no futebol americano entre o silêncio e o reinício da competição. E eu achei, também, bastante interessante como ele caracterizou esse silêncio em sua oposição com o reinício das ações. Então, ele disse que isso tinha um caráter mais ontológico quando comparada com *soccer*, que tem uma característica mais existencial. O ontológico aí, eu entendi no sentido de: há a ação ou não há, absolutamente, ação. Então, acompanhando esse caráter ontológico, eu vi, aí também, um paradigma do raciocínio dele, como fundamentado numa espécie de lógica das proposições. A lógica das proposições se inspira nessa dimensão ontológica: ou é o ser, ou é o não-ser. É muito diferente mesmo do futebol jogado no mundo inteiro, não me parece ter esse caráter proposicional, estabelecendo, digamos, agora vou falar simbolicamente, vou alegorizar um pouco, o patético da morte e o símbolo da vida... Pois é isso que me parece estar representado, condizer muito com a civilização americana de um século e meio para cá; sobretudo porque o americano tem uma forma de encarar o vazio, a morte, uma forma prática, codificada de encarar os limites da existência. Agora, no caso do *soccer*, não vejo essa oposição proposicional. Quer dizer, ou uma coisa existe ou uma coisa não existe e esta é a estrutura *ab ovo* desse esporte. No caso do futebol no Brasil, existe um caráter mimético que não há no futebol americano. Como, mimético? No sentido de que a prática futebolística jogada com o pé está muito próxima da cotidianeidade natural da nossa vida. Se nós jogamos, num campinho qualquer, uma bola, a garotada vai jogar; mesmo aquele que nunca jogou bola, ele vai correr atrás da bola. Isso está a um passo da vida, a um centímetro da vida; coisa que não está no futebol americano que é todo codificado, é um domínio sobre a natureza, é um outro tipo de organização da vida, é um tipo, digamos, metonímico, estabelecido, com uma verdadeira álgebra... e no caso do futebol, não. Embora o futebol tenha sua codificação de regras, estas estão próximas das regras mais frouxas

da vida cotidiana. Para dar um exemplo: se eu chego a um país africano e jogo lá uma bola de futebol americano, eu volto, depois de três anos e não vejo futebol americano; mas se eu jogo uma bola das nossas, posso depois encontrar uma seleção. Aliás, uma boa seleção, que traz novidades para o discurso futebolístico, como nas recentes Olimpíadas, onde tomamos uma lição. Então, eu vejo o futebol, o *soccer*, como muito mimético e o paradigma central entre vencedor e vencido é o do escravo e do senhor. Quer dizer, no futebol, existe sempre o perigo de, perdendo-se, virar escravo; e de, ganhando-se, virar senhor. É coisa meio carnavalesca, porque a cada semana muda tudo de novo. O jogador, quando é derrotado na semana, fala: “bom, a gente tem que ser humilde...”. Humildade, a coisa do escravo: “Temos que ser humilde, abaixar a cabeça, jogar com toda a consciência, ir na jogada, esquecer a derrota, aquilo foi a derrota...” Então, ele é menino de engenho quando perde. Depois, quando vence, fica insuportável. Então, eu acho que esse paradigma, que é natural... eu chamo de paradigma natural nas populações que eu conheço, nos povos que eu conheço melhor... não existe no futebol americano, onde você tem uma coisa, mais ou menos, semelhante à estrutura dos poemas homéricos. Nos poemas homéricos, ocorre esse intervalo. Parece que não, na *Ilíada*, parece que é porrada atrás de porrada. Mas não é não... porque são muitas e muitas cenas e cada cena tem o seu final. Há um silenzinho, come-se um churrasco e, depois, volta-se para a porrada de novo. Então, o americano é uma coisa mais épica. O nosso não, é uma coisa mais irônica, mais imitativa, que estabelece uma imitação natural da cotidianidade e, no futebol americano, não aconteceria isso; é um jogo mais logaédico, já estabelece um tipo de patetismo que é um patetismo mais transcendental; o nosso é sociológico: “ganhamos, somos os melhores, e tal...” Há times de bairro... há tudo isso. E, no futebol americano, então, me parece que a coisa tem um tipo diferente de semiótica. Ainda, retomando um pouco, eu acho que aquela idéia que você falou, da hóstia, de trazer o presente, de fazer com que o presente tenha eloquência... parece-me que é um dos grandes lapsos da vida contemporânea. É que a gente vive no passado ou no futuro, quase não vive no presente. Quer dizer, fisicamente nós estamos no agora, mas, o Martin Buber, por exemplo, tem

uma especulação muito boa sobre isso.... nós vivemos muito no passado ou muito no futuro; no presente, nós não temos atividade muito expressiva. Parece-me que o futebol tem mais esse lance da presentividade justamente porque a regra nele não é tão forte. Ele tem uma atividade física mais completa, mais polimorfa; o futebol americano já me parece muito metonímico, já encaixado, como nos poemas homéricos em que cada verso tem estrutura; cada constituição de estrutura já é, mais ou menos, fabricada. Então, eu acho que a conquista do presente, o que um filósofo da Idade Média, o Duns Escoto, chamava de *aecceitas*, quer dizer a filosofia do “isso”; do isso que está acontecendo agora e que pode ser aquilo ou muito pelo contrário; mas sempre é uma coisa indicial, que está apontando ou sendo apontada. Isso me parece que ocorre no futebol e, por isso, ele é eleito, no mundo inteiro, sobretudo nos países do Terceiro Mundo, como uma grande coisa, como um interpretante da cultura. O futebol, cada vez mais, nos países pobres, está sendo uma forma de acesso à literatura, ao pensamento, ao protesto social... porque, sendo mimético, e de um mimetismo tensamente aderido à realidade, tem possibilidades de interpretar essa realidade. Ele não é um erga, como no caso do futebol americano que é um belíssimo produto da civilização americana. Nós não temos esse luxo, o nosso futebol tem que ser a nossa cirurgia. Então, é assim que eu vejo essa diferença. Mais uma vez, parabéns pela exposição.

JOSÉ MIGUEL WISNIK

A exposição que nós ouvimos foi extremamente rica e provocadora ao procurar mostrar que os jogos não são suscetíveis de interpretação; o fundamental neles seria algo que resiste à “interpretabilidade”, enquanto a interpretação quer tomar o corpo que está em presença e a produção de presença que o jogo produz como significante de uma “outra coisa”. Foi, portanto, acusado um defeito de perspectiva naquele tipo de reflexão sobre o futebol e outros esportes que os tome como modo de remeter a um suposto sentido simbólico, alegórico, explícito ou cifrado. Foi mostrado, assim, que antes de mais

nada os jogos querem produzir uma presença que, ela mesma, resiste à delegação de sentido. Ao lado disso, assinalou-se que a produção contemporânea de presença tem a marca fugidia de um ioiô, de algo que se aproxima e que se afasta e que portanto, enquanto presença mesma, não pode ser inteiramente capturada. Nesse sentido, sua forma talvez mais exemplar ou primeira de manifestação seria essa espécie de suspensão entre o ser e o nada que foi detectada como pontuando a cada momento o futebol americano.

Foi extremamente interessante por outro lado que esse *parti pris*, quer dizer, essa tomada de posição contra a idéia de que no esporte haja sentido interpretável, tenha derivado, ao longo da exposição, para uma certa recuperação de sentido; ou seja: depois que a bola rolou o jogo foi fazendo sentidos. E isso não só no modo como o Flávio leu, depois, os vários esportes e a relação entre eles, mas na própria exposição do Gumbrecht. Seria interessante, filosoficamente, perguntar como isso acontece. Talvez, a gente devesse pensar no fato de que os jogos são ao mesmo tempo produção de presença e produção de sentido; e que essa produção de sentido é tão fugaz quanto a produção de presença. Se há um ioiô entre a presença que se acerca, que se aproxima e que foge, haveria também, nos jogos, algo como um sentido que se aproxima e que foge. Nesse caso, poderíamos dizer que os jogos fazem sentido, embora isso não elimine o fato de que a crítica a uma hermenêutica do esporte como fixação de significação continuasse válida; ou seja, nós podemos refazer esse percurso que leva da não-hermenêutica a uma reavaliação das relações entre produção de presença e produção de sentido.

Sobre isso, então, eu queria fazer alguns comentários que dizem respeito ao nosso próprio encontro, tomado como exemplo: ele foi arduamente preparado por nós, em equipe, com um afã acadêmico e transdisciplinar raro. Ontem nos reunimos aqui, o Flávio, eu e o Willi (o Medina não pôde vir) para assistir o jogo de junho de 93 – Brasil x Alemanha, três a três, tomado como “texto” básico do encontro. Nas circunstâncias, o jogo, muito bem escolhido pelo Willi, dificilmente poderia deixar de ser um empate. E se emblematicamente

ninguém poderia ganhar, isto vai muito além de um simples questão de cortesia. É que o antagonismo paradigmático entre duas grandes escolas de futebol, redobrado com divertido prazer por esta mesa de professores aficionados, envolve uma espécie de rito de confronto das diferenças entre Brasil e Alemanha (oficiado pelo Prof. Willi Bolle também como um rito particular de resolução da dupla nacionalidade).

No capítulo “A ciência do concreto”, d’ *O pensamento selvagem*, Lévi-Strauss diz que o jogo pode, às vezes, ser jogado como rito. Ele cita o caso de tribos da Nova Zelândia que aprenderam a jogar futebol e que não o faziam para que um time vencesse o outro; ao contrário, jogavam o tempo necessário para que houvesse empate. Ou seja, a produção de presença, naquele ritual, queria ser a produção de um sentido que se expressava no fato de os dois times, de algum modo, marcarem entre si uma diferença a ser reduzida, através do jogo de compensações do rito, a uma igualdade final. Lévi-Strauss diz que o rito é convergente e o jogo divergente; ou seja, o rito parte de uma diferença entre campos opostos (postulados, por exemplo, como o dos vivos e dos mortos, de certo modo correspondente ao nosso totêmico casados x solteiros) mas justamente para promovê-los a uma condição de paridade e convergência. Ou seja, parte-se de uma desigualdade para atingir a igualdade; ao passo que, no jogo, parte-se de uma igualdade abstrata, estampada no zero a zero do placar, para que o seu desenvolvimento produza a diferença; ao final do jogo, um dos times poderá ter saído vencedor do outro, embora seja do fundamento do jogo que essa diferença seja depois zerada para que o jogo possa recomeçar novamente dessa espécie de neutro fundante que o origina.

Então, nós temos aqui e estamos tendo, de certo modo, oficiado pelo Willi, um rito de aproximação à questão do jogo e às diferenças Brasil x Alemanha como um convite a estabelecer um lugar possível em que essas diferenças se compensem, de algum modo, e se expressem como uma possível paridade. Este movimento eu acho que é indicador dos múltiplos modos como as regras do jogo são

adaptadas à necessidade que temos de, ao jogar, de algum modo permear o jogo com investimentos daqueles que estão jogando, dentro ou fora do campo. Com isto, eu estou querendo postular a idéia de que, no campo de jogo, onde se produz a presença, estão investidas tendências formadoras de sentido que escolhem o jogo e que jogam o jogo. Afinal, se Gumbrecht mostrou que é impossível, inútil, inviável e, em última análise, desnecessário pensar em implantar o soccer nos Estados Unidos, é porque ali essa forma da produção de presença *não faz sentido*. A própria análise que ele fez mostra que não há um esporte popular americano em que a idéia da planificação e da articulação não esteja presente em cada momento e que, portanto, não haja uma jogada que, além de poder ser interpretada como boa, no sentido da epifania da forma, não possa ser interpretada como um passo e um movimento na quantificação geral do jogo. Ou seja, não há movimento que não seja diretamente relacionado à codificação da quantidade; e essa é uma diferença fundamental entre o futebol americano e o futebol tal como ele existe no resto do mundo; porque, de fato, se implantou, se constituiu e se firmou no mundo americano um tipo de jogo onde é possível, a cada momento, saber que um movimento avança tantas jardas ou as recua. O campo é uma régua estampada em que uma jogada pode não atingir seu objetivo, mas ela necessariamente estava sendo reticulada por uma cartografia da quantidade inscrita no próprio terreno.

Nós podemos dizer, baseados na própria clareza da exposição feita por Gumbrecht, que os casos do basquete, do vôlei e do bêisebol (com a exceção do hockey) são a seu modo comparáveis, nesse sentido: todos esses são jogos em que a malha da quantificação é suficientemente apertada para não deixar que o jogo se desenvolva em áreas livres dela. Desse modo, essas modalidades de produção de presença supõem um campo comum de produção de sentido implicado entre elas, o mesmo que faz com que não faça sentido presentificar o futebol, tal como nós o concebemos, num mundo onde a quantidade não possa ser aferida a cada passo. A insistência desse tipo de escolha no contexto americano pode ter nexos históricos, sócio-culturais, cuja interpretabilidade pode se constituir numa interrogação

interessante. Em qualquer caso, no entanto, o saldo está na constatação de que o futebol não representa algo a ser interpretado, mas apresenta algo que chama e foge à interpretação (de certo modo, como a música).

Nesse sentido, o futebol mundial, o do resto do mundo, é um jogo de grandes zonas de variação existencial, como foi muito bem colocado por Gumbrecht e glosado pelos comentaristas. Há uma margem de acontecimento muito grande que pode não se traduzir nem numericamente no resultado do placar e nem, espacialmente, numa perda ou ganho de terreno; porque pode-se avançar e pode-se voltar, pode-se perder a bola e estar com ela em momentos sucessivos e o jogo pode passar longo tempo sem que nada “aconteça”. Mas isto é que dá a ele aquelas flutuações fabulares e literárias, se quisermos, e se pensarmos que ele admite variações épicas, líricas, paródicas, carnavalizações, momentos dramáticos... que são instâncias que aparecem e desaparecem, concentradas e distendidas numa temporalidade complexa que pode fazer de uma partida, às vezes, uma verdadeira sinfonia de Mahler.

No jogo que nós vimos ontem, afinal, a escolha revelou-se significativa também porque aquela partida é quase uma síntese do futebol brasileiro e do futebol alemão, naquilo que essas seleções viveram ao longo de suas sagas. Porque é curioso que, no primeiro tempo, o Brasil venceu de três a zero; no segundo tempo, a Alemanha venceu de três a zero. Sendo que eram, naquele momento, – permitam-me interpretar, mas interpretar como um jogo poético, no caso – duas seleções com três títulos mundiais testando suas forças às vésperas de uma nova Copa do Mundo que poderia alterar esse quadro a favor de uma ou de outra. O número três, por sua vez, é um número fundamental – eu não estou falando em termos místicos – à estrutura narrativa. Penso nas triplicações fabulares que compõem a morfologia do conto popular, por exemplo, tal como descritas por Propp. Um acontecimento único é quase um acidente, sua repetição pela segunda vez pode ser acaso, mas três vezes configuram uma estrutura, uma ordem das coisas. Por isso, três vezes garantem ao time a conquista

definitiva da Copa, como num conto de fadas. Na partida “ritual” que assistimos, as duas equipes se impuseram através da triplicação recíproca que ressoava suas conquistas anteriores: no primeiro tempo, os três gols brasileiros; no segundo tempo, os três gols alemães. Os gols brasileiros foram gols que resultaram da criação de espaços onde os espaços não existem; é justamente o movimento de variação do ritmo da jogada que permite que uma bola surja num lugar inesperado e que possa, portanto, resultar um gol de uma jogada imprevista e algo paradoxal porque o jogador surge num lugar onde ele não estava e a bola surge num lugar onde não estava, portanto, parece ocupar um lugar que não existia para ela. Pasolini escreveu sobre as várias escolas de futebol como comparáveis aos gêneros literários. O Brasil (da Copa de 70) jogaria um futebol poético, segundo ele, não-linear, mais oximórico que silogístico (poderíamos dizer) ao fazer com que a bola esteja onde ela não está, de passar por um espaço impossível. Ao passo que existe futebol jogado em prosa, às vezes boa prosa realista, às vezes, uma prosa protocolar. Nada obriga a que uma seleção nacional siga um determinado estilo, mas, digamos, existem estilos tendenciais que caracterizam as nações futebolísticas, fases em que esses estilos entram em crise ou em contradição consigo mesmos, fases de fastígio, de perda ou redescoberta, etc. Por exemplo, no Brasil, a questão fundamental é uma oscilação permanente entre a potência e a derrota; que é o que está expresso em Nelson Rodrigues: o fato de que o Brasil seria uma potência mundial no futebol que carrega consigo o “complexo de vira-lata” que o faz perder quando parecia já ter ganho ou quando poderia ter ganho. Esse movimento vem da Copa de 50 como tragédia: construiu-se o maior estádio do mundo, esteve-se com o título na mão, estava-se ganhando quando era preciso apenas um empate e o time foi tomado de uma espécie de apatia em campo, uma abulia que lembra as narrativas que temos sobre D. Sebastião na batalha de Alcácerquibir. Em suma, perde-se o que parecia inequivocamente conquistado, e até talvez por isso mesmo. É sintomático, nesse caso, que a taça Jules Rimet tenha sido conseguida pela triplicação macunaímica (o tricampeonato) e, depois, por uma confusão entre o original e a cópia, ela tenha sido roubada por alguém, não se sabe quem e tenha se transformado, talvez, em dente de

malandro.... Como a muiraquitã de Macunaíma, ela é aquele bem que se conquista, que se teve a capacidade de se conquistar e de perder, sugerindo justamente aquela tentação do paraíso próximo e ao mesmo tempo curto enquanto se o goza (como o Flávio tinha observado a respeito do 3 x 3 exemplar). Enquanto que a Alemanha, por seu lado, realizou ali o evento épico de renascer das cinzas, o que não deixa de ser um padrão mítico da experiência alemã (o Flávio falava sobre isso ontem).

Portanto, produção de presença e produção de sentido estavam aí o tempo todo, flutuando. Eu gostaria que esses comentários enriquecessem a discussão, no sentido de acolher a pertinência das observações iniciais e de matizá-las.

WILLI BOLLE

Depois dos comentários dos professores Flávio, Antonio e José Miguel, vamos ouvir a resposta do Professor Sepp Gumbrecht.

HANS ULRICH GUMBRECHT

Começo com três observações preliminares. Primeiramente, queria agradecer ao Flávio pelo que ele disse sobre o *hockey* sobre gelo. É o esporte por excelência de Montreal; lá, eles vibram com hockey. Segundo, eu queria mencionar, como homenagem ao Brasil, que a primeira partida que eu vi na televisão foi Brasil vs. Suécia, 5 a 2, em 58, a primeira Copa do Mundo transmitida pela televisão. Namorei com o Pelé, claramente, queria ser Pelé, Pelé jovem, Didi, Pelé, Vavá, etc. Ainda poderia reproduzir os nomes dos onze jogadores...

Eu tinha medo, de certa forma, que a minha posição, tão acentuadamente não-hermenêutica, recuperasse, de certa forma e apesar da minha intenção, aquela dimensão de sentido. Percebi isso enquanto preparava a palestra. Mas seria interessante dizer, se não posso evitar

aquela retomada de sentido, qual seria a coisa especial naquele retorno. Talvez seja uma coisa que se poderia chamar de “produção de sentido a contrapelo”, uma produção de sentido sob condições muito negativas. Seria como se fosse um ritual feito para não produzir sentido e do qual, finalmente, emerge o sentido. Seria uma fórmula muito interessante para se desenvolver, uma tarefa que tem futuro. Como vocês vão ver, vai ter futuro no meu livro... porque acho que é uma dimensão nova e importante. Que daqui não deveria sair sentido, concordamos – no entanto, emerge sentido. Mas, o que isso quer dizer: que emerge sob condições muito negativas? Essa seria uma pergunta muito interessante que não vou perseguir sistematicamente, mas que vai ser um pouco o *leitmotiv* para os meus comentários aos três colegas.

Emergência de sentido quando não deveria sair sentido – o que quer dizer isso? Parece que a gente concorda sobre a produção de presença, é uma boa fórmula. Mas, então, apesar disso, produz sentido. Algumas observações mais particulares: primeiramente, esse contraste é interessante, é verdade que a boa jogada não finalizada não existe no American football, é impossível. É totalmente impossível que o jogador mais elegante do football, hoje em dia, o Jerry Rice, faça uma jogada que não tenha um fim, que não seja finalidade para um telos... Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a hipótese da jogada como emergência de forma é ainda mais verdade no futebol, no soccer, do que no American football, porque no soccer é cabível que essa forma não seja finalizada.

Vamos agora à questão da distribuição do espaço. É interessante que, historicamente, existia espaço vazio no American football, porque o football emergiu somente como jogo de college. Só nos anos 20 começa a ser praticado de modo profissional, mas de uma forma muito ruim; só a partir dos anos 50, 60 se vai preparando para a glória atual... Nos anos 20, quando o quarterback tinha a bola, normalmente não lançava a bola, só entregava a bola. As poucas vezes que ele lançava a bola, gritava “ball”. Quer dizer que ainda não tinha jogada preconstituída, mas era, ainda, o jogo (desesperado) no espaço aberto. Ele dizia “ball” para os jogadores fazerem qualquer coisa com

a bola. Então, nesse sentido, o espaço vazio é um fenômeno histórico. É verdade que, hoje em dia, não existe espaço vazio. A coisa é interessante porque vai se ligar com as outras observações. Quando o jogo está em andamento, é verdade que não existe espaço vazio, mas existe espaço vazio quando o tempo está parado, porque, neste momento, o campo está totalmente vazio. Então, quando se joga, não há espaço vazio como no futebol, mas, quando se pára, há um espaço totalmente vazio. A distribuição entre espaço vazio e espaço ocupado é importante nos dois jogos, mas a distribuição é totalmente diferente. É a minha hipótese que essa distribuição diferente de espaço vazio e espaço ocupado produz tonalidades teológicas, religiosas, ritualísticas, diferentes... Acho que todas as observações que vocês fizeram convergem sobre a questão das tonalidades diferentes, numa perspectiva quase teológica ou religiosa. (Não gosto de dizer: quase religião, mas é uma coisa assim.) Talvez no seguinte sentido: quando dizemos que, no geral, o espaço vazio é um espaço transcendental, tem uma relação com a transcendentalidade, a transcendentalidade do American football fica mais absoluta porque é uma transcendentalidade que nunca permeia o jogo, mas que, constantemente e sempre, está no âmbito do jogo. Então, seria um pouco o contraste entre teologia cristã e teologia islâmica. O deus da teologia islâmica é absolutamente transcendental; é impensável ter um diálogo com Alá, absolutamente impensável. Santos, no sentido cristão – como mediadores – não existem. Nesse sentido, então, se poderia dizer que, se nos dois jogos, existe o vazio como equivalente da transcendentalidade, esta fica mais absoluta, mais isolada no futebol, como você disse, permeando o jogo. No American football, nunca vai permeando o jogo; historicamente talvez sim, mas hoje, não.

Então, continuando com minhas observações sobre aquelas diferentes tonalidades, vou fazer três observações finais. Primeiro, acabei a parte sobre o American football com aquela fórmula bem proposicional: primeiro nível, algo ou nada; segundo nível, se existe algo, caos ou forma; e terceiro, se existe forma, continuação ou fim. Quando tentei inventar uma fórmula semelhante para o futebol, não me saí bem. Parece impossível descrever o futebol, o soccer, com uma fór-

mula tão nítida, tão proposicional, tão de lógica analítica porque tem uma teologia, uma religião muito mais permeável como a vida diária.

Segundo exemplo: é um exemplo sobre os meus dois filhos, um tem 19, outro tem 8 anos, jogam American football. O mais velho, quando sofreu uma derrota... é horrível uma derrota para um jogador de American football, é terrível. Então, ele voltou para casa e ficou feroz, ficou deprimido, com depressão clínica. Eu falei assim: "(...), mas você tem tido um jogo muito bom, né? O time perdeu, mas..." Ele me dizia laconica e claramente: "fuck you!". A consolação cristã de dizer "perdeu, mas com humildade...", não existe. A derrota é total. Para mim, é como um paralelismo estrutural com uma transcendentalidade absoluta e essa outra transcendentalidade, que tem a capacidade franciscana do cotidiano de fazer jogos, que seja um pouco suja, mas não tanto. Isso, no American football, não existe.

Finalmente, vou fazer um comentário sobre aquela tonalidade religiosa. Não é uma contingência que eu tenha utilizado tanto conceito aristotélico na descrição no American football porque é muito de matéria, de quantificação, de substância e forma e se presta menos à interpretação nesse sentido. Então, eu diria, a "produção de presença" também é mais agressiva, embora concorde que, se finalmente, em todos os esportes, o sentido reemerge, a produção de presença é mais agressiva, é total no American football. Esse momento de felicidade total ou de derrota total é maior. Ontem, eu vi um jogo na televisão em Miami, trocando de avião, e vi um *running back* que ficou totalmente exausto, mas a sua felicidade foi tal que parecia um perigo para sanidade mental dele. Foi uma coisa tão explosiva! Aquele comentário de ser humilde, mas feliz, "vou dedicar essa vitória à minha mulher" não existe no American football, a coisa é muito mais absoluta. Então, seria interessante seguir – mas não vou seguir – utilizar antropologia da religião para elaborar esses contrastes... porque, acho que, começando com a distribuição de espaço, chega-se a teologias diferentes e, via teologias diferentes, chega-se a estados mentais, psicológicos, de participação também dos espectadores, muito diferentes.

WILLI BOLLE

Sepp, permita-me uma pergunta final. Será que, com a introdução do futebol na Estética, haveria a necessidade de remapear esse domínio do conhecimento? Assim como na reestruturação da Estética de Hegel com relação à de Kant, quando o belo natural ficava de fora das indagações estéticas, que passaram a se centrar em torno do conceito do belo artístico? Ou como nas considerações de Walter Benjamin, para quem a invenção da fotografia não significava apenas uma forma de arte a mais, mas a necessidade de se repensar as artes em seu conjunto. Será que, com a introdução da estética do esporte e, em particular do futebol, estaria se refazendo o próprio conceito de Estética hoje em dia?

HANS ULRICH GUMBRECHT

Vou tomar a tua pergunta como pergunta histórica, não pretendendo que seja pergunta e resposta finais. Historicamente, eu diria o seguinte: o século XVIII alemão é a ponta de arranque da estética como sub-disciplina filosófica. Na vida diária de Kant tinha muito pouca coisa estética. Mas, na sua filosofia, o interessante é que a estética vem só na Terceira Crítica porque ele percebe que, entre a Primeira Crítica e a Segunda Crítica, fica um abismo, uma coisa que não permite a mediação. Então, nesse sentido, Kant começa a falar dos fenômenos sensuais, da percepção que não tem nem critério nem conceito dos julgamentos. A miséria dessa estética filosófica é quando se começa a conceitualizar o que não permite conceitualização, quando recupera a hermenêutica. Nesse sentido, a minha agressão contra a hermenêutica, o meu interesse pelo não-hermenêutico, pelo não-interpretativo (admitindo que sempre vai existir interpretação) converge com o *feito* que hoje em dia o conceito interessante na estética do Kant é o sublime e não o belo. Porque o sublime é, precisamente, aquela coisa que não se pode interpretar. Então, eu diria que, talvez, o que acontece seja uma volta ao projeto de uma estética, projeto original, nesse sentido, não tanto um remapeamento, mas no

sentido de reduzir a própria hermenêutica, na estética, ao seu devido lugar. É, ao mesmo tempo, uma volta à origem e um remapeamento, sobretudo remapeamento, porque acho que a estética acadêmica, não só a acadêmica como a dos jornais, fica um tanto ossificada porque só joga com elementos canonizados, tem que ser livro, tem que ser teatro municipal, tem que ser concerto clássico, mas na parte cultural, a estética fala bem pouco de esporte, que se encontra em outra seção no jornal. O resultado socialmente interessante dessa volta à origem seria a inclusão de muitos campos, de muitos fenômenos que, hoje em dia, não se considera suficientemente dignos da estética filosófica. Há fenômenos estéticos na sociedade contemporânea que são sumamente importantes, mas, no espaço acadêmico, parece que nunca conseguimos tratar deles. Por isso que, sempre que falo de American football, eles dizem: "Ah! Muito interessante o passatempo do senhor!" Nesse sentido, fiquei muito contente com uma reação – irônica? – do Willi, dizendo: "Foi uma aula magna". Eu sei que não foi uma aula magna, mas foi uma coisa bem séria. Para mim, isso é mais sério, talvez, do que falar dos meus autores literários preferidos.

WILLI BOLLE

Meus caros colegas e amigos, vocês realizaram esta noite o jogo com o qual sempre sonhei. Muitíssimo obrigado! A você, Sepp, pelo brilhante primeiro tempo. A Flávio, Antonio e Zé Miguel, pelo segundo tempo, emocionante. A todos os participantes, muito obrigado também pela prorrogação. Pelos gols, pelos pênaltis e pelas boas jogadas.

"FÜR EINE KULTUR DES MÖGLICHKEITSSINNS". INTERVIEW WILLI BOLLE MIT WILHELM VOßKAMP (4. APRIL 1997)*

Willi Bolle**

Abstract: Wilhelm Voßkamp (University of Cologne) was visiting professor of German Literature at the University of São Paulo during the first semestre of 1997. This interview, given to Willi Bolle (USP), focuses on the following questions: 1. His most important professional and historical experiences; 2. the concept of formation (*Bildung*); 3. comparison of trends in Philosophy and the Humanities in Germany and France in the last decades; 4. the crisis of education in the 60s, its causes and attempted solutions; 5. the history and tradition of Literary Studies and the Humanities; 6. modernization and interdisciplinarity; 7. scientific language: English v German; 8. *deutsche Germanistik* and German Studies; 9. *Estudos Germânicos* in Brazil; 10. utopia and tradition in Brazil and Germany; 11. institutional utopias; 12. transformation of the humanities in Germany after unification.

Keywords: Formation; Utopia; German Studies; History of the Sciences.

Resumo: Wilhelm Voßkamp, da Universidade de Colônia (Alemanha), foi professor visitante de Literatura Alemã, na Universidade de São Paulo, durante o primeiro semestre de 1997. A entrevista, realizada em abril desse ano por Willi Bolle (USP), abordou as seguintes questões: 1. As principais experiências profissionais e históricas, decisivas para a formação do Prof. Voßkamp; 2. O conceito de formação (*Bildung*); 3. Comparação da produção em Filosofia e Ciências Humanas, na Alemanha e na França, nas últimas décadas; 4. Crise da *Bildung*, nos anos 1960, suas causas e tentativas de remediá-la; 5. História e tradição dos estudos literários e das humanidades; 6. Modernização e interdisciplinaridade; 7. Língua científica: inglês vs. alemão? 8. Germanística alemã e *German Studies*; 9. Germanística no Brasil; 10. Utopia e tradição utópica no Brasil e na Alemanha; 11. Utopias institucionais; 12. Transformação da paisagem das Ciências Humanas na Alemanha, após a reunificação.

* Wilhelm Voßkamp ist Lehrstuhlinhaber für Neuere deutsche Literaturwissenschaft an der Universität zu Köln. Im ersten Semester 1997 war er Gastprofessor am Institut für Deutsch: Sprache, Literatur, Übersetzung der Universität São Paulo. Adresse von Prof. Dr. Wilhelm Voßkamp: Institut für Deutsche Sprache und Literatur, Universität zu Köln, Albert-Magnus-Platz, PLZ: D-50923 Köln.

** O entrevistador é professor titular do Depto. de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

Palavras-chave: Formação; Utopia; Estudos Germânicos; História das Ciências.

Stichwörter: Bildung; Utopie; Germanistik; Wissenschaftsgeschichte.

Frage 1: Herr Voßkamp, welches waren für Sie die prägenden beruflichen und zeitgeschichtlichen Erfahrungen?

Voßkamp: Die wichtigsten zeitgeschichtlichen und beruflichen Erfahrungen sind für mich als Kind die unmittelbare Zeit nach dem Zweiten Weltkrieg gewesen, als Erwachsener der Abschluß des Studiums mit einer Dissertation über Zeit- und Geschichtsauffassung; dann die Weiterarbeit an Fragen, die sich schon im Zusammenhang mit der Doktorarbeit stellten, über Probleme des Erzählens und der Romanpoetik. Dies auch im Kontext von Veränderungen an der Universität in den 60er und 70er Jahren. Ich habe mich damals in der Assistentenbewegung engagiert, um mitzuversuchen, die Universitätsreform ein Stückchen weiterzubringen. Schließlich – im Anschluß an die Habilitation – die frühe Berufung nach Bielefeld, eine Berufung, die für mich außerordentlich attraktiv war aufgrund des Bielefelder Reform-Modells. Die Fakultät für Linguistik und Literaturwissenschaft war nicht mehr nationalphilologisch orientiert, sondern von Anfang an komparatistisch eingerichtet. Sie bot damit zugleich die Möglichkeit, über die Sprach- und Literaturwissenschaft hinaus mit Historikern, Philosophen und Soziologen zusammenzuarbeiten. Die sicher wichtigste Zeit war die Tätigkeit als Direktor am Zentrum für interdisziplinäre Forschung, wo ich meine fächerübergreifenden Neigungen in dieser Institution dann durch ein Projekt zur Utopieforschung konkretisieren konnte. Vor und nach dieser Zeit im ZiF (Zentrum für interdisziplinäre Forschung) hatte ich die Möglichkeit, aufgrund verschiedener Einladungen andere Kulturen und andere Germanistiken kennenzulernen, zunächst vor allem in den USA, dann auch in Japan, China, Indien und Israel, so daß ich meinen Horizont erweitern konnte über Perspektiven einer national orientierten Kultur hinaus.

Frage 2: Wie ließe sich die soeben von Ihnen geschilderte Erfahrung in den Begriff der Bildung übersetzen?

V.: Der Bildungsbegriff hat für die deutsche Tradition einen besonderen Klang, und er hat auch für mich immer eine bestimmte Aura gehabt. Insofern bin ich sicher auch in meinem Studium, das mit Geschichtsphilosophie begann und sich später intensiver der Geschichte und Literatur zuwandte, sehr stark geprägt worden durch bestimmte Erwartungen, die mit dem Konzept Bildung verbunden sind. Das war zunächst nach dem Zweiten Weltkrieg eher ein noch an den traditionellen Vorstellungen des Humanismus orientiertes Bildungskonzept. Erst in der Mitte der 60er Jahre geriet dieses Bildungskonzept in die Diskussion durch Beobachtungen, die den politischen und gesellschaftlichen Aspekt stärker in den Mittelpunkt rückten. Mich selber hat immer wieder interessiert – und schockiert –, warum das humanistische Bildungskonzept nicht ausreichte, um im Dritten Reich ein Widerstandspotential zu entwickeln – auch nicht bei Intellektuellen, die sich in nicht unerheblichem Maße auf die Ideologie des Nationalsozialismus eingelassen haben oder sich zumindest vielfach opportunistisch verhielten. Die Kritik des traditionellen humanistischen Bildungskonzepts unter Gesichtspunkten der notwendigen politischen und gesellschaftlichen Reflexion dieses Konzepts einerseits und unter Aspekten der Reflexion auf die historische Erfahrung mit diesem Bildungskonzept im Dritten Reich andererseits, hat für mich eine zentrale Rolle gespielt. Ich bin der Meinung, daß das Bildungskonzept nicht in dieser verengten, verinnerlichten Weise tradiert und praktiziert werden kann, sondern nur in einer aufgeklärten, die gesellschaftlichen und politischen Aspekte mitberücksichtigenden Weise. Thomas Mann hat in den 20er Jahren anläßlich seiner Gedenkrede für Walter Rathenau bereits auf dieses Problem hingewiesen, indem er deutlich machte, daß sich im Unterschied zur französischen Tradition die deutsche Bildungskonzeption sehr stark auf eine Verinnerlichung und auf die individualistische Seite konzentriert hat, die in der Tradition des Pietismus steht. Wenn ich das zitieren darf, Thomas Manns Formulierung lautet: "Die Innerlichkeit, die Bildung des deutschen Menschen, das ist: Versenkung; ein individualistisches

Kulturgewissen; der auf Pflege, Formung, Vertiefung und Vollendung des eigenen Ich oder, religiös gesprochen, auf Rettung und Rechtfertigung des eigenen Lebens gerichtete Sinn; ein Subjektivismus des Geistes also, eine Sphäre – ich möchte sagen – pietistischer, autobiographisch-bekennnisfroher und persönlicher Kultur, in der die Welt des Objektiven, die politische Welt als profan empfunden und gleichgültig abgelehnt wird ...” Die Unterscheidung, die Thomas Mann macht, bezieht sich auf einen Vergleich der deutschen mit der französischen Kultur. Thomas Mann ist der Meinung, daß sich die deutsche Kultur aufgrund der Verengung auf ein verinnerlichtes Bildungskonzept von einer politischen Orientierung abgekoppelt habe im Unterschied zu Traditionen in Frankreich.

Frage 3: Eine Stärke des deutschen Bildungskonzepts liegt doch sicher in der Freiheit, Fehler machen zu dürfen, um gerade daraus zu lernen – aber in dem von Ihnen angesprochenen Punkt hat die Korrektur der Fehler offenbar versagt. Wenn man die philosophische und humanwissenschaftliche Produktion um die Mitte unseres Jahrhunderts in Deutschland und Frankreich vergleicht – nehmen wir mal Denker wie Lévi-Strauss, Barthes, Lacan, Foucault, Derrida und ihren Einfluß in einem Land wie den USA –, was hätte die deutsche Seite dem entgegensetzen?

V.: Ich denke, daß das deutsche Bildungskonzept der humanistischen Tradition in den 60er Jahren durchaus modifiziert und korrigiert worden ist im Blick auf die Intention, die Thomas Mann zum Ausdruck bringt. Die politischen und gesellschaftlichen Komponenten sind seit Mitte der 60er Jahre, vor allem seit 1966 auch in der Aufarbeitung der Geschichte der Germanistik in Deutschland, stärker beachtet worden. Was die Rolle der Theoretiker betrifft, die Sie erwähnen, und die Wissenschaftsentwicklung über einen Zeitraum von etwa 30 Jahren ab der Mitte der 50er/60er Jahre, so vermute ich, daß ein Grund für das nach wie vor starke Betonen einer bestimmten Geschichte und Theorie der Bildung darin besteht, daß die Hermeneutiktradition in Deutschland noch eine erhebliche Rolle spielt. Das

hat nicht nur damit zu tun, daß in der Nachfolge Wilhelm Diltheys die Hermeneutik das methodische Grundmuster der deutschen Philologie und der deutschen Literaturwissenschaft geblieben war, sondern auch damit, daß Mitte der 60er Jahre Hans Georg Gadamer in seinem wirkungsmächtigen Buch *Wahrheit und Methode* noch einmal an diese konservative Tradition der Hermeneutik anknüpfte und sie auf hohem Niveau weiterentwickelte. Auch die sich anschließenden Diskussionen mit Jürgen Habermas im Sinne einer kritischen Hermeneutik oder mit Manfred Frank haben sich weitgehend noch immer auf Hermeneutiktraditionen, etwa in der Nachfolge Schleiermachers, bezogen. Von einer dezidierten Kritik der Hermeneutiktradition und damit auch von einer Kritik an überlieferten Bildungskonzepten läßt sich vermutlich erst seit Ende der 60er Jahre im Zeichen der Rezeption jener Autoren sprechen, die Sie genannt haben. Erst die Diskussion über Literaturwissenschaft als Gesellschaftswissenschaft im Zusammenhang mit der Rezeption Walter Benjamins und der Betonung und stärkeren Berücksichtigung der Kritischen Theorie hat hier einen Wandel gebracht. Im Blick auf die französischen Autoren, die entscheidende Theorien zur Diskursanalyse und zur Dekonstruktion entwickelt haben, wäre allerdings darauf hinzuweisen, daß sie andererseits wiederum durch deutsche Philosophen und Autoren bestimmt worden sind. Über den “Umweg” der Nietzsche- und Heidegger-Rezeption läßt sich etwa bei Foucault und Derrida wieder ein Anschluß an originär “deutsche” Traditionen beobachten. Dies durchaus im Kontext von Hermeneutikdebatten, die keineswegs abgeschlossen sind. Der Grundkonflikt zwischen hermeneutischen und nichthermeneutischen Konzepten zeigt sich bis in die Gegenwart.

Frage 4: Wie schätzen Sie, als möglichen Grund für das Defizit an intellektueller und wissenschaftlicher Produktion im Vergleich Deutschland/Frankreich, die Vertreibung der deutschen Intellektuellen um 1933 ein? Und: fand andererseits mit der Diagnose der Bildungskrise ab Mitte der 60er Jahre nicht doch eine Fehlerkorrektur statt, zusammen mit einer Aufarbeitung der Wissenschaftstradition und der Wissenschaftsgeschichte?

V.: Spätestens in den 60er Jahren fand – wie angedeutet – eine Korrektur des traditionellen Bildungskonzepts und auch der traditionellen Hermeneutik statt. Diese Korrektur war maßgeblich bestimmt durch die Rezeption von vertriebenen oder ausgebürgerten Intellektuellen im Dritten Reich. Ohne die Wiederentdeckung und ohne die Rezeption der deutschen Exilliteratur und der Philosophie, die exiliert war, wäre dieser Neueinsatz in den 60er Jahren nicht möglich gewesen. Daß Autoren wie Bloch, Benjamin, Marcuse, Adorno und Horkheimer eine große Rolle gespielt haben, ist unzweifelhaft; andererseits wird man sagen müssen, daß bestimmte Traditionen abgerissen sind, etwa Traditionen in der Ikonographie, Forschungen der Warburgschule, Traditionen, in denen Deutschland in den 20er und beginnenden 30er Jahren führend war. Exilierte Professoren wurden häufig nicht wieder nach Deutschland zurückberufen oder sie blieben im Ausland. Die deutsche Selbstverstümmelung durch die Vertreibung (oder Vernichtung) der jüdischen Intelligenz ist nach wie vor spürbar.

Frage 5: Wie prägt sich die Aufarbeitung der Wissenschaftsgeschichte konkret aus, und wie würden Sie die Karte der Wissenschaftslandschaft in Deutschland zeichnen?

V.: Zur ersten Teilfrage: Es gibt zwei Phasen in der Beschäftigung mit der germanistischen Fachgeschichte in Deutschland. Eine erste Phase begann 1966 mit dem Münchner Germanistentag, wo aus der kritischen Perspektive von der Zeit des Dritten Reiches aus versucht wurde, die Genealogie der Germanistik und der Humanwissenschaften zu analysieren, häufig im Zeichen dessen, was dann als "Bewältigung der Vergangenheit" bezeichnet wurde. Man könnte diese Phase grob eine ideologiekritische nennen. Die zweite Phase in der Beschäftigung mit der Geschichte des Fachs läßt sich seit Beginn und Mitte der 80er Jahre beobachten. Damals haben etwa Jürgen Fohrmann und ich – auch im Kontext neuerer wissenschaftstheoretischer Ansätze – nicht so sehr ideologiekritische Aspekte in den Mittelpunkt gestellt, sondern institutionengeschichtliche Gesichtspunkte und den

Zusammenhang von Institutionengeschichte, Textgeschichte und Leistungsgeschichte hervorgehoben, um das Zusammenwirken dieser drei Faktoren genauer zu klären. Das nicht im Sinne einer Abwertung der ideologiekritischen Ansätze der 60er und beginnenden 70er Jahre, sondern vielmehr im Sinne eines Versuchs, genauere Einsicht in das Funktionieren der Machtverhältnisse in der Wissenschaft des 19. und beginnenden 20. Jahrhunderts zu gewinnen, weil dies vermutlich erst eine genauere Aufklärung der Konstellationen der 30er Jahre ermöglicht. Siehe dazu etwa Fritz K. Ringer, der im Zusammenhang mit der Rolle der deutschen Mandarine (Ordinarien) darauf aufmerksam gemacht hatte, daß die deutsche Intelligenz häufig keine adäquate Antwort auf die Moderne und die Modernisierungsprozesse fand.

Die zweite Teilfrage nach der deutschen Wissenschaftslandschaft in der Germanistik ist nicht leicht zu beantworten. Sie ist hauptsächlich durch einen Rezeptionsprozeß gekennzeichnet. Man könnte von einer zweiten Welle der Rezeption jener Autoren sprechen, von denen vorher die Rede war: der Rezeption Foucaults, Lacans und Derridas, und der Rezeption amerikanischer Theoretiker wie Hillis Miller, Paul de Man auf der einen und Hayden White, Clifford Geertz und Stephen Greenblatt auf der anderen Seite. Die Rezeption amerikanischer Ansätze in Deutschland führt zu Erweiterungen und Fortschreibungen. Konzepte der Rezeptionsästhetik und Rezeptionsgeschichte Wolfgang Iersers und Hans-Robert Jauss' sind ihrerseits jenseits der deutschen Grenzen rezipiert worden. Neuere Versuche bemühen sich, systemtheoretische Kategorien in der Literaturwissenschaft produktiv zu machen. In einem Satz: Weitgehende Rezeption der neueren Theorien, die in Frankreich und den USA entstanden sind; Neueinsätze im Rahmen systemtheoretischer und medientheoretischer Konzepte (Niklas Luhmann, Friedrich Kittler).

Frage 6: Nach der Meinung von Fritz K. Ringer fanden die deutschen Intellektuellen und die wissenschaftlichen Institutionen in Deutschland keine adäquate Antwort auf die Modernisierung. Ande-

rerseits beobachtet man doch gerade als ein Kennzeichen der neueren deutschen Wissenschaft in den letzten zwei, drei Jahrzehnten eine zunehmende Interdisziplinarität – ich denke dabei auch an das Bielefelder Institut. Wäre das nicht eine adäquate Antwort?

V.: Man könnte sogar so weit gehen, zu sagen, daß eine Antwort auf die Krise des Konzepts *Bildung* Interdisziplinarität heißt. Vorstellungen, die in den späten 60er und beginnenden 70er Jahren entwickelt worden sind, etwa von Helmut Schelsky, lassen sich als eine Reaktion auf die zunehmend kritische Einschätzung des traditionellen Bildungskonzepts verstehen. Was ist Interdisziplinarität? Interdisziplinarität sollte nicht als ein undiszipliniertes Reden über verschiedene Dinge, sondern als eine präzise dialogische Verfahrensweise verstanden werden, um die Disziplinengrenzen produktiv zu überschreiten. Interdisziplinarität setzt disziplinäre Kenntnisse voraus; Disziplinarität ermöglicht erst fächerübergreifendes, interdisziplinäres Arbeiten. Das habe ich gerade am Bielefelder Zentrum für interdisziplinäre Forschung und auch im Zusammenhang mit dem Projekt *Utopieforschung*, das ich dort machen konnte, gelernt. Die Hauptschwierigkeit des Interdisziplinären besteht im Dialog zwischen Natur- und Geisteswissenschaften. Die damit verbundenen Probleme sind bis heute nur in geringem Maß überwunden. Aber festhalten kann man, daß ohne die interdisziplinären Bemühungen in den 70er und dann in den 80er Jahren bestimmte Erkenntnisfortschritte in verschiedenen Bereichen nicht möglich gewesen wären. Gerade das Fach Literaturwissenschaft bedarf des interdisziplinären Dialogs mit den Nachbardisziplinen, um sich immer wieder zu erneuern. Die Diskussion mit soziologischen und sozialgeschichtlichen oder linguistischen und psychologischen Konzepten sind in den letzten 30 Jahren ein notwendiges Vehikel gewesen, um die Literaturwissenschaft als Disziplin weiterzuentwickeln.

Frage 7: Ein besonderes Problem der brasilianischen Kultur ist die Randposition des Portugiesischen. Im Vergleich dazu befindet sich das Deutsche in einer privilegierten Lage. Ist es oder *war* es eine der führenden Wissenschaftssprachen der Zeit? Mit anderen Worten,

findet die wissenschaftliche Diskussion, gerade auch der Interdisziplinarität, in Zukunft nicht eher auf Englisch statt?

V.: Das wird man weitgehend bejahen müssen. Die privilegierte Stellung des Deutschen, von der Sie gesprochen haben, ist keineswegs mehr sicher. Im Gegenteil: Das Englische ist von solcher Dominanz auch in jenen Bereichen, die traditionellerweise Deutsch als Wissenschaftssprache gepflegt haben, daß man sehr wohl davon sprechen kann, daß das Deutsche in eine Randposition geraten könnte. Allerdings gibt es Unterschiede zwischen den geistes- und naturwissenschaftlichen Disziplinen, die das Englische ohnehin als international selbstverständliche Wissenschaftssprache verwenden. Im geisteswissenschaftlichen Bereich ist es etwas anders; dies gilt sicher auch für das Portugiesische, Spanische oder Französische. So gibt es etwa Traditionen der deutschen Terminologie oder des Wortschatzes, die nicht einfach übersetzbar sind, und dies nicht nur im wörtlichen, sondern auch im übertragenen Sinn. Wirkungsmächtige, philosophische Texte von Schleiermacher, Kant und Hegel bis zu Heidegger und Benjamin sind nur sehr schwer übersetzbar in eine Fremdsprache. Deshalb wird man vermutlich am Deutschen auch als einer Kommunikationssprache festhalten, um den spezifischen Gehalt dieser Texte interpretieren zu können. Insgesamt bin ich allerdings der Meinung, daß sich die Deutschen auf Englisch als *lingua franca* einstellen müssen. Wir überlegen zum Beispiel, ob wir in Deutschland nicht auch Lehrveranstaltungen in Englisch anbieten sollten, um das Studium für ausländische Studenten wieder attraktiver zu machen. Wir sollten uns einer Zweisprachlichkeit anbequemen, so wie es international auch in anderen Ländern üblich ist. Meine persönlichen Erfahrungen sind die, daß ich bei Vortragseinladungen im Ausland immer wieder gefragt werde: "Möchten Sie ein großes oder ein kleines Publikum?" Ein "großes Publikum" bedeutet, in Englisch zu sprechen, selbst über deutsche Themen.

Frage 8: Lange Zeit war Deutschland das Land, von dem nahezu alle wichtigen Impulse in der Germanistik ausgingen. Ist das

noch so? Ich denke da insbesondere an die Herausforderung durch die *German Studies* an bestimmten amerikanischen Universitäten, etwa Berkeley, vielleicht aber auch an anderen Universitäten der Welt. Sie kennen diese Landschaft ja sehr gut, global, kann man sagen.

V.: Die deutsche Germanistik sollte den Germanistiken in anderen Ländern nicht "vorschreiben", was richtig und was falsch ist. Ich halte es für eine gute Entwicklung, daß die Germanistiken in den verschiedenen Ländern ihre eigenen Traditionen entwickeln und stärken. Das ist auch deshalb sinnvoll, weil sich die Germanistik insgesamt von der Orientierung als Deutsche Philologie hin zu einer kulturwissenschaftlich orientierten Literaturwissenschaft entwickelt. Diese Tendenz gibt es auch in Deutschland und sie sollte, denke ich, auch gefördert werden. Das heißt nicht, das man bestimmte philologische Qualifikationen außer Acht lassen darf. Die Literaturwissenschaft sollte nicht einfach mit Kulturwissenschaft verrechnet werden. Spezifische philologische Qualifikationen und Fähigkeiten müssen auch bei einer kulturwissenschaftlichen Orientierung des Fachs erhalten bleiben. Das Gemeinsame in der Entwicklung der verschiedenen Germanistiken in unterschiedlichen Ländern dürfte vermutlich eine kulturwissenschaftliche Richtung sein, vor allem unter Berücksichtigung der jeweils spezifischen Erwartungen und Bedürfnisse. Deshalb ist der Unterschied zwischen der nationalen, deutschen Germanistik und der internationalen nicht mehr so entscheidend, sondern eher die Frage, ob es die Literaturwissenschaft versteht, ihre besondere Qualifikation in den verschiedenen *German Studies* bzw. kulturwissenschaftlich orientierten Germanistiken deutlich zu machen.

Frage 9: Wie sehen Sie in diesem Zusammenhang den Beitrag der brasilianischen Germanistik, und zwar unter der doppelten Perspektive des Ist und des Soll, also des faktischen Zustands bzw. der Perspektive der Wünsche und Erwartungen?

V.: Zu dieser Frage kann ich leider wenig sagen, weil ich bedauerlicherweise nur eine relativ kurze Zeit in Brasilien sein konnte.

Mein Eindruck ist, daß die brasilianische Germanistik, ähnlich wie andere Germanistiken im Ausland, ihren spezifischen Beitrag gerade dadurch leisten kann, daß sie sich auf den Vergleich einläßt, und zwar im doppelten Sinn: einerseits unter Gesichtspunkten des Literaturvergleichs – es gibt eine ganze Reihe von Literaturtraditionen in Deutschland, die in Brasilien aufgenommen und produktiv oder kritisch weiterentwickelt worden sind. Von daher bietet sich ein komparatistisches Beobachten beider Literaturen in vielen Hinsichten an. Andererseits scheint es mir interessant und notwendig zu sein, die jeweils ganz unterschiedlichen Kontexte zu betrachten, das heißt, das jeweilige Text-/Kontextverhältnis genauer zu studieren. Auch da wird man erstaunliche Unterschiede und Parallelen feststellen können. Meine Hoffnung ist, daß die komparativen Aspekte des Literaturen- und Kulturvergleichs weiterentwickelt werden können.

Frage 10: Ich möchte die Gelegenheit nicht versäumen, Sie zum Thema Utopie zu hören. Wie sehen Sie die Tradition der Utopie in beiden Ländern, Deutschland und Brasilien, eingeschlossen den Vergleich der Kontexte? Vielleicht spielen Daten wie 1789, 1917 und 1989 eine besondere Rolle.

V.: Das ist eine weitgehende Frage, die ich ebenfalls nur sehr bedingt beantworten kann. Aus meiner Sicht gibt es immer wieder Klärungsbedarf im Blick auf den Begriff *Utopie*. Es macht keinen Sinn, den Utopiebegriff so zu erweitern, daß er wenig aussagekräftig wird. Ich würde von drei Kriterien ausgehen: Utopien sind Gegenbilder zur bestehenden Realität; Entwürfe, die sich kritisch beziehen auf historische Wirklichkeiten. Utopien liefern antizipatorische Entwürfe im Blick auf die Zukunft. Es können aber auch Warnutopien sein in dem Sinne, daß man Vorstellungen entwickelt, von denen man hofft, daß sie nicht eintreten. Das ist der zeitliche Aspekt von Utopie. Schließlich dürfte der entscheidende Gesichtspunkt moderner Utopien darin bestehen, eine Kultur des Hypothetischen zu fördern, eine Kultur des Möglichkeitssinns, so wie es Robert Musil formuliert hat: "Wenn es Wirklichkeitssinn gibt, muß es auch Möglichkeitssinn ge-

ben." Diese Fähigkeit zum Entwerfen, zum Hypothetischen, zum Konjunktivischen ist das Entscheidende im gegenwärtigen utopischen Denken und in Diskussionen über Utopie, ob in Deutschland oder in Brasilien. Die Fähigkeit, immer wieder neu einzusetzen und die Wirklichkeit kritisch in Frage zu stellen, aber zugleich die utopischen Entwürfe auch in ihren Reichweiten, in ihrer Begrenztheit zu diskutieren, scheint mir entscheidend zu sein. Anders gesagt: Utopische Entwürfe sollten, wenn sie erstarrt sind, wieder verflüssigt werden, damit die Ermöglichung der neuen Utopie bereits innerhalb einer Utopie stattfinden kann. Das utopische Selbstgenerierungsprinzip scheint mir wichtig zu sein in allen historischen und gesellschaftlichen Kontexten. Hier in Brasilien ist mir natürlich aufgefallen, daß es mehrere Brasilien, mehrere Kulturen in einem Land gibt – insbesondere wenn man den Norden mit dem Süden vergleicht. Für mich besteht gerade darin die Herausforderung dieses Landes, die unterschiedlichen Kulturen in einen Dialog zu bringen und das vorhandene, große utopische Potential auch politisch umzusetzen.

Frage 11: Sie haben ja auch eigene Pläne zur Utopie. Es geht Ihnen darum, aufgrund der gemachten Erfahrungen und mit Hilfe des Möglichkeitssinns eine bestimmte Utopie institutionell umzusetzen. Können Sie uns dazu Näheres sagen?

V.: Ob dies eine Utopie oder eine Hoffnung ist, wird sich zeigen. Jedenfalls planen wir, in Köln ein Kulturwissenschaftliches Forschungskolleg zum Thema *Medien und Kultur* einzurichten. In diesem Forschungskolleg sollen Wissenschaftlerinnen und Wissenschaftler die Möglichkeit haben, an größeren kulturwissenschaftlichen Projekten zu arbeiten und während dieser Forschungszeit weitgehend von ihren Lehraufgaben befreit zu werden. Ein Hauptproblem der deutschen Universität, jedenfalls der großen, besteht ja darin, daß die Hochschullehrer und ihre Mitarbeiter und Assistenten aufgrund von Lehr- und Prüfungsverpflichtungen in einer Weise beansprucht sind, daß für Forschung häufig zu wenig Zeit bleibt. Mir scheint es nicht sinnvoll, daß Forschung nur noch möglich ist, wenn man eine Einla-

derung an das Wissenschaftskolleg zu Berlin, an das *Netherlands Institute for Advanced Studies* oder an eine andere vergleichbare Institution erhält. Es sollte verstärkt Möglichkeiten geben, auch an der eigenen Universität im Team zu forschen. Das würde der Lehre an der Heimatinstitution zugute kommen, weil die Forschungsergebnisse schneller an die Studenten weitergegeben werden könnten. Die Nähe des Forschungskollegs zur Universität scheint mir ein Vorteil zu sein gegenüber der Trennung von außeruniversitären Forschungsinstitutionen von den Hochschulen, die sich dann hauptsächlich auf die Lehre konzentrieren.

Zum Thema kann ich so viel sagen, daß wir in dem geplanten Forschungskolleg die Herausforderung aufnehmen wollen, die heute die digitalen Medien im Kontext der Buchkultur darstellen. Wir gehen nicht davon aus, daß die "neuen" Medien die "alten" ablösen werden; vielmehr interessiert uns die Medienkonkurrenz etwa zwischen visuellen und schriftlichen Medien. Diese Konkurrenz sollte auch über einen historisch längeren Zeitraum Gegenstand der Untersuchungen sein. Die Umstellung von einer Textkultur auf eine Bildkultur steht ja heute im Zentrum kulturwissenschaftlicher Diskussionen. Wichtig ist auch die Erforschung unterschiedlicher Formen des Erinnerns im Sinne des Vergleichs von Gedächtniskulturen. Welche Rolle spielen moderne Speichertechniken im Blick auf überlieferte Gedächtnisstraditionen, die sich in den verschiedenen Kulturen entwickelt haben. Eine wichtige Rolle wird dabei auch die Frage der Öffentlichkeit für die Literatur- und Kulturwissenschaften spielen. Häufig hatte man den Eindruck, daß sich die Literaturwissenschaft in Deutschland gegenüber der kulturell interessierten Öffentlichkeit nicht genügend verständlich gemacht hat. Das geplante Forschungskolleg böte vielleicht die Möglichkeit, den Dialog mit der kulturell interessierten Öffentlichkeit erneut in Gang zu setzen und vielleicht auch zu intensivieren.

Frage 12: Falls Wichtiges vergessen worden ist, möchten Sie noch einen Nachtrag zu dem einen oder anderen Punkt machen?

V.: Sicher müßte man zu dem einen oder anderen Punkt noch Ergänzungen machen. Im Blick auf die Frage nach der gegenwärtigen Rolle der Wissenschaft in Deutschland wäre es wichtig zu erwähnen, daß sich die Wissenschaftslandschaft nach 1989/1990 erheblich verändert hat. Die Vereinigung der beiden deutschen Teilstaaten bedeutete auch eine (schwierige) Vereinigung der beiden sehr unterschiedlichen Wissenschaftslandschaften. Das kann man etwa daran ablesen, daß die Hauptforschungseinrichtung der früheren DDR, die Akademie der Wissenschaften der Deutschen Demokratischen Republik, aufgelöst und der Versuch gemacht wurde, die Wissenschaftler und Wissenschaftlerinnen, welche positiv evaluiert worden sind, künftig möglichst an den Universitäten zu beschäftigen. Dieser Versuch ist weitgehend mißlungen, weil nicht genügend Stellen vorhanden waren – gerade auch in der Konkurrenz mit denjenigen, die sich aus dem Westen auf freierwerbende Stellen bewarben. Die Alternative, die dazu entwickelt worden ist, ist das Konzept von geisteswissenschaftlichen Zentren. In unserem Zusammenhang spielen zwei Zentren eine wichtige Rolle: das Zentrum für Europäische Aufklärung in Potsdam und das Zentrum für Literaturforschung in Berlin. Insofern ist aufgrund der deutschen Vereinigung auch in den Geisteswissenschaften eine neue (positive) Situation entstanden. Insgesamt ist die deutsche Situation aber nicht konfliktfrei, weil es natürlich noch immer unterschiedliche Kulturen gibt. Die Vergangenheit ist nicht abgeschlossen; sie reicht vielmehr in die Gegenwart hinein, so daß etwa die meisten Studenten des Westens im Westen und die meisten Studenten des Ostens im Osten studieren. Es läßt sich ein merkwürdiges Beharrungsvermögen beobachten bei der Wahl der Studienorte. Die einzige Ausnahme bildet im Augenblick lediglich die Humboldt-Universität in Berlin, wo der wechselseitige Transfer zwischen West und Ost bereits stattfindet. Allerdings ist die Berliner Gesamtsituation in den letzten Jahren aufgrund der großen finanziellen Engpässe immer schwieriger geworden. Die drei großen Universitäten FU, TU und Humboldt-Universität müssen sich neu arrangieren, und das gilt eben insgesamt für die Wissenschaftslandschaft in Deutschland nach der Vereinigung: erhebliche Probleme, aber auch große Chancen, sich auf neue Erfahrungen, eine neue Zukunft einzulassen.

A IDÉIA DA VANGUARDA NO ENSAIO
O SURREALISMO. O ÚLTIMO INSTANTÂNEO
DA INTELIGÊNCIA EUROPÉIA E SUA REPERCUSSÃO
NA CRÍTICA ALEMÃ*

Günter Karl Pressler**

Abstract: This paper analyses the *idea* of the avant-garde in Benjamin and its reception in German literary criticism after World War II. It examines the works of Hans Magnus Enzensberger and Peter Bürger, who focus on the *concept* of avant-garde. This perspective allows us to broaden our reflection on German literary history since the end of World War II, and this contributes to the discussion on Post-modernism. The elaboration of the concept of allegory gives this discussion a clearer direction. Benjamin's key-notion of *profane illumination* was not received in a theoretical-philological way –but it materialized as experience in the students' revolt at the end of the 60s and the beginning of the 70s.

Keywords: Walter Benjamin; Avant-garde and surrealism; Enzensberger and Bürger; Allegory; German critical literature.

Zusammenfassung: Der Beitrag untersucht die *Idee* der Avantgarde bei Benjamin und ihre Rezeption in der deutschen Literaturkritik nach dem zweiten Weltkrieg. Dabei werden besonders die Arbeiten von Hans Magnus Enzensberger und Peter Bürger kritisch kommentiert, die vor allem den *Begriff* der Avantgarde betonen. Dieser Gesichtspunkt erlaubt eine Horizonsweiterung der Reflexion über die deutsche Literaturgeschichte seit dem Ende des Zweiten Weltkriegs und trägt zur literaturwissenschaftlichen Diskussion über die Post-Moderne bei. In der Vertiefung

* O presente estudo foi apresentado sob forma de palestra na X Semana de Literatura Alemã (*Marcas das vanguardas históricas na literatura alemã*), na Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, 25 a 28 de setembro de 1995. O texto foi revisado e modificado para publicação.

** O autor é professor doutor de teoria literária no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal do Pará, Belém. Endereço do autor: Trav. D. Romualdo de Seixas, 1358, ap. 702, CEP-66055-200 – Belém, PA.

des Begriffs der Allegorie eröffnet sich dafür ein definitiver Weg. Benjamins Schlüsselbegriff der *profanen Erleuchtung* wurde nicht theoretisch-philologisch rezipiert – verwirklichte sich aber als Erfahrung in der Revolte Ende der 60er und Anfang der 70er Jahre.

Stichwörter: Walter Benjamin; Avantgarde und Surrealismus; Enzensberger und Bürger; Allegorie; Deutsche kritische Literatur.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Vanguarda e surrealismo; Enzensberger e Bürger; Alegoria; Literatura crítica alemã.

E agora, quem está na vanguarda é esta cambada de invertidos, o Gide, o Proust. Reúnem-se todas as noites naquele reduto infecto, o Café des Variétés, e lá ficam discutindo e redigindo manifestos ... Manifesto. Escritor medíocre processado? Manifesto. Chuva? Manifesto. Sol? Manifesto. Neve? Manifesto, manifesto, manifesto. Manifesto dos impressionistas, manifesto dos pontilhistas, manifestos dos comunistas – tudo é manifesto¹.

Não podemos afirmar que houve uma recepção significativa do ensaio de Benjamin na época do pós-guerra na Alemanha, mas podemos falar de um questionamento em volta do surrealismo, ou seja, um debate crítico sobre os fundamentos da teoria da literatura, em particular na caracterização da modernidade que leva em consideração as reflexões benjaminianas. Pretendo distinguir nesse trabalho a “idéia” da vanguarda em Benjamin e a repercussão na literatura crítica na Alemanha, abordando de forma crítica os estudos de Enzensberger e Bürger na tentativa de definir o “conceito” *stricto sensu* da vanguarda. Essa problemática, o *focus* da vanguarda, amplia o horizonte de reflexão

¹ SCLIAI 1992: 57. Discurso imaginário-entre um conservador e anti-semita e Osvaldo Cruz que estudou no final do século no Instituto Pasteur em Paris.

sobre a história da literatura alemã pós-guerra e contemporânea e contribui à discussão sobre a teoria literária diante da Pós-Modernidade. Hoje, principalmente depois da queda do muro e do fracasso dos estados socialistas/comunistas, conseguimos refletir a partir da nova experiência da dissolução do mundo socialista sobre os movimentos vanguardistas da nossa história recente.

Depois da apresentação do ensaio benjaminiano, gostaria de abranger os seguintes aspectos:

- a “auto-dissolução do estético” (Lukács) como desafio epistemológico;
- o livro *cult* de Salzinger, a contribuição de Hans Magnus Enzensberger; e
- a *Teoria da Vanguarda* de Peter Bürger.

* * *

Nas primeiras décadas do século XX, com a crise da tradição burguesa, ocorreu uma reaproximação entre arte e práxis da vida, sob o signo das vanguardas. A obra de Benjamin dedica-se a precisar essas relações. Seus textos sobre poesia e vida, literatura e política, escrever e fazer pertencem aos documentos mais relevantes sobre o assunto. Essas fontes, que oferecem uma visão da própria época, podem enriquecer as histórias atuais da literatura e da cultura².

Com o ensaio “O Surrealismo. O Último Instantâneo da Inteligência Européia” (1929), encontramos uma contribuição do crítico literário e do crítico cultural Walter Benjamin nas décadas de 20 e 30

² BOLLE 1994: 141s.

(cf. BOLLE 1994, particularmente parte II). Benjamin, tendo crescido numa família judia da alta burguesia, foi sensibilizado no lar-escola campestre Haubinda, na Turíngia, sob direção de P. Geheeb e, principalmente, de Gustav Wyneken, onde vivencia uma consolidação e um reconhecimento de seus interesses relativos à filosofia e à crítica literária. É nele que Benjamin “pela primeira vez, experimenta ver seu idealismo levado a sério, e o fato de que alunos e professores ali se encontrassem como interlocutores livres, com iguais direitos e objetivos intelectuais” (WITTE 1985: 16). “Sua ‘tendência pela literatura’” – escreve Momme Brodersen, ao citar os primeiros ensaios de Benjamin –, “que ‘então’ havia sido satisfeita ‘com uma leitura bastante irregular’, foi aprofundada e determinada, numa certa direção, pelas normas crítico-estéticas que as aulas desenvolveram nele” (BRODERSEN 1989: 23). O modelo escolar de Wyneken, que este mais tarde haveria de, na qualidade de diretor, colocar em prática na ‘Freie Schulgemeinde Wickersdorf’, distinguia-se especialmente pela pretensão e pela tentativa de, na prática, unir idéias de formação e vida cotidiana. O projeto romântico de união de arte e vida adquire aí uma marca de contemporaneidade e caráter pedagógico³. Não por acaso, em seus primeiros anos de estudo em Freiburg i. Breisgau e Berlim, engajou-se intelectualmente o jovem Benjamin, e o fez de maneira enfática, por uma “concepção idealista de transformação social via revolução cultural” (WITTE 1985: 19). Os artigos “A Reforma Escolar, um Movimento Cultural” e “A Vida dos Estudantes” documentam tal convicção e a determinação de Benjamin em atuar nesse sentido. A juventude acadêmica deve se dedicar a tarefas “mais elevadas” – em vez de “seguir uma idéia errônea de profissão”, segundo a qual a ciência “[deveria] ajudar fulano ou beltrano a se preparar para uma profissão” (BENJAMIN 1915: 152; cf. também CHAVES 1993: 24–130) – fazendo assim jus à vocação para a qual foram chamados. Benjamin conce-

3 Desde o final do século XIX e começo do século XX, até hoje, com grandes e variáveis distâncias temporais, surgiram projetos pedagógicos como a Comunidade Monte Verita, as tentativas pós-revolucionárias na União Soviética, passando pela Summerhill-School e pelos conceitos pedagógicos anti-autoritários (da esquerda) dos anos 60 e 70.

be os estudantes como pesquisadores, aprendizes com obrigações frente à ciência, e não enquanto formados a serem satisfeitos num plano pessoal, ou seja, de modo particular, com um diploma reconhecido pelo Estado, de médico, de advogado etc.

Um programa a tal ponto idealista só a grande custo haveria de ter possibilidades de concretização em nível político. As tendências de luta no seio do estudantado se agravaram; Benjamin acabou por afastar-se do trabalho ativo de política estudantil e, num balanço reflexivo acerca de seu engajamento, um pouco adiante haveria de escrever: “O único caminho para tratar do lugar histórico do estudantado e da universidade é o sistema. Enquanto para isso faltam ainda várias condições, resta apenas libertar o futuro de sua forma presente desfigurada através de um ato de conhecimento. Somente para isso serve a crítica” (BENJAMIN 1915: 151).

Culminando no conceito de crítica, as experiências e idéias filosóficas de Benjamin em seu tempo de jovem e de estudante vão de novo se encontrar no tema de sua dissertação: *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão* (1920). Em seu trabalho posterior sobre o drama barroco alemão (1928), pensado enquanto trabalho para obter a livre-docência, a dimensão filosófica e de crítica do conhecimento são ampliadas pelo alcance histórico-filosófico. Antes, portanto, de começar a ocupar-se com o surrealismo, os fundamentos e tendências do seu pensamento haviam sido formulados já em estudos científicos.

O verão passado em Capri (1924) e as viagens (Paris e Moscou, 1926/27) marcam transformações radicais no sentido sócio-político e histórico-filosófico do seu pensamento. A recepção de Benjamin é unívoca ao falar de uma guinada em direção a um pensamento marxista. O encontro com Asja Lacis é citado como sendo o impulso decisivo. Benjamin vai encontrá-la novamente em Moscou, onde se estabelece por dois meses e estuda a realidade da Nova República Soviética (cf. BENJAMIN 1989). Com efeito, o período de 1924 a 1929 pode ser visto como o momento de transição no desenvolvimento, na

formulação e no direcionamento do pensamento benjaminiano. Nesse período, cristalizam-se idéias e conceitos, tão decisivos para sua atuação posterior. Todos os impulsos importantes provindos de sua infância e juventude unem-se na complexa atualidade histórico-temporal dos anos vinte e trinta na Alemanha, e na tarefa de um intelectual de esquerda – sentado “entre cadeiras”, para glosar o título de uma biografia escrita por Werner Fuld – que procura encontrar o fundamento filosófico-metafísico, não enquanto abstração de pensamento, mas como algo encontrável nas “coisas” e nos acontecimentos históricos⁴.

Estimulado pelos textos surrealistas e pela metrópole europeia, Paris, Benjamin capta no motivo das passagens a possibilidade de formular uma “nova teoria da história” (WITTE 1985: 79). Nas palavras de Benjamin: “A virada copernicana na observação histórica é esta: o ‘passado’ era tomado como ponto fixo e o presente, visto no esforço de, tateando, aproximar conhecimento e esse algo sólido. Agora, essa relação deve-se transformar, e o ‘passado’ deve alcançar sua consolidação dialética, a partir da síntese consumada pelo despertar com suas imagens oníricas contraditórias. A política alcança primazia sobre a história. E mesmo os ‘fatos’ históricos, semelhantemente, abatem-se sobre nós: constatá-los é assunto da memória. E despertar é o caso exemplar do recordar” (BENJAMIN 1982, Vol. V/2: 1057 <h°, 2>). *Rua de Mão Única* (1928) é, sem dúvida, expressão desta intenção, antes mesmo desta, conscientemente, manifestar-se como tal. Neste sentido, é também “uma das obras mais significativas da literatura de vanguarda alemã dos anos vinte” (WITTE 1985: 54).

Eis a situação política e o ambiente intelectual em que Benjamin viveu e escreveu. Renato Solmi chama Benjamin o “teórico da

4 Cf. considerações de Rolf Tiedemann, em sua introdução à *Obra das Passagens* (BENJAMIN 1982, Vol. V/1). “A intenção de Benjamin era, desde o início, [...] uma filosófica: a ‘prova pelo exemplo’, ‘de quão longe se pode concretamente estar, em contextos histórico-filosóficos’” (p. 15, citação de Walter Benjamin, carta a Scholem, 23. 4. 1928, BENJAMIN 1982, V/2: 1086).

vanguarda”⁵. Nos anos 1926-1929, Benjamin escreveu em torno de 30 artigos, resenhas, ensaios para a revista *Literarische Welt*, 15 para o jornal *Frankfurter Zeitung*, por ano. Gostaria de citar alguns, importantes para o nosso contexto: Sobre Paul Valéry e Gottfried Keller (1926), “O Agrupamento Político dos Escritores na União Soviética” (1927), sobre Goethe (1928) e Brecht (1931) e sobre “A Atual Posição Social do Escritor Francês” (1934) (cf. BOLLE 1986; KOTHE 1991). Nesses anos, ele começou a escrever também os primeiros esboços de sua obra inacabada, conhecida como “Passagenwerk”, intitulada por ele em seu *exposé* de 1935 “Paris, Capital do Século XIX” (cf. KOTHE 1991).

* * *

Der Vater des Surrealismus war Dada; seine Mutter eine Passage. Dada war, als er ihre Bekanntschaft machte, schon alt⁶.

A experiência mágica se torna ciência. A criança, como seu engenheiro, desenfeitiça a sombria casa paterna e procura ovos de Páscoa⁷.

5 R. Solmi, “Introduzione”, in: BENJAMIN 1962: XXXV: “Il pensiero di Benjamin, come abbiamo visto, se muove interamente nell’ambito della problematica artistica e culturale dell’avanguardia. L’esperienza del nuovo mondo, della società di massa, delle condizioni radicalmente mutate di vita e di esperienza (e delle loro conseguenze per il pensiero e per l’arte), è al centro della sua speculazione, soprattutto nella sua seconda fase, in cui essa cerca, in qualche modo, di rendersi conto delle condizioni storiche della propria possibilità. Il senso dell’accelerazione della storia, di una rottura radicale in corso o imminente, viene incontro all’originaria ispirazione religiosa o messianica del suo pensiero, e si compone con essa in una formula paradossale”. Cf. também BOLLE 1994: 149.

6 “O pai do surrealismo foi Dada, sua mãe uma *passagem*. Dada já era velho, quando ele a conheceu.” (BENJAMIN 1982, Vol. V/2: 1057 <h°, 1>)

7 BENJAMIN 1993: 40

Benjamin apresenta o surrealismo como um movimento literário que explodiu por dentro dos limites da poesia. Segundo ele, André Breton queria dar ao público não somente a nova poesia de uma certa forma de existência, mas também queria revelar esta forma. É o cruzamento de poesia e vida, mas Benjamin vê um núcleo dialético nesse processo de transformação, que questiona a relação entre sono e vigília:

“A vida só parecia digna de ser vivida quando se dissolvia a fronteira [Schwelle, GKP] entre sono e vigília, permitindo a passagem em massa de figuras ondulantes, e a linguagem só parecia autêntica quando o som e a imagem, a imagem e o som se interpenetravam, com exatidão automática, de forma tão feliz que não sobrava a mínima fresta para inserir a pequena moeda a que chamamos ‘sentido’”⁸.

O sonho mina o sentido e a individualidade. Benjamin intitula essa experiência surrealista de “iluminação profana”. O livro de Breton, *Nadja*, ilustraria essa iluminação. O centro desse mundo de novas experiências poéticas dos surrealistas é Paris, a grande cidade, Paris.

“Em sua *Introduction au discours sur le peu de réalité*, Breton mostra como o realismo filosófico da Idade Média serviu de fundamento à experiência poética. Porém esse realismo – a crença na experiência objetiva dos conceitos, fora das coisas ou dentro delas – sempre transitou com muita rapidez do reino lógico dos conceitos para o reino mágico das palavras. E os jogos de transformação fonética e gráfica, que já há quinze anos apaixonam toda a literatura de vanguarda, do futurismo ao dadaísmo e ao surrealismo, nada mais são que experiências mágicas com palavras, e não exercícios artísticos” (BENJAMIN 1987: 27s.).

E como declara G. Apollinaire: “as conquistas da ciência se baseiam mais num pensamento surrealista que num pensamento ló-

8 BENJAMIN 1987: 22; BENJAMIN 1982: 295-310. Os editores do Vol. II/3 de BENJAMIN 1982, R. Tiedemann e H. Schweppenhäuser, resumem nesse volume a obra ensaística de Benjamin (“no sentido mais amplo e no sentido mais restrito”). Estes trabalhos representariam o ensaio “na forma especificamente filosófico-literária, cujas leis foram codificadas pelo jovem Lukács e, de forma mais incisiva, bem como mais expressa com relação a Benjamin, por Adorno” (ib.: 817).

gico” (ib.: 28). Essa é a única vez em que Benjamin, nesse ensaio, fala do conceito de **vanguarda**. Ele toma Apollinaire como exemplo demonstrando assim a nova percepção e o novo pensamento dos poetas. A preocupação de Benjamin não é definir o conceito “vanguarda”, mas reconhecer na autenticidade da vanguarda a ligação dos pontos do primeiro romantismo: vida e arte, engajamento político e delimitação artística. Ao contrário de Georg Lukács que, no seu ensaio “Sobre a Importância Atual do Realismo Crítico” (1957), acrescentou uma introdução sobre os fundamentos da visão de mundo do vanguardismo, o qual mostra uma outra compreensão de uma “literatura decadente”. Um fundamento essencial desse vanguardismo – Lukács cita Kafka, Benn e Musil – seria a recusa da idéia de desenvolvimento que, na esteira do iluminismo, acabou determinando a filosofia e o historicismo dessa literatura. É recusada a exigência de uma perspectiva que, entre os gregos e em Molière, por exemplo, levou a uma aguda seleção de detalhes. “A literatura decadente perdeu este princípio seletivo, de um ponto de vista subjetivo, o repudia objetivamente”⁹, constata Lukács. A essa recusa estaria ligado um indiscriminado deixar-se levar por detalhes, não importando quais sejam. Ele considera “a tendência naturalista como sendo um fundamento estilístico” (LUKÁCS 1971: 486), frente ao qual todas as transformações estético-formais seriam secundárias. Por outro lado, tais tendências estilísticas do naturalismo até o surrealismo, enquanto “fluxo de associação”, refletiriam as “mudanças na estrutura social”. Ao referir-se às relações entre vanguardismo e filosofia contemporânea (cita Bergson e Heidegger), Lukács conclui: “Em resumo: a responsabilidade, enquanto forma da realidade literariamente criada, não é uma moda artística passageira, estando profundamente arraigada na visão de mundo dos escritores vanguardistas” (ib.: 487). Para ele, uma outra vivência do tempo está na origem desta visão de época. O tempo objetivo, tornado plasticamente visível na seta linear do tempo (da esquerda para a direita), perde, em consequência do choque

9 LUKÁCS 1971: 499. Lukács refere-se particularmente a Benjamin e, em uma passagem decisiva – “[a] auto-dissolução do estético no vanguardismo” – da mesma forma como, com assentimento, o introduz em sua própria análise.

cultural, em favor do tempo subjetivo. “O tempo ‘verdadeiro’, o ‘autêntico’” – escreve – “passa agora a ser mero tempo subjetivo, o tempo da vivencialidade, que assim inteiramente se destaca do mundo real, objetivo, factual” (ib.: 490). Concordantemente, cita Benjamin, que em Proust constatou uma tal vivência do tempo. A concepção de tempo filosoficamente formulada migra para o interior da poesia, perdendo nela toda e qualquer orientação objetiva, toda e qualquer unidade de espaço e de tempo, que são características da literatura realista.

Com grande clareza, Lukács analisa os fundamentos intelectuais da literatura vanguardista – sem conseguir acompanhá-la – para chegar assim a uma concepção compreensiva e criadora da história, tal como se vê em Benjamin. Na categoria estética da alegoria, segundo Lukács, resumem-se os “traços essenciais da literatura vanguardista”. Na alegoria, visões de mundo podem “alcançar validade artisticamente” (ib.: 492ss.; cf. também WITTE 1985: 65). A alegoria sempre esteve ligada a uma referência à transcendência religiosa, estando subjacente assim – de acordo com o marxista Lukács – “a uma falsa consciência estética” (LUKÁCS 1971: 493).

O pensador poético Benjamin – Hannah Arendt refere-se ao “dom de pensar poeticamente” (ARENDR 1987: 176) – vê exatamente aí o seu desafio, o de fazer com que a história se torne reconhecível. A grande contribuição de Benjamin na caracterização da modernidade é a retomada da alegoria como conceito-chave. Esse conceito não foi elaborado no ensaio sobre o surrealismo, mas no livro sobre o drama barroco alemão e nos ensaios em torno de Baudelaire. Então, Lukács o utilizou para caracterizar a vanguarda. O “apego” a um detalhe aparentemente aleatório – Benjamin prefere justamente objetos cotidianos: a mercadoria, o kitsch aos assim chamados acontecimentos com formato de livros de história – não se trata de um nihilismo ou subjetivismo, senão com o objetivo de mostrar o cintilar do movimento histórico. Siegfried Kracauer caracteriza o método benjaminiano como “um procedimento monádico” (KRACAUER 1963: 249-255). Sua certeza intelectual é, no entanto, de natureza sobretudo metafísica, nada tendo a ver com aquela certeza que, operando objetivamente sobre um modelo

racional, deduz a realidade, ou, como Bolle designa essa ambivalência em Benjamin: “sua atitude mais característica não é decisionista, e sim, uma experimentação radical e produtiva das contradições do seu tempo” (BOLLE 1994: 147). A “auto-dissolução do estético”, de que fala Lukács, é uma auto-dissolução ampliada por Benjamin para a filosofia sistemática e para a teoria do conhecimento.

* * *

Em sua caracterização do surrealismo como o “último instantâneo da inteligência européia” podemos reconhecer alguns pontos significativos, dos quais alguns foram problematizados mais tarde por H.M. Enzensberger e P. Bürger:

- a autenticidade do movimento da vanguarda (BENJAMIN 1993: 22; 1982: 296);
- uma ligação imediata entre vida e arte (1993: 22; 1982: 296);
- uma atividade decisiva, ação política, engajamento (1993: 22, 28 s., 30 (Culto do mal) 32 (Bakunin), 34 (desconfiança); 1982: 295, 303, 304 (*Kult des Bösen*), 306 (Bakunin), 308 (*Mißtrauen*));
- a prioridade da “experiência”, a palavra-chave “iluminação profana” (1993: 23 s., 33; 1982: 297, 307 s.);
- o materialismo antropológico (1993: 35; 1982: 309 s.);
- a importância das “coisas”, esse é o caminho da alegoria, a tensão entre coisa e sentido, a metrópole moderna (1993: 26; 1982: 300).

Bürger chama os movimentos das primeiras décadas as “vanguardas históricas”. O contexto histórico e o engajamento artístico não se repetem. Marcel Duchamp colocou o seu *urinoir* (1917) no museu para criticar a arte; os neovanguardistas, para que estejam no museu, colecionam peças do cotidiano. Também a ligação entre vida e arte é considerada um momento característico, que vale somente para aquela época. Nem Enzensberger, nem Bürger falam da “iluminação profana” – o termo decisivo da experiência no pensamento de

Benjamin em que é superada a “Zeitgenossenschaft” (BÜRGER 1996: 16) que se encontra no subtítulo do ensaio; e aqui podemos situar a mudança definitiva dos anos de 68 – 74, o maio da Paris e o movimento político da nova esquerda. O vanguardismo político declarou o fim da arte, a qual era, até o momento, uma arte da classe burguesa, inclusive, a incorporação da arte vanguardista como movimento modernista; ao mesmo tempo que retomou o teatro épico de Brecht e criou novas formas do teatro político (o teatro e o cinema foram os gêneros significativos desses anos: “Living Theatre”, Augusto Boal, Dario Fo/Franca Rame, Cinema Novo etc.). Um outro texto de Benjamin era inserido num debate da estética marxista, *A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica* (1936), e é responsável pela recepção do autor conhecido até esses anos somente pelos estudiosos da Escola de Frankfurt. Esse ensaio é fonte importante também do livro de Helmut Salzinger, *Swinging Benjamin*¹⁰, de 1973, o qual marcou a resistência dos vanguardistas da nova esquerda contra a tentativa de incorporar nas ideologias, tanto burguesas quanto socialistas, um pensador tão crítico e singular. “Sempre radical, nunca conseqüente” (Benjamin) era o *slogan* dos vanguardistas. O livro de Salzinger virou um livro cult. Uma única e autêntica tentativa de um, digamos assim, estudioso benjaminiano daquele momento histórico que se colocou na trilha do surrealismo, da defesa subjetiva do indivíduo contra a sociedade e os mecanismos do capitalismo tardio, propagando “as forças da embriaguez” às necessidades significativas não só da ação, mas também do pensamento. Nesse livro encontra-se somente uma referência ao ensaio sobre o surrealismo. O volume II das *Gesammelte Schriften* (GS) que contém esse ensaio foi publicado depois, no ano 1977. Isso enfatiza as particularidades da recepção de Benjamin. A publicação da obra em pedaços, polemicamente criticada,

10 SALZINGER 1973. Eu me lembro do protesto de uma parte da inteligência de esquerda contra a estratégia leninista – maoísta, na Alemanha Ocidental, de fundar para a luta política um novo e absoluto partido comunista. Protesto que se baseava na defesa do indivíduo enquanto sujeito do processo histórico. Citava-se a vanguarda dos anos 20, o dadaísmo (a reação do “palhaço” contra a rigidez da disciplina leninista) e o surrealismo (retomada de uma certa subjetividade no *slogan* do “espontaneísmo”, p.e. “Phantasie an die Macht”). O mote mostra, ao lado de Benjamin e Adorno, o roqueiro Alice Cooper.

gerou uma inconsistência de interpretação no leitor a respeito do texto. Ocorrendo, então, uma interpretação reduzida embora partidária em relação aos diversos posicionamentos sobre Benjamin. Portanto, Salzinger, se tivesse tido em mãos toda uma publicação organizada e aberta, apoiar-se-ia no “O Surrealismo” em detrimento do ensaio “A Obra de Arte”.

Mas voltamos ao início da década de 60 quando percebemos os rumores da nova crítica. Enzensberger publica no ano de 1960 uma antologia que se chama *Museum der modernen Poesie*, na qual ele se despede provocantemente da poesia da modernidade – sabendo que ela não foi valorizada, não foi lida na Alemanha por um público maior. A poesia é mais uma vez a parte sensível para uma reflexão estética, cultural e política. Enzensberger mostra no seu ensaio “Die Aporien der Avantgarde” (1962) como ele entende modernidade e vanguarda no contexto histórico. Esse ensaio é também um balanço das novas produções estéticas que adotaram o conceito de vanguarda. O episódio modernista da literatura alemã ocidental do pós-guerra lutou para um reconhecimento estético, na esperança de cobrir as rupturas da história recente que em nenhum país foram tão marcantes como na Alemanha. O ensaio de Enzensberger tenta resgatar a modernidade clássica para uma consciência literária na Alemanha. Ele empreende uma discussão crítica com todos os “regimes totalitários”, os quais oprimem o pensamento vanguardista com os meios da polícia. Ele se destaca também da crítica de Lukács contra o vanguardismo como arte perversa, psicopata, nihilista (ENZENSBERGER 1985: 51-75), mas em um certo sentido, Enzensberger é influenciado por Lukács ao lado de Adorno, quando ele avalia negativamente os movimentos neovanguardistas como p.e. a poesia concreta, a arte informal, a produção dos beatniks (J. Kerouac) etc. (aqui está incluído um conceito que é muito importante para Benjamin, que ele emprestou de Mallarmé, o qual foi retomado constitutivamente por E. Gombringer e H. de Campos: “constelação” (ENZENSBERGER 1985: 73). Enzensberger recusa tanto o “tradicionalismo mau” quanto a “vanguarda má”. Para ele como para Bürger, o movimento vanguardista só vale para a primeira metade do século XX.

“Ao contrário do expressionismo, o surrealismo foi desde o começo um empreendimento coletivo, dispondo de uma doutrina elaborada. Todos os grupamentos anteriores e posteriores, comparados com ele, parecem pobres, diletantes e desarticulados. O surrealismo é paradigma, o modelo perfeito de todos os movimentos de Vanguarda. Formulou definitivamente todas as possibilidades e limitações, e desdobrou todas as aporias inerentes a tais movimentos” (ib.: 72 s.).

A avaliação de Enzensberger é muito clara e aniquiladora: “Qualquer Vanguarda atual é repetição, logro ou auto-engano” (ib.: 74). O ímpeto revolucionário e arriscado da vanguarda que Enzensberger detecta como qualidade essencial, não existe mais numa época da “indústria de consciência”. “A Vanguarda tornou-se seu próprio contrário, tornou-se anacronismo. Ela não comporta o risco discreto e ilimitado do qual vive o futuro dos artistas” (ib.: 75). Enzensberger não cita Benjamin, apesar do ensaio sobre a obra de arte ter sido significativo na definição do papel da obra de arte no capitalismo tardio sob o domínio da “indústria de consciência”.

Um primeiro comentário, no Brasil, sobre esse ensaio foi publicado por Anatol Rosenfeld em 1967, e compara os argumentos de Enzensberger com a situação brasileira. Rosenfeld reconhece nesse ensaio uma certa provocação “para enriquecer o debate sobre o conceito da vanguarda e sobre as teorias vanguardistas, tão amplamente desenvolvidas no Brasil”¹¹. Apoiando-se no discurso de Décio Pignatari e Haroldo de Campos, questionando exatamente a vanguarda como *bluff* e a ligação perigosa da arte com o *kitsch* (o que foi muito discutido naquela época), opôs-se a Enzensberger:

“No crescente aceleramento de destruição e construção de idéias, os novos valores nem sempre parecem ser antíteses e muito menos sínteses dialéticas que, como tais, conservem o que há de valioso nas conquistas anteriormente realizadas pelas próprias vanguardas. Muitas

vezes trata-se de simples negações, que decorrem da gratuidade do ‘movimento puro’ elevado a dogma imóvel” (ROSENFELD 1967: 263).

E, sem saída, pensando no entendimento de Rosenfeld, no seu ensaio de 1968, “Gemeinplätze, die neueste Literatur betreffend” (“Banalidades, a respeito da Nova Literatura”), Enzensberger proclama o fim da literatura. Também o que ele não esperava mais, o ímpeto revolucionário com alto risco da perseguição política, marcou a década de 70 (a nova esquerda, o terrorismo, a luta armada). O engajamento político e a crítica ideológica mostram o fracasso da tentativa de construir uma “nova estética” na época do pós-guerra. Em 1970, Enzensberger publicou o ensaio “Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação” (ENZENSBERGER 1970), onde ele desenvolve o seu pensamento em direção a uma teoria dos *mass-media* (os ensaios foram publicados na revista mais avançada no debate político e ideológico naquela época: *Kursbuch*). Nesse ensaio, Benjamin tornou-se o autor mais importante e citado com seus trabalhos sobre a obra de arte, e “Pequena História da Fotografia”; é o autor exemplar da estética materialista sem ligação direta com um partido ou uma linha ideológica. No capítulo 20, intitulado “Vanguarda e ruído da consciência”, Enzensberger retoma sua interpretação da vanguarda histórica e afirma que a sua característica artística central é a antecipação dos possíveis momentos criativos do futuro, mas que na arte contemporânea se encontra somente o ruído da simplificação. A sua postura crítica não encontra mais movimentos vanguardistas e termina com uma citação de Antonio Gramsci no capítulo “Prospecção”: “Pessimismo da inteligência, otimismo da vontade” (ENZENSBERGER 1962). (Uma semelhança com as palavras de Benjamin no ensaio sobre o surrealismo: “organizar o pessimismo”).

A revolta de maio de 1968, que se referiu aos teoremas do surrealismo, chamou “as forças do êxtase/embriaguez” para a luta política, mostrando que a vanguarda no seu momento constitutivo – ligação entre arte e vida, vida e engajamento político – foi renovada, ao contrário do que Enzensberger pensava no começo da década de 60. A palavra-chave, a “iluminação profana”, não entrou no debate teórico e filológico – foi vista como experiência na revolta, no final de 60

¹¹ ROSENFELD 1967: 255. Rosenfeld vê na contribuição de Enzensberger “o velho vício platônico-hegeliano – essencialmente idealista – de atribuir à arte significados e fins semelhantes aos do conhecimento científico e filosófico” (p. 262).

e na primeira metade dos anos 70. E, verificou-se que dentro da literatura crítica sobre Benjamin, as propostas contidas no livro *cult* de Salzinger foram ignoradas¹². A revolta fracassou, ou melhor, não conseguiu mudar o sistema político, foi substituída por uma forma mais disciplinada da luta que se apoiou em Lenin, Trotsky e Mao-tsé-tung e perdeu seu impacto com a autenticidade surrealista. Naquele momento, abria-se um espaço para uma reflexão sobre a vanguarda artística russa no começo da revolução de 1917 (Maiakóvsky etc.) que até então não havia sido ocupado. Bürger tenta juntar no seu livro “A Teoria da Vanguarda” de 1974 as implicações sistemáticas, históricas e teóricas de uma estética materialista. Como mostra a conclusão de Bürger, essa tentativa é muito influenciada pelo momento histórico de maio de 68. “Aquilo que mais perturba a sociedade burguesa, ordenada pela racionalidade dos fins, deve transformar-se em princípio organizativo da existência” (BÜRGER 1993: 66).

Em relação às teorias de Theodor W. Adorno e mais tarde de Hans-Robert Jauss, os quais trabalharam com o conceito de “modernidade”, Bürger separa o movimento vanguardista historicamente como momento decisivo de ruptura dentro da modernidade, com o objetivo de construir uma nova teoria da arte, da literatura. Uma tentativa que se tornou exemplar para a rica discussão da intelectualidade na Alemanha, na Europa entre o marxismo da “nova esquerda” (“*Neue Linke*”) e a crítica ideológica da Escola de Frankfurt. Somente em 1988, Josef FÜRNKÄS (1988) resgatou o surrealismo em Benjamin como “instrumento”/modo de conhecimento; a questão da vanguarda foi deixada de lado.

* * *

A abordagem da vanguarda histórica é, para Bürger, o pressuposto para definir e verificar a repercussão da arte na sociedade. A

12 Salzinger, já pelo seu livro *Rock-Power* (1972) famoso, tornou-se jornalista e comentarista da revista musical “*Sounds*” sob o nome “Jonas Überrohr”

autonomia da arte foi questionada radicalmente com a vanguarda (movimentos vanguardistas). Bürger compreende o seu estudo como tentativa de aprofundar historicamente uma teoria da literatura. O seu livro é fruto e consequência do seu estudo anterior sobre o Surrealismo francês e chamou muita atenção nos anos seguintes. Existe um livro chamado “Respostas a Peter Bürger”¹³ que enumerou os questionamentos levantados a partir da iniciativa daquele autor. Esse livro mostra o debate teoricamente rico e politicamente forte na Alemanha dos anos 70, dentro da inteligência de esquerda, entre os marxistas e os adeptos da Escola de Frankfurt.

Desenvolver uma teoria crítica da literatura deveria levantar a questão fundamental da modernidade sobre a função e caráter da obra de arte. Nos movimentos de vanguarda, reconhece Bürger o ponto final da época da modernidade (aqui não foi explicitamente tematizado o conceito da “modernidade” ou da “pós-modernidade”, mas implicitamente – Bürger fala do conceito do “pós-vanguardismo”), “pois é unicamente nestes movimentos que a totalidade do meio artístico se torna disponível como meio”¹⁴. A radicalização da vanguarda atinge o receptor – na forma de choque. O receptor tornou-se muito mais importante a partir da vanguarda. Bürger afirma que “o subsistema artístico atinge, com os movimentos da vanguarda européia, o estado da autocrítica” (BÜRGER 1993: 51). A instituição da arte foi questionada – o neovanguardismo não contém mais essa atitude. “O mérito dos movimentos históricos de vanguarda é terem consolidado esta autocrítica” (ib.: 58). Na figura de alegoria, retomada por Benjamin, reconhece Bürger a possibilidade de pensar a forma futura da vanguarda. Bürger elabora particularmente a forma da “montagem” dentro do conceito de alegoria; aqui entraria com maior fertilidade o questionamento entre sentido e “coisa concreta”, o material. O acaso da criação artística (“automatismo”), desenvolvido pelo surrealismo, recebe na alegoria uma expressão autêntica, entretanto, o neovanguar-

13 LÜDKE 1976. Os questionamentos levantados nesta obra não foram aqui inseridos por transcenderem ao objetivo das reflexões aqui propostas.

14 BÜRGER 1993: 46. Mesmo dez anos depois, Bürger usa o conceito pós-moderno só entre aspas (cf. 1988: 81-95).

dismo se perde na casualidade. “Em suma: a neovanguarda institucionaliza a *vanguarda como arte* e nega assim as genuínas intenções vanguardistas” (ib.: 105).

Uma teoria de vanguarda, como Bürger pretende fundar, apoia-se no ensaio de Benjamin sobre a obra de arte e no conceito de alegoria, pois a tarefa central seria criar um conceito de obra de arte não-orgânica (fragmentária). O único autor contemporâneo que Bürger demonstra como exemplo de uma produção vanguardista no sentido da sua teoria é Bertolt Brecht, que mostra a moldura histórica e ideológica dessa tentativa teórica de Bürger:

“Brecht é vanguardista na medida em que, ao libertar a parte de auto-ridade do todo na obra, permite um novo tipo de arte política. Na argumentação de Brecht, torna-se patente que, embora a revolução da práxis vital pretendida pelos movimentos históricos de vanguarda se haja frustrado, a sua intenção pode, no entanto, conservar-se” (ib.: 153).

* * *

“Não é este o lugar para descrever a experiência surrealista em toda a sua especificidade. Mas quem percebeu que as obras desse círculo não lidam com a literatura, e sim, com outra coisa – manifestação, palavra, documento, *bluff*, falsificação, se se quiser, tudo menos literatura –, sabe também que são experiências que estão aqui em jogo, não teorias, e muito menos fantasmas”¹⁵.

Diante das colocações realizadas acerca da ideia de vanguarda na literatura crítica alemã com o *background* do debate Modernidade/Pós-modernidade, podemos concluir os seguintes pontos: É muito frutífero abordar, nesse caso, a literatura alemã do pós-guerra com

15 BENJAMIN 1987: 23

o *focus* de vanguarda; por um lado, porque possibilita uma avaliação teoricamente mais profunda, tendo em vista uma situação muito complexa do pós-guerra na Alemanha – pensamos no “narrador surrealista” (Rosenfeld) Ernst Kreuder e seu livro de 1946, *Die Gesellschaft vom Dachstuhl*; pensamos em Günther Weisenborn (*Memorial* de 1948) e, nos casos singulares de Arno Schmidt e Gisela Frankenberg – quer dizer, a controvérsia entre a tradição e modernismo em busca da identidade nacional continuou, a situação de um país ocupado e controlado por quatro países (França, Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética) com diferentes tarefas no programa “reeducation”, uma situação ideologicamente difícil (Hans Mayer criou a palavra-chave “Ideologiefindlichkeit” para definir a era pós-guerra, ou seja, uma aversão a ideologias). Por outro lado, é frutífera a abordagem do tema para diferenciar e definir a Modernidade e a Pós-modernidade, para especificar a alegoria como conceito-chave da literatura contemporânea, saindo inclusive da forte influência lukácsiana da discriminação da arte vanguardista e moderna.

A fundação de uma nova teoria da literatura, como Bürger pretendeu fazer, baseando-se no “conceito” de vanguarda, já foi muito criticada e espera ainda um aprofundamento maior. Bürger retoma no ano de 1996 seu estudo inicial sobre o Surrealismo (1971) e constata: “O autor de *Tränen des Odysseus* não é mais aquele que escreveu *Der französische Surrealismus*. O livro é a imagem *única* do passado; mas na medida em que essa imagem pretende representar adequadamente o objeto. E, sobre essa imagem se passaram 25 anos de pesquisa sobre o surrealismo” (BÜRGER 1996: 10). Respondendo sua própria pergunta diante dessa situação, “o que fazer?”, resolve publicar o livro de 1971 sem mudanças, mas atualizado no índice da literatura crítica. E a necessidade da reedição ocorreu por Bürger achar a deficiência significativa na recepção tardia e desalinhada do pós-estruturalismo na Alemanha, essa causada pela recepção deficiente do surrealismo, particularmente dos autores Breton e Aragon. E Benjamin era o único autor alemão que percebeu a importância do surrealismo e adaptou sua maneira de pensar que visava um conhecimento não limitado no racional.

Peter Osborn caracteriza o surrealismo em Benjamin como “*the secret cargo*” para apontar a importância desse pensamento; com essas palavras deixamos o contexto da nossa análise e finalizamos, por enquanto, que Osborn sublinha com toda razão essa importância do surrealismo – “*a crucial juncture in the development of his thought*” (OSBORN 1994: 62) – para a obra prima inacabada, o *Passagen-Werk*. Mas o que Osborn chama a “*avant-garde experience*” não é somente “*a political temporalization of history*” (ib.: 61), assim momento constitutivo da aplicação filosófica e a “*idéia*” da vanguarda que se expressa nessa experiência como ligação entre vida e arte, atentando aos diversos estados da consciência, continua. Isto é um desafio para escritores, artistas e pensadores também na época da “*Pós-modernidade*”, ou talvez seja ainda maior.

Referências bibliográficas

- ARENDE, Hannah. “Walter Benjamin: 1892-1940”. In: ARENDE, Hannah. *Homens em Tempos Sombrios. Ensaio sobre Brecht e Benjamin*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 176, 1987.
- BENJAMIN, Walter. “A Vida dos Estudantes” (1915). In: BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie. Escritos Escolhidos*. São Paulo, Cultrix & Edusp, p. 151-159, 1986.
- BENJAMIN, Walter. *Angelus Novus. Saggi e Frammenti*. Torino, Einaudi, 1962.
- BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1982.
- BENJAMIN, Walter. “O Surrealismo”. In: *Obras Escolhidas, Vol. I.*, 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, p. 22, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Diário de Moscou*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- BENJAMIN, Walter. “Rua de Mão Única”. In: *Obras Escolhidas, Vol. II.*, 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, p. 40, 1993.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna. Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1994.

BRODERSEN, M. “Kostspielige Aperçus. Zum Band VII der ‘Gesammelten Schriften’ Walter Benjamins”. In: *Die Tageszeitung* (Berlin), p. 23, 13/01/1989.

BÜRGER, Peter. “O Declínio da Era Moderna”. In: *Novos Estudos CEBRAP* 20, pp. 81-95, 1988 (trad. do inglês, 1984/85).

BÜRGER, Peter. *Teoria da Vanguarda*. Lisboa, Vega, 1993.

BÜRGER, Peter. *Der französische Surrealismus. Studien zur avantgardistischen Literatur. Um neue Studien erweiterte Ausgabe*. Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1996.

CHAVES, Ernani P. *Mito e História: Um Estudo da Recepção de Nietzsche em Walter Benjamin*. São Paulo, FFLCH-USP (Tese de doutorado, mimeografado), 1993.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. “Gemeinplätze, die neueste Literatur betreffend”. In: ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Einzelheiten II. Poesie und Politik*. Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1962.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. “Bausteine, zu einer Theorie der Medien”. In: *Kursbuch* 20, 1970 (trad. brasileira de Helena Parente Cunha e Moema Parente Augel: *Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1979).

ENZENSBERGER, Hans Magnus. “As Aporias da Vanguarda”. In: ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Raiva e Paciência. Ensaio sobre Literatura, Política e Colonialismo* (org. e trad. Wolfgang Bader). Rio de Janeiro, Paz e Terra, pp. 51-75, 1985.

FÜRNKÄS, J. *Surrealismus als Erkenntnis. Walter Benjamin – Weimarer Einbahnstrasse und Pariser Passagen*. Stuttgart, Metzler, 1988.

KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin. Sociologia*. 2ª ed., São Paulo, Ática, 1991.

KRACAUER, Siegfried. “Zu den Schriften Walter Benjamins”. In: KRACAUER, Siegfried. *Das Ornament der Masse. Essays*. Frankfurt a.M., Suhrkamp, p. 249-255, 1963.

LÜDKE, W. Martin (Org.). *Theorie der Avantgarde. Antworten auf Peter Bürgers Bestimmung von Kunst und bürgerlicher Gesellschaft*. Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1976.

LUKÁCS, Georg. "Über die Gegenwartsbedeutung des kritischen Realismus".
In: *Georg Lukács Werke, Vol 4. (Probleme des Realismus)*, Neuwied/
Berlin, Luchterhand, p. 499, 1971.

OSBORN, P. "Small-scale Victories, Large-scale Defeats. Walter Benjamin's
Politics of Time". In: BENJAMIN, Andrew & OSBORN, P. *Walter Benjamin's
Philosophy. Destruction and Experience*. London/New York, Routledge,
1994.

ROSENFELD, Anatol. "Hans Magnus Enzensberger". In: ROSENFELD, Anatol.
Letras Germânicas, p. 255, 1967.

SALZINGER, H. *Swinging Benjamin*. Frankfurt a.M., Fischer 1973 (ampliado
e reeditado: Hamburg, Kellner, 1990).

SCLIAR, Moacyr. *Sonhos Tropicais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

WITTE, Bernd. *Walter Benjamin*. Reinbek, Rowohlt, 1985.

DIE VERKÜMMERUNG DER ERFAHRUNG: EINE VERGLEICHENDE ANALYSE VON *PETER SCHLEMIHLS WUNDERSAME GESCHICHTE* UND *DAS PARFUM*

Roberto Henrique Seidel*

Abstract: The present article is a comparative analysis of *Das Parfum* by Patrick Süskind and *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* by Adalbert von Chamisso. The analysis applies Walter Benjamin's concepts of *experience* and *event* to the deep structure of the narratives and the characters and confronts the issue of identity of the modern hero, who is unable to undergo any kind of experience, with the loss of sense that the individual suffers from as a result of the disenchantment of the world.

Keywords: Identity; Experience; Modernity.

Resumo: O presente artigo é uma análise comparativa de *Das Parfum* de Patrick Süskind e *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* de Adalbert von Chamisso. A análise aplica os conceitos de *experiência* e *evento* de Walter Benjamin à estrutura profunda das narrativas e dos caracteres e confronta a temática da identidade do herói moderno sem nenhuma experiência com a perda de sentido que o indivíduo sofre em função do desencantamento do mundo.

Palavras-chave: Identidade; Experiência; Modernidade.

Stichwörter: Identität; Erfahrung; Modernität.

Thomas Mann, in der Einleitung zur *Peter Schlemihls wundersame Geschichte, mitgeteilt von Adalbert von Chamisso*, erstmals 1911 veröffentlicht (MANN 1960: 35), spricht von der wunderbaren Mitreibungskraft, die diese Geschichte und andere kürzere von Chamisso

* Der Autor ist Doktorand in *Teoria Literária* an der *Universidade Federal de Pernambuco*, Recife, und Deutschlehrer am *Centro Cultural Brasil-Alemanha*, Recife. Adresse des Autors: c/o Centro Cultural Brasil-Alemanha, R. do Sossego, 364. CEP 50050-080 – Recife, PE.

in ihm und seinen Schulkollegen erweckten, da sie sich nicht als noch eine der langweiligen Schullektüren darstellten. Diese 1814 veröffentlichte Geschichte ist auch heute noch Einflußquelle für junge Leser. Unser Ziel in diesem Aufsatz ist aber hauptsächlich, eine vergleichende Analyse zwischen der Geschichte von Peter Schlemihl und der von Jean-Baptiste Grenouille – die uns Patrick Süskind in seinem Roman *Das Parfum* erzählt – zu führen, und aus beiden Erzählungen die thematische und geschichtliche Struktur unter dem besonderen Gesichtspunkt des deutschen Theoretikers Walter Benjamin hervorzuheben.

Dazu gibt die Thematik der Ausländerfeindlichkeit, die in den letzten Jahrzehnten wieder in die öffentliche Diskussion geraten ist, einen guten Anlaß, denn Chamisso ... "der deutsche Schriftsteller, der unseren Knaben als erstes, gültiges Muster vorgestellt wird, war ein Fremder, ein Ausländer" (MANN 1960: 37). Er war ein Franzose, der als vierzehnjähriger nach Deutschland umgezogen war. Von seiner Biographie her wissen wir, daß er *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* geschrieben hat, als er dreiunddreißig Jahre alt war, also zur Zeit der Besatzung von Preußen durch die Mächte Napoleons. Seine Seele litt in diesem geschichtlichen Augenblick unter dem Identitätskonflikt Franzose zu sein, sich aber gleichzeitig als Deutscher zu fühlen. Dieser Konflikt erweckte in ihm die Empfindung, so ungreifbar zu sein, daß er selbst keinen "Schatten" mehr werfen konnte. Patrick Süskind ist auch ein wunderlicher Mensch: Er "lebt ohne Frau und ohne Fernseher in einem südfranzösischen Dorf, meidet Kontakte und scheut das Tageslicht" (SCALA 1992: 55).

Damit kommen wir nun zur Handlung. Peter Schlemihl ist ein armer Junge, der in Hamburg mit einem Empfehlungsbrief an der Villa des Reichen Herrn Thomas John ankommt, um diesen um Hilfe für seine Pläne zu bitten. Da trifft er den Mann in Grau, der aus seiner Jackentasche alles Unmögliche, wie ein Fernrohr, einen Teppich, ein Zelt und sogar Pferde herauszieht. Er fühlt sich von diesem Mann wie hypnotisiert, als dieser ihm anbietet, den Schatten abzukaufen. Peter verkauft so seinen Schatten. Dafür bekommt er einen Glücks-

beutel (Glücksäkel). Dieser Beutel hat die Merkwürdigkeit, dem Inhaber in unendlicher Menge Goldstücke zu liefern. Aber ganz schnell merkt der junge Peter, daß es nicht leicht ist, obgleich man der reichste Mann der Welt ist, ohne Schatten unter den Menschen zu leben. Überall wo er ankommt, erregt er Aufmerksamkeit wegen des fehlenden Schattens, so daß er es sich letztendlich nur noch abends erlaubt, sein Haus zu verlassen. Er wird verzweifelt und traurig. Er muß ein Jahr lang auf die Wiederkehr des Mannes in Grau warten, so erhofft er, seinen Schatten wieder zurückzubekommen. In diesem Zeitabschnitt verliebt er sich in die schöne Mina, aber ihre Liebe scheitert, weil er keinen Schatten hat. Als der Mann in Grau dann endlich zurückkommt, möchte er Peters Schatten wieder zurückgeben. Dafür soll Peter aber ein Papier unterschreiben, wodurch er dem Mann in Grau seine Seele überläßt. Darauf läßt sich Peter jedoch nicht ein und so muß er immer wieder fliehen.

In Patrick Süskinds Werk *Das Parfum*, erstmals 1985 veröffentlicht, erfahren wir vom Leben des Jean-Baptiste Grenouille. Er wird unter einem Schlachtisch in einer schmutzigen und stinkenden Fischbude an einem der heißesten Tage des Sommers von 1738 in Paris geboren. Die Mutter wird wegen Kindermords verhaftet und zum Tode verurteilt. So wird er an verschiedene Ammen übergeben. Eine dieser kommt an einem Kloster vorbei und sagt dem Pater, sie möchte das Kind nicht weiter ernähren. Dem Pater gibt sie als seltsamen Grund ihrer Entscheidung an, daß das Kind überhaupt nicht rieche. Der Pater will das nicht glauben, doch spürt er sich selbst angesichts des "löchrigen Organs" des Kindes wie nackt, so daß er es an ein privates Heim weitergibt, wo es dann auch aufwächst. Das Seltsame in dieser Geschichte ist nun, daß Grenouille nicht riecht. Er kann sich im Dunkeln nur durch den Geruch der Sachen orientieren. Und so geht sein Leben weiter. Als Ziel seines Lebens setzt er sich, ein Parfum für sich zu entwickeln, das ihm die Liebe der Menschen geben soll. Darauf wendet er skrupellos seine Kräfte an.

Von der materiellen Struktur her sind es gewiß zwei sehr verschiedenen Werke. In diesem Sinne kann man *Das Parfum* als einen

Roman und *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* als eine Novelle bzw. Erzählung – oder auch als ein Kunstmärchen (BLAMBERGER 1996: 112) – bezeichnen. Während die Handlung der letztgenannten objektiv, durch einen klaren Stil gekennzeichnet und von der Aktion geprägt ist, herrscht in Süskinds *Das Parfum* ein Stil vor, der auf Einzelheiten eingeht, sei es psychologische oder physische (z.B. die Beschreibung von Paris im ersten Teil des Buches, die Charakterisierung der Lebensweise im achtzehnten Jahrhundert, die Beschreibung der Produktionstechnik von Duftstoffen und Parfümeriewaren).

In Chamissos Werk finden wir noch Merkmale der traditionellen Erfahrungserzählung. Peter Schlemihl ist in dieser Richtung ein Urbild des Erzählers, der die Erfahrung macht und sie dann weitergibt, denn die Handlung ist derart aufgebaut, daß sie dem Leser als eine von der Figur geschriebene Geschichte erscheint. Hier wird *Erfahrung* (ein in der Überlieferung eingewurzelter kultureller Zug) im Gegensatz zu *Erlebnis* (nicht so wichtig, weil dieses unmittelbar auf psychologischer Ebene stattfindet) im Sinne von Walter Benjamin benutzt (LÖWY 1990: 193). Nach Benjamin vereinigt der Erzähler den Bericht des Wunderbaren – des Unheimlichen, der noch nie gesehenen Sachen, die die Erzählung als Neuigkeit und Geheimnis rechtfertigen – mit der Möglichkeit, daß aus dem Erzählten eine erzieherische Moral, eine Lebensregel gezogen werden kann (MERQUIOR 1969: 123 f.). Benjamin geht noch weiter, denn für ihn entstammen die Erzählung und das Märchen aus der kollektiven vorkapitalistischen Erfahrung, deren befreiender Zauber die Natur nicht in Gefahr setzt, d.h. die durch den Beginn des Kapitalismus stattfindende Entzauberung der Welt ist der Niedergang der Erfahrung. Und dieser Niedergang ist der Abbruch des befreienden Zaubers, der den mythischen Alptraum der zerstörten Vereinheitlichung zwischen Mensch und Natur herstellt (LÖWY 1990: 193 f.).

Beide Werke sprechen von der Zeit, in der diese von Benjamin beschriebene Entwicklung beginnt. Peter Schlemihl spürt, daß er etwas Falsches getan hat, in dem er seinen Schatten gegen Gold tauschte. Der Romantiker Chamisso erlaubt es dem Jungen aber nicht, mit die-

sem Gold auf der Erde glücklich zu sein. Dafür besorgt er ihm die Siebenmeilenstiefel als "Entschädigung" für den weggeworfenen Goldbeutel. Und so findet der arme Schlemihl endlich wieder seine Ruhe. Und erstaunlich ist nun, daß er sein Leben gerade der Natur widmet: Er wird Botaniker und Geograph, da er sich ja ganz schnell mit seinen Stiefeln durch die Welt hin und her bewegen kann.

Die Modernität erlaubt es dem Menschen nicht mehr, irgendeinen Ausweg zu finden. Bei Benjamin wird die Modernität als Hölle und die kapitalistische Vorgeschichte als Paradies gekennzeichnet (LÖWY 1990: 197). Und dies wird auch im Werk *Das Parfum* veranschaulicht. Die Hauptfigur findet für ihre Existenz keine Lösung, obgleich niemand unter den normalen Menschen bemerken würde, daß sie keinen Geruch besitzt und gleichzeitig ihr Geruchssinn entwickelter ist als der gewöhnliche. Das ist durch den Gesichtspunkt des modernen Schriftstellers erklärbar, dessen Augen die gleiche Zeit wie die in der Erzählung von Chamisso betrachten. Chamisso akzeptiert nicht die Verkümmern der Erfahrung durch die Marktregeln. Süskind weiß seinerseits schon um diese Hölle der Modernität. Seine Figur läuft wie ein Automat durch die Welt. Diese Identität zwischen dem Automatischen und Satanischen wurde auch schon von Benjamin anhand der phantastischen Erzählungen E. T. A. Hoffmanns festgestellt, der übrigens auch ein Zeitgenosse und Freund Chamissos war.

Letztendlich könnte man sagen, daß Chamissos Erzählung noch immer einen Hauch von Aura ausstrahlt, was im Sinne von Benjamin heißt, daß in der Welt, von der sie handelt, diese Verkümmern der Erfahrung noch nicht gänzlich stattgefunden hat, was sich auch durch das Ende der Erzählung beweisen läßt (Schlemihl hat schließlich eine Lösung für seine Existenz gefunden). Somit haben wir es tatsächlich mit einer Erzählung, in dem oben erwähnten Sinne einer erlebten Erfahrung, zu tun. Andererseits kann das Werk auch als Allegorie des biographischen Lebens von Chamisso verstanden werden, da er selbst drei Jahre lang an einer wissenschaftlichen Weltumsegelung teilgenommen hat. (Er war sogar in Brasilien!).

Im Gegensatz zur Erzählung blüht der Roman erst seit dem Beginn der sogenannten Modernität, seitdem das Individuum sich alleine durch die Volksmasse der Passanten treibt (BENJAMIN 1975: 16). Im Roman wird ein erfahrungsloser Held dargestellt, der aber doch Erlebnisse hat. Dieser Held ist vergeblich, traditionslos. So kann auch Jean-Baptiste Grenouille charakterisiert werden. Er hat keine Erinnerungen (ROUANET 1993: 64), kennt weder Vater noch Mutter. Er hat überhaupt keine Identität. In allegorischem Sinne (BENJAMIN 1986: 17-40) kann die Geruchlosigkeit von Grenouille als eine von jedem Mensch selbst aufzubauende Identität verstanden werden. Grenouille versucht für sich selbst eine Identität herzustellen durch die Beherrschung der Technik. Er, ein begabter Junge, schafft es, insofern er den technischen Fortschritt beherrscht. Aber in menschlicher Hinsicht nützt ihm sein Erfolg nichts, da dieser Erfolg durch die Ermordung zahlreicher junger Mädchen erkaufte wird, aus deren Lebenshauch das wunderliche Parfum hergestellt wurde. Die Entzau-berung der Welt in der Grenouille aufgewachsen ist, führt ihn zu einem Sinnverlust, sei es durch seine persönliche Geschichte, sei es durch seine Verbrechen. Als er sein Ziel erreicht hat, als das Parfum, das ihm die Liebe der Menschen geben soll, fertig ist, wird das Leben für ihn sinnlos.

Das Problem der Identität, Leitfaden in beiden Werken, schließt sich an das der Liebe. Beide Figuren können die Liebe nicht finden. In diesem Sinne spricht Benjamin vom Kunstwerk als einer Aufzeichnung der Frustration des Glücks, da diese Frustration uns ein mögliches, potentiell Glück zeigt, d.h. das Kunstwerk ist eine konkrete Utopie (KOTHE 1976: 42).

Zum Schluß möchte ich noch erwähnen, daß man das in den beiden Werken vorhandene Unheimliche (SEIDEL 1996: 20) unter dem Gesichtspunkt der Psychoanalyse oder der phantastischen Literatur betrachten kann. Freud schrieb nämlich sein *Das Unheimliche* anhand der Erzählungen von E. T. A. Hoffmann (HUBER 1996: 8-10). Todorov (1970: 65) schreibt seinerseits basierend auf Freud, daß eine allegorische Auslegung eines Textes sich gegen eine Interpretation

stelle, die sich an der phantastischen Literatur oder am magischen Realismus orientiere.

Den Zeitungsschlagzeilen folgend, ist der Roman *Das Parfum* "Europas Antwort auf den Magischen Realismus Lateinamerikas" – wie es auf dem Buchumschlag zu lesen ist. Meiner Meinung nach handelt es sich hier mehr um ein Wiederlesen der phantastischen Literatur vom Beginn des neunzehnten Jahrhunderts, was man schon als eine Interpretation der europäischen Vergangenheit sehen kann, die aber immerhin noch sehr entfernt von dem im lateinamerikanischen Magischen Realismus vorhandenen *merveilleux* liegt. Man sollte mit dieser "Antwort" ein wenig skeptisch sein, denn in Europa ist dieses *merveilleux*, dieses Wunderbare, schon ausgestorben, was in Lateinamerika noch nicht der Fall ist (CARPENTIER 1980: 55).

Literaturverzeichnis

- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- BENJAMIN, Walter. "Alegoria e Drama Barroco". In: BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie. Escritos Escolhidos*. São Paulo, Cultrix & Edusp, p. 17-40, 1986.
- BLAMBERGER, Günter. "Ein anderer ist nun der wirkliche Anfang. Die Weltreisenden Peter Schlemihl und Adalbert von Chamisso". In: HELBIG, Holger & al. (Hrsg.). *Hermenautik – Hermeneutik*. Würzburg, Königshausen & Neumann, p. 109-117, 1996.
- CARPENTIER, Alejo. *Razón de ser*. Havana, Letras Cubanas, 1980.
- CHAMISSO, Adalbert von. *A história maravilhosa de Peter Schlemihl*. Posfácio de Thomas Mann (trad. e notas de Marcus Vinicius Mazzari). São Paulo, Estação Liberdade, 1989.
- CHAMISSO, Adalbert von. *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* (vereinf. Fassung für Deutsch als Fremdsprache von Ingeborg Modisane). München, Klett, 1992.

- HUBER, Valburga. "O Homem da Areia. de E. T. A. Hoffmann e a atualidade da literatura fantástica". In: *Boletim Inter-Cultural* 13, p. 8-10, 1996.
- KOTHE, Flávio R. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- LÖWY, Michel. *Romantismo e messianismo. Ensaio sobre Lukács e Benjamin*. São Paulo, Perspectiva & Edusp, 1990.
- MANN, Thomas. "Chamisso". In: MANN, Thomas. *Reden und Aufsätze. Gesammelte Werke in zwölf Bänden, Band IX*. Berlin, Fischer, p. 35-57, 1960.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Ensaio crítico sobre a Escola Neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
- ROUANET, Sergio Paulo. *A razão nômade. Walter Benjamin e outros viajantes*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1993.
- SCALA. ZEITSCHRIFT AUS DER BUNDESREPUBLIK DEUTSCHLAND. *Lesezeichen*, Jan.-Feb., 1992.
- SEIDEL, Roberto H. "O fantástico e o realismo mágico na literatura infanto-juvenil". In: *Palavra Como/Vida* 37 e 38, p. 19-21 e 14-16, 1996.
- SÜSKIND, Patrick. *Das Parfum. Die Geschichte eines Mörders*. Zürich, Diogenes, 1985.
- SÜSKIND, Patrick. *O perfume* (trad. Flavio R. Kothe). Rio de Janeiro, Record, [s. d.].
- TODOROV, Tzvetan. *Introduction à la littérature fantastique*. Paris, Editions du Seuil, 1970.

LÍNGUA –
SPRACHE

SPRICHWÖRTER IM TEXT – EIN STEIN IM SCHUH DES ÜBERSETZERS?

Eva M.F. Glenk*

Abstract: Taking the notion of *frame* as a base for lexical description, we elaborate a cognitive proverb-model. This model serves as an instrument for the understanding and the translation of proverbs. It makes it possible to trace the proverbs' structural, lexical, semantical and pragmatical recurrences in the text. In this paper we show the influence the proverb has on the text and discuss translation problems by means of examples.

Keywords: Proverbs; Text linguistics; Cognitive linguistics; Elfriede Jelinek; Lexicology.

Resumo: Partindo da idéia de *frame* como base para a descrição lexical, elaboramos um modelo cognitivo de provérbios. Este modelo serve de instrumento para a compreensão e tradução de provérbios. Ele permite localizar as suas recorrências estruturais, lexicais, semânticas e pragmáticas no texto. Demonstramos, neste trabalho, a influência do provérbio sobre o texto, e discutimos os cuidados necessários na tradução através de exemplos concretos.

Palavras-chave: Provérbios; Lingüística do texto; Lingüística cognitiva; Elfriede Jelinek; Lexicologia.

Stichwörter: Sprichwörter; Textlinguistik; Kognitive Linguistik; Elfriede Jelinek; Lexikologie.

0. Einleitung

Manchmal werden uns *Steine in den Weg gelegt*; wenn sich dann jemand findet, der uns die *Steine aus dem Weg räumt*, fällt uns

* Die Autorin ist *professora doutora* am Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, der USP.

ein Stein vom Herzen. Daß Steine in unserer Sprache eine wichtige Rolle spielen, ersehen wir daraus, daß es sogar ein Rezept gibt, wie man mit ihnen fertig wird: *Steter Tropfen höhlt den Stein!* Wir kennen auch die *Steine*, die wir bei jemandem *im Brett haben* können, und solche, die *Steine des Anstoßes* sind – aber *Steine im Schuh* kennen wir nur von unseren Waldspaziergängen. Wenn man dem Leser also auf deutsch mitteilen möchte, daß jemand oder etwas *uma pedra no sapato de alguém* ist, dann verfügt man über keine vollkommen äquivalente deutsche Redewendung. Wendungen, die der portugiesischen semantisch und auch strukturell nahe kommen, wären etwa *jemandem auf den Geist gehen* oder *jemandem ein Dorn im Auge sein*. Beide drücken aber größeres Mißfallen aus, als das in der portugiesischen Redewendung der Fall ist. Da es sich um einen Ausdruck mit einer sehr transparenten Metapher handelt, wäre auch die wörtliche Übersetzung möglich, zumal sie leicht verstanden würde. Ihre Bedeutung kommt der von *ser uma pedra no sapato* sehr nahe, obwohl ihr die Konventionalität einer Redewendung fehlt.

Welcher Übersetzer ist noch nie vor einem ähnlichen Problem gestanden? Für viele Sprichwörter – wie auch für viele andere Phraseologismen – gibt es kein wörtliches Äquivalent in der Zielsprache. Obwohl man sinngemäß übersetzen oder ähnliche Ausdrücke finden kann, wie wir das eben demonstriert haben, sollte die Entscheidung für eine bestimmte Übersetzung von folgenden Überlegungen abhängig gemacht werden.

Bei Sprichwörtern handelt es sich um stereotype Texte, deren Aufgabe es ist, die Weltmodelle einer bestimmten Gesellschaft zu tradieren. Sie sind Muster, die in viel stärkerem Maß als andere linguistische Muster das gesamte Weltbild einer Gesellschaft ins Spiel bringen.

Um Sprichwörter verstehen und anwenden zu können, muß man die Sprachgruppe und die Kultur kennen, die sie geprägt hat. Ihre Bedeutung läßt sich nicht aus einer bloß syntaktisch-semantischen Analyse ableiten, sind sie doch sprachliche Manifestation und gleich-

zeitig Stütze der Perpetuierung eines von Geschichte und Gesellschaft konstruierten Weltbildes und des ihm inhärenten Wertesystems. Die Kenntnis dieses Weltbildes und seines Wertesystems stellt daher die Grundlage für das Sprichwortverstehen und -verwenden dar; sie gehört zum Sprichwort-Modell.

Da also das Sprichwort in den Text wesentlich mehr einbringt als nur eine bloße Aussage, muß es bei der Übersetzung mit besonderer Aufmerksamkeit bedacht werden.

Wie sehr das Sprichwort den Text beeinflusst, habe ich in meiner Dissertation *Die Funktion der Sprichwörter im Text. Eine linguistische Untersuchung anhand von Texten der Elfriede Jelinek*¹ untersucht.

Hier möchte ich einige Beispiele dafür vorstellen, wie sehr Sprichwörter mit dem Text verwoben sind, wie sie seine Produktion beeinflussen und zur Konstruktion des Textweltmodelles² beim Prozeß des Textverstehens beitragen. Zunächst aber noch einige Erläuterungen, die zum Verständnis dieses Prozesses nötig sind.

1. Das Sprichwort als Modell

Wie schon oben erwähnt ist das Sprichwort nicht nur eine Aussage, die unter **formalen** und **inhaltlichen** Aspekten analysiert werden kann; um seine Bedeutung voll zu erfassen, ist vor allem der **pragmatische** Aspekt ausschlaggebend. Der pragmatische Aspekt läßt sich grob in **Kommunikationssituation** (die wiederum in Illokution, das heißt die Sprecherabsicht, und Perlokution, das ist das Sprech-

1 GLENK, E. 1996. *Die Funktion der Sprichwörter im Text. Eine Untersuchung anhand von Texten der Elfriede Jelinek*. Diss. USP, São Paulo.

2 Strohner beschreibt in seiner Arbeit "Textverstehen" (1990) die Entstehung des Textweltmodelles als Endprodukt des kognitiven Prozesses des Textverstehens. Zum besseren Verständnis möchte ich auch auf die Fußnote 5 verweisen.

handlungsziel, geteilt wird) und **Bezugssituation** (die Situation, auf die das Sprichwort bezogen wird) unterteilen. Das Wissen darum, in welchen Kommunikations- und in welchen Bezugssituationen es gebraucht wird, ist Teil des Wissens über ein Sprichwort – und wird durch das Sprichwort aktiviert.

Als Beispiel dafür die Analyse des Sprichworts:

Wer wagt, gewinnt	
1-Form	typische binäre Sprichwortform
2-Bedeutung	Bei der Analyse der Bedeutung unterscheiden wir die semantische Proposition des ganzen Sprichwortes und die Konzepte, die im Sprichwort verwendet werden, selbst wenn dies nur in bildlicher Form geschieht.
2.1 Proposition	Wenn du (das) wagst, dann erreichst du (das) auch. Zwischen den beiden Teilen der Proposition besteht eine KONDITIONALRELATION. Oder paraphrasiert: Wer seine Angst überwindet und Risiken eingeht, der wird erreichen, was er anstrebt.
2.2 Konzepte	a) wagen: auf's Spiel setzen, riskieren wer: Personen wen/was: einen Einsatz, das Leben, Geld, Ehre wo/wann: in riskanten, gefährlichen Situationen wie: mutig (Angst überwindend) handelnd warum: der Wert des Angestrebten motiviert wozu: um etwas durch dieses Tun zu erreichen b) gewinnen: erreichen, erwerben, siegen, jemanden für sich einnehmen, überzeugen wer: Personen wen/was: Preis, Ertrag, Prozeß, eine Person wo/wann: im Handel, im Krieg, im Sport, im Lotto... wie: man muß Glück oder sonstige besondere Fähigkeiten haben oder eine besondere Anstrengung auf sich nehmen warum: aus Ehrgeiz wozu: um etwas Wertvolles zu erhalten

3-Pragmatischer Aspekt	Die Kenntnis darüber, wie das Sprichwort in einer bestimmten Sprachgruppe verwendet zu werden pflegt, das heißt, welche Sprecher es unter welchen Bedingungen mit welcher Absicht anwenden, ist Teil des kognitiven Sprichwortmodells ³ .
3.1 Kommunikationssituation	in der es meist verwendet wird:
3.1.1 Illokution	jemanden ermutigen, ein Risiko einzugehen
3.1.2 Perlokution	jemand tut einen mutigen Schritt
3.2 Bezugssituation	(Situation, auf die das Sprichwort meist bezogen wird): Jemand wagt es nicht, etwas Bestimmtes zu tun, aus Furcht vor eventuellen negativen Konsequenzen, die aber in der Einschätzung seines Gesprächspartners gar nicht eintreffen werden, wenn der andere nur mutig handelt. Es kann ganz allgemein auf die verschiedensten Lebensbereiche angewendet werden.

Alle diese Aspekte des Sprichwortmodells müßten in einem Sprichwörterlexikon berücksichtigt werden, um dem Übersetzer eine angemessene Wahl zu ermöglichen.

2. Das modifizierte Sprichwort im Text

Sprichwörter treten aber auch häufig in modifizierter Form auf. Die Modifikation der Sprichwörter kann auf formaler, inhaltlicher oder pragmatischer Ebene geschehen. Immer jedoch liegt dem modifizierten Sprichwort das ursprüngliche zu Grunde und manifestiert sich im Text.

³ Das von mir in meiner Doktorarbeit (GLENK 1996) erarbeitete Sprichwortmodell stützt sich auf die Frametheorie und Arbeiten dazu besonders von KONERDING (1993) und WIERZBICKA (1986).

Die modifizierten Sprichwörter behalten ihre sprichwörtliche Autorität bei (selbst wenn sie als Anti-Spruchwörter verwendet werden – d.h. als Sprichwörter, die ihre eigene Autorität aufbrechen sollen⁴). Sie werden aber zum eigenen Vorteil verändert: um das eigene Handeln zu bestätigen, zu rechtfertigen und zu begründen – und das oft, obwohl genau das Gegenteil der Bedeutung des ursprünglichen Sprichworts ausgesagt wird, wie dies im folgenden Beispiel *Wer plant, gewinnt* gezeigt wird.

In den von uns untersuchten Texten der Elfriede Jelinek wird das Sprichwort in manchen Fällen ohne passende Bezugssituation verwendet und nur zum Thema assoziiert, um dem Diskurs des Sprechenden sprichwörtliche Autorität zu verleihen, obwohl das Sprichwort inhaltlich kein Argument gegen den Diskurs des Hörers darstellt.

In allen diesen Fällen jedoch entlarvt die Manipulation der Sprichwörter die Absicht der Sprecher, ihre eigenen Interessen zu legitimieren, was aus scheinbar “übernommenen” subversive Sprichwörter im Gesamtzusammenhang des erzählerischen Werkes der Autorin macht.

Beispiel eines modifizierten Sprichwortes:

Wer plant, gewinnt.

Es handelt sich dabei um die Modifikation des oben besprochenen Sprichworts *Wer wagt, gewinnt.* für das eine Äquivalenz in

4 GRESILLON & MAINGUENEAU (1984) zeigen, daß es von der Verwendungsweise der Sprichwörter abhängt, ob herrschende Ideologien verstärkt oder aufgebrochen werden. Sie unterscheiden zwei Verwendungsweisen von modifizierten Sprichwörtern: “captation” und “subversion”, d.h. Übernahme und Subversion. Bei der Übernahme werden die Charakteristika des Sprichwortes dazu benutzt, einer Aussage sprichwörtliche Autorität zu verleihen; bei der Subversion wird die Autorität des Sprichworts zerstört - und damit die Ideologie, die es übermitteln soll, hinterfragt. Trotzdem eignen sich auch diese Anti-Spruchwörter aufgrund ihrer Sprichwortform wieder Autorität an.

brasilianischem Sprachgebrauch existiert: *Quem não arrisca, não petisca.* Wie soll nun aber die Modifikation auf Portugiesisch lauten? *Quem não arrisca, petisca?* Oder: *Quem arrisca, não petisca?* Um diese Frage beantworten zu können, muß zunächst das Modell des modifizierten Sprichwortes mit dem des ursprünglichen verglichen werden, um das Ausmaß der Modifikation festzustellen. Der nächste Schritt ist die Analyse des Sprichworts im Text – d.h. die Analyse seines Beitrags zur Konstruktion des Textweltmodelles.

2.1. Das Modell des modifizierten Sprichwortes *Wer plant, gewinnt.*

<i>Wer plant, gewinnt</i>	
1. Form	Die Form wurde beibehalten. Nur ein Wort wurde ausgetauscht: <i>planen</i> statt <i>wagen</i>
2. Bedeutung	
2.1. Proposition	Wenn du einen Plan entwirfst, wie du zu einem bestimmten Ziel gelangen kannst, dann erreichst du es. KONDITIONALRELATION/KONSEKUTIVRELATION
2.2. Konzept	planen: beabsichtigen, entwerfen wer: Personen wen/was: ein zukünftiges Handeln wie: in Gedanken, auf dem Papier; noch nicht vollziehend, was man eigentlich will warum: aus Vorsicht, Vorfreude wozu: um etwas in der Zukunft auf die beste Art und Weise ohne Risiken ausführen zu können; um das Gelingen eines Handelns zu garantieren <i>Planen</i> bedeutet, eine Handlung, die in der Zukunft ausgeführt werden soll, geistig vorzustrukturieren, um ihr jede Überraschung, jedes Risiko so weit wie möglich zu nehmen.

3.1 Pragmatischer Aspekt	
3.1.1 Kommunikationssituation	in der das Sprichwort im konkreten Text verwendet wird:
3.1.2 Illokution	jemanden zum geistigen Vorvollziehen einer Handlung auffordern, um deren Gelingen zu garantieren
3.1.3 Perlokution	eine Handlung geistig vorvollziehen, um deren Gelingen zu garantieren
3.2 Bezugssituation	(Situation, auf die sich das Sprichwort im konkreten Text bezieht) sich selbst zum Planen ermutigen, weil das Gewinn bringt

2.2. Die Veränderung

Sie besteht in einer geringfügigen formalen Abweichung – dem Austausch eines Wortes –, die aber eine starke inhaltliche Wirkung zur Folge hat: das Sprichwort wird in sein Gegenteil verkehrt. Im Vergleich der Konzepte *wagen* und *planen* zeigt sich der Gegensatz zwischen jetzt tun – nicht jetzt tun; Risiko auf sich nehmen – jedes Risiko vermeiden; Mut – Vorsicht.

Im modifizierten Sprichwort schwingt das ursprüngliche mit; das Versprechen von Gewinn hat die Negation des Wagnisses zur Bedingung.

2.3. Die Konstruktion des Textweltmodells

Dieses Sprichwort stammt aus folgendem Text des Romans *Die Klavierspielerin* (JELINEK 1983: 43):

Die Tochter, die Hoffnung heuchelt, weiß, daß alles, was jetzt noch nachkommen kann, der Professorentitel ist, von welchem sie bereits

jetzt Gebrauch macht und welchen der Herr Bundespräsident verleiht. In einer schlichten Feier für langjährige Dienste. Irgendwann, so fern ist es gar nicht mehr, kommt die Pensionierung. Die Gemeinde Wien ist großzügig, doch in einen künstlerischen Beruf schlägt der offizielle Ruhestand ein wie ein Blitz. Wen es trifft, den trifft es. Die Gemeinde Wien beendet brutal die Weitergabe von Kunst von einer Generation an die andere. Die beiden Damen sagen, wie sehr sie sich schon auf Erikas Pensionierung freuen! Sie hegen zahlreiche Pläne für diesen Zeitpunkt. Bis dahin ist die Eigentumswohnung längst voll eingerichtet und abbezahlt. Man hat dann zusätzlich noch ein Grundstück in Niederösterreich erworben, wo man bauen kann. Ein Häuschen soll es sein, für die Damen Kohut ganz allein. Wer plant, gewinnt. Wer vorsorgt, hat in der Not. Die Mutter wird bis dahin an die Hundert sein, aber sicher noch rüstig.

Zur Konstruktion des Textweltmodelles trägt das Sprichwort wesentlich bei: es charakterisiert das Denken und Handeln der beiden Frauen, um das es in diesem Textabschnitt geht. Nicht risikofreudiges Handeln ist gefragt, sondern vorsichtiges Planen, nicht eine befriedigende, gelebte Gegenwart, sondern eine sorgfältig geplante und damit gesicherte Zukunft.

Das semantische Merkmal “Zurückhaltung”, “Vorsicht”, das *planen* von *wagen* wesentlich unterscheidet, stellt die zentrale Isotopie dieses Textabschnitts dar. Die Haltung, die hier beschrieben wird, wird durch das Sprichwort gestützt: es begründet die Freude der Damen Kohut auf Erikas Pensionierung. Die Pläne, die die beiden hegen, sind Garantie für die spätere Freude – so bestätigt es das modifizierte Sprichwort.

Die Negation des ursprünglichen Sprichwortes ist im Text präsent und bringt zusätzlich die Dimension der Ablehnung von Risiko ins Spiel.

Die Ergebnisse der Textanalyse lassen keinen Zweifel zu: weder *Quem não arrisca, petisca.* noch *Quem arrisca, não petisca.* sind hier mögliche Übersetzungen. Die semantischen Merkmale von *planen* sind so wichtig, daß sie im Portugiesischen nicht verloren gehen dürfen. Eine mögliche Übersetzung wäre daher:

Quem não planeja, não petisca.

wobei die Struktur des ursprünglichen Sprichwortes erhalten bleibt und genau wie im Deutschen *arriscar* durch *planejar* ersetzt wird, zwei Verben, die sich weitgehend semantisch mit *wagen* und *planen* decken.

3. Beitrag der Sprichwörter zur Konstruktion des Textweltmodells

Eine zentrale Stelle im Prozeß der Textproduktion – bzw. -rezeption spielen – wie wir am vorhergehenden Beispiel sehen konnten – **Rekurrenzen** (Wiederaufnahmen). Die Wiederaufnahme von Lexemen, syntaktischen und textuellen Strukturen und semantischen Merkmalen (Isotopie⁵) ist konstitutive Eigenschaft von Texten. Aber auch pragmatische Muster sind in Texten rekurrent: Illokutionen wiederholen sich, Perlokutionen werden wiederaufgenommen – und im Falle der Sprichwörter finden sich auch Rekurrenzen der Bezugssituationen. Um diese Rekurrenzen ausfindig machen zu können, ist es nötig, das Sprichwortmodell zu kennen.

Beispiele dafür sind:

3.1. Sprichwortelemente haben Rekurrenzen im Text

Im folgenden Textabschnitt aus Jelineks Roman *Die Liebhaberinnen* läßt sich beobachten, wie ein Sprichwort in nicht modifizierter Weise verwendet wird und einige seiner Elemente im Text rekurrent sind:

⁵ Um zu klären, wie ich "Isotopie" verstehe, möchte ich einen Abschnitt meiner Arbeit (GLENK 1996: 71) zitieren: "Um einen Text zu verstehen, muß das Thema erkannt werden, oder in anderen Worten, der Hörer muß sein eigenes mentales Modell der Textwelt aufbauen, indem er über die Wörter-Zeichen die dazugehörigen Konzepte abrufen, wobei rekurrente Begriffsmerkmale dazu verhelfen, den gemeinsamen Oberbegriff zu finden, d.h. eine Isotopie zu bilden. Der Hörer erstellt eine Hypothese darüber, was das Thema eines Textes ist; diese Hypothese wird durch das Wiederauftreten von Begriffen, die sich einem gemeinsamen Oberbegriff zuordnen lassen, oder sonst eine begriffliche Relation aufweisen und daher einem gemeinsamen Modell angehören, bestätigt oder widerlegt." Siehe dazu auch Eco (1986).

susanne ist eine uneheliche tochter geworden.

paula ist eine uneheliche mutter geworden.

sie sind beide weiblich.

das ist gleichzeitig ein glück, aber auch eine verpflichtung, sich wie ein mensch und nicht wie ein weibliches tier zu verhalten.paula liegt im geburtsbett, hört auf die ermahnungen und heult.

die stadt tante kann leicht großzügig sein, weil sie einen bäcker aus der großstadt geheiratet hat und sie und der bäcker ein auto haben.

großzügig verspricht also die stadt tante, daß sie mit erich sprechen und ihn weichklopfen wird, was man die männer muß, wenn sie etwas nicht freiwillig tun.

außerdem dürfen männer auch manchmal ruhig gutmütig sein.

steter tropfen höhlt den stein, höhlt auch erich sicherlich! sich erniedrigen und sich **höhlen**: einziger weg.

auch die stadt tante findet, daß es ein herziges putzerl geworden ist. man darf das kind nicht entgelten lassen.

... zuerst hat die arbeit erich **ausgehöhlt**, jetzt **klopft** ihn die stadt tante **weich**.

wir werden später berichten, welche form erich nach dem **weichklopfen** angenommen hat.

(JELINEK, *Die Liebhaberinnen*. 1975, 122-123)

Das Sprichwort, das hier unverändert verwendet wird, ist:

Steter Tropfen höhlt den Stein.

Es wird im Beispieltext wiederaufgenommen durch wörtliche Rekurrenzen wie *höhlen*, *ausgehöhlt* und durch das Wort *weichklopfen*, dessen semantisches Merkmal "beständig einwirken auf ein Objekt, um es zu einem bestimmten Zweck zu verändern" auch in *den Stein höhlen* präsent ist.

3.2. Rekurrenzen von Teilen des Sprichwortes in uneigentlichem Sinn

Folgender Beispieltext stammt aus dem Roman Jelineks *Die Ausgesperrten*:

Herr Witkowski redet wieder einmal wie ein Wasserfall, was leider nur Silber ist, Frau Witkowski schweigt dazu, was Gold ist. Diesen Spruch kennt Herr Witkowski noch aus seiner Kinderzeit und zusätz-

lich aus den Häftlingsunterkünften in Ausschwitz, wie übrigens auch den Satz, daß ehrlich am längsten währt. Seit ihm die Geschichte verziehen hat, ist er ehrlich geblieben, und das währt bereits lange. Die Geschichte hat sich nach 45 entschlossen, noch einmal ganz von vorne zu beginnen, zu dem selben Entschluß hat sich auch die Unschuld durchgerungen. Witkowski fängt in ihr wieder ganz unten an, wo sonst nur junge Menschen anfangen, die alles vor sich haben; mit einem Bein geht das Hinaufarbeiten schwerer, wie es sich überhaupt ganz allgemein schwerer geht mit nur einem Bein. Und noch mehr Gold schweigt (wohl für immer): Zahnbrücken, Brillengestelle, gespaltene Halsketten und Armbänder, Münzen, Ringe, Uhren, es schweigt das Gold, weil es vom Schweigen herrührt und wieder ins Schweigen hineingegangen ist. Vom Schweigen kommt nur das Schweigen. (JELINEK, *Die Ausgesperrten*. 1980, 98-99)

Das ursprüngliche Sprichwort:

Reden ist Silber, Schweigen ist Gold.

wird im Text so modifiziert, daß es seine Sprichwortform vollkommen verliert:

“Herr Witkowski **redet** leider wieder einmal wie ein Wasserfall, was leider nur **Silber ist**, Frau Witkowski **schweigt** dazu, was **Gold ist**.”

Elemente dieses modifizierten Sprichworts werden im Text wieder aufgenommen, jedoch nicht im Sinne des ursprünglichen Sprichworts:

[auf die Opfer der Konzentrationslager bezogen:] Und noch mehr **Gold schweigt** wohl für immer: Zahnbrücken, Brillengestelle ... Es **schweigt das Gold**, weil es vom **Schweigen** herrührt und wieder ins **Schweigen** hineingegangen ist. Vom **Schweigen** kommt nur das **Schweigen**.

Hier wird *Schweigen* in drei verschiedenen Bedeutungen verwendet: das Schweigen der Frau Witkowski, die Streit vermeiden will; das Todesschweigen des Goldes; das Schweigen, von dem das Schweigen herrührt: das Schweigen der Mitwisser angesichts des Unrechts.

3.3. Das strukturelle Muster des Sprichworts strukturiert den Text

brigitte aufstieg ist ein erfolg mühevoller kleinarbeit. brigitte konnte den kampf der geschlechter noch einmal für sich entscheiden. brigitte glück beruht nicht auf einem zufall, sondern sie hat es sich schwer erkämpfen müssen. ... wo ein wille ist, da ist auch ein weg. diesen weg hat gitti gefunden. gottseidank ist sie nicht von natur aus unfruchtbar, sondern fruchtbar, braver brigittekörper. gebärfähigkeit heißt der sieger...

(JELINEK, *Die Liebhaberinnen*. 1975, 126-127)

Das Sprichwort:

Wo ein Wille ist, da ist auch ein Weg.

wird im folgenden Text in unveränderter Form verwendet. Wie das Sprichwort, so weist auch der Text die Grundstruktur “wer etwas wirklich will, der findet Mittel, es zu erreichen” auf.

Rekurrenzen, die dies belegen, sind:

brigitte aufstieg ist ein erfolg mühevoller kleinarbeit. brigitte konnte den kampf der geschlechter noch einmal für sich entscheiden.

brigitte glück beruht nicht auf einem zufall, sondern sie hat es sich schwer erkämpfen müssen.

3.4. Das semantische Muster des ursprünglichen Sprichwortes drückt sich dem Text auf, der gleichzeitig das Sprichwort modifiziert

In folgendem Beispiel wird die Haltung, die im ursprünglichen Sprichwort ausgedrückt wird, im Text beschrieben:

Stell dir vor, wir wären noch eine Person mehr, Mama, dann könnte man sich hier überhaupt nicht mehr umdrehen. Aber Hans, es gibt Leute, die verfügen über mehr Raum, als sie bewohnen können. Im

Helenental, da steht ein kleines Bankerl, und in Wien-Hietzing, da stehn die alten Familienvillen. Dort wohnt die Sophie und ich werde auch in eine hineinkommen, so oder so, verspricht Hans. Zärtlich legt er den teuren Kaschmirpullover zusammen und zieht das gestopfte Hausjopperl aus Kinderzeiten an. Er schont etwas für später (was man frühzeitig lernen muß, denn wenn man jung ist, gibt es immer ein Später, wenn man alt ist, ist es aus), und später wird er sparen für noch später, damit er in der Not hat, die hoffentlich nicht eintreffen wird. (JELINEK, *Die Ausgesperrten*. 1980, 29)

Das Sprichwort

Spare in der Zeit, dann hast du in der Not.

tritt in diesem Text in modifizierter Form auf:

... und später wird er sparen für noch später, damit er in der Not hat, die hoffentlich nicht eintreffen wird.

Rekurrenzen sind: Hans schont seinen teuren Kaschmirpullover; er spart. Andererseits spart er nicht, um in der Not zu haben, sondern um Villenbesitzer zu werden: das Sprichwort wird durch den Zusatz

“Not ..., die hoffentlich nicht eintreffen wird”

dem Text gemäß modifiziert.

3.5. Rekurrenz des pragmatischen Musters

Die Bezugssituation des ursprünglichen Sprichworts wird im Text abgebildet (siehe Text in Abschnitt 3.1.):

Steter Tropfen höhlt den Stein.

Rekurrenz: Der Text beschreibt die Anstrengungen, die Paula und ihre Tante auf sich nehmen werden, um Erich umzustimmen, was der Bezugssituation des Sprichwortes ganz entspricht.

3.6. Ursprüngliches und modifiziertes Muster treten parallel im Text auf

Du Schläucherl, was, das hättest du nicht geglaubt, daß dir das widerfährt, denn du hast geglaubt, daß dir etwas Angenehmes angetan wird, du Sau. Er wird hervorgezogen und bespuckt. ... Hans tritt den Linzer Agenten und dessen Spatzen, der sich jetzt sicher ein halbes Jahr nicht rühren und nicht regen wird, und dabei hat es ursprünglich so ausgesehen, als könnte er mehr ernten, als er gesät hat, ... (JELINEK, *Die Ausgesperrten*, 1975, 212-213)

Das Sprichwort:

Was man sät, das erntet man.

tritt im Text modifiziert auf:

“... mehr ernten, als er gesät hat”

Der, der ursprünglich mehr ernten wollte, als er gesät hat, d.h., der einen Vorteil für sich herauschlagen wollte auf Kosten einer anderen, dieser erntet jetzt, was er gesät hat: das Muster des ursprünglichen Sprichwortes setzt sich durch neben der neuen, aus der Modifikation entstandenen Bedeutung.

4. Die Übersetzung der Sprichwörter

Aus den vorhergehenden Beispielen wird deutlich, auf wie vielfältige Weise Sprichwörter am Aufbau des Textweltmodelles beteiligt sein können. Das Sprichwort und seine strukturellen, lexikalischen, konzeptuellen, semantischen und pragmatischen Rekurrenzen bringen so viel Mitzuverstehendes, das bei einer Übersetzung nicht verloren gehen sollte, in den Text ein, daß sie vom Übersetzer ein erhöhtes Maß an Aufmerksamkeit verlangen.

Wenn ein annäherndes Äquivalent in Ausdruck und Bedeutung existiert, wie das etwa in Text 3.1. und 3.2. der Fall ist, gilt es, die rekurrenten Sprichworthelemente im Text adäquat zu übersetzen:

Das portugiesische:

Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.

ist dem deutschen:

Steter Tropfen höhlt den Stein.

vom semantischen und pragmatischen Aspekt her sehr ähnlich. Für die Rekurrenzen bieten sich *amolecer* als Übersetzung von *weichklopfen* und *furar* für *höhlen an*. Bei *amolecer* wird das Lexem *mole* des Sprichworts *Água mole...* wiederaufgenommen; *furar* ist eine wörtliche Wiederaufnahme.

Ein zumindest teilweise semantisch, nicht aber lexikalisch äquivalentes portugiesisches Sprichwort existiert auch für:

Wo ein Wille ist, da ist auch ein Weg.

aus dem Text 3.3.:

Querer é poder.

Die konzeptuelle Rekurrenz *Aufstieg* und die lexikalische Rekurrenz *Weg* müssen aber auch hier dem Sprichwort angepaßt werden. Da *Aufstieg* sowohl dem *Weg*-Konzept wie auch dem *Macht*-Konzept entspricht (d.h. Merkmale des *Weg*- bzw. des *Macht*-Konzeptes enthält), fügt sich die portugiesische Übersetzung *ascensão* nahtlos ins *Macht*-Konzept ein. Dem Lexem *Weg* jedoch fehlen Merkmale, die es mit dem *Macht*-Konzept in Einklang bringen; es kann daher nicht wörtlich übersetzt werden, sondern muß dem sprichwörtlichen Ausdruck *querer é poder* angeglichen werden:

“diesen weg hat gitti gefunden”

könnte daher zu:

“ela obteve este poder”

werden.

Auch für das Sprichwort:

Was man sät, das erntet man

in Text 3.6. gibt es ein ähnliches im Portugiesischen:

Quem semeia ventos, colhe tempestades,

das zwar strukturelle und lexikalische Ähnlichkeiten aufweist, aber semantisch und pragmatisch unterschiedlich ist. Die Grundidee einer Proportion zwischen dem, was gesät wird und dem, was man erntet, ist in beiden Sprichwörtern vorhanden, wobei es sich im deutschen Sprichwort um Gleichheit und im portugiesischen Sprichwort um eine Zunahme (allerdings nur negativer Verhaltensweisen) handelt.

Ein so komplexes Sprichwort wie:

Spare in der Zeit, dann hast du in der Not,

das in Text 3.4. vorkommt, oder aber das Sprichwort:

Reden ist Silber, Schweigen ist Gold

aus Text 3.2., die beide keine Äquivalenz im Portugiesischen aufweisen, die aber viele Rekurrenzen im Text haben, stellen eine große Schwierigkeit dar.

Im Falle des Textes 3.4. besteht keine andere Möglichkeit, als ein Pseudospruchwort zu konstruieren, um die so wichtige Verbindung zu den Rekurrenzen nicht zu verlieren.

5. Zusammenfassende Bemerkungen

Wir haben versucht, die Schwierigkeiten zu beleuchten, die dem Übersetzer durch das Vorkommen von Sprichwörtern in Texten und ebenso durch andere Phraseologismen entstehen. Wir haben ein systematisches Vorgehen vorgeschlagen, das von der Kenntnis des vollständigen Sprichwortmodells ausgeht, um die strukturellen, lexikalischen, semantischen und pragmatischen Rekurrenzen des Sprichwortes im Text auszumachen. Gleichzeitig war es uns ein Anliegen zu zeigen, daß ein Lexikon der Sprichwörter und Redewendungen nicht nur strukturelle und semantische, sondern auch pragmatische Aspekte berücksichtigen muß, um den Ansprüchen einer linguistisch fundierten Übersetzung zu genügen.

Literaturverzeichnis

- ECO, U. *Conceito de texto*. São Paulo, 1986.
- GRESILLON, A./MAINGUENEAU, D. "Polyphonie, Proverbe et Détournement". In: *Langages* 73, p. 114, mars 1984.
- GRZYBEK, P. (org.) *Semiotische Studien zum Sprichwort – Simple Forms Reconsidered I. Special Issue of: Kodikas Code – Ars Semeiotica. An International Journal of Semiotics*, 3/4, 1984.
- JELINEK, Elfriede. *Die Liebhaberinnen*. Hamburg, 1975.
- JELINEK, Elfriede. *Die Ausgesperrten*. Hamburg, 1980.
- JELINEK, Elfriede. *Die Klavierspielerin*. Hamburg, 1983.
- JELINEK, Elfriede. *Lust*. Hamburg, 1989.
- KONERDING, K.-P. *Frames und lexikalisches Bedeutungswissen. Untersuchungen zur linguistischen Grundlegung einer Frametheorie und zu ihrer Anwendung in der Lexikographie*. Tübingen, 1993.

SEITEL, P. 1969. "Proverbs: A Social Use of Metaphor". In: *Genre* 2, p.143-161, 1969.

STROHNER, Hans. *Textverstehen*. Opladen, 1990.

WIERZBICKA, Anna. "A Semantic Metalanguage for the Description and Comparison of Illocutionary Meanings." In: *Journal of Pragmatics* 10, North Holland, 1986.

VERBOS DE CONEXÃO NO ALEMÃO E NO PORTUGUÊS

*Eliana Gabriela Fischer**

Abstract: This paper aims to present a type of verb which serves to connect two or more propositions to each other in a way similar to that carried out by connectors such as conjunctions and prepositions. It is the objective of this paper to classify the types of semantic connections they establish, such as cause and effect, equivalence, and temporality. Verbs with this type of connectivity are called "connection verbs". They are investigated both in German and Portuguese, organized according to the semantic relations they indicate, and described by means of syntactic and semantic criteria.

Keywords: Semantics; Sentence connection; Verb.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz stellt eine Klasse von Verben vor, die dazu dienen, zwei oder mehr Propositionen zu verbinden, ähnlich wie dies durch Konjunktionen und Präpositionen geschieht. Das Ziel der Arbeit ist, die Typen der semantischen Verbindungen, die sie herstellen, zu klassifizieren: Ursache und Wirkung, Äquivalenz und Temporalität. Verben mit dieser Art von Konnektivität werden Konnektionsverben genannt. Sie werden sowohl für das Deutsche als auch für das Portugiesische untersucht, nach semantischen Relationen geordnet und mit Hilfe semantischer und syntaktischer Kriterien beschrieben.

Stichwörter: Semantik; Satzverknüpfung; Verb.

Palavras-chave: Semântica; Conexão frasal; Verbo.

1. Introdução

Neste artigo apresento um grupo de verbos em alemão e português de que tratei na minha tese de doutorado, defendida em abril de 1997 na Universidade de São Paulo. Trata-se dos assim chamados

* A autora é professora doutora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

verbos de conexão, que servem para conectar entre si duas ou mais proposições. Dentre as linhas de pesquisa que existem na Área de Alemão da USP, em nível de pós-graduação, minha tese se insere na linha de lingüística contrastiva alemão-português.

Inicialmente, traçarei algumas considerações teóricas sobre os conceitos de proposição e conexão para chegar à definição do que vem a ser um verbo de conexão. A seguir, apresentarei um modelo de classificação semântica para os verbos em questão, com alguns exemplos em idioma alemão e português, e enumerarei os 147 verbos encontrados no meu cópulus de dados¹, classificados segundo o tipo de conexão.

¹ O meu cópulus constitui-se de textos técnico-científicos das áreas de lingüística, sociologia, filosofia, ecologia, bioquímica e engenharia mecânica. Para o alemão, utilizei os seguintes títulos:

FORNER, W. "Vom Sinn zum Text". In: *Fremdsprachen lehren und lernen*. p. 82-96, 1990.

LINDERMANN, B. "Zum Fehlerbegriff in einer Lerner-sprachenanalyse". In: *Deutsch als Fremdsprache*. Heft 2, p. 91-96, 1995.

LITTMANN, G. *Fachsprachliche Syntax*. Hamburg, Helmut Buske, 1981.

RAUSCHER, H. *Untersuchung einer pulsierten Siebboden-Extraktionskolonne bei extremen Phasenverhältnissen*. Tese de doutorado na área de Engenharia Mecânica (Universidade Técnica de Munique).

STENGER, H. & GEIBLINGER, H. "Die Transformation sozialer Realität". In: *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*. Heft 2, p. 247-270, 1991.

VATER, H. *Einführung in die Textlinguistik*. München, Wilhelm Fink, 1992.

Para o português, os títulos utilizados foram os seguintes:

AZENHA JR., J. *Aspectos culturais na produção e tradução de textos técnicos de instrução alemão-português: teoria e prática*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1993.

FIORIN, J.L. *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo, Ática, 1994.

GONTIJO, E.D. "A abordagem estrutural e a questão do sujeito do ponto de vista da ética". In: *Síntese* (nova fase), vol. 22, abril-junho, p. 155-165, 1995.

MARIA, C. de M. *Isolamento e caracterização de um gene regulado durante o desenvolvimento e induzido por choque térmico em Dictyostelium discoideum*. Tese de doutorado, Inst. Química da USP, 1995.

2. Considerações teóricas

Uma função básica da língua como meio de comunicação humana é a representação simbólica de objetos e estados de coisas de um recorte do mundo que pode ser considerado real ou imaginado. Às representações de estados de coisas correspondem as proposições na estrutura semântica da frase, para cuja descrição se fazem necessárias determinadas categorias semânticas. A proposição pode ser entendida, pois, como correspondendo à representação de um estado de coisas.

MEIRELES, S. *A negação em alemão e português*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1991.

MINC, C. *Como fazer movimento ecológico e defender a natureza e as liberdades*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1987.

OLIVEIRA, J.C.F. Clonagem do gene da subunidade catalítica ac caracterização dos promotores dos genes R e C da proteína quinase dependente de cAMP em *Blastocladiella emersonii*. Tese de doutorado, Inst. de Química da USP, 1995.

SOUZA, G.M. Estudo dos mecanismos envolvidos no controle por cAMP da expressão do gene para uma molécula de adesão em *Dictyostelium discoideum*. Tese de doutorado, Inst. de Química da USP, 1995.

Além desse material, levantei exemplos contidos nos verbetes de vários dicionários de valências e de sinônimos. Para o alemão:

AGRICOLA, E. *Wörter und Wendungen*. 14ª ed., Mannheim, Leipzig, Wien, Zürich, Dudenverlag, 1992.

BROCKHAUS ENZYKLOPÄDIE. *Bildwörterbuch der deutschen Sprache*. 17ª ed., Wiesbaden, Brockhaus, 1976.

DROSDOWSKI, G. (org.). *DUDEN. Stilwörterbuch*. 6ª ed., Mannheim, Dudenverlag, 1976.

Götz, D. & al. (eds.). *Langenscheidts Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin/München, Langenscheidt, 1993.

SCHUMACHER, H. (org.) *Verben in Feldern*. Berlin, New York, Walter de Gruyter, 1986.

WAHRIG, G. *Deutsches Wörterbuch*. Gütersloh, München, Bertelsmann, 1991

Para o português:

BORBA, F.S. *Dicionário Gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Edit. da UNESP, 1991.

FERNANDES, F. *Dicionário de Sinônimos e Antônimos*. São Paulo, Globo, 1995.

FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed., São Paulo, Nova Fronteira, 1986.

Segundo KARCHER (1988: 197s.), o conceito de proposição foi tomado da Lógica Formal e adaptado para a descrição lingüística² a partir de duas premissas:

“Postula-se que um indivíduo, independentemente de sua primeira língua, subdivide a realidade extralingüística em totalidades definidas pela percepção – objetos, estados, processos e ações –, as relaciona mutuamente e as expressa verbalmente. Logo, através de uma proposição, fatos passíveis de serem expressos e comunicados verbalmente são colocados em relação uns aos outros. Quando um indivíduo enuncia uma frase, ele expressa uma proposição. Ou o inverso: O que está para ser expresso é uma constelação proposicional pré-lingüística, a qual é realizada lingüisticamente por um indivíduo no ato de comunicação. Isto é possível porque cognição e comportamento verbal têm pontos fundamentais em comum.”³

Visto que estados de coisas correspondem a proposições, que, por sua vez, são descritas em frases ou estruturas lingüísticas equivalentes, as relações existentes entre diversos estados de coisas também podem ser expressas na relação semântica entre as proposições ou, sintaticamente, entre as frases que os descrevem.

Denominamos conexões essas relações entre proposições que representam estados de coisas. As conexões são expressas pelos co-

2 Para a discussão da adequação do instrumental descritivo da Lógica Formal para a semântica, ver KARCHER (1988: 203-208).

3 A citação em alemão foi traduzida por mim. A seguir o original:

“Es wird postuliert, daß ein Individuum unabhängig von seiner Erstsprache die außersprachliche Realität in wahrnehmungsmäßige Ganzheiten – Gegenstände, Zustände, Prozesse und Aktionen – aufteilt, aufeinander bezieht und sprachlich ausdrückt. Durch eine Proposition werden also sprachlich realisierbare und kommunizierbare Tatbestände miteinander in Beziehung gesetzt. Indem ein Individuum einen Satz äußert, bringt er eine Proposition zum Ausdruck. Oder umgekehrt: Das Ausdrückende ist eine vorsprachliche propositionale Konstellation, der ein Individuum im Kommunikationsakt linguistische Realisation verleiht, was deshalb möglich ist, weil Kognition und sprachliches Verhalten fundamentale Gemeinsamkeiten aufweisen.” (KARCHER 1988: 198)

nectores que, na língua natural, são elementos lingüísticos de diversas classes de palavras: conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas, advérbios e, como apresentarei a seguir, também verbos.

Os conectores têm funções semânticas distintas, ou seja, expressam relações diversas entre os estados de coisas, como temporalidade, causalidade, conclusividade, entre outras.

No alemão, a partir de duas proposições (P1 e P2) e um conector (C), é possível expressar sintaticamente uma conexão causal de várias maneiras diferentes (cf. LITTMANN 1981: 90s.):

- (P1) wir brachen auf
- (P2) es regnete
- (C) conector causal (causa/conseqüência)

Apresento, a seguir, diversas realizações lingüísticas de relações causais, classificadas conforme a posição serial do conector em relação às proposições.

(i) (P1) (C) (P2)

- (1) Wir brachen auf, weil es regnete
- (2) Wir brachen auf wegen des Regens
- (3) unser Aufbruch wegen des Regens
- (4) Wir brachen auf; der Grund: es regnete

(ii) (P1) (P2) (C)

- (5) Wir brachen auf; es regnete nämlich
- (6) Wir brachen auf; der Regen war der Grund

(iii) (P2) (C) (P1)

- (7) Es regnete; deshalb brachen wir auf
- (8) Der Regen war der Grund für unseren Aufbruch

- (9) Der Regen veranlaßte uns zum Aufbruch
 (10) Der Regen ließ uns aufbrechen

(iv) **(P2) (P1) (C)**

- (11) Es regnete; wir brachen aus diesem Grunde auf
 (12) Es regnete; wir brachen deshalb auf
 (13) Es regnete; unser Aufbruch war die Folge

(v) **(C) (P1) (P2)**

- (14) Der Grund für unseren Aufbruch war der Regen

(vi) **(C) (P2) (P1)**

- (15) Weil es regnete, brachen wir auf
 (16) Folge des Regens war unser Aufbruch
 (17) Infolge des Regens brachen wir auf

Nas orações (1) a (3) e (15) a (17), a relação vem expressa por uma conjunção ou preposição, respectivamente. Nas orações (9) e (10), temos a variante com verbo de conexão.

Para o português, consideremos os seguintes exemplos, dos quais alguns foram extraídos de KOCH (1990: 63):

- (P1) o torcedor gritou demais
 (P2) ele ficou rouco
 (C) conector causal (causa/conseqüência)

(i) **(P1) (C) (P1)**

- (18) O torcedor gritou tanto que ficou rouco.
 (19) O torcedor gritou demais; por isso ficou rouco.
 (20) O fato do torcedor ter gritado demais, o levou a ficar rouco
 (21) O torcedor gritou demais, o que causou sua rouquidão.

(ii) **(P1) (P2) (C)**

- (22) O torcedor gritou demais e ficou rouco por isso.

(iii) **(P2) (C) (P1)**

- (23) O torcedor ficou rouco porque gritou demais.
 (24) A rouquidão do torcedor proveio de sua gritaria.

(iv) **(P2) (P1) (C)**

- (25) O torcedor ficou rouco, o fato de ter gritado demais foi a causa.

(v) **(C) (P1) (P2)**

- (26) Como tivesse gritado demais, o torcedor ficou rouco.
 (27) Por ter gritado demais, o torcedor ficou rouco.

(vi) **(C) (P2) (P1)**

- (28) A causa de sua rouquidão foi que ele gritou demais.

A partir dos exemplos (9) e (10) em alemão e (20), (21) e (24) em português, observamos que verbos também podem ser usados como elementos de conexão. Para a definição do que entendemos exatamente por um verbo de conexão, farei uso de critérios sintático-semânticos.

3. Critérios sintático-semânticos para a definição do verbo de conexão

Entendo por verbos de conexão aqueles que realizam lingüisticamente, i.e., de forma explicitada no texto, uma dada conexão entre dois estados de coisas, como, por exemplo, a conexão de causa e conseqüência.

Levando em conta questões pragmáticas, considero que um enunciador basicamente quer indicar ao seu enunciatário que dois estados de coisas estão relacionados de determinada forma. Temos, portanto, as duas proposições como argumentos do verbo de conexão. Em alguns casos, porém, é necessário haver um terceiro partici-

pante, a saber, um agente que relaciona os dois estados de coisas ou que experiencia ou é afetado pela relação entre os estados de coisas. Por isso, é de se esperar que os verbos de conexão sejam gramaticalmente bi ou trivalentes.

Consideremos primeiramente os verbos bivalentes como, por exemplo, em alemão, *folgen aus*:

(29) Aus den Untersuchungen wird folgen, ob Fahrlässigkeit vorliegt oder nicht.

e, em português, *levar a*:

(30) A esquizofrenia, ao evoluir, leva à perda total da afetividade e concomitantemente ao alheamento completo de tudo e de todos.

Um verbo desse tipo expressa uma determinada relação semântica entre duas proposições, P1 e P2. Uma delas, em nível de superfície, vem expressa como sujeito e a outra como objeto, preposicionado ou não. O sujeito pode ter uma das seguintes três formas: ser uma nominalização (p.ex., *der Regen*, em (8) a (10) acima), uma oração infinitiva (p.ex., *por ter gritado demais*, em (27)) ou, ainda, uma oração completiva, como em:

(31) Daß es regnete, führte dazu, daß wir aufbrachen.

O objeto pode ter as mesmas três formas e pode, além disso, ser uma nominalização regida de preposição (p.ex., *zum Aufbruch*, em (9)).

No caso dos verbos trivalentes como, por exemplo, em alemão, *verknüpfen mit* e, em português, *basear em*, o terceiro participante estabelece a relação entre as duas proposições. Em nível de superfície, ele é expresso como sujeito do verbo de conexão (doravante VC):

- (32) Der Friedensplan verknüpft den Abzug der Truppen mit einer Stabilisierung der politischen Verhältnisse.
(33) Seus autores não baseavam suas interpretações no conhecimento das condições reais do processo brasileiro.

Os VCs se diferenciam dos outros elementos de conexão por serem variáveis na forma e constituírem uma classe aberta, enquanto as conjunções, as preposições e os advérbios são palavras invariáveis e constituem classes fechadas. A princípio, qualquer verbo bivalente que comporta um preenchimento das suas casas vazias por orações ou nominalizações retransformáveis em verbos, pode servir de conectivo. Esta probabilidade para o alemão é grande, visto que a metade dos verbos alemães são bivalentes e um terço trivalentes (cf. VON POLENZ 1988: 106).

Há, ainda, outras diferenças entre os VCs e os elementos de conexão tradicionalmente conhecidos. Quando lemos um texto e nos deparamos com uma conjunção, esta nos fornece imediatamente pistas bastante claras quanto ao tipo de relação semântica que está sendo estabelecida entre as duas proposições. Por exemplo, as conjunções *porque* em português e *weil* em alemão marcam a relação de causalidade. Conjunções coordenativas e subordinativas marcam e focalizam a oração em que aparecem.

O VC, diferentemente dos outros conectivos, temporaliza a conexão, ou seja, expressa se ela está sendo estabelecida no momento da enunciação, se já foi estabelecida no passado ou será estabelecida no futuro. Além disso, é possível expressar modalidade, como, por exemplo, possibilidade (cf. (34) e (35)) ou suposição (cf. (36) e (37)):

- (34) P1 kann sich auf P2 stützen
(35) P1 pode acarretar P2
(36) P1 scheint aus P2 zu folgen
(37) P1 parece resultar de P2

Tanto POLENZ (1988) quanto FÖRNER (1990) observam um uso cada vez maior de nominalizações nos textos escritos em língua ale-

mã. Isto se deve provavelmente ao fato de que, através do uso de nominalizações e de verbos de conexão, é possível realizar certas construções típicas principalmente para os textos científicos e jurídicos.

As nominalizações podem ser utilizadas para atingir três tipos de efeitos estilísticos.

Em primeiro lugar, pode-se escamotear o agente, utilizando manobras como o assim chamado *Subjektschub*. POLENZ (1988) emprega esse termo para referir-se à substituição do sujeito com papel temático de agente por um complemento que não estava previsto para tal lugar. Esse tipo de construção sintática concorre com a passiva e outras formas de indeterminação, como o uso de pronome indefinido:

(38) Vitamin C bewirkt eine größere Widerstandsfähigkeit des Körpers gegen Erkältungen.

(39) Chuvas causam 9 mortos e desabamento em Osasco.

Em segundo lugar, é possível ser conciso em detrimento da exatidão de conteúdo. POLENZ (1988) apresenta, como exemplo, um parágrafo da constituição da República Federal da Alemanha:

(40) Kunst und Wissenschaft, Forschung und Lehre sind frei.
Die Freiheit der Lehre entbindet nicht von der Treue zur Verfassung.

Nesse exemplo, o uso de nominalizações possibilita a omissão dos agentes envolvidos na ação. Segundo o autor (ib.: 142s.), é possível enumerar os seguintes predicados junto com seus respectivos argumentos, que estão implícitos em (40):

(40a) Viele sind frei/haben die Freiheit, daß sie etwas tun.

(40b) Viele ausüben/fördern/präsentieren eine Kunst.

(40c) Viele treiben/fördern/publizieren eine Wissenschaft.

(40d) Viele forschen über etwas.

(40e) Viele lehren viele etwas.

(40f) Einige entbinden viele von etwas.

(40g) Viele sind verpflichtet, daß sie der Verfassung treu sind.

Como os argumentos não estão explícitos em nível de frase, não fica claro quem são as pessoas realmente envolvidas: **quem** é livre para ensinar, publicar e expressar sua arte, **quem** garante esta liberdade a/para **quem** etc. O verbo *entbinden* (que aparece explicitamente na frase) é interpretado por POLENZ como verbo de conexão consecutivo: O fato de X garantir a Y a liberdade de fazer Z, tem como consequência o fato de que não fica anulado o pressuposto de que Y se sinta comprometido em ser fiel à constituição. Os predicados “garantir” e “estar comprometido” não aparecem textualmente, mas só ficam implícitos.

Em terceiro lugar, podem-se focalizar, no texto, certos argumentos como tema (informação já conhecida) e outros como o rema (a informação nova). Adaptamos um exemplo de FORNER (1988).

Tendo as quatro proposições:

(P1) A indústria deve ser desenvolvida.

(P2) É um processo que deve ser planejado.

(P3) Não há nenhuma iniciativa nesse sentido.

(P4) Toda região será destruída.,

teríamos, entre outras, as seguintes possibilidades de focalização:

(41a) A ausência de planejamento para a expansão industrial leva toda a região à destruição.

(41b) A destruição da região decorre da ausência de planejamento para a expansão industrial.

No primeiro exemplo, temos como tema o planejamento e como o rema, a destruição, enquanto na segunda realização o contrário ocorre: o tema é a destruição e o rema a falta de planejamento.

4. Classificação das relações semânticas expressas pelos verbos de conexão

A partir das considerações de HALLIDAY & HASAN (1993) e de LINKE & al. (1991), elaboramos um modelo de classificação que contempla quatro padrões básicos de interpretação de relações entre estados de coisas. Cada padrão básico está relacionado a tipos diversos de conexões semânticas.

4.1. O padrão básico de interpretação como coordenação

A forma mais simples de relação entre estados de coisas é a coordenação, que pode ser expressa como conjunção, contração ou equivalência.

4.1.1. A conexão de conjunção articula sequencialmente frases cujos conteúdos proposicionais se somam. Para que essa conexão possa ser expressa, é necessário que haja compatibilidade entre as duas proposições. Isso corresponde a dizer que só será possível traçar uma relação desse tipo, se a verdade de uma das proposições não excluir a verdade da outra.

Outra condição, que é particularmente válida para textos narrativos, exige que a ordem linear das orações articuladas por conjunção deva corresponder à ordem segundo a qual ocorreram os estados de coisas descritos (cf. MATEUS et al. 1994: 139), como mostram os seguintes exemplos:

(42) Zu der Lungenentzündung kam eine Herzschwäche dazu.

(43) Acresce a isso que o prisioneiro tem passagem na polícia.

No exemplo (42) observamos que a pneumonia antecede a fraqueza do coração, assim como na realização lingüística a palavra *Lungenentzündung* antecede a palavra *Herzschwäche*. Em (43), o

pronome *isso* refere-se a um estado de coisas anteriormente mencionado, ao qual se acresce a passagem na polícia.

A seguir, listo, para o alemão e o português, os verbos encontrados no meu corpus que podem ser utilizados para expressar uma conexão de conjunção:

- (i) **Verbos em alemão:** bivalentes: *hinzukommen zu, dazukommen zu, kommen zu*; trivalentes: *hinzufügen zu, hinzuaddieren zu, ergänzen durch*.
- (ii) **Verbos em português:** bivalentes: *aliar-se a, crescer-se a, ajuntar-se a*; trivalentes: *aliar a, crescer a, acrescentar a, adicionar a*.

4.1.2. A conexão de contração articula sequencialmente frases cujos conteúdos proposicionais se opõem, um ao outro, como ilustram os seguintes exemplos:

(44) Seinen Behauptungen stehen schwerwiegende Beweise entgegen.

(45) Tancredo opõe a ação de um líder à sagacidade de outro.⁴

Em (44), as provas opõem-se às afirmações e, em (45), a ação se opõe à sagacidade.

No corpus, encontrei os seguintes verbos com essa característica:

- (i) **Verbos em alemão:** bivalentes: *entgegenstehen*; trivalentes: *kontrastieren mit*.
- (ii) **Verbos em português:** bivalentes: *antepor-se a, opor-se a*; trivalentes: *confrontar com, comparar com, antepor a, opor a, contrapor a*.

⁴ Esse exemplo também permite a interpretação como conexão de comparação.

4.1.3. A conexão de equivalência entre dois termos é uma relação de similaridade, em que, sob um determinado aspecto, um termo poderia substituir o outro, pois há pontos de referência comuns que permitam tal relação (“*gemeinsamer Bezugspunkt*” para HEIDOLPH & al. 1984: 780; “*gemeinsame Einordnungsinstanz*” para LANG 1976).

Quando dizemos que dois objetos ou estados de coisas se equivalem, pensamos que os dois têm um valor ou uma função em comum, sob dado ponto de vista, que pode ser do enunciador ou de outro indivíduo. Há, portanto, três envolvidos, mas o terceiro participante muitas vezes é omitido na realização lingüística. Apresentamos exemplos de BLÜHDORN (1993: 194) adaptados para nossa questão dos VCs:

(46a) Sein Tod bedeutete einen Verlust.

(47a) Sua morte significou uma perda.

Nesses exemplos, o enunciador opta por não identificar quem traça ou experiencia a equivalência. A duas frases podem ser ampliadas para:

(46b) Sein Tod bedeutete mir einen Verlust.

(46c) Sein Tod bedeutete eine Erleichterung für die Familie.

(47b) Sua morte significou uma perda para mim.

(47c) Sua morte significou um alívio para a família.

(46b/c) e (47b/c) indicam para quem vale a conexão de equivalência. Tanto em alemão quanto em português, existem verbos que expressam o mesmo estado de coisas com outra distribuição dos papéis semânticos e das funções gramaticais:

(46d) Ich empfinde seinen Tod als einen schweren Verlust.

(46e) Die Familie empfindet seinen Tod als einen schweren Verlust.

(47d) Eu sinto sua morte como uma grande perda.

(47e) A família sente sua morte como uma grande perda.

Em alemão, o experienciador da conexão de equivalência pode ser expresso em nível de superfície por um complemento no dativo (como em (46b)), um complemento regido pela preposição *für* (como em (46c)) ou pelo sujeito (como em (46d/e)). Em português, pode ser expresso por um complemento regido pela preposição *para* (como em (47b/c)) ou pelo sujeito (como em (47d/e)).

A seguir, listo os verbos encontrados que realizam esse tipo de conexão:

(i) **Verbos em alemão:** bivalentes: *bedeuten, heißen, darstellen, entsprechen, bestehen in, sich decken mit, verbunden sein mit*; trivalentes: *in Verbindung bringen mit, korrelieren mit*.

(ii) **Verbos em português:** bivalentes: *significar, representar, incluir, corresponder a, estar associado a, relacionar-se com*; trivalentes: *relacionar com*.

4.2. O padrão básico de interpretação como temporalidade

Uma outra possibilidade de articular duas proposições é a conexão temporal. Nesse padrão básico, dois estados de coisas são interpretados tomando-se como base a observação de que acontecimentos e eventos costumam ocorrer em seqüência temporal. O conceito de um eixo temporal em que os estados de coisas se seguem uns aos outros deriva de uma concepção do tempo em analogia ao espaço.

A **conexão temporal** entre duas proposições, de acordo com a classificação tradicional, pode ser de três tipos: **conexão de anterioridade** (P1 ocorre antes de P2), **de simultaneidade** (P1 e P2 ocorrem ao mesmo tempo) ou **de posterioridade** (P1 ocorre depois de P2). É necessário frisar, como observam MATEUS & al. (1994), que qualquer seqüência textual só será coerente se a seqüencialização dos enunciados satisfizer as condições conceptuais sobre a localização temporal e sua ordenação relativa, que sabemos serem características dos estados de coisas no mundo.

Os exemplos (48) e (49) expressam a conexão temporal de anterioridade:

- (48) Der Rauferei war ein Streit vorausgegangen.
- (49) Fogos de artifício antecederam à posse do novo diretor.

(50) e (51) expressam a conexão de simultaneidade:

- (50) Physisches Wohlbefinden korreliert mit seelischer Ausgeglichenheit.
- (51) O envolvimento do cAMP na germinação do zoósporo vem sendo estudado a partir das observações de que a queda abrupta na atividade da fosfodiesterase que degrada cAMP, verificada nos 20 primeiros minutos de germinação, é acompanhada por um aumento transiente dos níveis de cAMP no mesmo período.

(52) e (53) expressam a conexão de posterioridade:

- (52) Auf die Erhebung des statistischen Materials folgte die Stufe der Aufbereitung.
- (53) À conquista pelos romanos sucederam-se as invasões de alanos, de vândalos, de suevos.

No cópuz, encontrei os seguintes verbos que realizam conexões temporais:

- (i) **Verbos em alemão:** conexão de anterioridade: *vorausgehen*; conexão de simultaneidade: *begleiten, einhergehen mit, korrelieren mit*; conexão de posterioridade: *sich schließen an, sich anschließen an, folgen auf*.
- (ii) **Verbos em português:** conexão de anterioridade: *anteceder-se a, antepor-se a, preceder a, preceder por*; conexão de simultaneidade: *acompanhar*; conexão de posterioridade: *suceders-se a, seguir-se a*.

4.3. O padrão básico de interpretação como causalidade

Estados de coisas que se seguem no eixo temporal são frequentemente interpretados como causa e consequência, sendo que o primeiro evento é concebido como a causa e, o segundo, como sua consequência. Isso corresponde a dizer que as duas proposições articuladas não estão simplesmente numa relação aditiva, mas sim, dependem uma da outra.

A partir de duas proposições como, por exemplo:

- (P1) Ich will Geld verdienen. – Eu quero ganhar dinheiro.
- (P2) Ich arbeite. – Eu trabalho.,

é possível traçar quatro tipos de interpretações causais: a conexão de causa propriamente dita (*Ich arbeite, weil ich Geld verdienen will. – Eu trabalho, porque quero ganhar dinheiro.*), a conexão de consequência (*Ich will Geld verdienen, also muß ich arbeiten. – Eu quero ganhar dinheiro, então preciso trabalhar.*), a conexão de condição (*Wenn ich Geld verdienen will, dann muß ich arbeiten. – Se quero ganhar dinheiro, então, preciso trabalhar.*) e a conexão de finalidade (*Ich arbeite, um Geld zu verdienen. – Eu trabalho, para ganhar dinheiro.*).

4.3.1. A conexão causal propriamente dita articula duas proposições, tomando P1 como antecedente e P2 como consequente, como nos exemplos:

- (54) Andererseits beruht die Bevölkerungszunahme Westdeutschlands seit 1945 wenigstens teilweise auf Zuwanderung.
- (55) O acentuado crescimento demográfico decorre de uma baixa das taxas de mortalidade e de uma alta das taxas de natalidade.

Os verbos encontrados no cópuz são:

- (i) **Verbos em alemão:** bivalentes: *beruhen auf, sich gründen auf, basieren auf, sich stützen auf, sich ergeben aus, folgen aus, hervorgehen aus, resultieren aus, kommen von, zusammenhängen mit, zu tun haben mit, liegen an, zugrunde liegen*; trivalentes: *beziehen auf, zurückführen auf, ableiten aus, erklären mit, begründen mit*.
- (ii) **Verbos em português:** bivalentes: *apoiar-se em, repousar em, consistir em, basear-se em, fundamentar-se em, decorrer de, advir de, derivar de, provir de, resultar de, proceder de*; trivalentes: *basear em, fundamentar em, justificar com*.

4.3.2. A conexão consecutiva articula seqüencialmente proposições entre as quais existe uma relação de consequência necessária, ou seja, o antecedente P1 leva necessariamente ao consequente P2. Observe, como ilustração, os seguintes exemplos:

- (56) Sein großer Fleiß bedingte ein rasches Voranschreiten der Arbeit.
- (57) A chegada do homem branco produziu graves perturbações na vida dos índios.

No cópuz, encontrei os seguintes verbos:

- (i) **Verbos em alemão:** *bewirken, auslösen, verursachen, bedingen, hervorrufen, erzeugen, herbeiführen, verhindern, unterbinden, führen zu, veranlassen zu*.
- (ii) **Verbos em português:** *provocar, acarretar, impor, causar, gerar, ocasionar, produzir, motivar, evitar, levar a, conduzir a*.

4.3.3. A conexão condicional articula duas proposições, das quais uma (o antecedente P1) é condição para que a outra (o consequente P2) se estabeleça. Exemplos:

- (58) Das Übersetzen (...) setzt die Kenntnis der syntaktischen Regeln sowie der soziolinguistischen Komponenten (...) unverzichtbar voraus (...).
- (59) Os vereadores que foram petinistas condicionavam sua permanência no partido à participação no diretório.

Encontrei, no cópuz, os seguintes verbos que realizam esse tipo de conexão:

- (i) **Verbos em alemão:** bivalentes: *bedingen, erfordern, verlangen, voraussetzen, sich richten nach, abhängen von*; trivalentes: *verknüpfen mit, verbinden mit*.
- (ii) **Verbos em português:** bivalentes: *pressupor, exigir, requerer, depender de*; trivalentes: *condicionar a, vincular a*.

4.3.4. A conexão final articula duas proposições, das quais uma se refere a um estado de coisas (o antecedente) que serve de meio para que se atinja o estado de coisas a que se refere a outra proposição. Vide os seguintes exemplos:

- (60) Seine Bemühungen zielten darauf ab, die politischen Verhältnisse zu ändern.
- (61) Pretendo, neste trabalho, (...) apresentar uma proposta para o ensino dos conectores interfrásticos, que vise ao desenvolvimento da competência textual dos alunos em língua materna.

Os verbos encontrados no cópuz são os seguintes:

- (i) **Verbos em alemão:** *abzielen auf, hinzielen auf, zielen auf, sich richten auf, dienen zu, beitragen zu, helfen zu*.
- (ii) **Verbos em português:** *visar a, contribuir para*.

4.4. O padrão básico de interpretação como conclusividade

Dois estados de coisas podem ser interpretados segundo o padrão P1 *implica* P2, ou seja, a proposição P2 está inclusa na proposição P1. Se a proposição P1 é verdadeira, P2 é verdadeira por isso mesmo, e, por consequência, se P1 for falsa, P2 é também falsa. A esta relação designamos como conexão de conclusão.

A **conexão de conclusão** articula proposições que mantêm entre si uma relação de dependência lógica. Na Lógica Formal, o silogismo parte de duas premissas *a* e *b*, de onde se chega à conclusão *c*. Na língua natural cada uma dessas proposições corresponde a uma frase. Muitas vezes, porém, uma das premissas não é explicitada no texto, pois o enunciador supõe que ela pertença ao conhecimento partilhado com o enunciatário. Dessa forma, a premissa não-explicitada tem o caráter de uma pressuposição. Compare o exemplo a seguir:

(62) José é indiscutivelmente honesto. Portanto, é a pessoa indicada para assumir o cargo de tesoureiro.

Nesse exemplo, fica implícita a outra premissa:

(63) As pessoas honestas são indicadas para o cargo de tesoureiro.

(64) e (65) são mais dois exemplos ilustrativos desse tipo de conexão:

(64) Die Verhandlungsbereitschaft des Kanzlers kann man daraus schließen, daß er den Staatsbesuch abgesagt hat.

(65) Embora a ocorrência de negação nos diálogos seja maior em termos absolutos, isto não implica que essa diferença seja significativa.

No meu *córpus* encontrei os seguintes verbos que realizam esse tipo de conexão:

- (i) **Verbos em alemão:** bivalentes: *deuten auf, hindeuten auf, hinweisen auf, ergeben, erlauben, beweisen, ermöglichen, zeigen, implizieren, folgen aus*; trivalentes: *schließen aus auf, schließen von auf, schlußfolgern aus*.
- (ii) **Verbos em português:** bivalentes: *implicar, indicar, sugerir, confirmar*; trivalentes: *concluir de*.

5. Considerações finais

O levantamento feito neste trabalho teve como intuito comprovar que as conjunções e preposições não são os únicos elementos lingüísticos que servem para expressar relações entre objetos e estados de coisas. Tanto o alemão quanto o português dispõem também de verbos para tais fins. O número de verbos de conexão encontrados no meu *córpus* foi de 81 em alemão e 66 em português.

A classificação elaborada acima demonstra que esses verbos servem para expressar diversos tipos de relações que, porém, não são aleatórias, e sim, formam um sistema, que este trabalho procurou esclarecer.

Referências bibliográficas

- BLÜHDORN, H. *Funktionale Zeichentheorie und deskriptive Linguistik*. Erlangen, Jena, Palm & Enke, 1993.
- FISCHER, E.G. *Os verbos de conexão*. Tese de doutorado, USP, 1996.
- FORNER, W. "Fachübergreifende Fachsprachenvermittlung: Gegenstand und methodische Ansätze". In: KALVERKÄMPER & al. (orgs.) *Fachsprachen in der Romania*. Tübingen, Gunter Narr, p. 194-220, 1988.
- FORNER, W. "Vom Sinn zum Text. Vermittlung fachsprachlicher Vertextungsstrategien". In: *Fremdsprachen lehren und lernen*, p. 82-96, 1990.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. 12^a ed., London, Longman, 1993.

HEIDOLPH, E. & al. *Grundzüge einer deutschen Grammatik*. Berlin, Akademie Verlag, 1984.

KARCHER, G. L. *Das Lesen in der Erst- und Fremdsprache*. Heidelberg, Groos, 1988.

LANG, E. "Erklärungstexte". In: F. DANES & D. VIEHWEGER (orgs.) *Probleme der Textlinguistik*. Studia Grammatica XI. Berlin, p. 147-181, 1976.

ASPECTOS DOS TEMPOS VERBAIS

Maria Helena V. Battaglia*

Abstract: In this paper I present two tenses of the German verbal system, the so called *Doppelperfekt* and *Doppelplusquamperfekt*. Although these tenses have only been marginally dealt with in the grammars, more and more studies have recently been made on them within the field of Linguistics. In order to describe these tenses, I will concentrate on the following authors: HAUSER-SUIDA & HOPPE-BEUGEL (1972), EROMS (1984), THIEROFF (1992) und VATER (1994). The tenses will be analysed formally and their meaning and usage illustrated with examples taken from the articles above.

Keywords: German tense system; Past tenses; *Doppelum-schreibung*.

Zusammenfassung: In diesem Aufsatz werde ich zwei Tempora der Vergangenheit im Deutschen behandeln, das *Doppelperfekt* und das *Doppelplusquamperfekt*. Ein Grund dafür, gerade diese beiden Formen zu beschreiben, liegt darin, daß sie einerseits in den Grammatiken kaum berücksichtigt werden, in entsprechenden linguistischen Arbeiten aber einen neuen Aufschwung bekommen haben. Für die Beschreibung beziehe ich mich überwiegend auf die Arbeiten von HAUSER-SUIDA & HOPPE-BEUGEL (1972), EROMS (1984), THIEROFF (1992) und VATER (1994). Die Formen werden zuerst rein formal und dann in ihrer Bedeutung und Anwendung beschrieben, ergänzt durch Beispiele, die den oben genannten Arbeiten entnommen wurden.

Stichwörter: Verbausystem des Deutschen; Tempora der Vergangenheit; Doppelum-schreibung.

Palavras-chave: Sistema verbal alemão; Tempos verbais do passado; *Doppelum-schreibung*.

* A autora é professora doutora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

1. Introdução

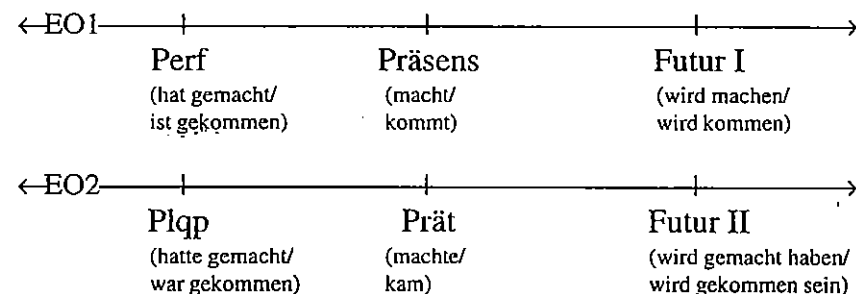
Há algum tempo venho pesquisando os tempos verbais do passado do alemão e do português, e em abril de 1997 defendi a tese de doutorado *Os tempos verbais do passado do alemão e do português* na USP. Mas já em outras oportunidades, eu havia abordado alguns aspectos dos tempos verbais a partir da ótica de uma determinada teoria, sem, contudo, em nenhum momento ter esgotado o tema. Ao contrário, para o sistema verbal do alemão ainda não encontrei um trabalho de consenso que explique satisfatoriamente todas as ocorrências dos tempos verbais. Eu mesma desenvolvi trabalhos que tinham por base a noção temporal exposta nas teorias de REICHENBACH (1947) e de BULL (1968) ao realizar a análise contrastiva para os sistemas verbais do alemão e do português. E poderia propor, agora, o desenvolvimento de um trabalho que considerasse as noções de modo, aspecto e/ou a *Aktionsart* presentes nas formas ou nos verbos, geralmente concomitantes à noção temporal, ou sobrepondo-se a ela.

No entanto, gostaria de deixar essas questões de lado, por ora, para apresentar duas formas verbais do alemão que são pouco estudadas e que não encontram paralelo no sistema verbal do português. Nesse sentido, optei por uma abordagem tradicional ao me ater à noção temporal e quebrei com a tradição, ao incluir formas verbais que, normalmente, são marginalmente descritas, principalmente no que diz respeito às gramáticas. Trata-se das formas de *Doppelumschreibung* (*Doppelperfekt* e *Doppelplusquamperfekt* (cf., p.ex., EROMS (1984), THIEROFF (1992) e VATER (1994))).

A partir dos nomes, o *Doppelperfekt* deveria ser um *Perfekt* (*Perf*) duplo. Mas o que vem a ser um *Perf* duplo? Já não seria um *Plusquamperfekt* (*Plqp*)? E se for, qual seria sua função dentro do sistema, se para expressar o passado anterior existe outra forma? E, por analogia ao *Doppelperfekt*, o *Doppelplusquamperfekt* deveria indicar, então, um *Plqp* duplo? Mas, neste caso, poderia estar substi-

tuindo também o *Plqp*, ou seria uma outra forma que expressa um *Sachverhalt*¹ anterior ao *Plqp*?

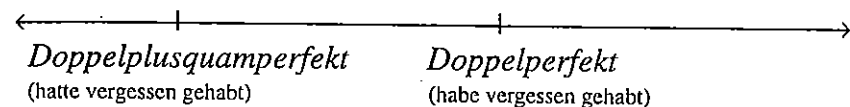
Antes de responder essas questões, apresento as formas que compõem o sistema verbal alemão a partir da sua função sistêmica nos eixos de orientação (BULL 1968: 72). BULL subdivide a linha do tempo, que é infinita e bidirecional, em eixos de orientação nos quais se localizam os eventos em relação ao momento da fala como sendo anteriores, concomitantes ou posteriores. Toda língua que possui um conceito abstrato de tempo teria no mínimo dois eixos de orientação: um para o presente e um para o passado. Em cada eixo há uma forma verbal que representa o núcleo. No alemão, a forma verbal do *Präsens* serve de núcleo para o eixo de orientação do presente (EO1) e o *Präteritum*, para o eixo de orientação do passado (EO2). A partir dos núcleos desses eixos posso estabelecer as demais formas, a saber:



No entanto, verifico que, nesses eixos, as formas de *Doppelumschreibung* não foram contempladas, havendo a necessidade de se estabelecer um terceiro eixo de orientação que, seguindo a teoria, seria uma extensão do *Plqp* e que teria o *Doppelperfekt* como núcleo e o *Doppelplusquamperfekt* anterior a ele. Ao determinar o número

¹ Tenho usado o termo *Sachverhalt* no decorrer do trabalho, por não encontrar um termo equivalente em português. Por *Sachverhalt* entendo uma situação padronizada que pode ser um processo ou um estado. (cf. BATTAGLIA 1996: 59)

de eixos para descrever um sistema verbal, BULL (1968) previu a necessidade de se estabelecer mais eixos em direção ao futuro, como ocorre com as formas do futuro do pretérito do português, mas não em direção ao passado, como ocorre no alemão. Por outro lado, se a linha do tempo é bidirecional, nada impede que se determine mais um eixo para o passado, como apresento a seguir:



Essa classificação indica que o sistema verbal do passado do alemão deve ser constituído pelas formas do *Perf*, *Prät*, *Plqp*, *Doppelperfekt* e *Doppelplusquamperfekt*. Porém, as formas de *Doppelumschreibung* nem sempre são aceitas como formas do sistema verbal padrão. Também nesse caso, esbarramos em um outro problema que diz respeito ao número de formas que deveria compor o sistema verbal alemão. A disparidade é grande. A maioria mantém as seis formas padrão apresentadas em EO1 e EO2 (cf., p.ex., FABRICIUS-HANSEN 1986 e grande parte das gramáticas), há um trabalho que considera apenas uma forma, o *Prät* (MUGLER 1988), ou até dez formas, incluindo as formas de *Doppelumschreibung* e do *Konjunktiv* (THIEROFF 1992).

O fato das formas de *Doppelumschreibung* serem tão pouco estudadas pode estar relacionado com o seu uso regional, ou seja, são formas encontradas no sul da Alemanha e que são pouco conhecidas no norte.

Em seguida, apresento e analiso as formas de *Doppelumschreibung*, iniciando a descrição com o *Doppelperfekt*, descrevendo os aspectos formais (morfologia), semânticos e pragmáticos.

2. O uso do *Doppelperfekt*

O *Doppelperfekt* é uma forma analítica constituída pelo *Präsens* do verbo auxiliar *haben*, o particípio passado do verbo principal e o

particípio passado de *haben* (p. ex., *hat gelacht gehabt*). Quanto ao seu emprego, as explicações nos trabalhos consultados são divergentes. Considero a abordagem de EROMS (1984: 349s.) a mais completa ao estabelecer três características básicas para o emprego do *Doppelperfekt*. EROMS diferencia entre um uso absoluto e um relativo. Diz-se que o uso é absoluto quando a forma verbal está relacionada diretamente ao momento da fala, relativo quando não está relacionado ao momento da fala, mas ao momento de referência. E por momento de referência entendo a perspectiva de onde o falante avalia e situa o evento no momento em que o verbaliza. No caso, o *Doppelperfekt* indica um *Sachverhalt* anterior a outro no passado que é o momento de referência. Ele pode ser expresso por um outro elemento temporal, isto é, um outro tempo verbal, um advérbio ou uma conjunção.

Entre as características que EROMS estabelece, a primeira se refere ao uso regional. O *Doppelperfekt* é comum no sul da região germanófono. Nessa região, substitui, de fato, o *Plqp*, em decorrência da “fronteira do *Prät*”. Os rios Main e Mosel marcam uma divisão geográfica que coincide com o que os alemães designam como a *Präteritalgrenze* (fronteira do pretérito). Ao norte dessa fronteira usava-se o *Prät* e ao sul, que se estende por todo contexto sul do alemão, englobando o sul da Alemanha, a Áustria e a Suíça, o *Prät* era substituído pelo *Perf* (cf. KÖNIG 1983: 163)² que se tornou, assim, o auxiliar na formação do *Doppelperfekt*.

Um exemplo do uso do *Doppelperfekt* para indicar que se trata de um regionalismo está no exemplo (1):

(1) *Ich habe damals viele Begriffe nicht richtig definiert gehabt.*
(apud VATER 1994: 76),

onde o verbo *definieren* (definir) está no *Doppelperfekt* para indicar um *Sachverhalt* anterior a outro no passado que indica o momento de

2 Apud BATTAGLIA 1996: 103ss.

referência e seu uso é relativo. O uso é considerado regional, porque o *Sachverhalt* poderia ser descrito igualmente pelo *Plqp*, pois é um *Sachverhalt* anterior a outro no passado, mesmo assim, o falante recorre ao *Doppelperfekt*.

THIEROFF (1992: 211) também afirma que o *Doppelperfekt* e o *Plqp* possuem funções semelhantes, mas a partir de pressupostos diferentes. Ele classifica os tempos verbais em textos do mundo narrado e textos do mundo comentado (cf. WEINRICH 1984). O *Doppelperfekt* seria uma forma típica do texto do mundo comentado e o *Plqp* desempenharia a mesma função no texto do mundo narrado. Ambas as formas teriam a função de descrever *Sachverhalte* anteriores a outros no passado. De acordo com essa classificação, a característica de forma informal, própria da língua oral seria mantida e a oposição ao *Plqp* justificada. Porém a substituição entre uma forma e outra não é automática, porque de acordo com essa classificação as formas pertencem a tipos de textos diferentes.

A segunda característica de EROMS se refere à narrativa. Na narrativa o uso do *Doppelperfekt* também expressa o uso relativo, ou seja, não relacionado diretamente ao momento da fala, indicando que o momento de referência situa-se no passado. O exemplo (2) de EROMS (1984: 350) está em dialeto:

(2) "Do han de zwo roudnkraitsschwesden dodn gwen, nochand hamands a gsogd khobt ja wo ma herkemand, ned ..." (Da haben (sind) die zwei Rotkreuzschwestern dort(en) gewesen, und nachher haben sie auch gesagt gehabt ja wo wir herkommen, nicht ...)"

Enquanto as duas características, o uso regional e o uso na narrativa, descrevem o uso relativo, a terceira característica corresponde ao uso absoluto do *Doppelperfekt*, ou seja, o seu uso para descrever um *Sachverhalt* relacionado diretamente ao momento da fala. Nesse caso, o *Doppelperfekt* ocorre em vez do *Perf* ou do *Prät* (cf. ib.). No exemplo (3),

(3) Er hat ihr nichts gesagt gehabt, aber sie hat es doch gemerkt.,

os *Sachverhalte* descritos acontecem numa seqüência imediata que poderiam ser expressos também pelo simples uso do *Prät*:

(4) Er sagte ihr nichts, aber sie merkte es doch.

Nem todos consideram o *Doppelperfekt* uma forma de uso regional. Buscando exemplos em textos literários. EROMS (1984) mostra, por exemplo, que a forma pode ocorrer em todos os níveis sociais e lingüísticos (cf. também HAUSER-SUIDA & HOPPE-BEUGEL 1972: 254ss.). HELBIG/BUSCHA (1991: 160) chamam, no entanto, a atenção para o fato do *Doppelperfekt* ser uma forma típica da língua coloquial. Entre os trabalhos consultados, verifiquei que o uso regional é, sem dúvida, a principal característica e, portanto, o seu uso mais comum no sul da região germanófona.

3. O uso do *Doppelplusquamperfekt*

Assim como o *Doppelperfekt*, o *Doppelplusquamperfekt* é uma forma analítica, constituída do *Prät* do verbo auxiliar (*haben/sein*), do particípio passado do verbo principal e do particípio passado do verbo auxiliar (*hatte vergessen gehabt*). Na descrição do *Doppelplusquamperfekt*, parto do pressuposto de que ele desempenha uma função própria, ou seja, é uma forma verbal que não coocorre com as demais, mas permite ao falante/escritor reportar situações do passado que estão mais afastadas em relação ao momento da fala e que são anteriores ao *Plqp*. Em geral, seu uso implica descrever um *Sachverhalt* concluso anterior a um *Sachverhalt* descrito pelo *Plqp* que, neste caso, indica o momento de referência (cf. HAUSER-SUIDA & HOPPE-BEUGEL 1972: 263). DUDEN (1973: 89s.) discrimina entre a *Doppelumschreibung* (*Doppelplusquamperfekt*), como meio de indicar um *Sachverhalt* anterior a um *Sachverhalt* anterior a um outro *Sachverhalt* no passado, e a *Doppelumschreibung* como substituto do *Plqp* (re-

sultado da incerteza na região da fronteira do *Prät*). Enquanto as gramáticas de DUDEN (1964 e 1973) ainda tratam a questão, a sua edição de 1984 não faz mais menção ao assunto.

VATER (1994: 76) traz outro argumento para a ocorrência do *Doppelplusquamperfekt* que merece um pouco mais de atenção. De acordo com o autor, essa forma não surgiu como conseqüência do desuso do *Prät* (cf. EROMS 1984), mas sim por analogia ao *Doppelperfekt*, mantendo assim o paralelismo do sistema em que posso opor duas formas nos eixos de orientação e desse modo expressar o passado em diversos níveis, ou melhor, o passado pré-anterior ao passado anterior (*Vor-Vorvergangenheit*). O argumento de VATER indica que as duas formas estão dispostas em eixos diferentes, porque caracterizam níveis temporais diferentes, havendo a necessidade de se estabelecer um quarto eixo de orientação. Nesse caso, o *Doppelplusquamperfekt* não indica apenas que o evento é anterior ao *Doppelperfekt*, mas indica ainda um outro nível temporal.

Na verdade, o *Doppelplusquamperfekt* permite que, na descrição de uma seqüência de *Sachverhalte*, o falante/escritor se refira a vários níveis temporais sem o auxílio de outros elementos temporais.

Na literatura há exemplos do emprego do *Doppelplusquamperfekt* para indicar uma seqüência de *Sachverhalte* como mostra o trecho da obra *Wilhelm Meisters Lehrjahre* de GOETHE. EROMS (1984: 346) o cita:

(5) "In dem Augenblick fühlte er sich am linken Arm ergriffen und zugleich einen sehr heftigen Schmerz. Mignon hatte sich versteckt gehabt, hatte ihn angefaßt und in den Arm gebissen."

Hoje em dia, é raro encontrá-lo em textos escritos. Todavia, seu uso ainda pode ser observado na língua coloquial. THIEROFF (1992: 210) e VATER (1994: 77) referem-se ao mesmo trecho da obra de GOETHE, justificando o uso do *Doppelplusquamperfekt* para indicar a seqüência em que ocorrem os eventos. Segundo THIEROFF (1992), a

seqüência temporal do exemplo inicia com o *Sachverhalt* mais distante do momento da fala, *sich verstecken* (esconder-se) no *Doppelplusquamperfekt*, em seguida, *anfassen* (agarrar) e *beißen* (morder) no *Plqp* e, por último, *Schmerz fühlen* (sentir dor) no *Prät* e, portanto, mais próximo do momento da fala. Neste exemplo fica claro que, numa seqüência de *Sachverhalte* no passado, o *Doppelplusquamperfekt* permite estabelecer *Sachverhalte* anteriores ao *Plqp* (*Vor-Vorvergangenheit*).

HAUSER-SUIDA & HOPPE-BEUGEL (1972: 262) indicam situações nas quais o uso do *Doppelplusquamperfekt* é considerado facultativo. Exemplo (6):

(6) *Das Ganze war denn doch etwas seltsam. Aber die Sache mit den noch nicht "eingeworteten" Teilen des großmütterlichen Erbes hatte der Doctor Preindl dem Baron gegenüber schon früher einmal erwähnt gehabt.* (DODERER, Heimito von. *Die Merowinger oder die totale Familie*, apud HAUSER-SUIDA & HOPPE-BEUGEL 1972: 262)

De acordo com as autoras, o uso do *Doppelplusquamperfekt* é correto e justificado, nesse contexto, se não se levar em conta a "estética". Entretanto, seu uso não é obrigatório, porque a situação poderia ser esclarecida através do uso do *Plqp* e de informações adicionais (sob a forma de advérbios) no contexto. De fato, se os demais elementos da frase que dão indícios sobre a relação temporal forem considerados, o uso do verbo *erwähnen* (citar) no *Doppelplusquamperfekt* é facultativo. No entanto, as autoras negligenciaram exatamente a estética ao considerá-lo facultativo, ou seja, não observaram o efeito que se obtém com o uso do *Doppelplusquamperfekt* que é o de ampliar a distância do *Sachverhalt* concluso em relação ao *Sachverhalt* descrito pelo verbo *sein* (ser/estar) no *Prät*, no início do texto. Este efeito não seria obtido com o simples uso do *Plqp* acompanhado de elementos temporais que definiriam a relação temporal do *Sachverhalt* (cf. EROMS 1984: 345; THIEROFF 1992: 215 e VATER 1994: 76; e.o.).

4. Conclusão

Apesar de suscitarem muitas controvérsias, o *Doppelperfekt* e o *Doppelplusquamperfekt* possuem características próprias que não podem ser confundidas com as demais características das formas verbais do passado; principalmente com o *Plqp*, que é o que mais se assemelha a elas, seja na forma, seja no uso. Além disso, mesmo em situações em que duas formas verbais diferentes encontram-se em posição idêntica em relação ao momento da fala, obtém-se sempre um efeito diferente que é, por exemplo, a estética que as autoras não levaram em conta. Desse modo, o *Doppelplusquamperfekt* cria um distanciamento maior em relação ao momento da fala do que o *Plqp*, quando usados em situações semelhantes. E o *Doppelperfekt* cria um distanciamento maior em relação ao momento da fala do que o *Perf* e o *Prät*, quando usados em situações semelhantes.

Referências bibliográficas

- BATTAGLIA, M.H.V. *Os tempos verbais do passado do alemão e do português*. Tese de doutorado, 1996.
- BULL, William. *Time, Tense, and the Verb – A study in theoretical and applied linguistics, with particular attention to spanish*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 1968.
- DUDEN. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache* (org. P. Grebe & al.). 2ª ed., Mannheim, Bibliographisches Institut, 1964.
- DUDEN. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache* (org. P. Grebe & al.). 3ª ed., Mannheim, Bibliographisches Institut, 1973.
- DUDEN. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache* (org. G. Drosdowski). 4ª ed., Mannheim, Bibliographisches Institut, 1984.
- ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik*. Heidelberg, Groos, 1988.

- EROMS, Hans-Werner. "Relativer und absoluter Gebrauch des Plusquamperfekts im Deutschen". In: ASKEDAL, John Ole & al. *Festschrift für Laurits Saltveit*. Oslo/Bergen, Universitetsforlaget, p. 58-71, 1983.
- EROMS, Hans-Werner. "Die doppelten Perfekt- und Plusquamperfektformen im Deutschen". In: EROMS, Hans Werner et. al. *Studia Linguistica et Philologica. Festschrift für Klaus Matzel*. Heidelberg, Carl Winter, p. 343-351, 1984.
- FABRICIUS-HANSEN, Cathrine. *Tempus fugit. Über die Interpretation temporaler Strukturen im Deutschen*. Düsseldorf, Schwann, 1986.
- FLÄMIG, Walter. *Grammatik des Deutschen*. Berlin, Akademie Verlag, 1991.
- FUCHS, Anna. "Dimensionen der Deixis im System der deutschen Tempora". In: EHRICH, Veronika & VATER, Heinz (orgs.). *Temporalsemantik: Beiträge zur Linguistik der Zeitreferenz*. Tübingen, Niemeyer, p. 1-25, 1988.
- HAUSER-SUIDA, U. & HOPPE-BEUGEL, G. *Die Vergangenheitstempora in der deutschen geschriebenen Sprache der Gegenwart*. München, Max Hueber, 1972.
- HEIDOLPH Karl Erich & al. *Grundzüge einer deutschen Grammatik*. Berlin (DDR) Akademie, 1981.
- HELBIG, Gerhard & BUSCHA, Joachim. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländer-Unterricht*. 2ª ed., Leipzig, VEB Enzyklopädie, 1991.
- KÖNIG, Werner. *dtv-Atlas zur deutschen Sprache. Tafeln und Texte*. 5ª ed., München, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1983.
- REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York, Macmillan Company, 1947.
- THIEROFF, Rolf. *Das finite Verb im Deutschen: Tempus – Modus – Distanz*. Tübingen, Narr, 1992.
- VATER, Heinz. *Einführung in die Zeit-Linguistik*. Hürth-Efferen, Gabel, 3ª ed., 1994.
- WEINRICH, Harald. *Tempus. Besprochene und erzählte Welt*. Stuttgart, Kohlhammer, 1985.

WEINRICH, Harald. *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim, Bibliographisches Institut, 1993.

WUNDERLICH, Dieter. *Tempus und Zeitreferenz im Deutschen*. München, Hueber, 1970.

OS VERBOS DE TRANSPORTE APREFIXADOS COM WEG-.
UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DE DADOS PRODUZIDOS POR
INFORMANTES ALEMÃES E BRASILEIROS

*Renato Ferreira da Silva, Luis Fernando Dias Moreira &
Hardarik Blühdorn**

Abstract: This paper examines four German transportation verbs with the prefix *weg-*, concentrating on their syntax and their semantic and pragmatic interpretations. The empirical data investigated are from a cross-linguistic corpus of German and Brazilian Portuguese as foreign languages. The analysis is based on the concept of focus, which is defined as a point on the path along which the patient of the process moves. The focus must be either mentioned or contextually evident. Each transportation verb will be able to establish a typical focus. German prefix-verbs with *weg-* are characterized by a focus-conflict that can be resolved through different interpretation strategies.

Keywords: Transportation verbs; Place relations; Focalization; Contrastive lexicology German-Portuguese.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz untersucht vier deutsche Transportverben mit dem Präfix *weg-* hinsichtlich ihrer Syntax sowie ihrer semantischen und pragmatischen Interpretationen. Die analysierten empirischen Daten stammen aus einem kontrastiven Korpus des Deutschen und des brasilianischen Portugiesisch als Fremdsprachen. Die Analyse gründet sich auf das Konzept des Fokus, der definiert wird als ein Punkt auf dem vom Patiens des Prozesses durchlaufenen Weg.

* Os dois primeiros autores são estudantes de graduação junto ao Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP; o terceiro autor é professor doutor dessa área. O presente artigo foi elaborado no decorrer do projeto de pesquisa intitulado "O Uso dos Verbos de Transporte no Alemão e no Português do Brasil", que teve o apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – sob forma de duas bolsas de iniciação científica (processos números 96/3306-6 e 96/3305-0). Agradecemos a leitura crítica e os valiosos comentários das Professoras Doutoras Masa Nomura e Eliana Fischer.

Der Fokus muß entweder erwähnt werden oder kontextuell evident sein. Jedes Transportverb besitzt die Fähigkeit, einen typischen Fokus zu etablieren. Deutsche Präfixverben mit *weg-* sind durch einen Fokuskonflikt gekennzeichnet, der durch verschiedene Interpretationsstrategien aufgelöst werden kann.

Stichwörter: Transportverben; Ortsbeziehungen; Fokalisierung; Kontrastive Lexikologie Deutsch-Portugiesisch.

Palavras-chave: Verbos de transporte; Relações locais; Focalização; Lexicologia contrastiva alemão-português.

1. Introdução

1.1. Informações gerais

Os resultados apresentados neste artigo provêm de um projeto de pesquisa realizado na Área de Alemão do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. O objetivo desse projeto é coletar e analisar dados referentes a verbos de transporte na língua alemã e na língua portuguesa do Brasil, cujo aprendizado por falantes estrangeiros sempre se mostra difícil. O projeto seguiu as seguintes etapas: coleta de dados nas duas línguas junto a informantes alemães e brasileiros; descrição dos dados, considerando aspectos gramaticais, semânticos e pragmáticos; identificação das regras que determinam o uso dos verbos previsto nas duas línguas; descrição e classificação de erros ocorridos no corpus; identificação de dificuldades típicas no uso dos verbos por falantes não-nativos. Uma versão preliminar do corpus do projeto (BLÜHDORN, MOREIRA & SILVA 1997) e alguns dos resultados da pesquisa já foram publicados anteriormente (MOREIRA, SILVA & BLÜHDORN 1997; BLÜHDORN 1998).

O presente artigo aborda um grupo particular dos verbos de transporte do alemão, a saber, os verbos prefixados com *weg-*. Em

outros artigos, ainda não publicados, examinamos os verbos prefixados com *hin-*, *her-* e *ab-*, entre outros. Para o futuro, planeja-se o desenvolvimento de um programa didático, que minimize os problemas observados no ensino desses verbos, particularmente voltado para o alemão como língua estrangeira no Brasil, mas também considerando o português como língua estrangeira na Alemanha.

1.2. Verbos prefixados

A correspondência entre sinônimos de línguas diferentes é sempre limitada e incompleta (cf. ULLMANN 1987: 291), pois cada língua apresenta propriedades morfosintáticas, semânticas e pragmáticas específicas. O estudante de língua estrangeira encontra verdadeiros obstáculos não só na aquisição do vocabulário, mas também no quebra-cabeça das inúmeras possibilidades de construções sintáticas, das sutilezas de significados e da sua eficiência quando inserido numa situação específica.

Na língua alemã, por exemplo, o largo uso de prefixos verbais é um aspecto muitas vezes problemático para os aprendizes, porque expande consideravelmente o número de verbos. A princípio, cada verbo prefixado alemão opera de maneira independente da respectiva forma não-prefixada. A lista a seguir ilustra o desequilíbrio quantitativo entre os verbos de transporte do alemão e do português encontrados no nosso corpus:

Verbos alemães: *abheben, abholen, abnehmen, abschleppen, abstellen, abtransportieren, abziehen, anheben, annehmen, anpacken, anstellen, auffangen, aufheben, aufnehmen, aufschnappen, aufstellen, ausnehmen, bekommen, bringen, einpacken, einstecken, entfernen, ergreifen, fahren, fangen, fortbewegen, führen, greifen, heben, herausbekommen, herausbringen, herausholen, herausnehmen, herausziehen, herbringen, hereintun, herholen, hernehmen, herrufen, hierherbringen, hinbringen, hinlegen, hinnehmen, hinstellen, hochheben, holen, kriegen, legen, mitbringen, mitfahren, mitkommen,*

mitnehmen, nehmen, packen, pflücken, rausnehmen, rausziehen, schleppen, schnappen, setzen, stecken, stellen, tragen, transferieren, transportieren, tun, übertragen, überweisen, umziehen, verlegen, verrücken, verschieben, versetzen, verstellen, vorbeibringen, wechseln, wegbringen, weggeben, wegholen, wegnehmen, wegstecken, wegtun, wegwerfen, ziehen.

Verbos portugueses: *apanhar, arrastar, atirar, botar, buscar, carregar, catar, colher, colocar, conduzir, deitar, descarregar, deslocar, despejar, depositar, devolver, empurrar, encaminhar, entregar, jogar, lançar, levantar, levar, meter, pegar, pôr, portar, puxar, receber, recolher, remover, retirar, retornar, roubar, sacar, tirar, tomar, transferir, transportar, trazer.*

Embora a língua portuguesa também apresente verbos afixados (*descarregar, encaminhar, remover, transportar* etc.), seu número é bastante reduzido e seu uso restrito. Entretanto, isso não constitui obstáculo algum para a plena comunicação entre os falantes de língua portuguesa, já que esses encontram outros recursos lingüísticos que modificam o sentido de um determinado verbo (formas verbais que expressam aspecto; locuções verbais com *ir* ou *vir*; advérbios e locuções adverbiais como *embora, para lá, para cá* etc.). Dessa forma, possibilitam-se interpretações mais específicas de verbos polissêmicos como, por exemplo, *levar*. Além disso, os nossos dados indicam uma leve tendência dos informantes brasileiros a deixar implícita parte das informações (cf. BLÜHDORN 1998).

2. Conceitos básicos

2.1. Deslocamento e locais da trajetória

Antes de iniciarmos a análise contrastiva dos verbos afixados com *weg-*, convém abordarmos alguns conceitos básicos como a noção de deslocamento e transporte, e as especificações dos locais aí envolvidos.

Por deslocamento, entende-se a mudança de uma entidade A de um local x para um local y, sendo esse processo voluntário ou não. A noção de transporte compreende o conceito de deslocamento com a participação adicional de uma entidade B, que desempenha o papel de agente do processo, enquanto a entidade A é o paciente. O transporte está, em muitos casos, determinado pelo início e/ou término do contato entre as entidades A e B, entre outros fatores. No exemplo:

(1) *Eu busquei meus livros na sala dela*¹,

observamos que o agente da ação realiza um primeiro deslocamento em direção ao paciente, para então estabelecer contato e deslocar-se mais uma vez. O transporte ocorre apenas a partir do contato.

Quatro locais das trajetórias do agente e do paciente são de interesse particular para a análise do uso dos verbos de transporte. Convencionamos as seguintes siglas como meios de referência a esses locais:

LOA – Local de Origem do Agente
LOP – Local de Origem do Paciente
LDA – Local de Destino do Agente
LDP – Local de Destino do Paciente.

O exemplo a seguir ilustra o exposto:

(2) *Ontem, apesar do horário, precisei arrastar as malas da sala para o meu quarto.*

O agente da ação (o falante) transporta o paciente (as malas) da sala para o quarto. Verificamos que o LOA e o LOP devem ser idênticos, bem como o LDA e o LDP. Já no exemplo abaixo:

1 O exemplo (1) foi produzido por um informante brasileiro na sua língua materna. Convencionamos, neste artigo, citar em itálico os exemplos provenientes do nosso corpus de dados, mantendo-se os erros e os usos não-idiomáticos produzidos pelos informantes. Os exemplos em caracteres normais foram criados pelos autores deste trabalho.

(3) *Ele foi até o aeroporto buscar a irmã.*

percebemos que o deslocamento do agente não é igual ao do paciente. O agente realiza um deslocamento maior que o paciente, pois ele parte de um LOA não-mencionado até o aeroporto (LOP), antes de transportar o paciente até o LDP, idêntico ao LDA. Nesse caso, o LDP/LDA pode corresponder ao LOA, encerrando, assim, um movimento cíclico.

Outro caso interessante observamos na sentença:

(4) *Os trabalhadores estão colhendo as frutas.*

Nesse exemplo, não é necessário que haja um deslocamento do agente (os trabalhadores). O agente pode permanecer no mesmo lugar (LA – Local do Agente), enquanto o paciente (as frutas) é transportado do seu LOP para o LDP, nesse caso idêntico ao LA.

2.2. O conceito de foco

Ao observarmos as frases do corpus do projeto, constatamos diferentes possibilidades quanto à explicitação dos locais do agente e do paciente, os quais são mencionados (ou não) em função de fatores lingüísticos (gramaticais e semânticos) e extra-lingüísticos (pragmáticos). Para descrevermos melhor esses aspectos, desenvolvemos o conceito de foco. Entende-se por foco o ponto ao longo da trajetória que deve ser conhecido, quando não for explicitamente mencionado. Tomemos como exemplo a frase:

(5a) *Der Vater bringt die Kinder aus der Schule nach Hause.*
[O pai leva as crianças da escola para casa.]

Nessa frase, *aus der Schule* [da escola] indica o LOP e *nach Hause* [para casa], o LDP.

Se retirarmos o elemento *aus der Schule*, teremos a variante:

(5b) *Der Vater bringt die Kinder nach Hause.*
[O pai leva as crianças para casa.]

Observa-se que, nesse caso, existem duas possibilidades de interpretação quanto ao local não-mencionado (o LOP): numa, o LOP está evidente na situação em que a frase é usada, ou seja, pode ser o lugar do falante ou um local previamente mencionado pelos interlocutores; na outra possibilidade, o LOP seria irrelevante, em outras palavras, não importa em que local o deslocamento se inicia.

Se retirarmos de (5a) o elemento *nach Hause*, teremos a variante:

(5c) *Der Vater bringt die Kinder aus der Schule.*
[O pai leva as crianças (para fora) da escola.]

Observamos que agora existe apenas uma possibilidade de interpretação quanto ao local não-mencionado (o LDP), que precisa estar evidente na situação. Quando não previamente mencionado, o elemento *aus der Schule* poderia até ser entendido como especificação do LDP, com o sentido de *para fora*. Não existe a possibilidade do LDP ser irrelevante.

Finalmente, se retirarmos os dois elementos, teremos a variante:

(5d) *Der Vater bringt die Kinder.*
[O pai leva as crianças.]

Nesse caso, o LOP pode, outra vez, estar evidente ou ser irrelevante, enquanto o LDP deve estar evidente e não pode ser irrelevante. Um local da trajetória com essa característica (que deve estar evidente e não pode ser irrelevante quando não-mencionado explicitamente) será denominado o foco estabelecido pelo verbo em questão. De acordo com o nosso exemplo, o verbo *bringen* estabelece o foco no LDP.

A maioria dos verbos de transporte tem a capacidade de estabelecer um determinado foco, em alemão normalmente o LDP (focaliza-

do por exemplo pelos verbos *holen* [ir buscar], *nehmen* [pegar] e *geben* [dar]. Alguns verbos, porém, não estabelecem foco (como, p.ex., *führen* [guiar], *heben* [erguer] e *tragen* [carregar]). Entre os prefixos verbais, também há os que estabelecem foco, tais como *weg-* e *ab-* (LOP) e *hin-* e *her-* (LDP). Os verbos aprefixados por esses elementos estabelecem dois focos: um da base verbal e um do prefixo.

No caso dos verbos com *weg-* (como *weggeben*, *wegbringen*, *wegholen* e *wegnehmen*), os dois focos se situam em locais diferentes: o da base verbal, no LDP, e o do prefixo, no LOP. Analisaremos, em seguida, os efeitos de interpretação criados por essa concorrência de focos.

3. Verbos aprefixados com *weg-*

3.1. *weggeben*

O nosso corpus contém 20 sentenças com *weggeben*, todas produzidas por informantes alemães.

Um exemplo típico é:

- (6) *Sie hat ihr Kind weggegeben.*
[Ela deu embora sua criança.]²

O primeiro item a ser discutido é a distribuição dos agentes e pacientes, ou seja, a frequência com que determinados tipos de entidades são mencionados nessas funções semânticas, levando-se em conta características como animação e concretude.

Em todas as frases do corpus, os informantes especificaram o agente de *weggeben* por um pronome pessoal, com uma única exceção:

2 As traduções dadas [entre colchetes] visam facilitar a compreensão dos exemplos alemães. Para tanto, traduzimos, em geral, literalmente, desconsiderando o uso típico do português.

- (7a) *Der Vater gab sein Kind weg.*
[O pai deu embora sua criança.]

Explicamos a preferência dada ao uso de pronomes pelas condições artificiais de produção no levantamento de dados. Ao nosso ver, os informantes devem ter desejado que os referentes dos pronomes fossem interpretados como seres humanos.

Como pacientes, temos tanto seres humanos (4 vezes uma criança) e animais (5 vezes um cachorro), quanto objetos concretos (livros, carros, vestidos etc.). Muitas sentenças indicam que o paciente de *weggeben* é um objeto do qual o agente apenas se separa com uma determinada dificuldade emocional:

- (8) *Den Hund weg zu geben fiel ihr schwer.*
[Dar embora o cachorro foi difícil para ela.]

O verbo *geben* é utilizado em casos nos quais não é necessário que o agente se desloque. Assim, a distinção entre LOA e LDA se neutraliza em um único LA (Local do Agente). Quanto aos locais da trajetória percorrida pelo paciente, não encontramos especificação alguma nas sentenças com *weggeben*. Observamos, porém, que uma especificação do LOP facilmente poderia ser acrescentada a quase todas as frases:

- (7b) *Der Vater gab sein Kind aus seinem Haushalt weg.*
[O pai deu embora sua criança da sua casa.]

A menção de um LDP, no entanto, seria estranha, ou mesmo impossível:

- (7c) ? *Der Vater gab sein Kind in ein Kinderheim weg.*
[O pai deu embora sua criança para um lar de crianças.]

Uma frase desse tipo criaria a impressão de uma dupla especificação do LDP (pelo prefixo *weg-* e pelo sintagma adverbial *in ein*

Kinderheim). Mas enquanto o LOP, junto ao verbo *weggeben*, sempre é o LA (e, dessa forma, automaticamente deve ser conhecido), o LDP, junto a esse verbo, é normalmente irrelevante. O prefixo *weg-* recebe a interpretação muito geral de *fora do LA*, e informações mais detalhadas sobre o LDP não são previstas. Por conseqüência, o verbo *weggeben* focaliza o LOP, havendo uma dominância do foco estabelecido pelo prefixo sobre o foco estabelecido pela base verbal.

3.2. *wegbringen*

3.2.1. Informantes alemães

Encontramos no corpus 57 sentenças com *wegbringen*, 26 formadas por informantes alemães e 31 por brasileiros.

As frases dos alemães apresentam, na função de agente, 100 % de seres humanos, como no exemplo:

- (9) *Der Junge muß den Abfalleimer wegbringen.*
[O garoto tem que levar embora a lixeira.]

Na função de paciente, temos em 18 das 26 sentenças (70 %) um objeto concreto, animado ou inanimado, que causa certo incômodo ou desagrado, como em:

- (10) *Er brachte den Hund weg, weil seine Frau eine Allergie hatte.*
[Ele levou embora o cachorro, porque sua esposa tinha alergia.]
- (11) *Morgen müssen wir unbedingt unseren Müll wegbringen.*
[Amanhã, precisamos sem falta tirar nosso lixo.]

Em 23 das 26 frases alemãs, o agente e o paciente realizam um único deslocamento, com o LOA e o LOP idênticos:

- (12) *Martin muß das Altglas wegbringen.*
[Martin precisa levar embora o vidro velho.]

Entretanto, três frases revelam um caso menos freqüente de uso, em que o LA e o LOP não são iguais e o agente não realiza deslocamento algum, como em:

- (13) *Ich habe schon alles versucht, aber mit keinem Mittel bringe ich den Fleck auf dem Teppich weg.*
[Já tentei de tudo, mas não consigo tirar a mancha do carpete com nenhum produto.]

Enquanto a mancha se desloca de seu LOP, o agente não a acompanha nessa viagem. Em casos como (13), o equivalente adequado de *wegbringen* no português seria o verbo *tirar*, enquanto geralmente *levar (para fora)* é mais compatível.

O verbo *wegbringen* é formado pela base *bringen*, cujo foco se situa no LDP, e o prefixo *weg-*, com o foco no LOP. Como no caso de *weggeben*, ocorre uma dominância do foco do prefixo, fazendo com que o LDP se torne desinteressante. Conseqüentemente, o foco prevalece no LOP. Isso pode ser verificado no exemplo seguinte:

- (14) *Ich bringe das Buch später wieder weg.*
[Mais tarde, levo o livro de novo embora.]

Se não houvesse o prefixo *weg-*, o LDP poderia ser mencionado, caso não fosse ainda conhecido pelo interlocutor. Porém, como o prefixo desloca o foco para o LOP, esse torna-se o local relevante na oração. Nota-se, entretanto, que ele também não é mencionado, a não ser, de uma maneira muito geral, através do prefixo *weg-*. Isso nos leva a concluir que o LOP já deve ser de conhecimento do interlocutor. Um exemplo em que o LOP é mencionado seria a sentença:

- (15) *Bring den Hund von hier weg!*
[Leve o cachorro embora daqui.],

em que o LOP é expresso através do sintagma preposicional *von hier*.

Em muitos casos, como nos exemplos (10) a (15), o uso de *wegbringen* sugere que o paciente deve sair do LOP sem voltar para

esse lugar. Mas existe também a possibilidade de um deslocamento temporário, como no caso da lixeira em (9), que deve ser esvaziada no LDP para depois voltar até o LOP, ou no caso do carro em (16), que deve ser lavado ou consertado em outro lugar, para também voltar depois:

- (16) Ich bin gleich wieder da. Ich bringe nur schnell das Auto weg.
[Volto já. Eu só vou levar (embora) o carro.]

3.2.2. Informantes brasileiros

Das 31 frases com *wegbringen* produzidas por brasileiros, 100% possuem, na função de agente, seres humanos, assim como nas sentenças elaboradas por alemães. Na função de paciente, encontramos objetos concretos em mais de 90 % das frases, mas apenas 10 frases (30 %) apresentam algo incômodo ou desagradável, como nos exemplos:

- (17) *Bring dieses komisches Hund weg!*
[Leve embora este cachorro estranho!]
(18) *Können Sie die alten Bücher wegbringen?*
[O senhor pode levar embora os livros velhos?]

Em 4 frases (13 %), o paciente é um vestido ou um objeto usado no corpo, como em (19) e (20):

- (19) *Ich bringe meinen Mantel weg.*
[Eu levo embora meu casaco.]
(20) *Sie bringt das Kleid weg.*
[Ela leva embora o vestido.]

Esse tipo de paciente, embora seja viável, não se encontra nos exemplos produzidos pelos alemães. Tal observação, entre outras, nos leva a pensar que nossos informantes brasileiros estavam pouco familiarizados com o verbo *wegbringen* e suas peculiaridades de uso.

O levantamento de dados foi realizado de uma maneira que não excluiu a utilização de dicionários. Ao consultarmos os dicionários bilíngües alemão-português mais utilizados pelos estudantes de alemão em São Paulo (SCHAU 1985 e KELLER 1994), encontramos em ambos, no verbete *wegbringen*, os equivalentes *tirar* e *levar*, com *tirar* em primeiro lugar. Podemos, então, especular que a idéia que os informantes queriam expressar talvez não tenha sido a de “levar para fora um vestido”, e sim, de “tirar um vestido”. Esse uso de *wegbringen*, contudo, não é previsto em alemão, sendo o equivalente de “tirar roupa” o verbo *ausziehen*.

Também em relação ao foco, constatamos alguns problemas nas frases dos informantes brasileiros. Tomemos como exemplo a seguinte sentença:

- (21) *Das Rotkäpchen brachte seiner Großmutter einen Korb mit Obst weg.*
[A Chapeuzinho Vermelho levou embora para sua avó uma cesta de frutas.]

Pode-se notar, a partir do nosso conhecimento do conto-de-fadas, que o sintagma nominal *seiner Großmutter* [para sua avó] deve representar o LDP. Mas o LDP não pode ser expresso em frases com o verbo *wegbringen*. O informante deveria ter usado o verbo *bringen*. Em sua frase, o dativo *seiner Großmutter* seria interpretado como especificação do beneficiário, que no caso nos leva a pensar que a avó constitui o LOA. Essa interpretação é certamente contrária às intenções do falante.

Nas frases:

- (22) *Der Mann bringt seine Freundin nach Hause weg.*
[O homem leva sua namorada embora para casa.]
(23) *Sie bringt das Buch zur Bibliothek weg.*
[Ela leva o livro embora para a biblioteca.]

notamos que os informantes não consideraram o foco estabelecido pelo prefixo *weg-*, pois explicitaram os LDPs (*nach Hause, zur Bibliothek*), como se faria com o verbo *bringen*.

3.3. *wegholen*

3.3.1. Informantes alemães

Encontramos no corpus de dados 57 sentenças com o verbo *wegholen*, 32 de informantes alemães e 25 de brasileiros.

Na produção dos alemães, 100 % dos agentes junto a esse verbo são seres humanos, como no exemplo:

- (24) *Der Vater holt die Tochter von der Party weg.*
[O pai tira a filha da festa.]

Na função de paciente, temos seres humanos em 21 das 32 frases (66 %):

- (25) *Ich hole das Kind weg von ihm!*
[Eu tiro dele a criança!],

e em 5 frases, objetos concretos inanimados:

- (26) *Die Kiste dort haben wir vom Sperrmüll weggeholt.*
[Aquela caixa lá tiramos do lixo.]

Em outras 5 frases, encontramos o verbo *wegholen* na forma reflexiva, sendo o paciente uma entidade abstrata do tipo doença, gripe etc.:

- (27) *Sie hat sich eine Krankheit weggeholt.*
[Ela pegou uma doença.]

Esse último uso pode ser caracterizado como coloquial. Ele não ocorre na produção dos nossos informantes brasileiros.

O verbo *wegholen* é utilizado para situações em que o agente realiza um duplo deslocamento: partindo de um LOA, ele estabelece contato com o paciente no LOP e, depois, se desloca para um LDA/LDP. O deslocamento do agente, portanto, deve necessariamente ser maior que o do paciente. No exemplo

- (28) *Ich muß meine Kinder von der Unfallstelle wegholen.*
[Eu preciso tirar minhas crianças do local do acidente.],

o agente (o falante) inicia seu deslocamento de um LOA, para estabelecer contato com o paciente (as crianças) no local do acidente (LOP). Os dois deslocam-se, então, para o LDA/LDP. Fica claro que o paciente realiza um deslocamento menor do que o agente.

Com *wegholen*, assim como com *weggeben* e *wegbringen*, ocorre uma concorrência dos focos estabelecidos pelo prefixo *weg-* (LOP) e pela base verbal *holen* (LDP). Mas com *wegholen*, nenhum dos focos se sobrepõe, ou seja, os dois focos coexistem. Nesse caso, os falantes precisam utilizar estratégias específicas na comunicação para deixarem seus enunciados compreensíveis:

1. Há a tendência de se mencionar o LOP, mesmo que seja conhecido, como acontece no exemplo:

- (29) *Hol' das Kind da weg!*
[Tire a criança de lá!]

Pela menção do LOP, o foco concentra-se nesse local. 19 de 32 frases produzidas por informantes alemães (60 %) apresentam essa característica.

2. Um agente da segunda ou da terceira pessoa permite que o observador se situe num lugar diferente do lugar do agente. Por exemplo:

- (30) *Den hat der Sensenmann weggeholt.*
[Esse, o ceifeiro (a Morte) levou.]

Nesse caso, o agente (o ceifeiro) se localiza no LOP, enquanto o observador (o falante) se localiza no LDP ou num lugar neutro. 25 das 32 frases dos informantes alemães (78 %) seguem essa estratégia.

3. Com um agente da primeira pessoa, há preferência por construções que utilizem o verbo no passado, como em:

(31) *Ich habe mir gestern nach dem Sport eine ganz schöne Erkältung weggeholt!*
[Ontem depois da ginástica, peguei um belo resfriado!]

Dessa forma ocorre uma dissociação entre o observador e o agente. O falante, como observador, situa-se no LDP, de acordo com o momento da fala, enquanto, como agente, ele se situa no LOP, no momento passado em que o transporte se iniciou.

Uma dissociação semelhante pode ser alcançada através do uso de verbos modais, que torna o transporte virtual:

(28) *Ich muß meine Kinder von der Unfallstelle wegholen.*
[Eu preciso tirar minhas crianças do local do acidente.]

Pela dissociação entre observador e agente, soluciona-se o problema da concorrência de focos. Das 32 frases produzidas por informantes alemães, 6 (19 %) têm um agente na primeira pessoa, entre as quais 4 (13 %) dissociam observador e agente através do uso de um tempo passado ou de um verbo modal.

Com *wegholen*, o LDP só pode ser especificado (além da menção geral pelo prefixo *weg-*) através de um objeto indireto (objeto no dativo), quando esse for um pronome pessoal, como na frase:

(32a) *Jeder kann sich wegholen, was ihm gefällt.*
[Cada um pode tirar (para si) o que lhe agrada.]

Outras formas de indicar o LDP não constituirão sentenças típicas da língua alemã. Na frase:

(33) *Man hat die Kinder in ein Waisenhaus weggeholt.*
[Tiraram-se as crianças para um orfanato.]³,

formada por um informante alemão, estamos diante de um exemplo atípico, sendo que a especificação do LDP *in ein Waisenhaus* talvez tenha sido acrescentada devido às condições de produção pouco naturais durante o levantamento de dados. Nas 32 frases do nosso corpus produzidas por informantes alemães, o uso indevido de especificações do LDP ocorre em apenas uma.

3.3.2. Informantes brasileiros

Quanto às frases dos informantes brasileiros com o verbo *wegholen*, há 100 % de ocorrência de seres humanos na função de agente, assim como nas frases dos alemães. Na função de paciente, registramos, em 20 das 24 frases (80 %), um objeto concreto, animado ou inanimado. Não registramos nenhuma sentença que apresentasse um paciente do tipo doença, gripe etc., junto à variante reflexiva do verbo. Provavelmente, esse uso de *wegholen* não era de conhecimento dos informantes.

Em 5 frases, como no exemplo:

(34) *Er hölt seine Stadt weg und fährt nach Berlin*
[Ele tira sua cidade e vai para Berlim],

os informantes usaram o verbo *wegholen* em sentidos não previstos pela língua alemã; no caso de (34), no sentido de “deixar” ou “abandonar”.

³ Essa frase nos parece mais aceitável em português que em alemão.

Assim como no verbo *wegbringen*, registramos a ocorrência de problemas referentes à estrutura utilizada pelos informantes brasileiros com *wegholen*. As sentenças:

- (35) *Die Mutter muß die Kinder zur Schule wegholen*
[A mãe precisa tirar as crianças para a escola]
(36) *Der Arzt hat den Patient zum Krankenhaus weggeholt*
[O médico tirou o paciente para o hospital]

devem ser classificadas como não-idiomáticas, pois o verbo *wegholen* não permite que o LDP seja especificado, a não ser por um pronome pessoal no dativo correferencial com o sujeito. Na produção dos informantes brasileiros no nosso corpus, o uso indevido de especificações do LDP ocorre em 3 de 25 frases (12 %), enquanto apenas 2 frases (8%) contêm uma especificação do LOP (60 %, na produção dos alemães). Isso indica que a focalização do verbo *wegholen* apresenta dificuldades especiais para os aprendizes brasileiros.

3.4. *wegnehmen*

3.4.1. Informantes alemães

Com *wegnehmen*, encontramos 48 sentenças no corpus, 24 de informantes alemães e 24 de brasileiros.

Das 24 sentenças dos alemães, 23 apresentam um ser humano na função de agente:

- (37) *Der Bruder nahm seiner Schwester die Puppe weg.*
[O irmão tirou da sua irmã a boneca.]

Num caso excepcional, um ser inanimado (uma árvore) ocorre na função de agente:

- (38) *Der Baum vor meinem Fenster nimmt viel Licht weg.*
[A árvore na frente da minha janela tira muita luz.]

Poder-se-ia argumentar que, nesse exemplo, a árvore, como participante da situação, estaria personificada.

Na função de paciente, as frases dos informantes alemães apresentam, em sua grande maioria (20 das 24), objetos concretos inanimados:

- (39) *Ich nehme jetzt von hier mein Heft weg.*
[Eu tiro agora meu caderno daqui.]

Em 2 frases, temos seres abstratos:

- (40) *Warum nehmt Ihr Ihm die Verantwortung weg?*
[Por que vocês tiram dele a responsabilidade?];

em outras duas, seres animados:

- (41) *Du hast mir meinen Mann weggenommen.*
[Você tirou meu marido de mim.]

Wegnehmen, assim como *weggeben*, não pressupõe necessariamente um movimento do agente, sendo que este, na maioria das vezes, permanece em seu LA. O paciente se desloca do LOP para o LDP, que, em geral, corresponde ao LA. Na frase:

- (42) *Er nimmt Ihr das Essen weg.*
[Ele tira dela a comida.],

o agente (ele), sem necessidade de se deslocar do seu LA, estabelece contato com o paciente (a comida) num LOP marcado pelo dativo *Ihr*, e o desloca, então, para o LDP, idêntico ao LA.

Assim como os outros verbos discutidos neste trabalho, *wegnehmen* também apresenta concorrência de focos. A base verbal *nehmen* estabelece o foco no LDP, enquanto o prefixo *weg-* estabelece o foco no LOP. Para resolver esse conflito, as mesmas estratégias utilizadas com *wegholen* também são aplicáveis. Porém não é neces-

sário aplicá-las, uma vez que *wegnehmen* designa apenas um movimento: o da retirada do paciente do seu local de origem em direção ao agente. O fato de o agente não se deslocar facilita a determinação do foco. Portanto, sentenças no presente, com sujeito na primeira pessoa (que apresentaram menor ocorrência com *wegholen*), também são aceitáveis, como pode ser verificado na frase:

- (39) *Ich nehme jetzt von hier mein Heft weg.*
[Eu tiro agora meu caderno daqui.]

Em casos desse tipo, tanto o LOP quanto o LDP se encontram na proximidade imediata do agente.

Averiguamos que, entre as 24 sentenças com *wegnehmen* produzidas pelos alemães, 15 (63 %) seguem o padrão frasal [NOM + DAT + AKK], como ocorre em:

- (37) *Der Bruder (NOM) nahm seiner Schwester (DAT) die Puppe (AKK) weg.*
[O irmão tirou da sua irmã a boneca.]

O dativo, em 10 das 15 frases (67 %), é constituído por um pronome pessoal:

- (43) *Warum nimmst Du mir meinen Stift weg?*
[Porque você tira minha caneta de mim?]

É interessante notar que, com *wegnehmen*, o papel desempenhado pelo objeto indireto (objeto no dativo) muda de acordo com sua possível correferência com o sujeito da frase. Se o objeto indireto não for correferente do sujeito, como em (41) e (43), ele indica o LOP. Se o objeto indireto e o sujeito forem correferenciais, no entanto, o objeto indica o LDP, assim como ocorre com *wegholen*:

- (32b) *Jeder kann sich wegnehmen, was ihm gefällt.*
[Cada um pode tirar (para si) o que lhe agrada.]

Dessa forma, o objeto indireto junto a *wegnehmen* exerce um papel importante quanto à determinação do local focalizado.

3.4.2. Informantes brasileiros

Das 24 frases produzidas por informantes brasileiros, 100% apresentam seres humanos na função de agente, assim como ocorre com *wegbringen* e *wegholen*. Na função de paciente, 21 das frases (88 %) apresentam seres concretos inanimados:

- (44) *Jeden Tag nimmt meine Tochter mein Geld weg.*
[Todo dia, a minha filha toma meu dinheiro.]
(45) *Nimm das Ding von hier weg.*
[Tire este negócio daqui.]

Em alguns casos, a seleção do objeto direto (no acusativo) causa problemas junto ao verbo *wegnehmen*:

- (46) *Der Zahnarzt hat mir den Zahn weggenommen.*
[O dentista tirou de mim o dente.]

Nesse exemplo, o verbo *ziehen* [extrair] seria mais adequado, enquanto, em (47), o verbo deveria ser *verstehen* [compreender]:

- (47) *Ich nehme nicht den Sinn dieser Übung weg.*
[Eu não tiro o sentido deste exercício.]

Em (48), o verbo adequado provavelmente seria *ausrauben* [roubar]:

- (48) *Der Dieb hat die Bank weggenommen.*
[O ladrão tirou o banco.]

22 das 24 frases produzidas por brasileiros (92 %) seguem o padrão frasal [NOM + AKK], como em:

- (49) *Ich (NOM) nehme mein Buch (AKK) weg.*
[Eu tiro meu livro.]

Esse padrão foi pouco utilizado pelos informantes alemães (9 de 24 frases), que privilegiaram [NOM + DAT + AKK].

Em alguns casos pode-se ter dúvidas de qual padrão frasal foi utilizado, como no exemplo:

- (50) *Der schlechte Junge hat die Uhr meiner Schwester weggenommen.*
[O garoto mau tomou o relógio da minha irmã.]

Essa frase aceitaria, a princípio, duas interpretações. Como o pronome possessivo alemão (*meiner*) apresenta a mesma terminação no dativo e no genitivo do feminino do singular, poder-se-ia atribuir a essa frase os padrões [NOM + AKK + DAT] ou [NOM + AKK(GEN)], com o genitivo como atributo adnominal. Na primeira interpretação, a irmã seria a prejudicada da ação de tirar o relógio (quem perde o relógio), e na segunda, ela seria a possuidora do relógio. O segundo padrão, no entanto, se repete em outras frases do corpus, em que não há dúvidas por se tratar de substantivos masculinos e neutros:

- (51) *Die Räube nehmen das Geld des Bankes (GEN) weg.*
[Os ladrões tiram o dinheiro do banco.]

Podemos inferir que o segundo padrão representa, provavelmente, a interpretação intencionada pelos informantes, que, no entanto, não está de acordo com o uso idiomático do alemão.

A preferência pelo padrão frasal [NOM + AKK] ocorre, sem dúvida, por ser um padrão mais simples do que [NOM + DAT + AKK]. Dessa forma, os informantes brasileiros conseguiam cumprir mais facilmente a tarefa de formar frases com os verbos estabelecidos pelo projeto, uma vez que evitavam o emprego das formas declinadas do dativo. Entretanto, com a rara utilização de objetos indiretos, muitas

vezes não fica nítido como a focalização do deslocamento deve ser entendida.

4. Considerações finais

Acreditamos que este trabalho tenha ilustrado as dificuldades que os verbos de transporte, especialmente os prefixados com *weg*, apresentam para aprendizes brasileiros do alemão. As nossas experiências em sala de aula têm indicado a necessidade de pesquisar melhor esse campo lexical, uma vez que os verbos do português também apresentam dificuldades para aprendizes alemães. Esperamos, portanto, que os resultados da nossa pesquisa sejam esclarecedores não só para lingüistas, mas também para professores de alemão como língua estrangeira.

Referências bibliográficas

- BLÜHDORN, Hardarik. "Zur Verwendung einiger Transportverben im Brasilianischen und im Deutschen". In: *International Review of Applied Linguistics in Language Learning* – IRAL (no prelo), 1998.
- BLÜHDORN, Hardarik; MOREIRA, Luis Fernando Dias & SILVA, Renato Ferreira da. *Corpus Alemão e Português como Línguas Estrangeiras. Volume 1: Verbos de Transporte*. São Paulo, FFLCH-DLM-Área de Alemão, 1997.
- KELLER, Alfred J. Michaelis. *Pequeno Dicionário Alemão-Português/Português-Alemão*. São Paulo, Melhoramentos, 1994.
- MOREIRA, Luis Fernando Dias; SILVA, Renato Ferreira da. & BLÜHDORN, Hardarik. "Verbos de transporte e focalização de lugares". In: *Linha d'Água* 12, 1997.
- SCHAU, Udo. *Dicionário de Alemão – Português*. Porto, Editora Porto, 1985.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado* (trad. por J.A. Osório Mateus). 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

O DISCURSO SOBRE O REAL E O VIRTUAL – UMA
ABORDAGEM SEMIÓTICA*

Hardarik Blühdorn**

Abstract: This article deals with the notion of reality. During the last twenty years, public discourse in western societies has identified the opposition between the real and the virtual as one of the cultural key questions. Taking concrete examples as a point of departure, the paper investigates the semantics of the polysemic terms *virtual* and *real*. A semiotic model of the relation between (human) organisms, concepts and signs is used in order to demonstrate that the virtual cannot be adequately described as something opposed to reality, but must be seen as an indispensable part of it. The way in which organisms constitute reality is discussed in the light of the basic cognitive operations of categorization and the formation of conceptual relations, and also of their linguistic counterparts. The apparent conflict between the real and the virtual, which has led many critics to develop apocalyptic visions of the end of civilization, is, in fact, a phantom, product of an outdated theory of semantics.

Keywords: Semiotics; Semantics; Culture; Virtual reality; Communication; Coherence.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz beschäftigt sich mit dem Begriff der Realität. In den letzten zwanzig Jahren hat der öffentliche Diskurs in den westlichen Gesellschaften den Gegensatz zwischen Realem und Virtuellem als eine der kulturellen Schlüsselfragen identifiziert. Ausgehend von konkreten Beispielen untersucht der Artikel die Semantik der polysemen Termini *virtuell* und *real*. Ein semiotisches Modell der Beziehung zwischen (menschlichen) Organismen, Konzepten und Zei-

* Uma versão preliminar do presente trabalho foi apresentada na *VI Semana Interdisciplinar de Estudos Anglo-Germânicos "Os Discursos Utópicos da Poesia"*, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no dia 06/10/1997. Na elaboração da versão final, tive grande apoio por parte dos meus colegas Prof. Dr. Eloá Heise e Prof. Dr. Willi Bolle. Agradeço a ambos pela paciência que tiveram nas extensas discussões e pelas valiosas sugestões com que contribuíram.

** O autor é professor doutor do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

chen wird verwendet, um zu zeigen, daß das Virtuelle nicht angemessen als etwas dem Realen Entgegengesetztes beschrieben werden kann, sondern daß es als ein unverzichtbarer Teil von ihm betrachtet werden muß. Wie Organismen Realität konstituieren, wird diskutiert im Lichte der grundlegenden kognitiven Operationen der Kategorisierung und der Herstellung konzeptueller Relationen sowie ihrer jeweiligen linguistischen Entsprechungen. Der scheinbare Konflikt zwischen dem Realen und dem Virtuellen, der viele Kritiker veranlaßt hat, apokalyptische Visionen vom Ende der Zivilisation zu formulieren, ist in Wahrheit ein Trugbild, Ausfluß einer veralteten Semantiktheorie.

Stichwörter: Semiotik; Semantik; Kultur; Virtuelle Realität; Kommunikation; Kohärenz.

Palavras-chave: Semiótica; Semântica; Cultura; Realidade virtual; Comunicação; Coerência.

1. Introdução: O termo *virtual*

Sem dúvida, o *virtual* está na moda. O vice-secretário geral do Instituto Goethe, numa conferência recentemente dada em São Paulo, quando falou sobre a informatização do ensino de línguas, levantou a pergunta de “Quão *virtual* um Instituto Goethe poderia ser?” [*Wie virtuell kann ein Goethe-Institut sein?*]. O novo regulamento do CNPq para a solicitação de bolsas de doutorado prevê não apenas candidatos reais, mas também *candidatos virtuais*, ou seja, candidatos ainda não existentes no momento em que a bolsa é solicitada pelo orientador – que, nessa condição, também é um orientador *virtual*. E a sobrecarga com tarefas administrativas nas nossas universidades parece paulatinamente transformar as nossas identidades acadêmicas em *curricula vitae virtualia*.

Todos nós temos consciência do *virtual*, utilizamos essa palavra com a percepção nítida de que ela é mais do que um mero modismo. O *virtual* é algo altamente relevante no mundo pós-moderno. Mas o que exatamente é o *virtual*? Qual seria o significado preciso dessa palavra?

A palavra *virtual* existe, de forma quase idêntica, em muitas línguas européias: inglês *virtual*, italiano *virtuale*, francês *virtuel*, alemão *virtuell*. Em termos etimológicos, ela deriva do latim *virtus*, “virtude, valentia, virilidade”, que, por sua vez, provém de *vir*, “homem”. Até cerca de vinte anos atrás, *virtual* era um termo meramente técnico-científico, utilizado na física (ótica, mecânica quântica), na medicina e na filosofia. Por *virtual* entendia-se aquilo que existia de maneira escondida, em estado de latência, preparado para se manifestar, mas (ainda) não manifesto. Dessa forma, o *virtual* constitui um estágio intermediário entre o *atual* (aquilo que se manifesta) e o meramente *possível* (aquilo que não está nem manifesto, nem em estado de latência). Na física, o termo adquiriu sentidos técnicos bem mais específicos.

Na linguagem cotidiana, a palavra *virtual* entrou tão recentemente, que ainda é difícil encontrar, em dicionários ou enciclopédias, uma explicação do seu uso corriqueiro. Na verdade, a antiga tríade de nuances semânticas de *atual* – *virtual* – *possível* hoje se transformou em uma oposição binária entre *real* (o antigo *atual*) e *virtual* (uma síntese dos antigos conceitos *virtual* e *possível*). Mesmo assim, essa oposição se caracteriza por uma ampla polissemia. Dentre os sentidos, podemos mencionar as seguintes variações:

o real é o autêntico,	o virtual o simulado;
o real é o verdadeiro,	o virtual o falsificado;
o real é o legítimo,	o virtual o ilegítimo;
o real é o existente,	o virtual o fictício;
o real é o confiável,	o virtual o enganoso;
o real é o profundo,	o virtual o superficial.

É interessante que, nessas oposições, o *real* sempre se relaciona com uma avaliação positiva, e o *virtual*, com uma negativa. Embora possamos ainda (mantendo em parte o conceito tradicional) interpretar a oposição de uma maneira menos valorativa, relacionando, p.ex.,

o real ao necessário,	e o virtual ao possível,
o real ao concreto,	e o virtual ao abstrato,

existe uma forte tendência de não apenas utilizar a oposição de maneira neutra, mas sim, de avaliá-la espontaneamente.

Entretanto, não só o conceito de *virtual* está em oposição ao conceito de *real*, mas também um outro, a saber, o conceito de *signo*. Signos – como se diz vulgarmente – são meios que servem para nos referirmos à realidade e, nesse sentido, estão em oposição a ela. Essa teoria semântica que, em última análise, deriva da filosofia da antigüidade (cf. NÖTH 1995: 27 ss.) tem, até hoje, uma função proeminente em vários ramos da lingüística.

A partir das oposições *realidade vs. virtualidade e realidade vs. signo*, muitas vezes identifica-se hoje o virtual com o *signico*. Assim, retomando o exemplo do candidato virtual a uma bolsa do CNPq, podemos afirmar que coexistem a expectativa de existência desse candidato (um fato virtual) e o signo (a referência a ele) que aparece nos formulários de solicitação. Em outras palavras, o termo *virtual*, novo na linguagem cotidiana, recebe sua interpretação a partir do termo *signo*, mais antigo e, como se supõe, melhor compreendido. Contudo, o termo *signo*, tradicionalmente neutro, também adquire novas conotações a partir do conceito de *virtual*, altamente aberto a interpretações emotivas e valorativas.

Pretendo, neste artigo, analisar de maneira crítica o fundamento de tais emoções e avaliações, a fim de esclarecer melhor os conceitos de realidade e de virtualidade. Para tanto, discutirei, num primeiro passo, casos em que o real e o virtual interferem um com o outro. Num segundo passo, apresentarei um modelo teórico do conceito de realidade que nos permitirá uma análise mais adequada de sua relação com a virtualidade. E num terceiro passo, abordarei alguns aspectos especificamente lingüísticos dessa questão.

2. Interferências entre o real e o virtual

2.1. Vou começar contando umas experiências pessoais. Durante minha infância, li uma série de romances de aventura, nos quais apa-

recia freqüentemente como cenário a cidade do Rio de Janeiro. Quando, em 1990, cheguei pela primeira vez a esse lugar, tive a impressão de estar entrando num filme ou numa reportagem de televisão, pois o nome *Rio de Janeiro* para mim soava tão literário que mal conseguia acreditar ser possível minha presença nessa cidade famosa. Experiências similares me foram relatadas por pessoas que encontraram pessoalmente famosos autores, cujas obras já haviam lido e/ou citado.

Uma outra experiência aconteceu com a minha mulher, que, tempos atrás, vivenciou um assalto de banco em São Paulo. Ela voltou para casa toda confusa e preocupada, mas mal conseguiu narrar o que havia acontecido. Eu liguei a televisão, e logo no primeiro canal transmitiram o assalto, filmado pelas câmeras automáticas instaladas no *hall* do banco. A partir dessa transmissão, a minha mulher, mais tarde, conseguiu relatar melhor a sua aventura para os nossos amigos. Experiências semelhantes todos nós conhecemos, se nos lembrarmos do último grande engarrafamento de carros em que ficamos presos ou de um acidente de trânsito do qual fomos testemunhas.

Um terceiro exemplo, muito discutido ultimamente, é a vida da Princesa Diana, da Inglaterra. Provavelmente poucos dentre nós ouviram falar dela antes de seu casamento, em 1981, com o Príncipe Charles. Já o casamento, nenhum de nós vivenciou *ao vivo*¹, mas sim através da versão mediada e traduzida pela televisão. Na verdade, todo o ceremonial fora planejado como um evento telegênico, para que a realidade pública da nova princesa pudesse se fundamentar nele. Nos anos seguintes, a presença da Princesa nas nossas vidas foi contínua, e muitos de nós podem até ter mantido certos sentimentos simpáticos em relação a ela. Nunca, porém, ela deixou de ser uma pessoa da mídia, ou seja, ela não apareceu corporalmente diante de nós, por indiscretas que tenham sido as reportagens divulgadas sobre ela.

1 O próprio termo *ao vivo* é uma designação problemática. Diz-se, por exemplo: “Eu assisti o *show* da Xuxa ao vivo.”, quando se esteve presente no auditório durante o espetáculo. Contudo, pode-se também usar a mesma frase quando se assistiu ao evento pela televisão, numa transmissão simultânea ao transcórre do *show*.

Quando morreu de modo tão imprevisto, na alegada tentativa de escapar dos *paparazzi*², podia-se até ter a impressão de que o acidente também foi um espetáculo encenado para a mídia, tanto quanto depois a cerimônia do enterro. Um comentarista do jornal alemão *DIE ZEIT* (DE WECK 1997) chegou até a escrever que, provavelmente, não vai demorar muito para a vida da Diana se transformar em um musical (vide como analogia o caso Evita). Essa vida, na verdade – por real e concreta que possa ter sido para a própria Princesa – foi, para nós, uma história totalmente virtual, apesar de termos participado do seu destino por quase 20 anos, com maior ou menor interesse. E, mesmo assim, talvez tenhamos sentido uma tristeza honesta no momento em que recebemos a notícia de seu fim.

Todos esses exemplos trazem casos de interferência entre o real e o virtual. No caso do nome *Rio de Janeiro*, o virtual (sob forma de uma imaginação literária) impede que o real seja percebido como real. O real parece virtual. No caso do assalto ao banco, o virtual (sob forma da reportagem na televisão) autentica a experiência do real. O real torna-se real apenas com a ajuda do virtual. No caso da Princesa Diana, não existe experiência real, e sim, apenas o virtual (sob forma de uma grande narrativa complexa mantida no ar durante muitos anos). O virtual se apresenta como se fosse o real.

2.2. Hoje em dia, é comum a experiência do virtual como algo que nos ameaça. Muitas pessoas sentem uma forte concorrência entre o real e o virtual e têm receio de uma situação em que o virtual poderia se instaurar no lugar do real, substituindo-o, transformando o mundo em uma falsificação gigantesca, uma única grande mentira, que se denomina com o termo contraditório de *realidade virtual*. Tal receio

2 Pessoas mais enfrontadas no mundo cinematográfico conheciam a origem da palavra *paparazzo*, oriunda do filme *La dolce vita* de Federico Fellini. É digno de nota, porém, como a palavra, especialmente seu plural *pararazzi*, foi rapidamente incorporada no vocabulário de todos, a partir do incidente da Princesa Diana. No alemão até criou-se recentemente o plural, em princípio incorreto, *paparazzis*.

manifesta-se, por exemplo, em desconforto frente aos *mass media* com sua influência pouco controlável em nossas sociedades; na percepção de poluição visual no ambiente urbano repleto de propagandas, *outdoors*, projeções, painéis eletrônicos etc.; na preocupação frente ao assim chamado *cyberspace* que se abre na *internet* e em jogos de computador.

Em todos os países desenvolvidos, temos hoje discussões públicas sobre o conceito de realidade, sobre a relação entre real e não-real e sobre as possíveis medidas que a sociedade pode tomar a fim de defender o real e a consciência do real contra as alegadas ameaças do virtual. Na Alemanha – e acredito, também no Brasil –, a partir da segunda metade dos anos 80, discutiu-se bastante as afirmações do jornalista norte-americano Neil POSTMAN, que escreveu um livro com o título chamativo *Wir amüsieren uns zu Tode* [Nós morremos de nos divertir] (1985). Num artigo no jornal *DIE ZEIT*, em 1992, acrescentou a profecia não menos provocativa *Wir informieren uns zu Tode* [Nós morremos de nos informar]. Nos dois casos, o verbo *morren* deve ser tomado ao pé da letra, em outras palavras, segundo POSTMAN, o nosso contato intenso com o virtual, seja como diversão, seja como informação, pode significar a morte.

Outro autor conhecido por causa da sua posição nesse debate, que também associa o virtual com a morte, é o francês Jean BAUDRILLARD. Em seu livro *L'Echange symbolique et la mort* [A troca simbólica e a morte] (1976), utiliza o termo *simulação* para se referir a signos de alta-tecnologia e sua relação com a realidade pós-moderna. No seu modelo, percebe-se de maneira especialmente clara a identificação entre os conceitos de virtual e de signo, uma vez que o autor atribui ao signo as características de falsificado, fingido, fictício, enganoso e superficial anteriormente mencionadas. Para descrever a função de signos em nossas sociedades contemporâneas, utiliza o termo *simulacro*. Esse tem, por um lado, o sentido antigo de “imagem da divindade”, e por outro, o sentido do não-verdadeiro. Justamente essa ambivalência entre o mítico-religioso e o enganoso caracteriza, segundo BAUDRILLARD, o uso que hoje fazemos de signos na criação de realidades virtuais.

Na lista bibliográfica, menciono outras publicações recentes, em sua maioria coletâneas de artigos, que representam o debate atual na Alemanha sobre a realidade virtual (WAFFENDER 1991, STEINMÜLLER 1993, REMPETERS 1994, FLESSNER 1997). A maioria dos autores presentes nesses livros têm em comum a preocupação frente às novas possibilidades técnicas de computação e seus possíveis efeitos na sociedade.

Uma abordagem de caráter bastante diferente é desenvolvida por dois autores relativamente novos, Michael MÜLLER e Hermann SOTTONG, em seu livro *Der symbolische Rausch und der Kode. Zeichenfunktionen und ihre Neutralisierung* [A embriaguez simbólica e o código. Funções sógnicas e sua neutralização], de 1993. O título escolhido por eles alude à tradução alemã do livro de BAUDRILLARD, *Der symbolische Tausch und der Tod*. Os autores criticam a tese de BAUDRILLARD e POSTMAN de que o uso crescente de signos cada vez mais complexos possa levar ao declínio da cultura e, finalmente, à morte. MÜLLER & SOTTONG condenam essa visão apocalíptica e comprovam que ela se fundamenta em um uso equivocado de conceitos básicos da semiótica. Dessa forma, as preocupações que estimula, se mostram mal justificadas.

A existência de tanta bibliografia acessível ao grande público, sobre um assunto que, em última instância, é um assunto altamente teórico e abstrato, sugere que vivemos tempos filosóficos. Não me ocorre uma outra época histórica em que parte tão significativa das sociedades se tenha preocupado com conceitos filosóficos, como o de realidade. Uma evidência dessa afirmação é a vendagem estrondosa do livro *O mundo de Sofia* de Jostein Gaarder, que apresenta a história da filosofia para jovens e se tornou um *bestseller* em muitos países. Parece que o nosso tempo, sem certezas constituídas, experimenta outra vez a necessidade de se indagar sobre a razão das coisas.

3. O que é real? Um modelo semiótico

3.1. Dentro do campo da filosofia, refiro-me de maneira específica, a um dos seus ramos, que, embora exista desde a antiguidade, apenas

hoje revela toda sua importância, a saber, a semiótica (cf. NÖTH 1996). Gostaria de apresentar um modelo semiótico que explica mais detalhadamente o conceito de realidade (cf. MÜLLER & SOTTONG 1993; BLÜHDORN 1997 a & b).

Esboçemos aqui um diagrama triangular, que se assemelha aos de OGDEN & RICHARDS (1923: 11) e de outros autores, mas que, neste contexto, tem propósitos diferentes:

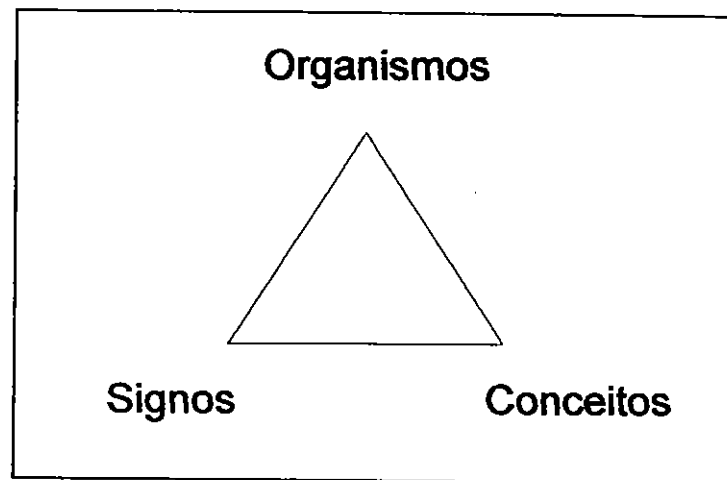


Fig. 1: A relação entre organismos, conceitos e signos

O diagrama mostra a relação entre três entidades. Por *organismos* podemos entender quaisquer seres animados, em nosso contexto, particularmente organismos humanos. Organismos são os autores de todos os signos e, também, como a ciência cognitiva moderna ensina, os autores de todos os conceitos que constituem a realidade (cf. VON FOERSTER 1985). Sem organismos, nem os signos nem os conceitos existiriam. Precisamos, contudo, acrescentar que organismos não funcionam sozinhos, e sim, em comunidades. Quando se trata de comunidades humanas, podemos pensar não só em sociedades, mas também em famílias, grupos de trabalho, times de futebol etc. Todos os signos e todos os conceitos que existem para nós foram produzidos, ao longo da história, por comunidades humanas.

Quanto aos *conceitos*, eles são as unidades das quais a realidade se compõe. Ao menos desde a filosofia de KANT, sabemos que a grande maioria dos conceitos não está à disposição *a priori*, e sim, é produzida a partir das categorias fornecidas pela razão humana (cf. 1787=1966: 147 ss.). Tal posição foi fortalecida, em nossos tempos, pelos assim chamados construtivistas radicais (p.ex. MATURANA ROMESÍN & VARELA GARCÍA 1997; MATURANA ROMESÍN 1998), que postulam um processo de *autopoiese* (auto-organização sistêmica) como base do comportamento dos organismos. Além disso, é claro que a comunidade exerce um papel importante na formação de conceitos. Em outras palavras, o organismo individual, a espécie biológica e a sociedade contribuem para a construção da realidade.

Entretanto, os conceitos também derivam do mundo, que, em relação ao organismo, está fora e independente dele. O mundo proporciona o *input* para os órgãos sensoriais típicos da espécie com suas capacidades individualmente desenvolvidas. Os estímulos externos do *input* são transformados em sinais internos e processados pelo organismo. Em seguida, o organismo projeta os resultados do processamento novamente para fora (cf. SCHWARZ 1992: 43 s.), assim constituindo aquilo que denominamos de realidade. À medida que os sinais internos são derivados do mundo externo, pode-se dizer que equivalem a uma imagem do mundo. E tal como uma pintura, que é determinada não apenas pelos objetos representados, mas também pela disposição do pintor, a realidade como imagem é determinada não apenas pelo mundo, mas também pela disposição do organismo. Verificamos, portanto, que os conceitos têm um caráter *signico*, ou seja, os conceitos são *signos*.

Quanto aos *signos*, eles são produzidos por organismos para fins de comunicação sobre conceitos. Como os organismos e os conceitos, os *signos* também não funcionam sozinhos, e sim, em redes complexas que denominamos de sistemas *signicos* como, por exemplo, as línguas. Os *signos* se referem a conceitos que, por sua vez, se referem ao mundo externo. Mas ao mesmo tempo, os próprios *signos*, bem como os organismos e todos os objetos por eles conhecidos,

pertencem ao mundo e podem, então, ser objetos, aos quais um organismo se refere por meio de outros *signos*. Os conceitos, como já observamos, são *signos* que servem aos organismos para o processamento interno de dados; e os organismos também são *signos* quando se comunicam entre si, pois uma parte considerável da comunicação natural se dá por meio de *signos* automanifestos (cf. BLÜHDORN 1995: 94), ou seja, *signos* que se manifestam no corpo do próprio comunicador. Em outras palavras, tudo o que existe pode ser *signo* e objeto de *signo*. Nesse sentido, o triângulo do nosso modelo constitui uma simplificação heurística.

3.2. Quando pressupomos que a realidade é um produto de organismos e comunidades de organismos, devemos reconhecer que não existe uma só realidade, e sim, muitas realidades, em contraposição a um único mundo. Realidades são resultados da recepção do mundo por organismos, deixam o mundo interpretável e constituem uma moldura de orientação para a vida dos organismos.

Num primeiro momento, as realidades são produzidas por meio de percepções sensoriais. Nisso, todavia, não se esgotam. Os organismos são integrantes do mundo, exercem seu comportamento no mundo e alteram-no através do comportamento. Essas alterações não são apenas observadas, e sim, muitas vezes planejadas pelos próprios organismos. Isso significa que a realidade tem, além do aspecto de percepção, um aspecto de comportamento. Diferentemente das percepções, porém, não podemos dizer que o comportamento retrata o mundo, e sim, que o forma. Enquanto o mundo se contrapõe à percepção como seu objeto, frente ao comportamento, ele toma o caráter de um projeto.

Uma parte especial do comportamento dos organismos consiste na produção de *signos*, por meio dos quais se comunicam. A produção de *signos*, normalmente, é planejada, e eles são percebidos como produtos de comportamento. Assim, os *signos* também pertencem à realidade. A característica particular dos *signos* em compa-

ração a outras entidades encontra-se no fato de que eles não são tomados como entidades em si, mas sim, como representantes de outras entidades. Podemos distinguir, quanto a este respeito, dois tipos diferentes de signos, a saber, aqueles que se assemelham às entidades que representam (imagens), e aqueles que não se assemelham a seus designados (símbolos).

Um tipo especial de signos são as histórias contadas numa comunidade (cf. VON UEXKÜLL 1984). Em parte, o que vale como real é determinado por narrativas. Desde a desintegração da União Soviética e do pacto militar do leste, por exemplo, uma tal de Nova Ordem Mundial passou a pertencer à nossa realidade. Essa entidade deve seu valor como algo real às narrações dos nossos políticos e administradores. Na verdade, ela é muito abstrata para ser diretamente associada às nossas percepções sensoriais. Como outro exemplo, pode-se pensar nas assim chamadas constituições democráticas. Tais entidades também devem seu *status* de realidade muito mais a narrações do que a percepções. A caracterização de um determinado texto como constituição democrática ou não deve-se principalmente às histórias contadas sobre ele, que circulam na comunidade em questão.

Quanto ao papel exercido pelos signos em comunidades humanas, incluindo as histórias, quero distinguir quatro funções possíveis: a função comunicativa (alguém utiliza signos para comunicar uma mensagem), a função conservadora (nos seus signos, uma comunidade acumula tradições e valores culturais), a função interpretativa (signos explicam o mundo para os integrantes da comunidade) e a função projetante (com a ajuda de signos antecipam-se estados fictícios do mundo). Tudo isso, evidentemente, faz parte daquilo que costumamos denominar de real.

3.3. Suponhamos, então, que uma realidade, como um sistema complexo de dados, se componha de três subsistemas: um espaço de percepções, um espaço de comportamentos e um espaço de signos e narrações (cf. BLÜHDORN 1997 a).

O *espaço de percepções* de um organismo constitui-se de um inventário de elementos perceptivos e de um sistema de regras de percepção. Elementos perceptivos podem ser, por exemplo, formas básicas geométricas ou formas prototípicas de categorias de objetos (armazenadas na memória do organismo), a partir das quais são montados, em cada caso particular, configurações perceptivas mais complexas (cf., p. ex., ROSCH 1973). As regras de percepção definem como esses elementos devem ser organizados. Por exemplo, elas excluem a possibilidade de que dois objetos sejam percebidos simultaneamente no mesmo lugar, enquanto permitem que dois objetos se toquem no espaço, que objetos se movimentem etc.

Da mesma maneira, podemos conceber o *espaço de comportamentos* como um inventário de elementos comportamentais e um sistema de regras que determinam sua realização. Nas comunidades de organismos humanos influenciadas pela Europa Central existe, por exemplo, o elemento comportamental de apertar a mão de alguém. As respectivas regras de comportamento determinam quem precisa/deve/pode/não pode apertar a mão de quem em quais oportunidades, e isso diferentemente para cada comunidade.

Os espaços de percepções e de comportamentos são os módulos básicos da realidade, no sentido de que possibilitam a evolução de um terceiro módulo, do *espaço de signos e narrações*. Por esse terceiro espaço, entendemos, analogicamente, um inventário de elementos sgnicos e um sistema de regras de aplicação, com a ajuda do qual uma comunidade de organismos se comunica. As regras de aplicação determinam quais signos precisam/devem/podem/não podem ser produzidos por quais organismos em quais condições. Os signos podem ser, por exemplo, elementos lingüísticos, mas podem, também, ser imagens, vestidos, perfumes, elementos comportamentais etc. As seqüências de tais elementos constituem aquilo que denominei de narrações.

Vou me restringir, neste contexto, a narrações lingüísticas. O inventário de elementos que constitui a base do espaço de narrações

pode ser dividido em um conjunto de figuras e um conjunto de motivos. As figuras são pessoas, animais, objetos concretos ou abstratos. Os motivos são situações das quais as figuras participam, como deslocamentos, encontros com outras figuras, embate com figuras antagônicas etc. As regras que determinam o espaço de narrações são as regras que dizem respeito à *verossimilhança* das histórias. Tais regras, em parte, são universais e, em parte, particulares a cada comunidade. O verossímil é aquilo que corresponde às expectativas pré-estabelecidas, fundamentadas em experiências e convenções, e o verossímil tem maior chance de ser considerado real. Em outras palavras, o que já foi considerado real é facilmente identificado novamente como real.

Entretanto, é justamente o espaço de narrações no qual a realidade mais prontamente se abre para o virtual. A arte e a literatura foram, desde sempre, os meios privilegiados para criar e cultivar, de maneira socialmente aceita, o não-real. Nada mais fácil do que contar uma história inventada. No caso extremo, ela se afasta perceptivelmente das nossas experiências da vida cotidiana, como na novela *A metamorfose* de Kafka, onde o protagonista se transforma em um inseto. Em termos empíricos, essa metamorfose mostra-se como não verossímil, mesmo que haja, na história, uma coerência interna de desenvolvimento. Mas existem também histórias inventadas que podem parecer empiricamente verossímis, e essas constituem os casos mais problemáticos, como, por exemplo, os alegados diários de Adolf Hitler, que foram vendidos, uns anos atrás, à revista alemã DER STERN.

Observamos, então, que a distinção entre o real e o virtual é mais difícil, do que comumente se supõe. Se, por um lado, uma boa parte do real consiste de narrações, por outro, uma boa parte do não-real parece tão verossímil que poderia até ser real. Na verdade, não há fronteira marcada entre o real e o virtual. É o grau de realidade que se atribui a uma coisa depende menos das nossas percepções do que queremos acreditar, e mais das narrativas que se contam em nossas comunidades. Precisamos, portanto, de um conceito de realidade que vá além do conceito normalmente utilizado na vida cotidiana.

4. O real e a língua

4.1. Narrações, como vimos, são conjuntos de signos. Voltemos, então, à questão dos signos, especialmente dos lingüísticos. Os modelos corriqueiros que explicam a relação entre signos e realidade pouco se alteraram desde a antigüidade. Platão, Aristóteles e outros filósofos já desenvolveram teorias que tomam o mundo físico como fundamento e os signos lingüísticos como meios de referência a ele, através da mediação de conceitos mentais (cf. NÖTH 1995: 27 ss.). Nessa constelação, a posição assumida pela realidade tornou-se uma questão controversa. Enquanto alguns modelos praticamente não fazem diferença nenhuma entre a realidade e o mundo, outros identificam a realidade com os conceitos mentais, separando-a, dessa forma, do mundo físico. Quanto ao papel da língua, temos os modelos que tomam como unidade básica a palavra, como as gramáticas tradicionais; temos aqueles cuja unidade básica é a frase, como a gramática gerativa chomskyana; e outros, cuja unidade básica é o texto. Estes são, em geral, os modelos mais recentes.

É interessante observar-se que, enquanto a lingüística e suas disciplinas afins já elaboraram teorias bem mais sofisticadas, a semântica corriqueira mantém uma concepção relativamente arcaica: a realidade é identificada com o mundo, e por protótipo de signo lingüístico toma-se a palavra que se refere a um objeto real. Apenas paulatinamente divulgam-se novas teorias semânticas que começam a transformar as nossas experiências com a vida. Discutiremos, a seguir, quais são as possibilidades da lingüística contemporânea de modelar adequadamente a relação entre a língua e a realidade e quais são as conseqüências desses modelos para a nossa compreensão do virtual.

4.2. Consideremos, em primeiro lugar, a realidade não como o mundo físico, e sim, de acordo com o modelo anteriormente exposto, como um conjunto de conceitos mentais, ou seja, um produto de atividades cognitivas. As duas operações cognitivas mais importantes envolvidas na construção da realidade são a *categorização* e o *relaciona-*

mento (no sentido da atividade de relacionar conceitos, uns aos outros).

A categorização tem sido bastante pesquisada, durante os anos 70 e 80, por autores como Eleanor ROSCH (cf. 1973), William LABOV (cf. 1976), Anna WIERZBICKA (cf. 1985) e George LAKOFF (cf. 1987). A contribuição principal foi de ROSCH, que introduziu o conceito de protótipo, postulando que a subsunção³ de indivíduos a categorias naturais, na maioria dos casos, não constitui um juízo absoluto, mas sim, uma decisão gradativa. O exemplo clássico é o dos pássaros, dentre os quais o tico-tico é considerado mais próximo do protótipo que o picapau, e esse mais próximo que o pinguim. Até mesmo um besouro, que não é zoológicamente pássaro, pode, em determinadas ocasiões, ser assim chamado, como o fez Wilhelm Busch em seu famoso verso:

- (1) "Jeder weiß, was so ein Mai-/Käfer für ein Vogel sei."
[Todo mundo sabe que tipo de pássaro é um besouro.]

A categorização exerce um papel fundamental na formação da realidade, tanto no espaço de percepções quanto no de comportamentos e no de signos e narrações. No espaço de percepções, interpretamos cada objeto e acontecimento que encontramos, de acordo com as categorias que já conhecemos. Na maioria das vezes, o processo de categorização ocorre quase automaticamente e de forma inconsciente.

Mas quando encontramos objetos estranhos, o processo de categorização pode penetrar na consciência como algo problemático. Um exemplo famoso é a experiência de LABOV (1976) que apresentou aos seus informantes séries de xícaras desproporcionais. A partir de um modelo de xícara convencional, desenvolveu desenhos que progressivamente deformavam o objeto nas dimensões de diâmetro e profundidade. Na medida em que as proporções se desviavam do pro-

3 O termo *subsunção* é utilizado no âmbito da lógica para designar a operação de conceber um indivíduo como compreendido numa espécie ou uma espécie como compreendida num gênero.

tótipo, diminuiu o número dos informantes que categorizavam simplesmente o objeto como xícara. Cada vez mais surgiram expressões moduladoras como *um tipo de xícara*, *uma espécie de xícara* ou *algo semelhante a uma xícara*, indicando, nesses casos, a dificuldade de categorização.

No espaço de comportamentos, a categorização exerce um papel bem semelhante. As categorias, nesse caso, classificam os elementos comportamentais, ou, por assim dizer, os vocábulos do comportamento. Na nossa cultura, por exemplo, a convenção prevê que quem encontra um conhecido na rua deve cumprimentá-lo. Normalmente, sabemos que tipo de comportamento serve como cumprimento, nesse caso. Estendemos, por exemplo, a mão em direção da outra pessoa para que esta a aperte, e dizemos: "Bom dia." Em tais casos, a categorização que realizamos costuma permanecer subconsciente. Em casos problemáticos, porém, ela pode se tornar consciente, por exemplo, quando o nosso conhecido não estende a mão, e sim, uma faca em nossa direção. "Que cumprimento é este?", podemos perguntar numa tal situação, questionando a categorização desse elemento comportamental.

No espaço de signos e narrações, já foi mencionado o exemplo do verso de Wilhelm Busch, que usa uma palavra teoricamente inadequada a fim de produzir um efeito estilístico. Nas narrações, temos as figuras que, pela convenção, esperamos em determinado tipo de texto, como, por exemplo, o herói num romance. Outra vez, a importância das categorizações só fica evidente em casos problemáticos, como, por exemplo, no *Dom Quixote* de Cervantes, que nos faz perguntar: "Mas que herói é este?"

Em geral, as categorizações são influenciadas por três fatores que se explicam pelas três entidades que participam da categorização. Um processador (uma pessoa) subsume uma entidade (um objeto) a uma classe (a categoria). Em primeiro lugar, cada entidade traz determinadas afinidades com algumas categorias e não com outras. Assim, um objeto fino e comprido tem afinidades com as categorias

LÁPIS⁴, PREGO, ESPAGUETE, entre outras, mas não, por exemplo, com MAÇÃ, CARRO OU XÍCARA. Em segundo lugar, as categorias trazem padrões que determinam quais características um objeto deve apresentar para poder ser subsumido a elas. A categoria MAÇÃ, por exemplo, determina que o objeto deva ser redondo, com casca brilhante de cor verde/amarela/vermelha e com cheiro de algo comestível. Alguns objetos que preenchem apenas uma parte dessas exigências podem ser subsumidos mesmo assim a essa categoria, como, por exemplo, uma maçã de plástico, que não é comestível, ou uma pera que, por coincidência, tem a forma e a cor de uma maçã, ou ainda a batata, que se chama em francês e alemão *maçã de terra* [*pomme de terre, Erdapfel*], por ser considerada um alimento igualmente básico, gostoso e popular como a maçã, além de ter a mesma cor na parte interna. Outros objetos, no entanto, como, por exemplo, uma girafa, jamais poderiam ser categorizados como maçãs. Em terceiro lugar, o processador também contribui para a categorização com o propósito de criar determinados efeitos estilísticos. Ao categorizar uma pessoa de pessoa, por exemplo, ele vai produzir um efeito neutro, pois essa é a categorização comum. Ao categorizá-la de anta, entretanto, ele destaca determinadas características de comportamento dessa pessoa que normalmente não servem de fundamento para a categorização. Nesse caso, a categorização pode alcançar um efeito irônico.

Categorização é uma operação cognitiva que se reflete em decisões lingüísticas (p. ex., na seleção de palavras): aquilo que para nós é a realidade determina o nosso comportamento sógnico. Assim, Cristóvão Colombo, quando chegou à América, denominou os habitantes dessa terra de *índios*, pois achou que tinha descoberto o caminho marítimo para as Índias. Ao mesmo tempo, o inverso é válido: convenções de seleção de palavras, que aplicamos sem analisá-las de maneira consciente e crítica, acabam influenciando as nossas categorizações e, em consequência, as nossas realidades. Um exemplo clássico é o da baleia, que em alemão freqüentemente é chamada de

Walfisch [peixe-baleia], apesar de ser mamífero, pois vive na água e comporta-se de maneira semelhante ao comportamento dos peixes. Em consequência, pessoas menos informadas no campo de zoologia, são levadas a pensar que uma baleia seria um peixe. O mesmo ocorre, em português, com o peixe-boi, que também é mamífero.

4.3. A segunda operação cognitiva, constitutiva da realidade, é a *criação de relações*. No espaço de percepções, ela é responsável pelo fato de que os objetos nos pareçam integrados em estados de coisas (em alemão: *Sachverhalte*). Os estados de coisas são igualmente importantes na constituição da realidade como os objetos individuais. Muitos objetos passam despercebidos, a não ser como integrantes de estados de coisas, como, por exemplo, uma cobra que permanece invisível enquanto não se movimenta, e só quando se arrasta pelo chão, desperta a nossa atenção.

O mesmo comentário é válido no espaço de comportamentos. Cumprimentos e despedidas, por exemplo, são bastante semelhantes entre si, tanto na cultura brasileira quanto na alemã. Ambos funcionam com o aperto de mãos, abraços, batidas nos ombros e a troca de beijinhos. A diferença entre os dois reside justamente no relacionamento com outros elementos de comportamento, ou seja, o cumprimento inicia uma seqüência de elementos comportamentais entre duas pessoas em contato, e a despedida encerra uma tal seqüência.

No espaço de signos e narrações, a criação de relações é especialmente importante. Relações, nesse campo, são os meios que produzem o contexto lingüístico e que o ligam com o contexto situacional. Também no caso do relacionamento, podemos afirmar que a realidade determina o comportamento sógnico e que convenções lingüísticas podem influenciar a realidade.

O esquema básico de uma relação pode ser ilustrado a partir do seguinte diagrama, que desenvolvi a partir de um artigo da lingüista alemã Anna FUCHS (cf. 1988):

4 De acordo com uma convenção tipográfica internacionalmente reconhecida, utilizo CAIXA ALTA para indicar conceitos.

entidade situada (ES)	tipo de relação (TR)	entidade de referência (ER)
-----------------------	----------------------	-----------------------------

Temos uma entidade situada (ES), que entra numa relação com uma outra entidade, a entidade de referência (ER). Ambas podem pertencer a qualquer categoria de objetos. Enquanto a entidade situada é a figura no primeiro plano da relação, a entidade de referência está no fundo, no segundo plano da relação. A relação em si é caracterizada por um determinado tipo (TR), ou seja, é categorizada, assim como as duas entidades devem ser categorizadas.

Tomemos como exemplo uma *relação local*:

- (2) die Inseln unter dem Winde
[as Ilhas Sotavento]

Temos aqui como ES as ilhas, como ER o vento e como TR a relação que se designa através da preposição *unter* [sob]. *Unter* indica um situamento da ES no campo exterior à ER, no eixo vertical, numa posição inferativa, com ou sem contato físico entre as duas entidades (cf. FIORIN 1996: 277):

die Inseln (ES)	unter (TR)	der Wind (ER)
-----------------	------------	---------------

A criação de relações é um processo, cuja importância verdadeira começou apenas recentemente a ser observada pelos lingüistas. Os léxicos e as gramáticas das línguas naturais prevêm meios específicos para a definição de relações, como, por exemplo, os verbos, as preposições, as conjunções, os advérbios e as categorias gramaticais de tempo e modo (cf. FIORIN 1996). Como princípio geral, os elementos que indicam relações parecem ser os que têm regência gramatical, e os que indicam os participantes de relações, os que são gramaticalmente regidos.

As relações indicadas pelos verbos são constitutivas para os estados de coisas [*Sachverhalte*] ou, se pensarmos em narrações, para os seus motivos. O verbo *entdecken*, por exemplo, indica uma rela-

ção em que uma entidade faz com que uma outra seja conhecida. O estado de coisas descrito pela frase:

- (3) Kolumbus entdeckte Amerika.
[Colombo descobriu a América.]

pode ser analisado da seguinte forma:

Kolumbus (ES)	entdecken (TR)	Amerika (ER)
---------------	----------------	--------------

Temos aqui como ES Cristóvão Colombo, que entra numa relação do tipo *DESCOBRIR* com a ER, a América. Nesse caso, fica bem evidente, como a expressão lingüística da relação reflete uma determinada visão do mundo (realidade) e pode ao mesmo tempo ajudar a reproduzi-la. Pois a assim chamada descoberta de Colombo merece essa categorização apenas a partir de uma perspectiva eurocêntrica (os habitantes indígenas já conheciam o continente). Além disso, quem chegou em 12 de outubro de 1492 às Ilhas Bahamas, não foi Colombo sozinho, e sim, todo um grupo de marinheiros, e o que descobriram, não foi “a América”, e sim, uma série de lugares na sua parte central.

Em analogia às relações locais, podemos analisar as *relações temporais*. Na frase:

- (4) Gibt es ein Leben nach dem Tod?
[Existe vida depois da morte?],

temos como ES a vida, como ER a morte e como TR (indicado pela preposição *nach*) um situamento no campo exterior à ER, numa posição anterior no eixo temporal, provável, mas não necessariamente, na proximidade da ER:

Leben (ES)	nach (TR)	Tod (ER)
------------	-----------	----------

Apesar de termos outros motivos para refletir sobre a morte e o seu caráter definitivo, podemos afirmar que também a sistemática dos

elementos designativos de relações temporais que a língua nos fornece estimula especulações sobre a existência de algo após a morte. Da mesma maneira, podemos nos perguntar o que existia antes do *big bang*, apesar das afirmações dos astrônomos de que tal pergunta, cientificamente, não teria sentido.

Um outro tipo de relações são as *relações deônticas* que indicam uma obrigação, uma permissão ou uma proibição. Tomemos como exemplo uma frase proveniente de uma propaganda de viagens:

- (5) Sie müssen einfach nur entspannen.
[Você precisa simplesmente relaxar.]

A ES, nesse caso, é o estado de coisas de o destinatário desse enunciado relaxar. O TR é uma recomendação, indicada pelo verbo modal *müssen*, em combinação com as partículas *einfach nur*. A ER, no entanto, ou seja, o autor da recomendação, não está expressa:

du entspannst (ES)	Empfehlung (TR)	? (ER)
--------------------	-----------------	--------

Nesse caso, se a entidade de referência não ficar evidente no contexto, o destinatário pode responder: “*Wer sagt das?*” [Quem diz isso?]

Nos exemplos (2) a (5), as relações descritas se estabelecem entre os objetos mencionados no texto. Dessa maneira, constrói-se a coerência intra-textual. Mas existem também as relações entre o texto e a situação comunicativa, as assim chamadas *relações dêiticas*, que contribuem à construção da coerência extra-textual (coerência pragmática). Tomemos como exemplo o advérbio *hier* que indica uma *relação local*:

- (6) Hier finden Sie alles, was Sie suchen.
[Aqui, você encontra tudo que procura.]

Nesse exemplo, temos como ES o estado de coisas de que o destinatário do enunciado encontra tudo que procura e como TR um situa-

mento no campo exterior à ER, na sua proximidade física. Como ER, temos o falante que enuncia a frase:

Sie finden alles, was Sie suchen (ES)	nah bei (TR)	Sprecher (ER)
---------------------------------------	--------------	---------------

Analogicamente podemos conceber as *relações dêiticas temporais*. Na frase:

- (7) Jetzt ausfüllen und abschicken.
[Agora, preencha e envie.],

a ES consiste nos atos de preencher e enviar (um cupom), o TR (indicado pelo advérbio *jetzt*) é um situamento simultâneo à ER, no eixo temporal, e a ER é o momento em que o falante enuncia a frase:

ausfüllen und abschicken (ES)	gleichzeitig mit (TR)	Sprechzeitpunkt (ER)
-------------------------------	-----------------------	----------------------

Por último, mencionemos as *relações dêiticas deônticas* que, em alemão e português, se expressam pelo imperativo:

- (8) (Spielen Sie Kolumbus:) Gewinnen Sie eine Reise in die Karibik.
[Brinque de Colombo: Ganhe uma viagem ao Caribe.]

Nesse caso, a ES é o estado de coisas de o destinatário do enunciado ganhar uma viagem ao Caribe, o TR é um convite, e a ER (o autor do convite) é o falante:

Sie gewinnen eine Reise in die Karibik (ES)	Einladung (TR)	Sprecher (ER)
---	----------------	---------------

Evidentemente, existe uma série de outros tipos de relações, além dos mencionados, que não cabe discutir no presente contexto: relações epistêmicas e causais, relações de relevância, de avaliação e de semelhança, entre outras. No total, a quantidade de relações estabe-

lecidas num só texto pode ser imensa, e todas elas se complementam umas às outras, ao formar uma rede de relações que cria a coerência interna do texto, bem como a sua coerência externa com a situação comunicativa.

As operações cognitivas de categorização e de relacionamento, relevantes nas nossas percepções, nos nossos comportamentos e nas nossas narrações, explicam melhor, de que maneira a realidade é criada e qual é o papel da língua nesse contexto. A relação entre língua e realidade não é simplesmente uma relação de retrato, e sim, a língua participa no processo da criação da realidade, pois aquilo que pode ser pensado pode ser dito e aquilo que pode ser dito pode ser pensado. A análise aprofundada das relações entre conceitos cognitivos e signos lingüísticos é uma das contribuições da lingüística a uma visão mais realista da realidade. Essa visão atribui uma boa parte do que se conta como real às decisões dos próprios produtores e consumidores da realidade.

5. Conclusão

Voltando a nossa pergunta inicial – O que exatamente é o virtual? –, podemos afirmar que o virtual, em primeiro lugar, é algo bastante real, ou seja, o virtual é a parte do real, que denominei de espaço de signos e narrações. O termo da moda *realidade virtual* não quer dizer nada além do que *realidade signica*. E as assim chamadas interferências entre o real e o virtual, do tipo descrito no início deste trabalho, na verdade não são interferências, e sim, interpretações da realidade à base de uma teoria semântica ultrapassada.

Mas por quê então o virtual, no discurso cotidiano, quase sempre se liga a avaliações negativas? Por quê tantas pessoas se sentem ameaçadas pelo virtual? E donde vem a impressão de que o virtual cada vez mais se sobrepõe ao real e faz com que o real desapareça?

Para compreendermos melhor essa visão do virtual, podemos nos servir da antiga distinção entre natureza e cultura. A versão tra-

dicional dessa distinção apresenta a natureza como o objeto primário das nossas percepções e o fundamento da nossa realidade, enquanto a cultura seria o conjunto de signos produzidos pela comunidade humana e, nessa qualidade, o objeto secundário das nossas percepções e o fundamento do virtual. A natureza seria o estável em que a cultura, o frágil, se apóia. Enquanto a natureza é um sistema infinitamente complexo que nunca conseguimos realmente compreender, mas que evolui numa velocidade muito reduzida, quase não perceptível, a cultura sempre foi um sistema bem menos complexo que julgamos relativamente compreensível, mesmo apresentando um desenvolvimento mais rápido. Hoje em dia, entretanto, as nossas culturas se desenvolvem numa velocidade tão elevada e se tornam tão complexas que parecem se aproximar da incompreensibilidade da natureza. Neste momento histórico, o antigo medo humano da natureza volta-se contra a própria cultura. A impressão de que o virtual está engolindo o real, corresponde a dizer que a cultura, o conjunto de signos feitos por seres humanos, está se tornando igualmente complexo e, portanto, incompreensível como a natureza.

Nesta situação histórica, o que é necessário, é uma nova semântica cotidiana que admita que tanto a natureza, quanto a cultura, tanto o real, quanto o virtual são processos signicos. O conceito de realidade virtual é um conceito enganoso que não nos ajuda a compreender as presentes mudanças da nossa cultura, e sim, nos prende numa semântica ultrapassada, e justamente por isso, produz inquietação. A realidade como produto estático e autônomo da natureza foi uma ficção de uma determinada época histórica e, hoje em dia, perdeu sua razão de ser. O discurso adequado aos nossos tempos é um discurso semiótico, um discurso sobre signos e suas funções sociais. Por isso, pode-se dizer que o mundo, após as eras do mito, da poesia e da ciência, está, atualmente, entrando na era da semiótica.

Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *L'Echange symbolique et la mort*. Paris, 1976 (alemão: *Der symbolische Tausch und der Tod*. München, Matthes & Seitz, 1982).

- BLÜHDORN, Hardarik. *Funktionale Zeichentheorie und deskriptive Linguistik. Ein Entwurf am Beispiel des Gegenwartsdeutschen*. Erlangen, Palm & Enke, 1993.
- BLÜHDORN, Hardarik. "Autoaufkleber: Die Mimik auf der Blechkarosse". In: *Zeitschrift für Semiotik* 17, p. 89-103, 1995
- BLÜHDORN, Hardarik. "Über das Verhältnis zwischen Virtualität und Realität". In: FLESSNER, Bernd (org.), p. 119-139, 1997 a.
- BLÜHDORN, Hardarik. "Bild und Wirklichkeit". In: *Zeitschrift für Semiotik* 19, 1997 b.
- DE WECK, Roger. "Mythos als Ware. Diana und die Gier nach einer Ersatz-Wirklichkeit". In: *Die Zeit* 37, 05/09/1997
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo, Ática, 1996.
- FLESSNER, Bernd (org.). *Die Welt im Bild. Wirklichkeit im Zeitalter der Virtualität*. Freiburg, Rombach, 1997.
- FUCHS, Anna. "Dimensionen der Deixis im System der deutschen 'Tempora'". In: EHRICH, Veronika & Heinz VATER (org.). *Temporalsemantik. Beiträge zur Linguistik der Zeitreferenz*. Tübingen, Niemeyer, p. 1-25, 1988.
- KANT, Immanuel. *Kritik der reinen Vernunft*. Ed. Ingeborg Heidemann. Stuttgart, Reclam, 1787=1966.
- LABOV, William. "Die Bedeutung von Wörtern und ihre Abgrenzbarkeit". Trad. Axel Hecker und Klaus Stingl. In: LABOV, William. *Sprache im sozialen Kontext*. Vol. 1. Org. Norbert Dittmar e Bert-Olaf Rieck. Kronberg, Scriptor, p. 223-254, 1976.
- LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago, University Press, 1987.
- MATURANA ROMESÍN, Humberto. *Da Biologia à Psicologia*. Trad. Juan Acuña Llorens. 3ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
- MATURANA ROMESÍN, Humberto & FRANCISCO J. VARELA GARCÍA. *De Máquinas e Seres Vivos. Autopoiese – a Organização do Vivo*. Trad. Juan Acuña Llorens. 3ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

- MÜLLER, Michael & Hermann SOTTONG. *Der symbolische Rausch und der Kode. Zeichenfunktionen und ihre Neutralisierung*. Tübingen, Stauffenburg, 1993.
- NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica. De Platão a Peirce*. São Paulo, Annablume, 1995.
- NÖTH, Winfried. *A semiótica no século XX*. São Paulo, Annablume, 1996.
- OGDEN, C. K. & I. A. RICHARDS. *The Meaning of Meaning*. London, Routledge & Kegan Paul, 1923.
- POSTMAN, Neil. *Wir amüsieren uns zu Tode. Urteilsbildung im Zeitalter der Unterhaltungsindustrie*. Frankfurt/Main, Fischer, 1985.
- POSTMAN, Neil. "Wir informieren uns zu Tode". In: *Die Zeit* 42, 02/10/1992.
- REMPETERS, Georg. *Die Technikdroge des 21. Jahrhunderts. Virtuelle Welten im Computer*. Frankfurt/Main, 1994.
- ROSCHE, Eleanor H. "On the Internal Structure of Perceptual and Semantic Categories". In: MOORE, Timothy E. (org.). *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York, Academic Press, p. 111-144, 1973.
- SCHWARZ, Monika. *Kognitive Semantiktheorie und neuropsychologische Realität. Repräsentationale und prozedurale Aspekte der semantischen Kompetenz*. Tübingen, Niemeyer, 1992.
- STEINMÜLLER, Karlheinz (org.). *Wirklichkeitsmaschinen: Cyberspace und die Folgen*. Weinheim, 1993.
- VON FOERSTER, Heinz. "Das Konstruieren einer Wirklichkeit". Trad. Walter Frese. In: WATZLAWICK, Paul (org.). *Die erfundene Wirklichkeit. Wie wissen wir, was wir zu wissen glauben? Beiträge zum Konstruktivismus*. München, Piper, p. 39-60, 1985.
- VON UEXKÜLL, Thure. "Zeichen und Realität als anthroposemiotisches Problem". In: OEHLER, Klaus (org.). *Zeichen und Realität. Akten des 3. Semiotischen Kolloquiums Hamburg*. Tübingen, Stauffenburg, p. 61-72, 1984.
- WAFFENDER, Manfred (org.). *Cyberspace. Ausflüge in virtuelle Realitäten*. Reinbek, Rowohlt, 1991.
- WIERZBICKA, Anna. *Lexicography and Conceptual Analysis*. Ann Arbor, Karoma, 1985.

DAS PROBLEM DER STEREOTYPE UND VORURTEILE – MIT BESONDERER BERÜCKSICHTIGUNG DES FREMDSPRACHENUNTERRICHTS

Ulrike Arras*

Abstract: This paper tries to give a definition of stereotype and prejudice, taking as a base definitions from Cognitive and Social Psychology and Linguistics. The author comes to the conclusion that stereotypes and prejudice are natural mental stages, necessary for the processing of cognitive input. As a part of human cognition, prejudice must be prevented from becoming socially dangerous. It has to be diminished and modified by personal contact between individuals of different cultures.

Keywords: Stereotype; Cognitive and Social Psychology; Interculturality.

Resumo: O presente artigo procura definir a noção de estereótipo e preconceito, partindo de definições já estabelecidas no âmbito da psicologia cognitiva e social e na lingüística, para chegar à conclusão que estereótipos e preconceitos são instâncias mentais naturais, necessárias no processamento de dados cognitivo. Sendo essas instâncias cognitivas parte da mente humana, deve-se prevenir a formação de preconceitos socialmente perigosos. Estes preconceitos podem ser diminuídos e modificados através do contato pessoal entre indivíduos de culturas diferentes.

Palavras-chave: Estereótipo; Psicologia cognitiva e social; Interculturalidade.

Stichwörter: Stereotyp; Kognitions- und Sozialpsychologie; Interkulturalität.

0. Einleitung

Soziale Vorurteile und die mit ihnen einhergehenden Stereotype stellen im interkulturellen Kontakt in ganz erheblicher Weise Verstehensbarrieren dar. Sie bilden sozusagen die Basis für unsere Wahr-

* Die Autorin ist DAAD-Lektorin an der Al Azhar Universität Kairo, Ägypten. Adresse: Al Azhar University, Girls Branch, Faculty of Philosophy, German Department, Nasr city, Cairo.

nehmungen, d.h. sie steuern unsere Erwartungshaltungen in eine bestimmte Richtung. Die Wahrnehmung konzentriert sich auf solche ausgewählten Phänomene, die unsere Erwartungen erfüllen.

Ausgehend vor allem von den USA konzentrierte sich die Vorurteilsforschung zunächst auf die stark vorurteilsbedingten sozialen Probleme, wie Xenophobie und ideologisch gestützte Konflikte. Später bestimmten zunehmend auch andere Aspekte den wissenschaftlichen Diskurs, wie z.B. sozial- und kognitionspsychologische Faktoren, Theorien zu "the authoritarian personality" (Adorno et al.), zu Schema und *frame* (Goffman) und zu *attitude* (Allport).

Auch die Stereotypenforschung erfuhr – je nach theoretischer Konzeption – neue, ergänzende Definitionsversuche, die sich grob in drei Ansätze gliedern lassen:

- kognitionspsychologisch
- sozialpsychologisch
- "linguistisch"¹.

Charakteristisch für die Literatur zur Stereotypen- und Vorurteilsforschung ist einerseits eine Begriffsanwendung, die teils streng eigens entwickelten Definitionen folgt und die dennoch in späteren Publikationen an Konsequenz verliert (beispielsweise QUASTHOFF); andererseits erscheint die Begrifflichkeit auch uneinheitlich mit Anwendungsspielräumen, die sich in Begriffen wie *stereotypes Vorurteil* oder *stereotype Einstellung*² widerspiegeln. Folglich herrscht kaum Eindeutigkeit, die Begriffsbestimmungen divergieren vielmehr, überlappen sich und sind oftmals in sich selbst nicht ganz schlüssig.

1 Auf *linguistic stereotype* im Sinne von Stereotypen (und Vorurteilen) über Sprachen – d.h. Sprache X ist "schön", "schwierig" etc. – soll hier nicht eingegangen werden, obwohl auch sie die Urteilsbildung über Sprecherinnen und Sprecher einer Sprache X beeinflussen bzw. sich diese Stereotypen teilweise aus Vorurteilen über die Sprechenden rekrutieren können. Zum Problem s. QUASTHOFF (1987: 785-799).

2 Offensichtlich werden mit dem adjektivischen Zusatz *stereotyp* Substantive wie *Vorurteil*, *Klischee* usw. als gleichförmig, immerwiederkehrend qualifiziert, wohingegen *Stereotyp*, wie zu zeigen sein wird, u.a. als mentale Instanz definiert wird.

Es soll im folgenden der Versuch unternommen werden, Definitionen vorzustellen und zu diskutieren. Da es für den Problembereich der interkulturellen Auseinandersetzung und Wahrnehmungsbereitschaft im Kontext des Lehrens und Lernens fremder Sprachen von besonderem Interesse ist, soll auch auf KELLERS Untersuchungen zur Feststellung von Stereotypen bei Schulkindern eingegangen werden.

1. Stereotype

Kognitionspsychologisch gelten Stereotype als wichtige Instanzen im menschlichen Wahrnehmungs- und Dekodierungsprozeß. Zusammen mit kulturbedingten und inter- bzw. intrapsychischen Faktoren sind sie wesentlich am Erkenntnisprozeß beteiligt und für die subjektive Wahrnehmung und Dekodierung von Phänomenen verantwortlich.

Stereotyp ist zunächst ein Begriff aus der Drucktechnik und bezeichnet eine Druckplatte, mit deren Hilfe ein Drucksatz gegossen wird, der beliebig viele gleichförmige Abzüge herstellen kann. In seinem Werk *Public Opinion* (1922) überträgt erstmals Walter LIPPMANN diesen Terminus – in einer freilich recht deterministischen Denkweise – auf den politischen und sozialpsychologischen Kontext. Er geht davon aus, daß das menschliche Denksystem durch "*pictures in our head*" geleitet und organisiert ist, die ähnlich den starren Druck-Stereotypen durch wahrgenommene Auslöser stets gleiche Denk- und Reaktionsmuster hervorrufen. Stereotype stellen die Raster bereit, die uns helfen, die Komplexität der Welt und die permanente Informationsflut aufzunehmen, zu kategorisieren und zu verarbeiten. Er betont hier die Ökonomie der Wahrnehmungsverarbeitung (LIPPMANN 1965: 59): Dank der Stereotype kann abstrahiert und vereinfacht, verallgemeinert und systematisiert werden. Zunächst bezeichnete also *Stereotyp* eine wichtige mentale Instanz.

Stereotype sind allerdings nicht abhängig von eigenen Erfahrungen, vielmehr werden sie uns durch Erziehung, Medien usw. über-

mittelt, so daß wir über mentale Bilder eines bestimmten Phänomens verfügen, noch ehe wir es überhaupt wahrgenommen haben.

“For the most part we do not first see and then define, we define first and then see. In the great blooming, buzzing confusion of the outer world we pick out what our culture has already defined for us, and we tend to perceive that which we have picked out in the form stereotyped for us by our culture”. (LIPPMANN 1965: 54f.)

“The subtlest and most pervasive of all influences are those which create and maintain the repertory of stereotypes. We are told about the world before we see it. We imagine most things before we experience them. And those preconceptions, unless education has made us acutely aware, govern deeply the whole process of perception.” (ebd.: 59)

Des weiteren erweisen sich Stereotype als resistent gegen eigene Erfahrungen: Werden Phänomene wahrgenommen, die der entsprechend dem Stereotyp entwickelten Erwartungshaltung nicht gerecht werden, so wird ihnen exzeptioneller Charakter zugewiesen. Das Stereotyp “Die Deutschen trinken Bier” beispielsweise wird durch eine gegensätzliche Feststellung – Bekanntschaft mit einem oder einer Bier verabscheuenden Deutschen – grundsätzlich nicht verändert. Da Stereotype das Weltbild eines Individuums vorprägen, ist es sowohl in seiner Wahrnehmungsfähigkeit als auch in seiner Wahrnehmungsbereitschaft eingeschränkt:

“We do not see what our eyes are not accustomed to take in account. Sometimes consciously, more often without knowing it we are impressed by those facts which fit our philosophy.” (ebd.: 78)

Mit Beginn der 50er Jahre belebte sich die Diskussion um Wesen und Funktion von Stereotypen. Es wurden verschiedene detailliertere Definitionen entwickelt und Versuche unternommen, den Begriff gegen verwandte Termini, wie Vorurteil, Schema, *frame*, *attitude* abzugrenzen. Einen Literaturüberblick gibt SCHALL (1980). Die umfassendste Definition von *Stereotyp* – vornehmlich unter sozialpsychologischen Aspekten – liegt ebenfalls von SCHALL (1980: 86f) vor. Sie sei in ihren wichtigsten Punkten zitiert:

“Unter Stereotyp verstehen wir ein von einer Überzeugung getragenes, negatives oder positives Werturteil, das sich durch folgende charakteristische Merkmale auszeichnet:

- a) sein Gegenstand sind vor allem bestimmte Gruppen von Menschen (rassische, nationale, klassenmäßige, politische, berufliche, Geschlechtsgruppen usw.) sowie sekundär die zwischen ihnen bestehenden Beziehungen (zum Beispiel das Stereotyp der Revolution);
- b) seine Genese ist sozial, das heißt, es wird dem Individuum als Ausdruck der öffentlichen Meinung durch Erziehung seitens der Familie oder des Milieus vermittelt, unabhängig von seiner persönlichen Erfahrung;
- c) im Zusammenhang mit seiner wertenden Funktion ist es immer in einer gewissen Weise emotional (negativ oder positiv) geladen;
- d) vom Gesichtspunkt seines Wahrheitsgehalts ist das Stereotyp entweder völlig tatsachenwidrig oder partiell im Einklang mit den Tatsachen, wodurch es den Anschein einer vollen Wahrhaftigkeit erzeugt;
- e) es ist dauerhaft und gegen Veränderungen resistent, was mit der Unabhängigkeit des Stereotyps von der Erfahrung und mit seiner emotionalen Ladung zusammenhängt;
- f) die oben angeführten Merkmale ermöglichen dem Stereotyp die Realisierung seiner sozialen Funktion, die darin besteht, die von der Gesellschaft oder der Gruppe akzeptierten Werte und Urteile, deren Internalisierung als verbindliche soziale Norm Voraussetzung für die Integrierung des Individuums in die Gruppe ist, zu verteidigen; ...”

SCHALL folgt im wesentlichen QUASTHOFF, wenn er dem Stereotyp einen verbalen Charakter zuspricht. Allerdings schränkt er ein:

“Das Stereotyp ist mit einem Wort, einem sprachlichen Ausdruck verbunden, so wie der Begriff mit einem Wort verbunden ist; das Wort dient hier als Signal für bestimmte intellektuelle Inhalte und emotionale Zustände mitsamt den entsprechenden Haltungen, aber das Wort oder der Ausdruck expliziert das Stereotyp nicht, so wie

das auch beim Begriff nicht der Fall ist; expliziert wird es erst durch einen Satz, oft durch ein ganzes System von Sätzen." (SCHALL 1980: 35)

Hingegen definiert QUASTHOFF folgendermaßen:

"Ein Stereotyp ist der verbale Ausdruck einer auf soziale Gruppen oder einzelne Personen als deren Mitglieder gerichteten Überzeugung. Es hat die logische Form eines Urteils, das in ungerechtfertigt vereinfachender und generalisierender Weise, mit emotional wertender Tendenz, einer Klasse von Personen bestimmte Verhaltensweisen zu- oder abspricht. Linguistisch ist es als Satz beschreibbar." (QUASTHOFF 1973: 28)

Ungeklärt bleibt QUASTHOFFS Verständnis von *Satz*, denn später räumt sie ein, daß erstens ein Stereotyp mit "*the verbal expression of a stereotypic belief*" gleichzusetzen sei (QUASTHOFF 1989: 183), und daß es zweitens nicht notwendig verbalisiert auftreten müsse, daß es vielmehr typischerweise implizit bleibe (QUASTHOFF 1973 und 1989). Eine Diskussion der Frage, ob der Mensch in – womöglich wohlgeformten und vollständigen – Sätzen denkt, wenn er nicht verbalisiert, erübrigt sich meines Erachtens. Außerdem ist ein verbalisiertes (und unter Umständen auch visualisiertes) Stereotyp, zum Beispiel "Frau am Steuer", zwar ein sprachlicher Ausdruck, doch erstens keineswegs ein Satz und zweitens zunächst wertfrei. Erst die mit diesem "*picture in our head*" verbundenen kulturbedingten, sozialbedingten, aber auch persönlichkeits- und kontextbedingten Attribute konstituieren Wertungen. Die Funktion des Stereotyps ist es also zu werten. Es selbst ist aber abhängig von Faktoren wie Persönlichkeit, individueller momentaner Befindlichkeit, politischer Einstellung und sozialem Kontext, aber auch vom semantischen Kontext seines Auftretens (z.B. in einer Karikatur bzw. eine Karikatur *per se*).

Es ist also davon auszugehen, daß ein Stereotyp nicht stets mit einem von der Gesellschaft einhellig geteilten, entweder positiven oder negativen Urteil verbunden ist. Vielmehr bleibt ein individuel-

ler, sozial, politisch und altersgeprägter Verwertungsspielraum. Das wohl in den 60er Jahren entstandene Stereotyp der "blauen Ameisen"³, das Chinesinnen und Chinesen anhaftet, ruft zwar ähnliche Bilder ab – Chinesinnen und Chinesen, gekleidet in die sogenannten "Mao-Jacken"⁴, beim Staudamm- und Kanalbau etwa –, die Auslegung kann jedoch sehr ambivalent ausfallen. Folgende Ideen und Gefühle könnten von der Metapher abgeleitet werden:

- Ameisen sind fleißig und flink, also sind Chinesinnen und Chinesen auch fleißig und flink.
- Ameisen und Chinesinnen bzw. Chinesen treten in Massen auf, es wuselt geradezu, ist irgendwie beängstigend.
- Die hören alle auf ein Kommando, machen alles gleichförmig, so richtig willenlose Masse.
- Wie die Ameisen arbeiten sie gemeinsam, es handelt sich um soziale Arbeitsformen.
- Alle tragen die gleiche Kleidung, das ist ein Land, in dem es keine Klassenunterschiede gibt.
- Alle tragen die gleiche Kleidung, es gibt keinen Individualismus.

Wir sehen, wie anfällig die Handhabung solcher Stereotype ohne weitere Erklärung für interpersonale Mißverständnisse in der Tat ist.

3 Hier beziehe ich mich auf besagten Zeitraum wegen des Zusatzes *blau*. Deutsche Stereotype von Chinesinnen und Chinesen (bezüglich Charaktereigenschaften, Aussehen usw.) sind freilich älteren Ursprungs. Sie rekrutieren sich nicht nur aus einer Fülle von Reiseberichten deutscher – und auch anderer europäischer – Chinareisender, sondern auch aus der philosophischen China-Rezeption (beispielsweise bei Herder), aus den zu politischen Zielen eingesetzten China-Bildern (z.B. in der "Hunnenrede" von Kaiser Wilhelm II., in der vor der "Gelben Gefahr" gewarnt wird) wie schließlich auch aus den westlichen China-Wissenschaften selbst.

4 Diese Jacken werden in China *Sun Zhongshan-Jacken* (nach dem Politiker, bekannt unter der kantonesischen Aussprache seines Namens Sun Yat-sen) genannt. Da aber die (westliche) Aufmerksamkeit auf die Volksrepublik China verstärkt in den 60er Jahren zur Zeit der Kulturrevolution fiel und diese in Verbindung mit Mao Zedong steht, wurden diese Jacken kurzerhand nach ihm benannt. Übrigens haben diese Jacken als Vorbild preussische Uniformen.

Sie stören die Kommunikation nicht unbedingt, da die Kommunikationspartner und -partnerinnen davon ausgehen, daß sie so verstanden werden, wie sie selbst interpretieren. Wird nicht aufgeschlüsselt, sprechen beide zwar über dasselbe Phänomen, die Konnotationen jedoch fallen ganz verschieden aus. Um es an einem anderen Beispiel zu verdeutlichen: "Die Leute in Spanien feiern gern" kann sowohl positiv als auch negativ, sogar intrasubjektiv ambivalent belegt sein. Ausschlaggebend für die Wertung sind vor allem emotionale Faktoren wie Neid ("Die feiern ständig, und unsereins arbeitet."), Kritik an den anderen und Rechtfertigung bzw. Erklärung der eigenen Situation ("Die feiern, und wir arbeiten, deshalb haben wir's ja auch zu was gebracht.") usw. Projektionen der eigenen Wünsche auf die fremde Kultur konvertieren in negativ besetzte Stereotype über die fremde Kultur. Die Nichterfüllung der eigenen Sehnsüchte wird durch einen Verdrängungsmechanismus verkehrt in ein Gutheißen der eigenen Eingeschränktheit in Abgrenzung zu der Realität der anderen, die unmoralisch handeln.

2. Vorurteile

Die Abgrenzungen zwischen Stereotypen und Vorurteilen sind nicht immer eindeutig, so daß Querbezüge herzustellen sind.

Die bislang umfassendste Darstellung zum Phänomen Vorurteil stammt von ALLPORT (1954). Von jüngeren Publikationen sind vor allem QUASTHOFF (1973, auch 1989) zu nennen.

Nach ALLPORT konstituiert sich *Vorurteil* aus *attitude* und *belief* (ALLPORT 1954: 6-14). Zunächst definiert ALLPORT *Vorurteil* als

"... an avertive or hostile attitude toward a person who belongs to a group, simply because he [sic!] belongs to that group, and is therefore presumed to have the objectionable qualities ascribed to the group." (ebd.: 7)

Attitude (im folgenden *Einstellung*) definiert er als

"... a mental and neural state of readiness, organized through experience, exerting a directive or dynamic influence upon the individual's response to all objects and situations to which it is related." (ALLPORT 1967: 8)

ALLPORT (1954: 13) zufolge lassen sich Einstellungen zu "*I don't like X*" und *beliefs* zu "*X are Y*" abstrahieren (vgl. QUASTHOFF 1989: 184), wobei "*psychologically the stereotypical belief ... as a rationalization of the (unfriendly) attitude*" fungiert (ebd.). Wenn aber Einstellungen dank der Erfahrungen eingenommen werden, ist unverständlich, warum diese negativen Charakter haben sollen, d.h. *unfriendly* zu sein haben. Ebenso unverständlich wäre, daß sich ein positives Stereotyp in einer unfreundlichen Einstellung manifestiert. Da Stereotype Ausdruck kollektiven "Wissens" oder kollektiver *beliefs*, also tradiertes, nicht überprüfter Vorstellungen sind und sie sich auch nicht durch ihnen zuwiderlaufende Erfahrungen verändern, sie des weiteren nach Allport die Einstellungen rechtfertigen, müßte geschlußfolgert werden, "*(unfriendly) attitudes*" wären starr, ähnlich der Stereotype. Erfahrungen sind jedoch Teil des Lernprozesses und führen daher zu Einstellungs- und Verhaltensänderungen.

So ist dem Stereotyp "Japaner und Japanerinnen sind höflich" beispielsweise ohne nähere Erläuterungen zu Kontext, individueller Befindlichkeit und Interpretationsbereitschaft nichts Negatives zu entnehmen. Angenommen, eine mit diesem "Bild" konfrontierte Person verfügt nicht über persönliche Erfahrungen in Form von Kontakten mit Menschen aus Japan. Ihr "Wissen" beläuft sich lediglich auf Aussagen anderer, auf tradierte Bilder, auf Informationen aus Literatur und Massenmedien, d.h. auf Erfahrungen und Wahrnehmungen anderer und auf Stereotype, nicht aber auf persönliche interkulturelle Erfahrungen. Zu einer unfreundlichen Einstellung besteht also grundsätzlich kein Anlaß, es sei denn aus intrapersonalen Gründen, wie Geringschätzung von Höflichkeit auf Grund von negativen Erfahrungen im eigenen sozialen Kontext. Sehr wohl kann sich jedoch die angenommene positive Einstellung in eine negative umkehren, wenn die Person tatsächlich in Kontakt mit Japanerinnen und Japanern (oder

nur einer bzw. einem) tritt. Auf Grund der Funktionen von Stereotypen (LIPPMANN 1965 (1. Aufl. 1922) und SCHAFF 1980) und Vorurteilen (BARRES 1978 und QUASTHOFF 1973 bzw. 1989), spezielle Erwartungshaltungen hervorzurufen, wird aus den Verhaltensweisen vornehmlich die herausgefiltert, die in das eigene und in das der Fremdkultur unterstellte – freilich stereotype – Konzept von Höflichkeit passen, um das stereotype Bild zu bestätigen. Bei hartnäckiger – “tatsächlicher” bzw. perzipierter – Unhöflichkeit seitens der japanischen Person wird deren Verhaltensweise bzw. die Person selbst als Ausnahme angesehen. Schließlich – und dies wahrscheinlich bei längerem oder häufigerem und intensiverem Kontakt – wird möglicherweise festgestellt, daß diese Höflichkeit eigentlich anders zu verstehen ist. Sie führt zu Mißverständnissen und entpuppt sich als vermeintlich aufgesetzt, als unehrlich und dergleichen. Das Stereotyp bleibt zwar unverändert: “Die Leute in Japan sind höflich”, doch die damit verbundenen Emotionen haben sich durch Erfahrungen qualitativ verändert. Geht also zunächst mit dem positiv konnotierten Stereotyp eine freundliche Einstellung einher, verändert sich auf Grund von negativen persönlichen Erfahrungen die Einstellung zusammen mit der positiven Besetzung des freilich gleichförmigen Stereotyps.

3. “Positive” Vorurteile und Exotismus

Gemeinhin – auch in der einschlägigen Literatur – wird zwischen “positiven” und “negativen”⁵ Vorurteilen unterschieden. Dies ist insofern irreführend, als beide Zweige die gleichen Abgrenzungsstrukturen zurückzuführen sind und weder positive noch negative Vorurteile oder Stereotype in dem Sinne realistisch sind, daß sie sozialen oder ethnischen Gruppen Pluralismus und den Mitgliedern Individualismus absprechen und damit gegebenen individuellen Denk- und Verhaltensweisen nicht gerecht werden. Insbesondere “positive” Stereotype bzw.

5 “Positiv” bzw. “negativ” meint Vorurteile, die mit positiv bzw. negativ besetzten Wertungen versehen sind. Diese Attribute können objektiv-semantisch positiv bzw. negativ oder aber intrapersonell positiv bzw. negativ konnotiert sein.

die mit einem Stereotyp (individuell und/oder kollektiv) verbundenen “positiven” Vorurteile bergen zudem die Gefahr der Verharmlosung ihrer Grundlagen. Denn charakteristischerweise werden sie der pluralistischen Realität einer Gesellschaft ebensowenig gerecht wie die “negativen” Vorurteile. Bei sich verändernden persönlichen Befindlichkeiten oder ideologisch-politischem Klimawechsel schließlich können sie nur zu leicht in “negative” mit direkten xenophobischen Auswirkungen umschlagen. Außerdem ist auch ein “positives” Vorurteil stets ambivalent und vielschichtig, d.h. ein von einem Individuum positiv konnotiertes Stereotyp kann von einem anderen Individuum durchaus negativ empfunden werden, selbst wenn beide derselben sozialen und ethnischen Gruppe angehören.

Nun spielt der Exotismus wahrscheinlich in jeder Kultur eine gewisse Rolle. Sein Einfluß zeigt sich sowohl in der Kunst – von der Chinoiserie über den von der afrikanischen Plastik inspirierten Kubismus bis hin zur impressionistischen Malerei – als auch in der Literatur: beispielsweise finden sich stereotype Topoi des sogenannten Orient bei Goethe ebenso wie in Märchen und Karl-May-Romanen. Beeindruckend sind in diesem Zusammenhang besonders Reisebeschreibungen, vor allem aus dem 19. Jahrhundert⁶, aber auch neueren Datums. Gleiches gilt für Spielfilme und speziell auch für die Werbung.

Die Dialektik von Nähe und Ferne manifestiert sich in einer Vermischung durch Projektion eigener Wünsche und Sehnsüchte, die in der Nähe unerfüllt bleiben (müssen), auf die Ferne, wobei jedoch durchaus das Unerreichte, Unerfüllbare in seiner Projektion auf andere Kulturen, besonders außereuropäische, eine negative Wertung erfährt. Dies manifestiert sich besonders bei der Übertragung sexueller Sehnsüchte und Ängste, beispielsweise in der Ambivalenz zwischen unterstellter “Sinnlichkeit der Schwarzen” einerseits und der daraus resultierenden “Entsittlichung” andererseits (vgl. PFEIFFER 1989: 29f.). In seiner Untersuchung des exotischen Romans am Anfang

6 Exemplarisch die Reisebeschreibungen von Fürst Herrmann von PÜCKLER-MUSKAU (1985) und von Ida PFEIFFER (1989).

unseres Jahrhunderts faßt REIF (1975: 11) das Phänomen der psychologischen Projektion folgendermaßen zusammen:

“Der Exotist produziert Bilder, die als Projektion seines Innern seinen entfremdeten Ich- und Wirklichkeitsbezug kompensieren sollen. Sein negativer Realitätsbezug schlägt sich in der Projektion eines Bildes der Gegenwart nieder, das von einer bis zu leidenschaftlichem Haß gesteigerten Ablehnung bestimmt ist. Die Struktur dieses Bildes ist durch die Entfremdungserlebnisse der *Restriktion*, *Komplexität* und *Uniformität* gekennzeichnet und tritt ästhetisch als öde, triviale Nähe in Erscheinung. Indem sich der Exotist von dieser Nähe abwendet, projiziert er zugleich gewissermaßen als ein Negativ seines Realitätsbezuges ein positives Wunschbild in die Ferne, zu dem er sich ebenso leidenschaftlich hinwenden kann.”

Einerseits bieten uns also die durch Literatur und Medien zugänglichen Topoi und Stereotype die Möglichkeit, Unerfülltes auf ferne, im Grunde wenig bekannte Länder und Kulturen zu übertragen. Andererseits ist der Ambivalenz von Vorurteilen – nämlich ihre oftmals nahe beieinanderliegenden positiven und negativen Züge – ein fließender Übergang zwischen positiven und negativen Konnotationen latent zueigen. Niemals jedoch gibt sich der Exotismus die Mühe zu differenzieren. Gerade im politischen Bereich treibt der Exotismus diesbezüglich Blüten, so z.B. bei der Mystifizierung indianischer Völker, wobei im europäischen Kontext nicht zu verwirklichende Konzeptionen von Natur, natürlichem biologischen Kreislauf oder Umweltbewahrung einfach “den Indianerinnen und Indianern” unterstellt werden. Die Ambivalenz auch des Orientalismus zieht sich durch die deutsche Literatur bis hin zu Werbeslogans für Kaffee und bewußt oder unbewußt zu politischen Zielen eingesetzten Klischees: vom geheimnisvollen Reiz zum unberechenbaren “Fundamentalismus”.

4. Zu den Funktionen von Vorurteilen

BARRES (1978) nennt fünf Funktionen von Vorurteilen und “stereotypen Einstellungssystemen” (ebd.: 115), wobei unterschieden

werden kann zwischen dem “gesellschaftlich-politischen” und “individuell-psychologischen” Nutzen von Vorurteilen (ebd.: 115ff.) einerseits und Einstellungen andererseits. Im einzelnen wird kaum exakt differenziert werden können, da sich innerpersönliche wie soziopolitische Faktoren, aber auch die verschiedenen Funktionsebenen von Vorurteilen gegenseitig bedingen und durchdringen.

a) Die Orientierungsfunktion

Vorurteile und stereotype Einstellungen dienen

“der emotionalen Bewältigung wie auch einer gewissen Klassifizierung, Kategorisierung und Charakterisierung von sonst undurchschaubar bleibenden Phänomenen, Situationen, Sachverhalten und Personen ... [und gewähren so] ... eine gewisse Orientierung.” (ebd.: 117)

QUASTHOFF unter anderen analysiert diese Funktion unter einem kognitionspsychologischen Aspekt. Demnach muß “*the cognitive process of oversimplifying and overgeneralizing by the use of schemata*” als “*a normal and necessary way of information processing*” verstanden werden (QUASTHOFF 1989: 186). Diese Eigenschaften wurden im wesentlichen bereits von Lippmann für die Stereotype festgestellt.

b) Die Anpassungsfunktion

“Indem eine Person die Einstellungen und Vorurteile seiner [sic!] Gruppe übernimmt, helfen sie ihm [sic!], zufriedenstellende emotionale und soziale Beziehungen zu anderen Gruppenmitgliedern herzustellen und so der Gefahr einer Außenseitersituation vorzubeugen.” (BARRES 1978: 119)

Dadurch werden “gruppeninterne Konflikte und Spannungen reduziert, was einerseits der Gruppe als ganzes ein geschlosseneres gemeinschaftliches Verfolgen von Gruppenzielen und -interessen erlaubt” und andererseits dem einzelnen Gruppenmitglied derart “das

Gefühl der Zusammengehörigkeit und Gemeinschaftlichkeit und Gefühle der sozialen Geborgenheit, Sicherheit, Stärke und sozialen Akzeptiertheit." (ebd.: 119) vermittelt. Des weiteren haben Vorurteile (und Stereotype bei QUASTHOFF) die Funktion (*social function* bei QUASTHOFF), "to mark distance towards outgroups and stress ingroup solidarity" (QUASTHOFF 1989: 188).

c) Die utilitaristische Funktion

Sie ist politisch-ökonomisch ausgerichtet, d.h. vor allem ethnische Minderheiten innerhalb einer Gesellschaft oder eines Staatengebildes werden diskriminiert, um der Mehrheit Privilegien, "politische und wirtschaftliche Vorteile mannigfacher Art" zu verschaffen und

"den jeweils Herrschenden in Krisenzeiten oder bei wirtschaftlichen Schwierigkeiten auch die Möglichkeit [zu geben], die 'Schuld' an den auftretenden Mißständen diesen Minderheiten zuzuschreiben, um so von einer tiefergehenden Analyse der tatsächlichen verursachenden Bedingungen abzulenken." (ebd.: 120)

Politisch dienen Vorurteile also der Umlenkung von Unzufriedenheit und Angst auf eine vermeintlich andersartige und sozial außenstehende Gruppe, und wirtschaftlich dienen sie der Konkurrenz-ausschaltung im Kampf um soziale und ökonomische Vorteile.

d) Die Selbstdarstellungsfunktion

Das Individuum übernimmt zwar von der Gruppe Einstellungen und Vorurteile, modifiziert diese jedoch, um über eine individualisierte Form von Einstellungen und Vorurteilen zu verfügen. Die so persönlich nuancierten Einstellungen und Vorurteile gewährleisten dem Individuum einerseits ein gewisses Maß an Individualität in Abgrenzung zur Gruppe bzw. zu anderen Gruppenmitgliedern, andererseits führen die innerhalb eines von der Gruppe akzeptierten Modifikationsspielraums nuancierter Einstellungen und Vorurteile nicht zu Konflikten mit der Gruppe (ebd.: 126f.).

e) Die Selbstbehauptungsfunktion

Das Festhalten an Vorurteilen stellt eine "psychodynamische Stütze" der Selbstbehauptung und der "relativen inneren Ausgeglichenheit" dar (ebd.: 128). Aus psychoanalytischer Sicht wird

"das Merkmal des unbelehrbaren, stereotypen und intensiven Klebens am Vorurteil aufgefaßt als Abwehrdynamik, durch die die Person ihre eigenen unbewußten Konflikte und Ängste zu verarbeiten sucht, deren Wurzeln in den Sozialisations- und Erziehungspraktiken der Kindheit liegen und die die Entwicklung einer Persönlichkeitsstruktur förderten, die besonders anfällig für die Übernahme sozialer Vorurteile ist und das Haften am Vorurteil bedingt." (ebd.: 127; vgl. auch ALLPORT 1954: 368f und 396f.)

Das Eingeständnis oder die Bewußtmachung von vorurteilsbehaftetem Denken ist demnach für derart geprägte Individuen kaum möglich, da dies mit einem Eingeständnis von unvernünftigem und irrationalen Denken einherginge (BARRES 1978: 131).

Ergänzend zu nennen sind weitere psychologische Funktionen, wie QUASTHOFF (1989) sie unter *innerpsychic functions* zusammenfaßt.

"Aggression towards powerful, oppressive personalities or groups is forbidden by innerpsychic control of the authoritarian personality. Instead the aggression is directed towards groups or individuals which are perceived as weak in comparison with the authoritarian individual (scapegoating)." (ebd.: 187)

Demzufolge dienen Vorurteile der rationalen Begründung von Aggression gegen *outgroups* und die Aggression gegen *outgroups* als Ventil für unterdrückte Aggression gegenüber der *ingroup* bzw. gegenüber stärkeren Mitgliedern der *ingroup*.

"Anything strange is perceived as a threat by the authoritarian personality." (ebd.)

“Forbidden desires are projected on outgroups. (Traits like brutality and sexual abnormality in fact seem to be recurrent attributions of all kinds of outgroups discriminated against by the majority).” (ebd.)⁷

5. Auto- und Heterostereotype

Empirische Untersuchungen zu “nationalen” Auto- und Heterostereotypen bei Schülern und Schülerinnen in West-Deutschland⁸, Frankreich, Großbritannien und den USA liegen aus jüngerer Zeit vor allem von KELLER vor. Problematisch ist allerdings die Operationalisierung, da die Tests anhand von Eigenschaftslisten erfolgen, die von SODHI & BERGIUS “aus zwanglosen Unterhaltungen” zusammengestellt wurden (KELLER 1969a, 1969b, 1970). Die Methode zur Feststellung von Stereotypen anhand von Eigenschaftslisten geht auf KATZ & BRALEY⁹ zurück und wurde von SODHI & BERGIUS weiterentwickelt.

Die Eigenschaftslisten von KATZ & BRALEY bestehen aus 84 auf Grund von Vortests ermittelten Angaben, von denen die Versuchspersonen – Collegestudentinnen und -studenten – diejenigen auswählen sollten, die sie den zu charakterisierenden Gruppen (zehn Gruppen, u.a. Deutsche, US-Amerikanerinnen und US-Amerikaner, Türiinnen und Türken, Schwarze – im Original *negroes* –, Jüdinnen und

7 Noch einmal sei auf die Ambivalenz von Stereotypen und Vorurteilen verwiesen. Gerade “abnormes” Verhalten wird den *outgroups* sowohl in vermeintlich “positiver”, als auch in negativer Ausprägung aufoktroiert. Vor allem uneingestandene und von der Gesellschaft sanktionierte Wünsche werden in exotistischer Weise auf andere, zumal fernere Kulturen und Minderheiten projiziert.

8 KELLER schreibt zwar “Deutschland”, meint aber die BRD, zumindest läßt sich dies aus den Ergebnissen schlußfolgern, wonach u.a. “Antikommunisten” ein “deutsches” Autostereotyp mit relativ hohem Verbreitungsgrad darstellen soll (s. z.B. KELLER 1987). Die Untersuchungsergebnisse stammen aus den Jahren 1982/83.

9 Ihre Untersuchungen aus den 30er Jahren werden ausführlich dargestellt in MACCOBY; NEWCOMB & HARTLEY (Hrsg.) 1967 (1. Aufl. 1947). Siehe auch QUASTHOFF (1973: 30ff.).

Juden) zuordnen. Zur Feststellung positiver Eigenschaften wurden andere Versuchspersonen aufgefordert, diejenigen Attribute auszuwählen, die sie an ihren Freundinnen und Freunden bevorzugen bzw. sich wünschen. Dank dieser “wünschenswerten” Eigenschaften sollten von den Angaben bezüglich der Gruppen Rückschlüsse auf deren Beliebtheit gezogen werden. KATZ & BRALEY definieren *Stereotyp* als Überzeugung und *Vorurteil* als Einstellung. Ihre Theorien zu Stereotypen und Vorurteilen sind im Kontext der zu dieser Zeit zentralen Frage der Rassenvorurteile zu sehen. Als Maßstab für die geteilte Übereinstimmung (*definiteness*) der einer Gruppe zugeteilten Stereotypen (den Verbreitungsgrad der Stereotypen) galt die Häufigkeit der Nennungen einer Eigenschaft. So wurden Ranglisten der Übereinstimmungen errechnet.

In KELLERS Untersuchungen werden die Befragten aufgefordert, auf den Listen zu markieren, welche Eigenschaften sie für die Zielkultur (Heterostereotyp) bzw. ihre eigene Kultur (Autostereotyp) als charakteristisch ansehen. Es finden sich in diesen Listen überraschende Vorschläge, wie *der beste Soldat* – übersetzt in den Listen für US-amerikanische und britische Schüler und Schülerinnen mit *top military nation* (KELLER 1987) –, *Kulturträger* (übersetzt mit *culture-conscious*), was immer das heißen möge, das unvermeidliche *hübsche Frauen* und sogar *gute Hausfrauen*. Semantische Erklärungen werden den Befragten dazu nicht gegeben, die Konnotationen bleiben daher unentschlüsselt, und so stellt sich erstens die Frage, ob tatsächlich in beispielsweise britischen Jugendlichen Vorstellungen über die wie auch immer geartete Qualität einer deutschen Hausfrau existieren, und zweitens, ob nicht gerade solche vorgegebenen Attribute Stereotype – nicht nur “nationaler” Art, sondern auch geschlechtsspezifischer Natur – geradezu vermitteln. Darüber hinaus wurden diese Listen von KELLER über Jahrzehnte hinweg keineswegs modifiziert, weder qualitativ noch quantitativ (vgl. u.a. KELLER 1991: Appendix mit KELLER 1969a, 1973, oder 1987, jeweils Anhang). Die meisten der genannten Eigenschaften finden sich bereits in den Listen von SODHI & BERGIUS bzw. von KATZ & BRALEY (KELLER 1969a: 262).

KELLER untersucht so Autostereotype, Heterostereotype und vermutete Heterostereotype. Autostereotype¹⁰ bezeichnen das Selbstbild, d.h. wie sehen die Befragten ihre eigene Kultur, ihre Landsleute. Heterostereotype formen das Fremdbild, das Individuen der Gruppe X von Individuen der Gruppe Y haben. Vermuten Individuen der Gruppe X, daß Individuen der Gruppe Y ihnen bestimmte Stereotype zuordnen, so handelt es sich um vermutete fremde Heterostereotype. Nach HOLZKAMP kommt es erst dann zum Verständnis zweier Gruppen (bei KELLER "Völkern"), wenn Auto- und vermutetes fremdes Heterostereotyp identisch sind bzw. sich sehr ähneln, denn dann erst fühlen sich beide Seiten von der jeweils anderen richtig eingeschätzt (vgl. KELLER 1969a: 262).

Dies unterstellt ein uniformes Autostereotyp, das nicht existiert. Danach müßte ein großes Einvernehmen zwischen beispielsweise einer Person aus den USA und mir bestehen, wenn ein deutsches Autostereotyp "fernsehbegeistert" lautet und ich ebenso der Meinung bin, die Menschen in den USA schätzten mich so ein. Erstens bin ich aber gar nicht fernsehbegeistert, unterstelle dies aber den Deutschen allgemein – Stereotype sind ja Verallgemeinerungen und Reduzierungen. Zweitens fühle ich mich persönlich konsequenterweise auf Grund des vermuteten fremden Heterostereotyp völlig mißverstanden. Hier zeigt sich also ein Aspekt, der in dieser Diskussion um Stereotype meines Wissens bisher unberücksichtigt blieb. Wird ein Individuum aufgefordert, Autostereotype bezüglich der – besser: einer – Gruppe, der es angehört, anzugeben, wird es feststellen, daß es sich selbst eigentlich davon ausnehmen möchte und es sich seiner Singularität bewußt wird, sei es aus dem Grunde, daß es sich selbst nicht mit den gemeinhin üblichen Autostereotypen identifizieren kann oder will, oder aber weil es sich selbst keineswegs eingereiht sehen will in die Masse der anderen, beispielsweise "der Deutschen" schlechthin¹¹.

10 KELLER setzt Autostereotyp mit Selbstbild und Heterostereotyp mit Fremdbild gleich. Selbst- und Fremdbilder setzen sich aber zusammen aus mehreren, auch ambivalenten Stereotypen. Ich bediene mich also des Plurals.

11 Dies ist möglicherweise auch in Verbindung mit der "Selbstdarstellungsfunktion" bei BARRES (1978: 126) zu sehen.

Hier ist dementsprechend zu unterscheiden zwischen der Selbsteinschätzung, die zu sehen ist im Zusammenspiel von Faktoren wie Erziehung, Ausbildung, Lebensumstände und damit einhergehender Charakterprägung in einem (weniger *dem*) kulturellen z.B. deutschen Kontext und den Stereotypen, die ein Individuum von seiner persönlichen sozialen und der mittelbaren – durch Medien beispielsweise – Umgebung verinnerlicht hat.

Der Terminus *Autostereotyp* ist also irreführend, da er in Wirklichkeit nur ein innerkulturelles Heterostereotyp, d.h. ein von mir anderen Mitgliedern meiner Bezugsgruppe/Kultur zugeordnetes Stereotyp bezeichnet. Dieser Aspekt wird in der Literatur meines Erachtens außer acht gelassen, obwohl doch gerade er dem Individuum aufzeigen kann, daß es, wenn es für sich selbst die üblichen unberechtigterweise verallgemeinerten Stereotypen zurückweist, es dieselbe relativierende Sichtweise auch anderen, zumal den "Fremden" zugestehen muß.

Ein im interkulturellen Kontakt wichtiger Faktor ist die Frage, inwieweit Auto- bzw. Heterostereotypen, aber auch vermutete fremde Heterostereotypen mein Verhalten gegenüber Anderen, Fremden, Einheimischen, Männern und Frauen determinieren, beeinflussen, steuern. Ähnlich der offenbar grundlegenden Frage: "Ist es ein Junge oder ein Mädchen?" wird auch beim ersten Kontakt mit einem oder einer Fremden die Frage nach seiner bzw. ihrer Herkunft möglichst früh geklärt. Ohne Zweifel dient diese Information der Kategorisierung und Zuordnung entsprechend der zur Verfügung stehenden Stereotype und Vorurteile. Diese wiederum formen meine Erwartungshaltung und haben bestimmte Verhaltensweisen meinerseits zur Folge, welche bestimmte – von mir so erwartete – Reaktionen seitens der oder des Fremden provozieren und somit mein Bild der Fremden, ihrer Gesellschaft, und ihrer Kultur konservieren. Beispielsweise hat das, sich auf der sprachlichen Ebene manifestierende, Phänomen des *foreigner talk* als Grundlage das Vorurteil, Menschen bestimmter Herkunftsländer, i.e. mit wenig Prestige – so z.B. nicht Engländer und Engländerinnen, sondern Türkinnen und Türken – seien weniger

intelligent und beherrschten deshalb die deutsche Sprache nur unzureichend. Um die Kommunikation zu ermöglichen, d.h. um verständlich zu sprechen, bediene ich mich eines reduzierten und vereinfachten Codes: kurze Sätze, Wegfall von Artikeln, Verwendung von Infinitiv und einfachen Verben etc. Dies hat zur Folge, daß die Fremden, die diesem künstlich reduzierten Sprachgebrauch ausgesetzt sind, neben anderen psychologischen Aspekten, wie sich minderwertig behandelt fühlen, keine Gelegenheit haben, die Sprache des Landes angemessen zu erwerben. Vielmehr lernen sie, sich des gleichen vereinfachten Codes zu bedienen, was endlich das Vorurteil, diese Fremden seien weniger intelligent, wiederum unter "Beweis" stellt und konserviert. Bereitgestellt werden diese Vorurteile, die mit der Annahme einhergehen, die Fremden seien nur zum vereinfachten Sprachgebrauch in der Lage, u.a. durch die Medien, insbesondere durch gerade auch Kindern zugängliche Spielfilme, namentlich US-amerikanischer Produktion. Die Redebeiträge von Mitgliedern sozial und politisch diskriminierter Ethnien, wie sie Indianer und Indianerinnen oder auch Mexikaner und Mexikanerinnen darstellen, erfolgen oftmals z.B. im Infinitiv.

Eine weitere Frage in diesem Kontext ist, inwieweit das vermutete fremde Heterostereotyp mein Verhalten beeinflusst, entweder derart, daß ich ihm entsprechen will oder aber daß ich mich diesem Stereotyp bewußt zu entziehen suche durch konträre Verhaltensweisen und Offenbarung von Werten, die ihm zuwiderlaufen. Bekanntlich zeigen Menschen im fremdkulturellen Kontext, ebenso wenn sie in einer Fremdsprache kommunizieren, häufig andere Verhaltensweisen und vertreten andere Meinungen als in ihrem Herkunftsland und ihrem dortigen gesellschaftlichen Umfeld (vgl. MARTÍN TORRES & WOLFF 1983: 209). Offensichtlich sind also Meinungen auch vom soziokulturellen Kontext, in dem sie entwickelt und formuliert werden, abhängig. Das ist zum einen zurückzuführen auf die Identitätserweiterung, die durch die Fremdsprache und/oder die fremde Umgebung erfahren wird und durch die daher Dinge aus einer anderen Perspektive betrachtet werden können. Zum anderen bedeutet es auch eine Distanzierung von der eigenen Kultur und den (eigenen) Autostereotypen ihr gegenüber. Wesentlich darüber hinaus ist auch das Gefühl, im fremdkulturellen Kon-

text einerseits mit den Heterostereotypen konfrontiert zu sein und ihnen nicht entsprechen zu können/zu wollen und andererseits bestimmte negativ besetzte bzw. als zu positiv empfundene Vorurteile der eigenen Kultur gegenüber aufklärend relativieren zu wollen. Beispielsweise kann ich dem gängigen Stereotyp der deutschen Ordnungsliebe in Deutschland selbst eher kritisch gegenüberstehen. Im fremdkulturellen Kontext, möglicherweise durch eine negative Einstellung oder in ironischer oder vorwurfsvoller Weise konfrontiert mit demselben, fühle ich mich in der Zwangssituation, eben diese zu Recht oder zu Unrecht unterstellte Ordnungsliebe zu verteidigen. Dadurch gerate ich, ohne es zu wollen, genau in die stereotype Schablone – nämlich ordnungsliebend zu *sein* – und laufe selbst somit Gefahr, anstatt aufzuklären und zu differenzieren, das vorhandene Heterostereotyp zu zementieren.

Die These HOLZKAMPS, ein Einvernehmen zwischen Gruppen sei dann erzielt, wenn vermutetes fremdes Heterostereotyp und Autostereotyp zusammenfallen (KELLER 1969a: 262), ist also nicht unbedingt zutreffend. Ebenso erscheint KELLERS VON HOFSTÄTTER übernommene These, zwei Gruppen (bei KELLER "Nationen") verstünden sich um so besser, je größer die Ähnlichkeit zwischen den Auto- und Heterostereotypen ist (KELLER 1969a: 263; 1987: 68), zweifelhaft.

Das diesen Thesen gemeinsame Mißverständnis liegt in der Annahme, wer die gleiche Meinung habe, verstehe sich am besten. Ziel kann also nicht sein, daß dies erzielt werden muß, jedoch eine Toleranzhaltung, die andere Wahrnehmungen, Interpretationen und entsprechende Verhaltensweisen akzeptiert und reflektiert und endlich auch zu einer Hinterfragung der eigenen Wahrnehmungsweise führt. Es ist nicht nur unmöglich, uniforme Heterostereotype auf der Basis von unterstellten (uniformen) Autostereotypen zu erzielen, sondern es verschwände auch der wichtigste Aspekt des interkulturellen Lernens, nämlich die pluralistische Sichtweise auf das gleiche Phänomen und die intellektuelle und emotionale Bereicherung daraus.

Da, wie bereits oben kritisiert, die Konnotationen der vorgegebenen Eigenschaften in KELLERS Untersuchungen ungeklärt bleiben,

können groteskerweise anhand der Ergebnisse zwar sehr ähnliche Auto- und Heterostereotypen festgestellt werden, daß aber tatsächlich aneinander vorbei stereotypisiert wurde, wird so gar nicht offenbar. Termini wie *Nationalstolz* sind im Deutschen auf Grund historischer und kultureller Umstände ohne Zweifel anders besetzt als beispielsweise im Französischen. Stimmen also das deutsche Heterostereotyp zu Frankreich (die Leute in Frankreich sind nationalstolz) und das französische Autostereotyp (wir sind nationalstolz) miteinander überein, so impliziert dies ein großes Mißverständnis, da der Begriff im Deutschen eher negativ, im französischen Kontext hingegen durchaus positiv besetzt ist. Dieses Mißverständnis wird unter Umständen nicht bewußt, auch im persönlichen Kontakt nicht unbedingt thematisiert, so daß auf emotionaler Ebene ein Gefühl des Befremdens zurückbleibt.

Für einen Abbau von Vorurteilen im Rahmen von interkulturellem Lernen und Fremdsprachenunterricht sollten daher folgende Voraussetzungen gegeben sein: Ein didaktisch zu betreuender Kontakt¹² zwischen Menschen unterschiedlicher sprachlich-kultureller Hintergründe zum Zwecke eines gegenseitigen Lernens voneinander ist zu gewährleisten. Der interkulturelle Kontakt bedarf des weiteren einer freundschaftlichen, gleichberechtigten Basis und sollte regelmäßig möglich sein. Als Lernziele sollten Wahrnehmungsfertigkeiten und Bewußtmachung von Stereotypen und Vorurteilen sowie schließlich ihre Hinterfragung und Widerlegung gelten. Dabei sollten nicht nur die eigenen Heterostereotype bzw. die Vorurteile der eigenen Gruppe gegenüber einer anderen thematisiert werden. Einen wichtigen Lernschritt stellt auch die Auseinandersetzung mit den fremden Stereotypen und Vorurteilen gegenüber der eigenen Gruppe dar, denn an ihnen kann durch direkte Betroffenheit die Unhaltbarkeit derselben festgestellt werden. Dieser Erfahrungsprozeß erleichtert schließlich Rückschlüsse auf Strukturierung, Funktion und Auswirkung allgemein.

¹² DEUTSCH & COLLINS (1967: 612-623) stellen als eine der Bedingungen für den Abbau von Vorurteilen, daß der Kontakt zwischen vorurteilsvollen Menschen und ihren "Opfern" häufig und intensiv zu sein hat.

6. Entwicklung und Strukturierung von Fremdurteilen

Aus einer Studie zu Urteilsstrukturen bei deutschen und britischen Schülerinnen und Schülern, die teilweise anhand von offenen Fragestellungen (Aufsätzen) erstellt wurde, extrahiert KELLER verschiedene Kriterien, die für die Urteilsbildung über andere Kulturen typisch sind (zu Vorgehensweise und Begründung siehe KELLER 1969b: 176, Anm. 2):

a) Stereotype über andere Gruppen und Kulturen werden kritiklos übernommen, aber mit einem hohen Grad an Überzeugung vortragen. Häufig entlarven die Äußerungen die hohe Übereinstimmung innerhalb der eigenen Gruppe bezüglich der Stereotype zu anderen Gruppen durch Äußerungen wie "allgemein wird von einem Engländer erwartet..." oder "immer wieder hört *man*" (KELLER 1969b: 178), d.h. die Jugendlichen verbalisieren ihre kollektive Bekanntheit. Allerdings zeigen diese Paraphrasen m.E. auch eine persönliche Unsicherheit bezüglich der Stichhaltigkeit oder Beweiskräftigkeit der Urteile. Der Verweis auf "*man* sagt" erlaubt gleichsam eine Distanzierung von der notwendigen Überprüfung und Reflektion stereotyper Äußerungen. Die Argumentationsweisen erscheinen zuweilen plausibel dank semantischer Bündelung von Eigenschaften, d.h. dem Nachweis beispielsweise des Nationalismus der Deutschen werden als Indizien "technische Begabung, die gepaart ist mit Fortschrittlichkeit, Willensstärke und einem bewußten Streben, das eigene Land in das Raumzeitalter zu führen" (KELLER 1969b: 177) beigefügt.

Vorzugsweise werden Kategorien wie "der Russe" bzw. "die Engländer" (KELLER 1969b: 177) verwendet, um eine Verallgemeinerung zu ermöglichen. ALLPORT (1954: 191f.) attestiert der Kategorie Wertfreiheit:

"For example, the category *Negro* can be held in mind simply as a neutral, factual, nonevaluative concept, pertaining merely to a racial stock."

Die Neutralität der Kategorie endet jedoch, wenn sie mit Bildern, also Stereotypen und den ihnen anhaftenden Vorurteilen, beladen wird.

b) Offensichtlich rekrutieren sich die Argumente zumindest teilweise aus dem Lehrstoff an der Schule. So werden Urteile mit geographischen, klimatischen und historischen Informationen abgesichert. Kulturen und der Charakter ihrer Mitglieder wird auf historische Zusammenhänge und Entwicklungen zurückgeführt. Auch Klima und geographische Lage des Landes sind Determinanten für Charaktereigenschaften der Menschen dort. So begründet z.B. eine 17-jährige Schülerin die unterstellten Charaktereigenschaften der Menschen in Rußland¹³ folgendermaßen:

“Daß sie (die Russen) [sic!] ausdauernd sein müssen, zeigt allein schon das Land selbst. Oft müssen die Bauern tagelang mit Hundeschlitten durch Schneewüsten wandern, ohne einem anderen Menschen zu begegnen.” (KELLER 1969b: 182)

KELLER vermutet, daß die Schülerinnen und Schüler aus dem schulischen Lehrstoff der kulturkundlichen Fächer¹⁴ Informationen kausal für ihre Urteile einsetzen. Daher fordert er Konsequenzen für die kulturkundlichen Fächer dahingehend, daß didaktische Konzepte entwickelt werden müssen, die “auf die Erstellung eines möglichst objektiven Bildes vom Ausland hin ausgerichtet” sind. Er konstatiert, daß je größer das Sachwissen, desto größer auch die Bereitschaft sei, mit den eigenen Urteilen kritisch umzugehen (KELLER 1969b: 185)¹⁵.

13 KELLER problematisiert nicht, ob sich die Schülerin tatsächlich nur auf Rußland oder aber auf die Sowjetunion insgesamt bezieht.

14 Damit bezieht er sich auf Fächer wie Geschichte, Erdkunde, Sozial- und Gemeinschaftskunde und die neueren Sprachen. (vgl. KELLER 1969b: 185)

15 Vgl. auch KELLERS Vorschlag, Stereotype bzw. die aus Untersuchungen hervorgegangenen “numerischen Urteilsstrukturen” im Fremdsprachenunterricht bzw. in einer “neuen kulturkundlichen Didaktik” zu berücksichtigen (1969b: 185).

Obwohl KELLER seine Forderungen nicht detailliert erläutert, ist ihm im Ansatz sicher zuzustimmen. Hier könnten vor allem auch interdisziplinäre didaktische Konzepte erarbeitet werden, die bestimmte zielkulturelle Phänomene von speziellen Blickwinkeln her beleuchten, so z.B. der Geschichtsunterricht, der Fremdsprachenunterricht usw. Offensichtlich leisten diesbezüglich gerade die bilingualen Schulzweige Pionierarbeit. Daß aber Relativierung von Urteilen bzw. Vorurteilen allein durch vermehrtes Sachwissen zu erreichen sei, ist unzutreffend. Menschen anderer Kulturen sind keine Phänomene, die per Lehrbuch oder Lehrkraft beschrieben und expliziert werden können. Neben wünschenswerten klischeefreien Lehrwerken, die versuchen, pluralistische(re) Bilder der Zielkultur zu vermitteln, und Lehrkräften, die nicht nur sprachlich, sondern besonders kulturphänomenologisch ausgebildet sind und daher selbstverständlich regelmäßig und über längere Zeit sowohl während ihres Studiums als auch ihrer Berufstätigkeit hindurch zur Aus- und Weiterbildung diesbezüglich im Zielland/in den Zielländern leben, bleibt der interpersonale Kontakt zwischen Menschen verschiedener Kulturen und Länder das entscheidende und daher didaktisch zu betreuende Moment in der interkulturellen Annäherung, die zwar nicht den völligen Abbau sozialer Vorurteile bewerkstelligen kann, aber diese (positiv) modifizieren hilft. Obwohl der hohe didaktische und persönlichkeitsfördernde Wert interkultureller Kontakte in Form von längerfristigen Aufenthalten im Ausland kaum zu bezweifeln ist, bleibt die Frage nach den qualitativen und quantitativen Strukturveränderungen bezüglich der Urteile über andere Kulturen und ihrer Mitglieder.

7. Modifikation von Vorurteilen

Soziale Vorurteile werden zwar nicht vollständig abgebaut durch einen Aufenthalt in der Zielkultur, doch verändern sich die Urteilsstrukturen bzw. die Argumentationsweisen. KELLER (1970 und 1991) erhob mit seinen Eigenschaftslisten Daten vor, während und nach einem vier- bis sechswöchigen Aufenthalt deutscher Schüler und

Schülerinnen in Großbritannien und stellte drei Phasen der Umstrukturierung des heterostereotypen Bildes der Zielkultur fest:

- die Beobachtungsphase;
- die Phase der kritischen Auseinandersetzung mit der Zielkultur;
- die Anpassungsphase.

Die erste Phase (erste Woche des Aufenthalts) zeichnet sich offensichtlich durch eine gewisse Zurückhaltung innerhalb der neuen Umgebung aus. KELLER (1970: 370) spricht von ihr als der Phase, in der man "lediglich die Besonderheiten in der fremden Umgebung" registriert. Zu problematisieren bleibt noch die Frage, wie sich Gastgeber und Gäste zueinander verhalten, d.h. da die Gastgeber in ihrem gewohnten sprachlichen und sozio-kulturellen Kontext bleiben, befinden sie sich psychologisch in einer stärkeren Position gegenüber den Gästen, die gezwungen sind, sich in der neuen Umgebung zurechtzufinden.

Die zweite Phase (ab der zweiten Woche) zeichnet sich durch eine kritische Auseinandersetzung mit den wahrgenommenen Phänomenen der Zielkultur aus. Sie werden komparativ in Beziehung gesetzt zu den Normen und Verhaltensweisen der eigenen Kultur.

Der Übergang zu einem "*modus vivendi* mit den Angehörigen des Gastlandes" (KELLER 1970: 370) charakterisiert die Anpassungsphase (ab der dritten Woche). Die Umstrukturierung der Urteile erfolgt vor allem in Lebensbereichen mit direkten persönlichen Erfahrungen, die dann als Argumente für eine neuerliche Verallgemeinerung herangezogen werden.

Nach der Fahrt erfolgt wiederum eine Modifizierung der Urteile, die sich bewegt zwischen den differenzierteren Vorstellungen der Zielkultur auf Grund von Beobachtungen und Erfahrungen einerseits und der erneuten Konfrontation mit den Normen und Verhaltensweisen der eigenen Kultur andererseits, wobei

"wieder ein Aufbau von Meinungen (erfolgt), indem man entweder Eigenschaften auf die gesamte Fremdgruppe projiziert oder sie Untergruppen des anderen Landes zuschreibt." (ebd.: 371)

Zwar beziehen sich KELLERS Beobachtungen auf Schulkinder, und sowohl Alter als auch insbesondere Dauer und Bedingungen des Auslandsaufenthaltes (z.B. Kontakt in Familien, Integration in den schulischen Kontext des Ziellandes) sind wesentliche Faktoren für die Umstrukturierung von vorgefaßten Meinungen über Menschen aus anderen Kulturen. Doch ist die Feststellung der Modifizierung von Vorurteilen durch persönlichen Kontakt auch bei anders strukturierten Gruppen nachgewiesen worden (QUASTHOFF 1978: 71ff.). Wesentlich für die Urteilsveränderungen sind vor allem Faktoren wie soziale Struktur des interpersonalen Kontaktes und der Grad der Informiertheit, der ebenso wie Stereotype die Erwartungshaltung gegenüber der Zielkultur determiniert. So ist es zum Beispiel entscheidend, unter welchen Bedingungen sachliche und kulturspezifisch beeinflusste Informationen¹⁶ über Menschen und Kulturen anderer Länder im interkulturellen Kontakt überprüfbar, verifizierbar oder modifizierbar bzw. verwerfbar oder unter Einbezug kultureller Gegebenheiten erklärbar und verständlich werden.

Die Literatur geht in ihren Ausführungen zu Stereotypen, Vorurteilen und Haltungen in der Regel davon aus, daß sie von der Mehrheit gegenüber sozialen und/oder ethnischen Minderheiten entwickelt werden. Da es sich bei diesen sozialen und psychischen Phänomenen jedoch zunächst um sowohl innerpsychische als auch sozial notwendige Mechanismen handelt, äußern sie sich auch bei der Minderheit gegenüber der Mehrheit. Ebenso sei darauf hingewiesen, daß Vorurteile und Stereotype nicht nur gegen ethnische Gruppen gebil-

16 *Sachlich vs. kulturspezifisch geprägt* sei an einem Beispiel erläutert: "In der Volksrepublik China leben 1,3 Milliarden Menschen." ist eine sachliche, d.h. statistisch nachweisbare Information. Hingegen ist eine mögliche Schlußfolgerung hieraus, nämlich "In der VR China verfügen die Menschen auf Grund der Überbevölkerung und der daraus resultierenden Enge kaum über Intimität.", eine kulturspezifische und in sich wertende Information.

det werden, sondern gerade auch zur Abgrenzung zwischen sozialen Schichten oder zur geschlechtsspezifischen Diskriminierung.

Zu problematisieren gilt es jedoch, inwieweit Stereotype und Vorurteile vermeidbar sind bzw. ihre Verbreitung, Suggestion und Tradierung gezielt – aus politischen und ökonomischen Überlegungen – eingesetzt werden. Schlußfolgernd kann festgestellt werden, daß sowohl Stereotype als auch Vorurteile natürliche mentale und sozialpsychologische Instanzen sind, daß aber – und vor allem für den interkulturellen Lernprozeß – entscheidend ist, wo die Grenzen liegen zwischen natürlichen kognitionspsychologischen Datenverarbeitungsprozessen – wozu in erster Linie Stereotype fungieren – und sozial gefährlicher Vorurteilsbildung.

Selbst wenn die Stereotypenforschung betont, Stereotype seien eigenen Erfahrungen gegenüber resistent, so sind die mit ihnen einhergehenden und im eigentlichen Sinne zu sozialen Konflikten und Xenophobie führenden Vorurteile durchaus abbaubar oder zumindest in ihrem Gültigkeitsanspruch einschränkbar. Denn sie entwickeln sich, um mit Allport zu sprechen, aus *attitudes* und *beliefs*, zwei innerpsychischen und soziopsychischen Phänomenen, die in interkulturellen und interpersonalen Wahrnehmungs- und Lernprozessen direkte, sowohl kognitiv als auch emotional geprägte Erfahrungen zur Folge haben. Diese Erfahrungen können zwar nicht unbedingt die ganze Struktur eines Vorurteils *ad absurdum* führen, aber zumindest relativierend wirken.

Da KELLER, wie gezeigt wurde, nach dem freilich nur vier bis sechs Wochen währenden Auslandsaufenthalt, d.h. nach dem Abbruch des direkten und persönlichen Kontakts mit der Zielkultur, reaktive Meinungsbildung feststellte, sollte, um dem entgegenzuwirken, ein kontinuierlicher, doch zumindest häufigerer und länger andauernder interkultureller Kontakt gewährleistet werden. Denn der persönliche Kontakt als einflußreichster Faktor beim Abbau bzw. bei der (qualitativen) Veränderung von Vorurteilen ist in der Literatur kaum umstritten. Allerdings sind ebenso entscheidend die Art des Kontakts, seine

sozialen Voraussetzungen und nicht zuletzt seine Ziele, denn bloße Bekanntschaft oder verringerte räumliche Distanz allein – z.B. Wohnen in Nachbarschaft von (ethnischen) Minderheiten – führt nicht unbedingt zum Abbau von Vorurteilen (vgl. dazu den Literaturüberblick bei QUASTHOFF 1978: 72ff.). Für einen Abbau von Vorurteilen im Rahmen von interkulturellem Lernen und Fremdsprachenunterricht sollten daher folgende Voraussetzungen gegeben sein: Ein didaktisch zu betreuender Kontakt zwischen Menschen unterschiedlicher sprachlich-kultureller Hintergründe zum Zwecke eines gegenseitigen Lernens voneinander ist zu gewährleisten. Der interkulturelle Kontakt bedarf des weiteren einer freundschaftlichen, gleichberechtigten Basis und sollte regelmäßig möglich sein. Als Lernziele sollten Wahrnehmungsfertigkeiten und Bewußtmachung von Stereotypen und Vorurteilen sowie schließlich ihre Hinterfragung und Widerlegung gelten. Dabei sollten nicht nur die eigenen Heterostereotype bzw. die Vorurteile der eigenen Gruppe gegenüber einer anderen thematisiert werden. Ein wichtiger Lernschritt stellt auch die Auseinandersetzung mit den fremden Stereotypen und Vorurteilen gegenüber der eigenen Gruppe dar, denn an ihnen kann durch direkte Betroffenheit die Unhaltbarkeit derselben festgestellt werden. Dieser Erfahrungsprozeß erleichtert schließlich Rückschlüsse auf Strukturierung, Funktion und Auswirkung allgemein.

Literaturverzeichnis

- ALLPORT, Gordon W. *The Nature of Prejudice*. Cambridge/Mass., Addison-Wesley Publ. Comp., 1954.
- ALLPORT, Gordon W. "Attitudes". In: FISHBEIN, Martin (ed.). *Readings in Attitude Theory and Measurement*. New York et al., John Wiley & Sons, Inc., p. 3-13, 1967.
- BARRES, Egon. *Vorurteile. Theorie – Forschungsergebnisse – Praxisrelevanz*. Opladen, Leske Verlag/Budrich GmbH, 1978.
- BAUSINGER, Herrmann. "Stereotypie und Wirklichkeit". In: *Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache* 14, S. 157-170, 1988.

- DEUTSCH, Morton & COLLINS, Mary Evans. "The Effect of Public Policy in Housing Projects upon Interracial Attitudes". In: MACCOBY, Eleonor E.; NEWCOMB, Theodore M. & HARTLEY, Eugene L. (ed.). *Readings in Social Psychology*, New York, p. 612-623, 1967.
- FISHBEIN, Martin (ed.). *Readings in attitude theory and measurement*. New York et al., John Wiley, 1967.
- FÜRLE, Brigitte (Hg.). *Ida Pfeiffer – Eine Frau fährt um die Welt*. Wien, Promedia, 1989.
- HAACK, Ekhard & OHFF, Heinz (Hg.). *Fürst Herrmann von Pückler-Muskau – Ausgewählte Werke in zwei Bänden*. Berlin, Ullstein, 1985.
- HOLZKAMP, Klaus. "Über soziale Distanz". In: *Psychologische Beiträge*, S. 558-581, 1964.
- HUSEMANN, Harald. "Stereotypen in der Landeskunde: Mit ihnen leben, wenn wir sie nicht widerlegen können?". In: *Neusprachliche Mitteilungen aus Wissenschaft und Praxis* 43, S. 89-98, 1990.
- KATZ, Daniel & BRALEY, Kenneth W. "Verbal Stereotypes and Racial Prejudice". In: MACCOBY, Eleonore E.; NEWCOMB, Theodore M. & HARTLEY, Eugene L. (ed.). *Readings in Social Psychology*, New York (1. Aufl. 1947), p. 40-46, 1967.
- KELLER, Gottfried. "Erkenntnisse der Sozialpsychologie als Grundlage kulturkundlicher Didaktik". In: *Praxis des neusprachlichen Unterrichts* 16, S. 261-281, 1969a.
- KELLER, Gottfried. "Die Funktion von Stereotypen beim Erkenntnisprozeß im kulturkundlichen Unterricht – dargestellt an einer Strukturanalyse von Schülerurteilen". In: *Die Neueren Sprachen* 63, S. 175-186, 1969b.
- KELLER, Gottfried. "Die Änderung kognitiver Urteilsstrukturen durch einen Auslandsaufenthalt". In: *Praxis des neusprachlichen Unterrichts* 17, S. 352-374, 1970.
- KELLER, Gottfried. "Die Funktion numerischer Urteilsstrukturen des britischen Autostereotyps in einer kulturkundlichen Didaktik". In: *Praxis des neusprachlichen Unterrichts* 20, S. 387-398, 1973.

- KELLER, Gottfried. "Auto- und Heterostereotype amerikanischer und deutscher Schüler in einer neuen Kulturkunde". In: *Die Neueren Sprachen* 86, S. 63-79, 1987.
- KELLER, Gottfried. "Stereotypes in Intercultural Communication: Effects of German-British Pupil Exchanges". In: BUTTJES, Dieter & BYRAM, Michael (ed.). *Mediating Languages and Cultures: Towards an Intercultural Theory of Foreign Language Education*. Clevedon, Philadelphia, Multilingual Matters LTD, p. 120-135, 1991.
- LIPPMANN, Walter. *Public Opinion* (1st ed. 1922). New York, The Free Press, 1965.
- MACCOBY, Eleonore E.; NEWCOMB, Theodore M. & HARTLEY, Eugene L. (ed.). *Readings in Social Psychology* (1st ed. 1947). New York, 1967.
- MARTÍN TORRES, Gracia & WOLFF, Jürgen. "Interkulturelle Kommunikationsprobleme beim Sprachenlernen – dargestellt an Mißverständnissen zwischen Spaniern und Deutschen". In: *Neusprachliche Mitteilungen aus Wissenschaft und Praxis* 4, S. 209-216, 1983.
- PFEIFFER, Ida. *Eine Frau fährt um die Welt* (hrsg. Brigitte Fürle). Wien, Promedia, 1989.
- QUASTHOFF, Uta. *Soziales Vorurteil und Kommunikation – Eine sprachwissenschaftliche Analyse des Stereotyps*. Frankfurt/Main, Athenäum Fischer, 1973.
- QUASTHOFF, Uta. "Linguistic prejudice/stereotype". In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & MATTHEIER, Klaus (Hg.). *Handbuch der Soziolinguistik – Handbook of sociolinguistics*. Berlin, New York, De Gruyter, S. 785-799, 1987.
- QUASTHOFF, Uta. "Social prejudice as a resource of power: towards the functional ambivalence of stereotypes". In: WODAK, Ruth (ed.). *Language, Power and Ideology. Studies in Political Discourse*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publ. Comp., p. 181-196. 1989.
- REIF, Wolfgang. *Zivilisationsflucht und literarische Wunschträume. Der exotische Roman im ersten Viertel des 20. Jahrhunderts*. Stuttgart, Metzler, 1975.

ROTH, Wolfgang. "Vorerfahrungen und Stereotypen: Ihre Veränderbarkeit durch zweisprachige Kontakte?" In: PELZ, Manfred (Hg.): *Lerne die Sprache des Nachbarn. Grenzüberschreitende Spracharbeit zwischen Deutschland und Frankreich*. Frankfurt/Main, Diesterweg, S. 134-149, 1989.

SCHAFF, Adam. *Stereotypen und das menschliche Handeln*. Wien et al., Europa Verlag, 1980.

TAYLOR, Donald M. "The Social Psychology of Racial and Cultural Diversity: Issues of Assimilation and Multiculturalism". In: REYNOLDS, Allan G. (ed.). *Bilingualism, Multiculturalism and Second Language Learning*. London, Hillsdale N.J., p. 1-19, 1991.

VON PÜCKLER-MUSKAU, Herrmann. *Ausgewählte Werke in zwei Bänden* (hrsg. Ekhard Haack & Heinz Ohff). Berlin, Ullstein, 1985.

O PAPEL DO ALEMÃO NA UNIÃO EUROPÉIA: UM CASO PARTICULAR?*

Wolfgang Roth**

Abstract: This paper deals with the linguistic situation of the European Union, especially considering the role played by the German language. Beginning with some general remarks on the historical mechanisms that may influence the relative importance of a given language on a global scale, the history of the German language is discussed with the aim of explaining its present situation as the language with the greatest number of native speakers in Europe, which, at the same time, plays a relatively unimportant role in international communication.

Keywords: European languages; German language; International communication.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz behandelt die Sprachensituation in der Europäischen Union mit Schwerpunkt auf der Rolle der deutschen Sprache. Beginnend mit einigen allgemeinen Bemerkungen zu den historischen Zusammenhängen, die die relative Wichtigkeit einer bestimmten Sprache im Weltmaßstab beeinflussen können, wird die Geschichte der deutschen Sprache mit dem Ziel diskutiert, ihre gegenwärtige Situation als die Sprache mit der größten Zahl von Muttersprachlern in Europa und gleichzeitig einer verhältnismäßig unwichtigen Rolle in der internationalen Kommunikation zu erklären.

Stichwörter: Europäische Sprachen; Deutsche Sprache; Internationale Kommunikation.

Palavras-chave: Línguas européias; Língua alemã; Comunicação internacional.

* O presente artigo foi apresentado, sob forma de palestra, junto ao Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP, no dia 08/09/1997.

** O autor é professor titular de lingüística românica das universidades de Bochum, Alemanha, e Valenciennes, França. Endereço do autor: Ruhr-Universität Bochum, Romanistisches Seminar, PLZ 44780 – Bochum, Alemanha.

Antes de abordar o tema propriamente dito e de responder à pergunta feita no título, cabe sublinhar que, durante várias décadas, o alemão não dispôs de uma bibliografia satisfatória relativa ao seu lugar entre aquelas grandes línguas do mundo que superam o papel de uma mera língua nacional, seja pelo número de falantes nativos e de falantes de segunda língua, seja pela necessidade de conhecê-la por motivos de utilidade devida ao seu caráter veicular, enfim, pelo seu valor comercial – para usar as palavras de Florian Coulmas. Qual é o lugar do alemão entre a dúzia ou a vintena das línguas consideradas como as mais importantes do mundo?

Somente a partir de 1991, quando saiu o livro de Ulrich Ammon sobre a posição internacional do alemão, é que dispomos de uma publicação que nos fornece, de modo quase exaustivo, um elevado número de aspectos que ilustram o lugar ocupado pelo alemão no mundo. As publicações anteriores tendem a salientar a importância do alemão motivadas por certo amor patriótico que o seu autor – germanofalante – manifestou para com a sua própria língua e por isso nem sempre brilham por sua objetividade. Em comparação com estes trabalhos, o livro de Ulrich Ammon pretende ser rigorosamente objetivo, evitando impulsos nacionalistas e orientando-se por fontes fidedignas e estatísticas disponíveis. Uma das constantes do livro de Ammon é a comparação do alemão com o inglês e o francês com o fim de contornar o escolho de uma supervalorização da língua alemã pela qual peca muitas vezes o livro de Thierfelder, um de seus precursores.

Além de capítulos que tratam da extensão e divulgação do alemão, seu caráter de língua nacional oficial em diferentes países, seu *status* co-oficial ou não oficial em outros ou sua importância como língua minoritária em numerosos países da Europa e outros continentes, o livro de Ammon expõe pormenorizadamente o uso do alemão sob aspectos internacionais: as relações econômicas, a diplomacia, a comunicação científica e o turismo.

O livro de Ulrich Ammon constitui, portanto, um manual bastante completo de informações sobre o *status* e o caráter do alemão,

de modo que é difícil destacar outros aspectos sem pesquisas mais aprofundadas do que as de Ammon. Embora tudo já pareça dito, as observações que se seguem têm por base a convicção de que só mediante uma comparação com outras línguas, sobretudo as outras grandes línguas européias, será possível chegar a uma avaliação satisfatória. No que respeita à objetividade do método de Ammon, o seu livro continua sendo um modelo digno a ser imitado.

A fim de avaliar a posição do alemão entre as línguas da União Européia e fora dela, é preciso recorrer às tentativas de uma classificação lingüística que, sob diferentes formas, se encontra nos manuais de lingüística. Nestas tentativas, a classificação ditada pelo respectivo número de falantes de cada língua talvez seja a mais divulgada, embora não raro a menos decisiva. Partindo deste critério puramente quantitativo, uma língua como o islandês, que tem cerca de 250.000 falantes, seria muito menos importante do que o quíchua, língua índia falada nos Andes entre o sul da Colômbia e o norte da Argentina e cujo número de falantes supera os quatro milhões. Mas sabemos que o *status* do islandês é incomparavelmente mais alto do que o do quíchua. E o chinês deveria ser uma língua mais internacional do que o inglês. Sabemos que não é bem assim.

Os critérios para medir a importância e o grau de autonomia de uma língua abrangem toda uma gama de características difíceis de serem determinadas. O critério puramente lingüístico é um critério bem relativo. O espanhol e o português, duas línguas consideradas como independentes uma da outra, diferenciam-se, no que respeita às suas estruturas morfosintáticas e inclusive ao seu léxico, muito menos do que siciliano e o lombardo, tidos por dialetos de uma só língua, o italiano. O occitânico, na Idade Média, foi uma das línguas de cultura consideradas como língua autônoma frente ao francês arcaico, ao passo que hoje em dia esta língua é vista, pela maioria de seus falantes, como um grupo de dialetos que carecem de uniformização ou padronização, depois que o francês ocupou esta função em detrimento do provençal literário da Idade Média. Heinz Kloss, no seu livro sobre as línguas germânicas menores, descreve, num longo ca-

pítulo, a evolução do baixo alemão (*Niederdeutsch* ou *Plattdeutsch*) como uma língua que, depois de ser abandonada por muitos de seus falantes em favor do alto alemão, do *Hochdeutsch*, passa, no século XIX, por uma fase de ressurgimento enquanto língua escrita e até prometia tornar-se uma espécie de segunda língua no Norte da Alemanha. Mas esta evolução começou a ficar estagnada, e hoje temos de comprovar que, apesar de certos esforços para reintroduzir esta língua, o seu destino pode comparar-se ao do occitânico na França.

A evolução das grandes línguas européias é, na maioria dos casos, a história de sua padronização e uniformização e de uma expansão a partir de um dialeto ou de um grupo de dialetos. Quanto às línguas românicas, pode-se descrever esta evolução que se origina no latim, como a história de uma língua para sua época bastante uniformizada até nas suas variantes faladas, para tornar-se um grupo de línguas unificadas, procedimento que se realiza essencialmente seja na base de um só dialeto – é o caso do francês e do espanhol – seja na base da criação de uma língua escrita com a prevalência de elementos de um dialeto, o que seria o caso do italiano.

Pode-se verificar que evidentemente há uma inter-relação entre a uniformização e a expansão de uma língua. O fato de aquelas línguas européias uniformizadas e padronizadas numa época anterior a outras serem ao mesmo tempo línguas planetárias, certamente não é um acaso. O espanhol e o português conheceram, no decorrer da sua respectiva história, uma fragmentação dialetal menos marcada do que o italiano ou o alemão. A história medieval dos dois países da Península Ibérica contribuiu para este estado de coisas. A Reconquista, na Espanha e em Portugal, andou de par com a supressão dos fenômenos regionais, e a unificação lingüística seguiu imediatamente a expansão política e econômica dos dois países. A história das outras duas línguas européias que iam ter um destino mundial, o inglês e o francês, deu um resultado comparável, apesar de uma história diferente da das línguas ibero-românicas. Neste contexto, cabe pôr em relevo que a quinta língua que ia ter um destino internacional, não conseguiu esta meta: o holandês. O número de falantes, enquan-

to critério, deve ser irrelevante. Se fosse o contrário, o português teria um destino comparável ao do neerlandês, uma vez que é até menos falado na Europa do que o holandês. Mas o português tornar-se-ia uma língua planetária e o neerlandês não compartilhou este destino.

As únicas experiências coloniais da Alemanha, a da África e da Oceania no século XIX, tiveram um caráter efêmero. Além disto, a Alemanha participou pouco dos descobrimentos no limiar da época moderna. Estes dois fatos fizeram com que o alemão, hoje em dia, não pertença às grandes línguas universais. De forma similar à de outros povos que não tomaram parte na colonização dos territórios de além-mar, mas que sofreram uma explosão demográfica no século XIX e XX, os povos germanofalantes iniciaram uma forte emigração rumo a países aloglotas, especialmente rumo às Américas. Mas quando estas migrações começaram, i.e., no século XIX, a maior parte do continente americano já se constituía em Estados politicamente independentes com a adoção de uma das línguas coloniais como idioma oficial. Assim, a história do alemão, como a do italiano, do chinês e do japonês de além-mar, significa a história da perda dessas línguas por seus falantes originários. Este processo pode ser lento, como nas chamadas colônias alemãs no Sul do Brasil, mas também rápido, como a perda do italiano no Estado de São Paulo. Numerosos fatores inter-vêm para tanto. Observar esses processos de sobrevivência ou morte das línguas minoritárias é trabalho árduo e demandaria muitas pesquisas. As estatísticas que nos fornecem dados a respeito do assunto nem sempre são fidedignas e são rapidamente superadas.

Não se trata aqui de enumerar todas as causas que fazem com que certas línguas tenham êxito e se tornem línguas mundiais, ao passo que outras não chegam a esse ponto. O neerlandês, para citar novamente este exemplo, encontrou, no decorrer de sua expansão colonial, dois obstáculos: o de ter que concorrer com línguas regionais bem estabelecidas, situação freqüente na Ásia do Sul e do Leste. No que diz respeito à história colonial da Bélgica, o neerlandês esteve numa situação de competição com o francês, língua que lhe foi preferida nas suas colônias africanas.

Tais considerações podem nos dar uma idéia da relação entre a história das línguas européias e a sua importância atual. Certas línguas de extensão mundial têm um número relativamente reduzido de falantes na União Européia. Se tentamos esboçar uma classificação aproximativa das línguas oficiais da União Européia de acordo com o respectivo número de falantes e excluimos, para este fim, as línguas regionais como o catalão, o galego, o basco, o frísio, o luxemburguês ou o sorábio, podemos distinguir quatro grupos quantitativos:

1. Menos de vinte milhões de falantes: grego, sueco, dinamarquês, finês e português.
2. Entre vinte e quarenta milhões: espanhol e neerlandês.
3. Entre quarenta e setenta milhões: inglês, francês, italiano.
4. Mais de setenta milhões: alemão.

Esta distribuição mostra a importância numérica do alemão e, ao mesmo tempo, nos revela uma divergência entre o número de falantes e a importância veicular desta língua. Mais tarde tocarei novamente neste assunto.

A história do alemão padrão, o *Hochdeutsch*, é a história de uma unificação *sui generis* e tem sido considerada quase um milagre: como é que se chegou a uma língua única e relativamente homogênea no seu uso escrito, apesar de uma fragmentação territorial de muitos séculos? Diferentemente da Espanha e de Portugal, a Alemanha não chegou a ser um Estado desde a Idade Média, o que favoreceu a unificação da língua sobretudo nos territórios descobertos, conquistados e hispanizados ou aportuguesados pouco tempo depois. Ao contrário: as tendências para uma única língua padronizada se reforçaram numa época em que a idéia do Sacro Império Romano-Germânico empalideceu cada vez mais e em que o alemão fortaleceu o seu papel de língua veicular na concorrência com o latim e o francês. A história da língua alemã não conhece nenhum Malherbe que, para a redação de textos literários, força o francês num conjunto de regras muito rígidas cujas conseqüências se fazem sentir até hoje em dia. E a comunidade lingüística alemã também não dispôs de uma metrópo-

le como Londres para o inglês. Viena, a grande cidade no Sul e capital de um império multiétnico e multilíngüe, hesitou em adotar o alemão padrão do norte protestante como língua veicular.

Provavelmente existe entre as grandes línguas européias uma só que, sob este aspecto de sua história, é comparável ao alemão: é o italiano. A história da uniformização e padronização dessas duas línguas mostra paralelos surpreendentes: um alto grau de fragmentação dialetal, uma unificação lingüística que se iniciou sem que houvesse algo comparável na história política e o fato de o movimento unificador na língua escrita ter-se realizado segundo o modelo de certos autores e certos centros administrativos. Os resultados desta evolução paralela se vêem em certas características comuns das duas línguas: uma longa coexistência entre dialeto e língua padrão, uma falta de uniformização em certos campos da comunicação, sobretudo no vocabulário concreto de todos os dias, uma língua padrão pronunciada com marcadas particularidades regionais.

Mas algumas diferenças também podem ser comprovadas. O italiano evolui sob a influência direta de sua língua de origem, o latim. As denominações dos conceitos não existentes na língua popular são tomadas nos textos latinos ou formadas com elementos lexicais do latim e do grego. Os que sabiam ler e escrever sempre exploraram as fontes clássicas de seguir os modelos de outras línguas românicas: tudo o que não se encontrava na sua língua materna popular procurava-se nos autores latinos adaptando e assimilando, fonética e morfológicamente, esses empréstimos à língua popular.

Em alemão, porém, tenta-se assimilar os conceitos da cultura greco-latina e ocidental às características desta língua, fornecendo sentidos "estrangeiros" às palavras germânicas, traduzindo palavras morfema por morfema para criar decalques, baseando-se em formações populares ou pedindo emprestado ao latim, francês, italiano. O resultado é um léxico rico, mas bastante heterogêneo, composto de raízes germânicas, latinas, gregas, francesas, inglesas. Mas são especialmente os decalques semânticos que caracterizam o alemão, como

aliás todas as línguas européias fora das línguas românicas e do inglês. É o que dá às línguas germânicas um caráter mais heterogêneo do que às línguas românicas que, no que respeita ao vocabulário erudito, tomam os seus lexemas no tesouro inesgotável das palavras e sintagmas lexicais das línguas clássicas (cf. *progresso*). Ora, as línguas românicas, assim como o inglês com seus numerosos elementos herdados das línguas clássicas, testemunham uma superioridade qualitativa e numérica no domínio econômico, político e cultural. O mundo das numerosas inovações e invenções nos mais diversos campos da civilização ocidental se expressa, via de regra, numa língua românica ou em inglês. Apesar da fragmentação, as línguas românicas e a língua germânica mais romanizada, o inglês, são as verdadeiras sucessoras da língua mundial da Antiguidade: o latim, que, como sabemos, perdeu a sua importância como língua escrita apenas no início da Idade Moderna e em razão dos nacionalismos nascentes. As línguas germânicas, exceto o inglês, as línguas eslavas, fino-úgricas etc. não estão excluídas desta lexicalização civilizatória ocidental, mas sofrem de certa marginalidade por seu caráter “exótico” devido a um léxico bem diferente daquele das línguas ocidentais.

O território lingüístico do alemão, particularmente a sua parte ocidental, participou, é claro, dessas correntes inovadoras e dos fenômenos culturais comuns à Europa do Oeste. Mas a língua alemã desempenhou sobretudo um papel importante entre o Oeste e o Sul por um lado, e o Norte e o Leste por outro lado. O lingüista Claude Hagège caracteriza o alemão como um língua “eslavófaga”, quer dizer, ele a descreve como uma língua que engoliu uma parte dos domínios lingüísticos eslavos, mas também uma língua báltica como o antigo prussiano, que se extinguiu no início da Época Moderna. Mas o lingüista francês sublinha também a grande influência exercida pelo alemão sobre as línguas do Norte e do Leste da Europa. E é exatamente isso que distingue o alemão do italiano. A influência do italiano se deve ao esplendor da cultura italiana, às belas artes, à literatura e à música deste país. É por isso que o italiano deixou os seus vestígios em todas as línguas européias, sobretudo sob a forma de empréstimos nos diferentes domínios culturais. O alemão, porém, deve a sua irradiação à

sua função mediadora, à evangelização e à colonização da Europa oriental durante a Idade Média. O resultado é uma história muito mais conflituosa do que a do italiano, uma história que muitas vezes envenenou as relações entre os países especialmente desde o surgimento dos nacionalismos no século XIX.

Se o alemão exerceu uma influência sobre as línguas para as quais desempenhou um papel mediador, i. é, sobre as línguas do Norte e do Leste, deixou muito menos vestígios nas línguas do Oeste e do Sul. O resultado é um número reduzido de empréstimos alemães em inglês, francês, espanhol, italiano etc. Neste contexto, também é preciso ver uma espécie de tendência decrescente na disposição de aprender línguas estrangeiras, tendência que vai do Oeste para o Leste da Europa. Assim, encontram-se menos espanhóis dispostos a aprender o alemão que alemães dispostos a aprender o espanhol. Por outro lado, o número de russos ou poloneses prontos a estudar o alemão costuma ser maior do que inversamente. Um parêntese é constituído pelo pós-guerra, quando, na Alemanha Oriental como nos outros países-satélites da União Soviética, o russo foi imposto como primeira língua estrangeira. Desse modo, desde o século XVII tem havido mais alemães aprendendo francês do que franceses aprendendo alemão.

Pode-se, por conseguinte, distinguir entre várias relações de superioridade, ou, melhor dito, de força maior, no que respeita à disposição de aprender a língua de outro povo, relações ditadas seja pelo número de falantes de cada língua, seja pela superioridade política, econômica, científica, cultural etc. Já para a Antiguidade comprova-se a superioridade cultural do mundo grego, que fez com que muitos romanos estudassem o grego, apesar da superioridade política e, provavelmente também, numérica dos latinofalantes. Outro exemplo seria a posição do árabe na Andaluzia medieval frente ao chamado moçárabe. Entre línguas como o dinamarquês ou o neerlandês, por um lado, e o alemão, por outro, deve ser sobretudo a relação numérica de cada uma dessas línguas que faz com que haja mais dinamarqueses ou holandeses dispostos a aprender o alemão do que o inverso.

No que diz respeito à história das línguas da Europa do século XX, tem-se escrito bastante sobre o declínio do alemão como consequência das duas guerras mundiais. O *status* do alemão no início do século XX fez com que Antônio Weiss o considerasse como um dos candidatos ao grupo das línguas planetárias. Mas os acontecimentos políticos da primeira metade do nosso século deram um rumo imprevisível ao destino do alemão. A derrota de 1918 afetou principalmente a Áustria-Hungria e consagrou, em certa medida, um estado de coisas que tem suas origens já no século XIX. Na monarquia dual, cada parte fazia a sua própria política lingüística. Na então Hungria, que abrangia, entre outras regiões, o que hoje é a Eslováquia, a Transilvânia como parte da atual Romênia e a Croácia, praticou-se uma política menos tolerante do que na parte austríaca, que além da atual Áustria de língua alemã, abrangia a Eslovênia, a atual República Tcheca e a Galícia, hoje dividida entre a Polônia e a Ucrânia. As línguas dos diferentes Estados sucessores da monarquia dos Habsburgos, o romeno, o eslovaco, o tcheco, o polonês etc. foram oficializadas, e o alemão, que antes foi a língua veicular e co-oficial da parte austríaca, perdeu o seu *status* e se transformou numa língua minoritária. Os funcionários de língua alemã da recém-fundada Tcheco-Eslováquia, que não sabiam suficientemente o tcheco, foram removidos do seu cargo, situação que contribuiu para a radicalização nacionalista na Alemanha e na Áustria dos anos vinte e trinta.

As consequências da Segunda Guerra Mundial para a língua alemã foram incomparavelmente mais dramáticas. Um quarto do território alemão nas fronteiras de entre as duas guerras foi cedido à Polônia e à União Soviética, hoje Rússia, e a maior parte da população de língua alemã, que não havia fugido na fase final da guerra, acabou expulsa. Em toda a periferia leste, norte e oeste do que hoje é a República Tcheca, franja que era de língua alemã até 1945, esta população sofreu a mesma sorte. As minorias de língua alemã de quase todos os países do Leste Europeu foram igualmente expulsas. O que a Alemanha nazista iniciou mediante as expulsões de poloneses e a germanização na então Polônia Ocidental, provocou uma enorme contra-reação, iniciando-se assim o que hoje podemos observar

na ex-Iugoslávia, quer dizer, uma chamada „limpeza étnica”. As enormidades nazistas, i.é, o holocausto, fizeram com que se extinguisse praticamente o iídiche, a língua dos judeus asquenazim, com base no alemão medieval. O mundo universitário escandinavo substituiu o alemão pelo inglês nas suas publicações científicas. Para estudar a Química, o alemão deixou de ser aprendido.

É muito difícil avaliar objetiva e exatamente todos estes acontecimentos na sua repercussão sobre o destino da língua alemã. Eu, pessoalmente, creio que, apesar dos pesares, não se deve supervalorizar as consequências. Há uma série de razões que se podem citar em favor do alemão.

Em primeiro lugar, não se deve esquecer que os dois países cuja língua oficial é o alemão, a Alemanha, atualmente com 82 milhões de habitantes, e a Áustria, com aproximadamente 7 milhões de habitantes e, ademais, a Suíça, onde, de acordo com as estatísticas, 74 % da população, i. é, mais ou menos 4,5 milhões de pessoas, são de língua alemã, conheceram um desenvolvimento econômico espetacular.

Em segundo lugar, cabe sublinhar que a atração destes três países provocou uma forte imigração, obrigando os imigrados, pelos menos parcial e temporariamente, a se familiarizarem com o alemão. Berlim, por exemplo, tem uma população turca que representa a décima parte do da ex-Berlim Ocidental. Como consequência da guerra na ex-Iugoslávia, mais ou menos 350.000 iugoslavos, sobretudo bósnios, fugiram para a Alemanha e dezenas de milhares para a Áustria. Embora a assimilação lingüística dessas pessoas deva ser, muitas vezes, bastante precária e muitas devam esquecer o alemão depois de abandonar o país de acolhida, pode-se comprovar uma forte divulgação da língua alemã desconhecida antes da guerra.

Em terceiro lugar, é preciso salientar outra consequência do desenvolvimento econômico e do bem-estar geral: o turismo. Turistas alemães, austríacos e suíços terão ajudado a propagar o conheci-

mento do alemão em regiões do Sul da Europa, onde esta língua era completamente desconhecida antes de 1945.

E, enfim, a reunificação parece estar modificando as relações entre as línguas na Europa. Ainda não se conhece a envergadura deste fato. Sabe-se que a rivalidade entre as duas línguas mais usadas na Europa depois do inglês, i. é, o alemão e o francês, a balança parece inclinar-se hoje mais em favor da primeira e em detrimento da segunda.

Voltando ao segundo aspecto acima mencionado, quer dizer, à aquisição do alemão pelos imigrados, pode-se dizer que este fato nos leva a outro critério decisivo para avaliar a importância de uma língua: o seu estudo como segunda língua.

No decorrer dos últimos séculos, certas línguas desempenharam um papel como segunda língua supra-regional na Europa. Algumas continuam tendo esta importância. Essas línguas supra-regionais com caráter de segunda língua são, por ordem cronológica, o italiano, e, durante uma época relativamente curta, o espanhol, mais tarde o francês e, finalmente, o inglês. O alemão e o russo, apesar de seu elevado número de falantes nativos, ocupam uma posição especial. Podiam ser caracterizadas como segundas línguas internas. Enquanto os impérios russo, austro-húngaro e, em menor medida, alemão, ocuparam – ou continuam ocupando – grandes territórios não russo- ou germanofalantes, a importância dessas duas línguas enquanto segundas línguas foi muito grande dentro dos respectivos territórios, onde as populações alogotas foram forçadas a sabê-las na comunicação em nível nacional. O russo, aliás, continua desempenhando esta função.

As causas da predominância de uma língua enquanto segunda língua são a supremacia política, econômica e cultural do país onde ela é oficial ou falada pelas classes dominantes. Via de regra, essa língua vence em certos domínios, p. ex. o italiano na música e nas belas artes ou o espanhol e o português nos descobrimentos do Novo Mundo, ou adota o caráter de uma língua internacional – Rivarol diria

“universal” – entre as camadas dirigentes, o que foi o caso do francês. A língua com a maior tendência para uma generalização, o mais tardar a partir dos anos 40 do século XX, é certamente o inglês. As línguas “universais” podem ser impostas diretamente – tal como o russo e seus antigos satélites – ou indiretamente, mediante uma espécie de imperialismo científico, técnico ou cultural. É este o caso do inglês.

A importância de uma língua sobre outras línguas se deve, portanto, em grande parte à sua difusão enquanto segunda língua. O caso mais conhecido e mais espetacular é, sem dúvida nenhuma, o do latim, que desde o Baixo Império se usa exclusivamente como segunda língua geralmente estudada depois da aquisição da língua materna e isso apesar de o latim não representar nenhuma força política ou econômica. A relevância do latim como língua “internacional” se deve

- à tradição bem estabelecida que faz dele uma língua escrita e codificada;
- ao seu papel como língua da Igreja;
- ao fato de a maior parte da Europa ocidental falar e continuar falando línguas derivadas do latim. Assim, os domínios atuais do francês, do italiano e das línguas ibero-românicas constituem uma continuidade histórica, e isto desde a época romana, apesar da ruptura representada desde a Idade Média e a nova romanização da Península Ibérica.

Mas também outras línguas européias conhecem períodos em que a sua importância decorre do *status* como segunda língua. Cabe aqui mencionar sobretudo três delas, em ordem cronológica: o italiano, o francês e o inglês. Os destinos das outras grandes línguas européias é diferente. O espanhol, exceto um período relativamente curto, e o português desempenham um papel de segunda língua particularmente além-mar, i. é, nas suas ex-colônias. Testemunham a importância de certas segundas línguas os numerosos empréstimos às outras línguas, p. ex. italianismos em espanhol, francês, galicismos praticamente em todas as línguas européias e, finalmente anglicismos

em nível internacional. Por outro lado, a contribuição do espanhol e do português para as outras línguas européias é relativamente modesta. A difusão do russo, como se viu, é um caso particular, uma vez que esta língua serve sobretudo como instrumento de comunicação interno na então e na nova Rússia e, além disso, em todo o território da ex-União Soviética. Embora certa influência do russo se manifeste nas línguas dos ex-países da esfera hegemônica da União Soviética, pode-se comprovar que, por exemplo, na antiga RDA, a influência se faz sentir sobretudo de forma indireta, na forma de traduções e de decalques semânticos. Assim, comprova-se um fenômeno lingüístico das duas Alemanhas do pós-guerra: um número bastante mais elevado de anglicismos na República Federal e até na RDA do que empréstimos russos na Alemanha do Leste.

Além do russo, há apenas duas grandes línguas européias que, do ponto de vista genético, não derivam do latim: o inglês e o alemão. Mas as duas estão profundamente impregnadas por elementos culturais e lingüísticos do mundo latino e romano, embora de caráter diferente. Desde os primeiros documentos comprova-se uma aproximação intensa do alemão para o latim. Os contatos – diretos – datam de bem antes dos primeiros testemunhos escritos. Mais tarde, o alemão e o inglês viriam a conhecer uma evolução muito diferente entre elas. O inglês se abre muito mais ao mundo latino e romano, enquanto o alemão, no que respeita à sua estrutura e ao seu vocabulário, se isola até certo ponto, tomando um caminho que ia tomar a maior parte das outras línguas européias não românicas e que consiste em conservar a sua própria estrutura e sobretudo em não abrir demasiadamente as portas à intrusão do vocabulário latino e românico. A influência da civilização ocidental mostra a forma típica do *Sprachbund* (convergência lingüística), em outras palavras, a forma da assimilação mediante traduções e decalques semânticos é maior do que mediante empréstimos diretos, como em inglês. Talvez seja esta uma das razões por que o alemão – tanto no que diz respeito à sua estrutura e ao seu vocabulário – não adquiriu um caráter internacional como o inglês. A este caráter deve-se acrescentar o caráter conservador da sua estrutura morfossintática. O alemão, ao lado do islandês, é provavelmente a língua mais arcaica das

línguas germânicas. Se tal caráter fascinou, durante certo tempo, os lingüistas e os intelectuais, por outro lado tornou difícil a sua divulgação como segunda língua. Só durante o auge da cultura e da ciência alemãs e do poder político da Alemanha, o alemão conseguiu impor-se parcialmente como língua internacional, pelo menos no âmbito europeu. O declínio se deve, como se comprovou, às vicissitudes históricas da primeira metade do nosso século, embora talvez mais ainda ao avanço do inglês como segunda língua universal. O fato de o francês, hoje em dia, estar igualmente forçado a defender a sua posição como língua internacional, só pode sustentar a tese de acordo com a qual as razões por que uma língua prospere ou entre em declínio nem sempre dependa unicamente da política e da força econômica.

* * *

Em vez de queixar-se de que certas línguas tenham perdido terreno como consequência de guerras ou evoluções demográficas, seria talvez aconselhável ver neste fenômeno simplesmente uma necessidade de dispor de uma língua universal num mundo onde as comunicações vão se intensificando cada vez mais. Seria preciso verificar em que medida a extensão e a divulgação do alemão sofreram prejuízos pelos resultados da Segunda Guerra Mundial e até que ponto não se trata antes do avanço do inglês que tem modificado a situação lingüística na Europa e em outros continentes.

Para poder avaliar a importância de uma língua num conjunto de línguas como aquele da União Européia, é preciso levar em conta também outros critérios. Entre essas línguas encontra-se uma que pertence ao grupo das línguas mais faladas do mundo. É o português. Bem, sabemos que a importância desta língua se deve a uma explosão demográfica fora do continente europeu. O centro da gravitação do português hoje em dia é o Brasil, país que conta com quinze vezes mais lusofalantes do que a ex-metrópole. O espanhol, por outro lado, apresenta uma situação diferente. É verdade que o número de hispano

falantes no México é duas vezes maior do que o da Espanha. E até países como a Argentina e a Colômbia se igualam à Espanha no que respeita ao número de falantes de espanhol. Mas ainda que as tendências demográficas favoreçam a América de língua espanhola em detrimento da antiga metrópole, o espanhol peninsular tem ganho bastante peso graças ao desenvolvimento econômico deste país da União Européia. O fim da guerra civil fez da Espanha o parente pobre dos países de língua espanhola, e a miséria na Europa depois da Segunda Guerra Mundial revelou a riqueza de certos países hispanofalantes como a Argentina e o Uruguai. Mas a situação mudou abruptamente poucas décadas depois. Para o mundo intelectual hispânico, Madri, atualmente, é um ponto de atração talvez maior do que Buenos Aires ou a Cidade do México.

Das quatro línguas mundiais faladas na União Européia, provavelmente apenas duas serão decisivas para o futuro: o inglês e o francês. Trata-se de duas línguas planetárias que dispõem de um número relativamente grande de falantes na Europa, que se falam em mais de um país europeu e que são línguas oficiais em países chamados de desenvolvidos fora da Europa. Mas inclusive sob este aspecto, existe entre essas duas línguas uma enorme desigualdade. O inglês enquanto língua universal falada em países ricos se estendeu para terras fora da Europa, sobretudo na América, mas também na África, na Austrália e na Nova Zelândia. Além do mais, o inglês serve de segunda língua e de língua supra-regional em países importantes como a Índia. A expansão do francês como língua de países desenvolvidos se reduz praticamente a um só país fora da Europa, o Canadá, e lá, como se sabe, apenas *numa* das regiões do país.

Existe, portanto, uma relação de força desigual entre as duas línguas que favorece o inglês, situação que se confirma indiretamente pela atitude do francês frente ao inglês. Mas o francês possui também alguns trunfos: na Europa continental é falado nas regiões centrais da União Européia. As instituições européias se encontram em cidades onde o francês se distingue por seu caráter de língua oficial (Estrasburgo) ou co-oficial (Bruxelas, Luxemburgo). Além disso, o francês tem uma

longa tradição de língua internacional da diplomacia, da *intelligentsia* e de certas instituições mundiais como a União Postal.

Tudo isso nos leva à convicção de que o alemão, cuja posição tentei determinar por meio da comparação com outras línguas, deverá contentar-se com um terceiro lugar, depois do inglês e do francês. Apesar de seu peso demográfico na União Européia e o fato de ser a língua oficial de dois países-membros da União Européia, dos quais um é de longe o mais populoso, o alemão não tem vocação de língua universal. Seria lamentável se o nacionalismo, que está renascendo na Europa do Leste depois do fim do socialismo, levasse de novo a um impasse em vez de ceder a uma tolerância lingüística que reinou na Europa antes do surgimento dos nacionalismos do século XIX.

Referências Bibliográficas

- AMMON, Ulrich. *Die internationale Stellung der deutschen Sprache*. Berlin-New York, Walter de Gruyter, 1991.
- AMMON, Ulrich. "The status of German and other languages in the European Community (EC)". In: COULMAS, Florian (org.). *A language policy for the European Community*. Berlin/New York, Mouton De Gruyter, p. 241-253, 1991.
- BESCH, Werner, Oscar REICHMANN & Stefan SONDEREGGER. *Sprachgeschichte: Ein Handbuch zur Geschichte der deutschen Sprache und ihrer Erforschung*. 2 vols., Berlin/New York, de Gruyter, 1984-1985.
- BORN, Joachim & Sylvia DICKGIEBER. *Deutschsprachige Minderheiten. Ein Überblick über den Stand der Forschung für 27 Länder*. Mannheim, Institut für Deutsche Sprache, 1989.
- GLÜCK, Helmut & Wolfgang Werner SAUER. *Gegenwartsdeutsch*, 2ª ed., Stuttgart/Weimar, Metzler, 1997.
- HAARMANN, Harald. *Die Sprachenwelt Europas. Geschichte und Zukunft der Sprachnationen zwischen Atlantik und Ural*. Frankfurt/New York, Campus, 1993.

- HAGÈGE, Claude. *Le souffle de la langue. Voies et destins des parlers d'Europe*. Paris, Odile Jacob, 1992.
- HANDT, Friedrich (org.). *Deutsch – gefrorene Sprache in einem gefrorenen Land. Polemik – Analysen – Aufsätze*. Berlin, 1964.
- KIRKNESS, A. *Zur Sprachreinigung im Deutschen 1789-1871. Eine historische Dokumentation*. 2 vols., Tübingen, Niemeyer, 1975.
- KLANICZAY, Tibor. "Die Reformation und die volkssprachlichen Grundlagen der Nationalliteraturen". In: *Renaissanceliteratur und frühbürgerliche Revolution. Studien zu den sozial- und ideologiegeschichtlichen Grundlagen europäischer Nationalliteraturen* (org. Robert Weimann, Werner Lenk und Joachim-Jürgen Slomka). Berlin/Weimar, Aufbau-Verlag, p. 131-144, 1976.
- KLOSS, Heinz. *Die Entwicklung neuer germanischer Kultursprachen seit 1800*. 2ª ed., Düsseldorf, Schwann, 1978.
- KNAPP, Karlfried. "Zurück vor Babel? Zur Zukunft der Weltsprache Englisch". In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik* 20/79, p. 18-42, 1991.
- SCHILDT, Joachim. *Abriß der Geschichte der deutschen Sprache*. Berlin, Akademie-Verlag, 1981.
- THIERFELDER, Franz. *Die deutsche Sprache im Ausland. Vol. 1: Die Grundlagen der deutschen Sprachgeltung in Europa. Vol. 2: Die Verbreitung der deutschen Sprache in der Welt*. Hamburg/Berlin/Bonn, Decker, 1956-1957.
- VLASTO, A. P. *A linguistic history of Russia to the end of the eighteenth century*. Oxford, Clarendon Press, 1988.
- WALTER, Henriette. *L'aventure des langues en Occident. Leur origine, leur histoire, leur géographie*. Paris, Robert Laffont, 1994.

**TRADUÇÃO –
ÜBERSETZUNG**

THE DEVELOPMENT OF TRANSLATION THEORIES IN EUROPE

*Radegundis Stolze**

Resumo: Este artigo trata do desenvolvimento dos estudos da tradução na Europa, no século XX. O maior enfoque está na mudança da perspectiva de pesquisa, da comparação entre línguas para a confrontação de textos e da focalização da tradução como atividade pragmática para a investigação do pensamento do tradutor (perspectiva cognitiva). Paralelamente à discussão dos conceitos teóricos, comenta-se também o desenvolvimento institucional dos estudos da tradução.

Palavras-chave: Estudos da tradução; Desconstrução; Semiótica; Hermenêutica.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz behandelt die Entwicklung der europäischen Übersetzungswissenschaft im 20. Jahrhundert. Der Schwerpunkt liegt auf dem Wandel der Forschungsperspektive vom Vergleich einzelner Sprachen hin zur Gegenüberstellung von Texten und von der Betonung des Handlungscharakters der Übersetzung hin zur Untersuchung des übersetzerischen Denkens (kognitive Perspektive). Parallel zur Diskussion theoretischer Konzepte, ist auch die institutionelle Entwicklung der Übersetzungswissenschaft Gegenstand der Untersuchung.

Stichwörter: Übersetzungswissenschaft; Dekonstruktion; Semiotik; Hermeneutik.

Keywords: Translation studies; Deconstruction; Semiotics; Hermeneutics.

0. When talking on this topic we must first determine what we mean by *translation theories*. A **theory** is a model for description of an activity or an object in order to better understand its real substance

* The author is lecturer of translation studies at the Technical University of Darmstadt, Germany. The author's address: Prinz-Christians-Weg 11, PLZ 64287 – Darmstadt, Germany.

or structure. A **theory of translation** may be a reflection on one's own practice of translation, or it may be a model to direct the translation procedure for didactic purposes or in a professional situation. Several theories have been developed, however, and sometimes the same things have been repeated with different terminology.

1. Early reflections on how to translate were given by ancient translators who defended their **practice** against criticism and explained their solutions. They said it is better to render the sense of a message in a "free" translation than to keep literally to the source text structure in a so-called "true" translation. On the other hand the Holy Scriptures had to be translated literally since the word order was regarded as a divine mystery. This tension between the two methods of "free translation" and "true translation" lasted for centuries. The defenders of the true translation affirmed that only this form would make the author's voice audible.

The struggle in the theoretical debate finally created the need for clear rules of translation. Theory was originally deduced from practice, as its foundation and motivation, as the comments on translation document the first translators' difficulties, but this was not yet a real translation theory. Numerous examples keep repeating the old alternative of true or free translation, and in language courses in school until today the students have been taught to translate "as literally as possible and as free as necessary". But this is a circle.

2. In the 19th century the theoretical discussion took on new impetus. Until that time only the translation of the Holy Scriptures and of classic literature had been considered a difficult work worth of theoretical consideration. The simple translations of correspondence or of technical and commercial texts in international communication were not subject to theoretical reflection. The rule had always been to make the author's voice audible, that is, to follow the **ideal of a true translation**. German Romanticism had formulated a certain under-

standing of the "spirit of a language". A classic text, a piece of art, is the external appearance of a nation's spirit. Writing is identical to thinking, says Wilhelm von Humboldt (1767-1835). A word is the sign of a concept, and in all languages the concepts are different. Then indeed translation is not really possible. What one can only do is to "move the reader towards the author", i.e. to make a true but a strange translation, as Friedrich Schleiermacher (1764-1837), a contemporary of Humboldt, said.

The idea of a language as the expression of a nation's spirit is later taken up by B. Lee WHORF, who studied Indian languages, and by Leo WEISGERBER, who wrote about "*The strength of the German language*". Comparisons between different languages focus on the so-called "characteristic" words which are untranslatable, for instance *gemütlich, witzig, Innerlichkeit, Weltschmerz, Gestalt, esprit, génie, savoir vivre, charme; saudade; gentleman, fairness* and others.

3. Thinking and speaking is identical, and thus translation of a language is not possible, since you cannot transfer the original meaning in another world of thinking. This conception was particularly defended by the poet Walter BENJAMIN (1892-1940), who, in his reflection on translations, looked at the mysterious, the **untranslatable parts of a text**. He says that a piece of art is totally independent from the reception: "No poem is aimed for the reader, no picture is for the viewer, no symphony is for the audience." So the form is more important than the content, and Benjamin calls for true translations that imitate the original's form. But this is an utopia.

Interestingly enough this focusing on the form is later taken-up in a postmodern theory of literary translation that is **deconstruction**, initiated by Jacques DERRIDA and the American Paul DE MAN. They said that every reading of a text gives a new different understanding. The meaning of words is "floating", and therefore you can never fix a "real" meaning of a text. There cannot be a model translation, since the meaning of words is "undecidable". In traditional literary analy-

sis, the sense of texts has often been reduced to “the author’s intention”. Now this intention or clear understanding is “deconstructed” with reference to certain words that might create different meanings in the reader’s mind. The translator concentrates on single words that may indeed be understood differently and thus change the meaning of the text. For a theory of translation this is rather problematic. The scholars’ focus is on the differences between the languages and the untranslatable rest in translations.

4. On the other hand, translations have always been accomplished and cannot be totally impossible. There is a completely different approach to the question of translation when you see the language not as the expression of a nation’s spirit but merely as a **means of communication**. This conception was initiated during the time of rationalism where the man’s reason was taken as the source of knowledge. The way of thinking is the same in all people, and the different languages simply serve to express the thoughts. Language is a universal instrument of reason and it is therefore seen as a reasonable structure. In mediaeval times Latin was given the status of a universal language, first in the ecclesiastic circles, then among scholars and scientists.

The logical analysis of language as a system of signs was introduced by modern Linguistics in our century. As a systematic description of languages, it reaches its object only indirectly as an abstract from empirical utterances. SAUSSURE’S *Cours de linguistique générale* was very important here. He distinguished two levels of analysis: the object of linguistics is the language system (*langue*) as an inventory of words and grammar rules for their interconnection. This varies from the real speech (*parole*) of which it is an abstraction. Words have a *significant form* and a content, a *signified meaning*. The unity shall not be dissolved, since this would destroy the character of the linguistic sign. These signs are also arbitrary, not induced by the real object they are signifying. (The denomination of the *sun* in the sky for instance is different in all languages even though the object is the same.)

The concept of general logical forms at the base of all languages led to the Analysis of Universals: grammar universals are *case & number, time, subject & object, singular & plural*, etc. Phonology studies the phonetic part of the languages and compares the different combinations.

Then of course one may also look for semantic universals, and you find categories like *organic & inorganic, masculine & feminine, dimensionality, vertical & horizontal*, etc. Structural Semantics analyzes the meaning of words by distinctive features which differentiate, for example, the objects on which one sits down: *chair, seat, sofa*, or adjectives of *temperature, colors* and so on.

Here we may see a direct link to the construction of terminology, as Georges MOUNIN did. He discussed the consequences of the Theory of Universals with regard to the possibility of translation. In the area of science he sees the absolute translatability in view of objects of universal validity. Scientific and technical translation should be accomplished automatically, when terminology follows the principle: *Only one word for one object*.

5. This idea was then taken up by Erwin KOSCHMIEDER who defined: “Translation means to find the meaning of the source language sign and then to search for the target language sign for the same meaning.”

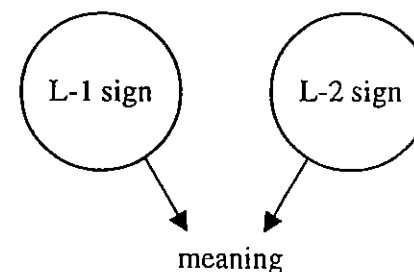


Fig. 1: KOSCHMIEDER'S model of translation

In this we have a **first model of translation** showing the basic components of the translation relationship. The same meaning is the reference point, the *tertium comparationis* between the source and target language. This universal category of **the same meaning** is the guarantee for translatability. Language is no longer a mythological subject of wonder, but may be analyzed. This has initiated some important modern theories of translation.

6. In the sense of Rationalism and Universals Theory, linguistic concepts treated only scientific texts. All literature was expressly excluded from linguistic discussion. The initiative for the scientific analysis of translation came from the research into Machine Translation right after World War II. The theory of translation was used as an assistant discipline for the target of formalizing of language to make texts translatable by computers. Though the target of Fully Automatic High Quality Translation has not yet been reached even today, many useful applications have since been introduced.

In this theoretical framework the Leipzig Translation School defined the “science of translation” as part of linguistics and called it “*Translationslinguistik*”. Translation was defined as a “special form of the communication” where a message is encoded by a sender, sent through a channel and then decoded by the receiver. Translation is a special case of that model: there must be *code-switching* between sender and receiver who speak different codes or languages. So the translator or the computer is the “*code-switcher*”. The message remains identical.

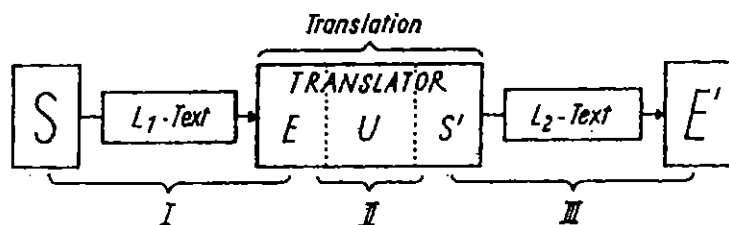


Fig. 2: Translation as code-switching

This logic of an identical message being preserved in translation creates the “translation basic problem” of looking for “equivalents”. There are differences between the languages, and the substitution of source text material by target text material, as CATFORD puts it, causes some problems.

The task of the linguistic Science of Translation is then defined as a “description of the **relationships of equivalence** between languages” on the system level (*langue*). Otto KADE stressed four kinds of “potential equivalents”, such as *one-to-one* (total equivalence), *one-to-many* (facultative equivalence), *one-to-part* (approximate equivalence), *one-to-zero* (non-equivalence, a gap). This definition regards individual words and is later extended by Contrastive Linguistics and Lexicography.

7. Wolfram WILSS builds on this basis and goes one step further. He seeks a didactic rule of teaching the **translation process**, and claims that the Science of Translation should develop procedures of transferring the source text meaning into the target text. The single factors of this transfer should be integrated into a logical model of description for evaluation in translation theories and didactic application for a language pair. The goal is the development of a translation method as a problem-solving activity corresponding to certain text genres.

The communication act of translating is seen as a **transfer procedure** which may be analyzed in its individual factors. The transfer should be a quasi automatic activity in the translator’s mind. WILSS calls this *Übersetzungsfertigkeit* (ability to translate). Cognitive schemes should guide standard behavior and enable effective learning techniques. Translation teaching may train the routines. This could render translation quicker, as is wanted in the modern hectic times. WILSS states that literal translation as a direct imitative transfer is easier since it does not require difficult thinking byways.

8. The problem of information transfer between two languages has led to the discipline of *Stylistique comparée*, which analyzes the transfer in a particular language pair. There are among others *Comparative Studies of French and English* (VINAY/DARBELNET).

Comparing existing translations, they describe seven procedures applied by the translators, namely *emprunt*, *calque*, *traduction littérale*, *transposition*, *modulation*, *equivalence*, *adaptation*. The first three are a literal substitution, transposition and modulation are a non-literal paraphrasing. These procedures are **reactions on the syntactic level** to the structure in the source text.

Translation is seen as a series of technical translation procedures which can be applied in translation didactics. This has determined decisively the orientation of translation pedagogics in the sixties. Many translation handbooks follow this language-pair model, because it also is a useful instrument for translation evaluation in the classroom. You can determine every deviation from a literal translation by these procedures. The focus in the translation technique is on syntax and sentence level in a language pair, never on whole texts. The interest was to find a logical method to teach translation. But it became clear rather soon that it is not enough to analyze linguistic structures.

9. In view of practice the relationship between the original and the translation in its content and effect are more important. This was the experience of the early bible translators. They wanted to preach the gospel in many languages without changing its content, but then they met many cultural barriers. In order to set a scholarly base for bible translation Eugene A. NIDA developed his *Science of Translating*.

He stated that it is most important that the message be understood. He shifts the focus from formal equivalence, i.e. verse to verse, sentence to sentence, concept to concept, over to **dynamic equivalence**, which aims at complete naturalness of expression, and tries to

relate the receptor to modes of behavior relevant within the context of his own culture.

NIDA calls for a three-phase method: an analysis of the sentences into kernels or basic structures, their transfer, and the reconstruction of the translation, according to stylistic aspects.

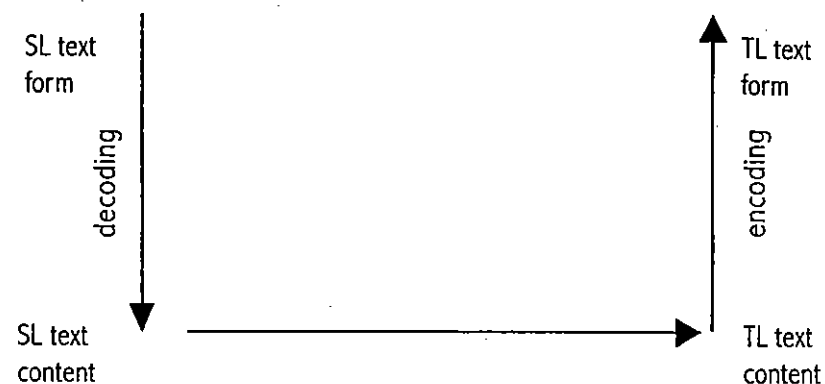


Fig. 3: NIDA's model of translation

Example: In the Bible we often find difficult phrases like *the will of God*, which really means *God wants*, in comparison with *the peace of God*, which does not mean *a peaceful God* but rather *God creates peace*. Such analysis led to new bible translations in the sixties, which were meant to appeal to people of different cultures and the modern young in the Western world.

10. NIDA's "dynamic equivalence" gave new impact to German translation studies. It initiated a big discussion of the term *Äquivalenz*. Werner KOLLER determines "equivalence" as the relationship between a text and its translation. However this relationship must be further determined. He states five **reference points for equivalence**: (1) the *denotative e.* refers to the extralingual facts which should be maintained; (2) the *connotative e.* refers to stylistic, dialectal, sociolectal

etc. connotations of expressions; (3) the *textnormative e.* refers to standards of the respective text genre; (4) the *pragmatic e.* refers to the adaptation to the understanding conditions of the target reader; (5) the *aesthetic e.* refers to aesthetic aspects of individual style to be preserved in the translation. Every time a translation is evaluated one of these points may be assessed. KOLLER sees it as the task of translation science to descriptively determine factors of equivalence in the individual points, with regard to a language pair. He expressly denies any normative rules for translation.

The problem of the term *equivalence* is that its meaning in English and in German are not totally identical. *Equivalence* means something like *correspondence*, while *Äquivalenz* indicates the logical identity of two parts ($A = B$). In German there appeared other words like *Angemessenheit*, *Adäquatheit*, *Gleichwertigkeit*, *Übereinstimmung*, *Korrespondenz*, *sinngemäße Entsprechung*, *Wirkungsgleichheit* etc. Also the term has various meanings in the theories of different authors. As a general rule however we can say that *equivalence* is a term of static, retrospective evaluation. A translation may be "equivalent" in a certain point (word or sentence), or even totally, but we cannot say "I will translate equivalently". There are no benchmarks on how to reach that.

11. In the seventies Linguistics turned towards the text level, **Text Linguistics** was created. Translation Studies also opened itself to questions of the text.

Since NIDA's studies a "text analysis" is considered essential for a translation. The rhematic structure of sentences and texts was analyzed, and the different focusing structures in a language pair with relevance for translation could be discussed, as with HÖNIG & KUSSMAUL in their book *Strategie der Übersetzung*.

Furthermore, the communicative situation determines various text types, and this is of great interest for translation. As there is no

special text type for each new situation, characteristics of text types must also be discernible internally on the text level. Such characteristics may be described and compared with others in a language pair.

Katharina REISS developed a much discussed **text typology** oriented for translation. Departing from the three basic language functions – representation, expression, appeal – she stated three text types, i.e. the *informative text type* is facts-oriented, as is the case of documents, reports, handbooks etc.; the *expressive text type* is sender-oriented, as in literature texts; the *operative text type* is behavior-oriented, as in publicity, propaganda, advertisements etc. Each text has a major function, even if the other language functions are not totally missing. This might determine the method of translation, i.e. more oriented towards the content or towards the original form or towards a persuasive style in the operative text type. This especially is a good model for text evaluation, but not so much as a translation strategy.

12. The orientation towards the structure of texts in their situation opens the view to **pragmatic aspects**. JOHN L. AUSTIN and JOHN R. SEARLE have analyzed speech acts, and this is also important for translation since the translator must recognize the corresponding words like *to warn*, *to baptize*, *to beg*, *to acknowledge*, *to assure*, *to guarantee*, *to promise* etc. in the texts to be translated. Again HÖNIG and KUSSMAUL stress this pragmatic aspect of translation. The illocutionary effect of an utterance is not often very clear, for instance when it is meant ironically, or when a question in reality is a forced statement. Further speech act theory is relevant for legal translation as the contractual clauses are always verbalized in such speech acts.

The translator shall see any sentence in its function as an utterance, not only as a grammatical sentence. Example: *Ich bin fertig* may have the translation *I've had it!* Or *I have finished (my work)*. – At the end of the Olympic Games at Innsbruck in 1976 the organizers showed on the screen: *Auf Wiedersehen in Lake Placid (Até logo na*

Lake Placid) which was meant as a greeting to the next games, and then in English: *Good-bye in Lake Placid*. The translation office had given a literal translation of the sentence, but not of the utterance *Welcome to Lake Placid* or *We'll meet again in Lake Placid*.

13. All these theories had till now concentrated on general language and technical texts. There is another theory regarding literature texts that was initiated in the Low Countries. It is **Descriptive Translation Studies** connected with the authors Theo HERMANS and André LEFEVERÉ. Their point is completely descriptive. They do not apply a certain translation theory on the translation of literary texts, but rather they analyze literature texts the way they are present. Thus one may detect the underlying translation procedures, cultural norms and traditions of translation as well as the impact of translations on the target polysystem. This may also have interesting results in countries where there were colonial regimes. How was the local literature affected by translations of classical works from the mother country? Also one may analyze the translator's attitude towards his translation, for instance in theatre adaptation, or in gender studies. Lawrence VENUTI describes *The Translator's Invisibility* showing that translators always tried to follow the ideal of a "true translation" in order to make the author's voice audible.

14. Later, the analysis of the **discipline of Translation Studies** as such comes on the agenda. It was James HOLMES who as early as in 1972 presented his ideas on *The Name and Nature of Translation Studies*. The latter term took prevalence over the previous terms of *Translation Science* or *Translatology* in English. Translation Studies does not mean the teaching and studying of translation, which is translation pedagogics or didactics.

HOLMES sees Translation Studies as a field of several different study areas; such as theoretical, descriptive and applied studies. All individual study perspectives may contribute to a general, valid theory

of translation and generate new approaches. So there is no overall theory of translation studies, but they represent a **field of studies**. The descriptive part of it shall analyze the process, product and function of translations, and today this is represented by Gideon TOURY (*Descriptive Translation Studies and beyond*). Of course, this descriptive part is closely linked to those literature translation studies mentioned above.

15. Taking up the idea of a field, Mary SNELL-HORNBY in an "integrated approach" defines translation studies as an **interdiscipline**. She denies the harsh distinction between the various relationships of equivalence, translation procedures, text types, true or free translation etc. She sees a "prototypology" in texts: you cannot clearly distinguish between texts; they move on a scale from technical up to literature texts. And therefore we also have to integrate various linguistic disciplines and apply them for the purpose of translation.

Every text includes various dimensions, such as syntax, semantics and pragmatics and shifting focuses in metaphors. There are various perspectives, such as the viewpoint of the speaker, and of the readers and their intention. All these individual aspects have already been analyzed in Linguistics and this should lead to translation studies as an Interdiscipline.

16. A totally new vision of Translation Studies is given by Hans J. VERMEER. He localizes it within the action theory (*Handlungstheorie*). Translation theory is part of action theory, and texts and all translations are acts, and they have a certain purpose. That is why this theory is also called "**skopos theory**". The purpose, the *skopos*, is the decisive factor in translation. This must be determined before anything else, and it determines the structure of the translation. So one and the same text may be translated in two different ways, according to the commission. All comments on translation studies have to take into consideration this activity, the *Handlung*.

That theoretical approach of a *skopos* theory has been applied as “**functional translation**” by VERMEER himself and Christiane NORD. In translating adequately for the function you first of all have to consider the cultural differences. Translation is also **intercultural** (not interlingual) communication. This is something what NIDA already had seen. The consequence is that a translation must imply transformations of the text structure and of its content with regard to cultural differences. In order to decide this, the translator as a person must be “bi-cultural”, he or she must know both cultures and know where there are incongruencies.

Integrating the *skopos* theory they established a **model of the factors of translation** that states the translator as a central “factor”, and then all aspects about the sender, his information, his receptors, the communication act, the original as a text type, and its situation in place and time are mentioned. The same is done for the target text.

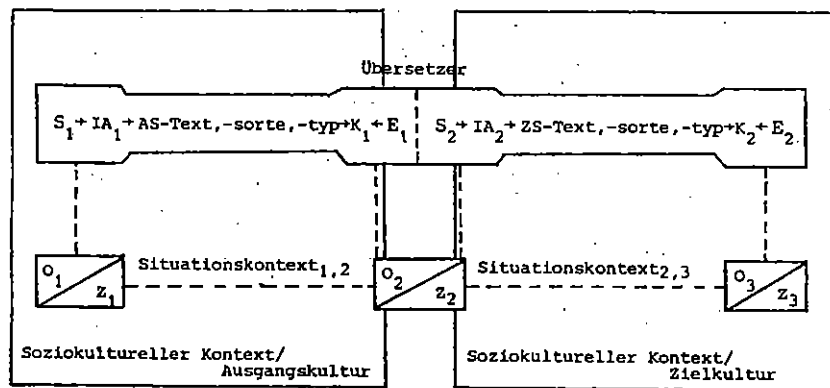


Fig. 4: VERMEER's model of translation

17. A didactic application of the functional translation theory is presented by NORD. Her main point is that in translation pedagogics one should first of all establish a **translation assignment** that determines the function. Then a source text analysis to decide on the maintenance of text structures or cultural adaptation will follow. She

stresses the translator's double loyalty to the source text's author and his intention, and to the target readers and their text function. She discusses several translation problems and develops a scale of difficulty of texts which might help translation teachers to structure their lessons.

18. When we reconsider the various translation theories mentioned till now, we may observe a **shift of focus** from the language system as the expression of a nation's spirit and the language as a communicative system of signs to translation in its relationship to texts. More recently, Translation Studies has also made efforts to structure its field of activities as a scientific discipline.

It is only recently that the translator as a historical person who actually performs translation is taken into consideration. This approach is represented by Fritz PAEPCKE and Radegundis STOLZE. The **Hermeneutic approach** considers the translator's competence. Translation is seen as the process of understanding and formulating a message. Texts are understood as integral entities and are translated as such. A word or an isolated sentence might be ambiguous when taken separately, but it is easily comprehensible when integrated in its context. The translator has the responsible task of mediating between people. Therefore he or she must reflect on the own understanding of a text and control his or her creative formulation of the translation.

STOLZE asks the question, how does the translator think, what are the necessary factors – not of the translation procedure but of translation competence. Hermeneutics sees language as a combination of social phenomena in words and grammar, and of individual aspects of the author's intention. Each text is a multifaceted entity and may only be understood and analyzed as such. Hermeneutics stresses the intuitive understanding, the spontaneous formulation, but not without the critical revision according to **translatoric categories**. STOLZE develops linguistic categories of translation, such as *thematics*, *lexis*, *pragmatics* and *stylistics*. Under the category of thematics the

translator is made aware of the thematic structure in the text, the speaker's perspective, place and time of publication, author and the status of the text. Semantic word fields represent its coherence. Under the category of *lexis* one considers any specialist terminology within the text in view of the differences between natural sciences and humanities. Under the category of *pragmatics* one takes into account the translation's function, sociolinguistic aspects in the addressees, and cultural differences. The category of *stylistics* finally focuses on the style, text type standards and questions of speech rhyme etc. We must reflect our understanding and translation pedagogics could foster sensitivity to some aspects.

19. Finally we might envisage an analysis of the **cognitive ways of thinking**. There were analyses of "think-aloud protocols". Translators had to speak aloud all their ideas in mind, then one could analyze their ways of inferring and combining ideas. Maybe this will help to change translation didactics. Such analyses have been presented by KRINGS and KÖNIGS.

Hans G. HÖNIG pleads for a conscious reflection of the translator's activity, because only the awareness of the methodological basics will lay the ground for a "constructive attitude" in translating. He states that there is an uncontrolled part of our minds, and also a controlled one. The problem is that the controlling section, if there are no critical categories or strategies, often negatively revises the originally positive spontaneous formulation.

Finally, KUSSMAUL published a book on *Training the Translator* with a cognitive base for translation didactics. Its aim is to explore various aspects of the methodology of translation, with a view to **teaching translation**. He sees the translator as a conscious, responsible individual. Translation didactics should help to shape cognitive landscape.

After all we may conclude that translation is a very complicated and responsible activity that requires special training. The pro-

fessional translator will combine language proficiency with subject knowledge and methodological bases.

Bibliography

- AUSTIN, John L. *How To Do Things with Words*. New York, 1962.
- ARROJO, Rosemary. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- BASSNETT-McGUIRE, Susan. *Translation Studies*. London, New York, Routledge, 1991.
- BENJAMIN, Walter. "Die Aufgabe des Übersetzers" (1923). In: STÖRIG, Hans J. (ed.). *Das Problem des Übersetzens*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1969.
- CATFORD, J. C. *A Linguistic Theory of Syntax. An Essay in Applied Linguistics*. London, Oxford University Press, 1965.
- DELISLE, Jean & Judith WOODSWORTH (eds.). *Translators through History*. Amsterdam, Philadelphia, Benjamins, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *La dissemination*. Paris, Seuil, 1972.
- GENTZLER, Edwin. *Contemporary Translation Theories*. London, New York, Routledge, 1993.
- HERMANS, Theo (ed.). *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*. London, Sydney, Croom Helm, 1985.
- HOLMES, James S. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies* (ed. Raymond Vandebroek). Amsterdam, Rodopi, 1988.
- HÖNIG, Hans G. *Konstruktives Übersetzen*. Tübingen, Stauffenburg, 1995.
- HÖNIG, Hans G. & KUSSMAUL, Paul. *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch* (4th ed. 1996). Tübingen, Narr, 1982.
- KADE, Otto. *Zufall und Gesetzmäßigkeit in der Übersetzung*. Leipzig, VEB Verlag Enzyklopädie, 1968.

- KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 4th rev. ed., Heidelberg, Wiesbaden, Quelle & Meyer, 1992.
- KÖNIGS, Frank G. "Übersetzungsdidaktik und Psycholinguistik. Gedanken und Befunde zu einer ebenso zwangsläufigen wie notwendigen Verbindung." In: KÖNIGS, Frank G. (Ed.): *Übersetzungswissenschaft und Fremdsprachenunterricht. Neue Beiträge zu einem alten Thema*. München, Goethe-Institut, p. 147-178, 1989.
- KOSCHMIEDER, Erwin. "Das Problem der Übersetzung" (1965). In: WILSS, Wolfram (Ed.): *Übersetzungswissenschaft*. Darmstadt, Wiss. Buchgesellschaft, p. 48-59, 1981.
- KRINGS, Hans P. *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht. Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern*. Tübingen, Narr, 1986.
- LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London/New York, Routledge, 1992.
- MOUNIN, Georges. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris, Gallimard, 1967.
- NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. London, New York, Prentice Hall, 1988.
- NIDA, Eugene A. *Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Leiden, E. J. Brill, 1964.
- NORD, Christiane. *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*. Heidelberg, Groos, 1988.
- NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity. Functionalist Approaches Explained*. Manchester, St. Jerome Publishing, 1997.
- PAEPCKE, Fritz. *Im Übersetzen leben – Übersetzen und Textvergleich* (ed. K. Berger and H.-M. Speier). Tübingen, Narr, 1986.
- REISS, Katharina. *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operative Text*. 3rd ed., Heidelberg, Groos, 1976.

- REISS, Katharina & Hans J. VERMEER. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen, Niemeyer, 1984.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale* (ed. Charles Bally). Paris, Payot, 1916.
- SNELL-HORNBY, Mary (ed.). *Übersetzungswissenschaft – Eine Neuorientierung*. Tübingen, Francke, 1986.
- SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies. An Integrated Approach*. Amsterdam, Philadelphia, Benjamins, 1988.
- STOLZE, Radegundis. *Hermeneutisches Übersetzen. Linguistische Kategorien des Verstehens und Formulierens beim Übersetzen*. Tübingen, Narr, 1992.
- STOLZE, Radegundis. *Übersetzungstheorien. Eine Einführung*. 2nd rev. ed., Tübingen, Narr, 1997.
- TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia, Benjamins, 1995.
- VERMEER, Hans J. *A skopos theory of translation (Some arguments for and against)*. Heidelberg, Textcontext Verlag, 1996.
- VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility. A history of translation*. New York, Routledge, 1995.
- VINAY, Jean-Paul & Jean DARBELNET. *Stylistique comparée du français et de l'anglais. Méthode de traduction*. Paris, Bibliothèque de styl. comp., 1958.
- VINAY, Jean-Paul & Jean DARBELNET. *Comparative Stylistics of French and English: A methodology for Translation* (transl. and ed. J. C. Sager & M.-J. Hamel). Amsterdam/Philadelphia, Benjamins, 1995.
- WEISGERBER, Leo. *Von den Kräften der deutschen Sprache*. Vol 1 – 4. Düsseldorf, Schwann, 1950.
- WHORF, Benjamin L. *Language, Thought and Reality*. Cambridge/Mass., Univ. Press, 1956.

WILSS, Wolfram. *The Science of Translation*. Tübingen, Narr, 1982.

WILSS, Wolfram. *Kognition und Übersetzen. Zu Theorie und Praxis der menschlichen und der maschinellen Übersetzung*. Tübingen, Niemeyer, 1988.

WILSS, Wolfram. *Übersetzungsfertigkeit. Annäherungen an einen komplexen übersetzungspraktischen Begriff*. Tübingen, Narr, 1992.

ZIMA, Peter V. *Die Dekonstruktion*. Tübingen, Francke, 1994.

O TRABALHO FILOLÓGICO NA TRADUÇÃO: CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS TRADUÇÕES DO MÉDIO ALTO-ALEMÃO PARA O PORTUGUÊS

Mário Eduardo Viaro*

Abstract: This paper discusses the question of how Translation Theory and German Philology can be helpful to each other. It starts with some general observations on the history of the German Language with special emphasis on Middle High German. In the second part, a Middle High German poem is translated into Portuguese.

Keywords: Translation; Middle High German; Germanic Philology.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz diskutiert die Frage, in welchen Punkten Übersetzungstheorie und deutsche Philologie sich gegenseitig unterstützen können. Er beginnt mit einigen generellen Beobachtungen zur Geschichte der deutschen Sprache mit besonderer Berücksichtigung des Mittelhochdeutschen. Im zweiten Teil wird ein mittelhochdeutsches Gedicht ins Portugiesische übersetzt.

Stichwörter: Übersetzung; Mittelhochdeutsch; Germanische Philologie.

Palavras-chave: Tradução; Médio Alto-Alemão; Filologia Germânica.

1. Introdução

A Tradução pode ser considerada, do ponto de vista histórico, como a atividade prática que levou o ser humano, por meio da *parole* dos clássicos e dos textos sacros, a se conscientizar cada vez mais do do sistema de sua própria língua. Isso culminará na chamada fase

* O autor é doutorando de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Filologia Românica, da USP. Endereço do autor: R. Bela Cintra, 283, ap. 11, CEP 01415-000 – São Paulo, SP.

“científica” da Filologia, que começa no séc. XIX, em oposição à muitíssimo mais longa fase denominada “especulativa”. Bem antes da descoberta do sânscrito e das primeiras obras de Rasmus Rask e Franz Bopp, contemplavam-se as semelhanças e diferenças entre as línguas. Esse fato fica já muito claro nas traduções do Pai Nosso para todas as línguas do Globo, processo iniciado desde o séc. XVI, por um lado, como conseqüência natural das propostas e intenções da Contra-Reforma e das Companhias Jesuítas, e, por outro, pelo fascínio dos leigos que subiam aos cargos do ensino universitário face a um número quase infinito de línguas que iam surgindo do Novo Mundo: Hervás, Panduro, Adelung, Vater e tantos outros. O amadurecimento proporcionado pelos séculos, apesar de não apresentar sempre um constante progresso (pelo contrário, há muitas idas e vindas, nesse processo de compreensão da Linguagem), fez o Homem do séc. XX conscientizar-se de que uma tradução não é uma mera troca de etiquetas de determinados frascos. Muitas vezes, o tradutor precisa dar nome àquele movimento informe que se lhe depara em meio a uma neblina, cujas cores e contornos mal se conseguem distinguir. E a dificuldade de reconhecer esses contornos era diretamente proporcional à distância cultural e temporal em que o fenômeno a ser compreendido se encontrava. Um dos muitíssimos instrumentos de que a Tradução pôde e pode, ainda hoje, se valer, por ser essencialmente interdisciplinar, é a Filologia.

A Filologia tem muita semelhança com a Tradução. Em primeiro lugar, uma edição crítica definitiva de um trabalho ecdótico é tão impossível de ser feita quanto uma tradução definitiva. Se é verdade que há uma sólida técnica que distingue uma edição técnica de outras edições ou uma tradução “profissional”, de uma tradução feita por alguém que desconheça por completo os conceitos básicos do que venha a ser uma tradução, também não é uma inverdade dizer que ambas as técnicas se baseiam na interpretação, que é pessoal e intransferível. Resumindo: ao lado das técnicas e universais que definem a *essência* de ambos trabalhos, no caso da edição crítica, o estabelecimento dos manuscritos, o estema etc., na tradução, a definição do original, o objetivo a ser atingido, as línguas de partida e de che-

gada, há o elemento humano de quem as realiza, que definirá a sua *excelência*. Assim, essa excelência só se atinge por uma argumentação coesa e coerente e só por ela se consagra que essa ou aquela edição crítica ou tradução é boa ou a melhor. Exatamente nesse ponto, a ecdótica se mostra um passo à frente, pois é inconcebível uma boa edição crítica sem essa argumentação, encarnada no frio *aparato crítico*, onde se podem ver as discrepâncias entre os manuscritos e, ao mesmo tempo, abre margem para que o leitor discorde e crie a sua variante. Em Tradução, o máximo que se encontra são notas de rodapé, essenciais, pois mostram o trabalho do tradutor e as dificuldades oferecidas pela tradução de uma ou outra passagem. Se essas notas são essenciais, como dito, elas são, entretanto, igualmente odiadas pelo editor ou até mesmo evitadas pelo tradutor, que prefere eximir-se ou ficar anônimo. Parece sintomático observar que a margem para o questionamento se torna maior em traduções que acompanham o texto original.

Em segundo lugar, a Tradução e a Filologia se completam na transmissão do significado, uma vez que a Filologia dá base para a teoria da Tradução, quando afirma que o arquétipo, o original último, é um construto e, por conseguinte, não existe como entidade física. Se existisse, todo trabalho ecdótico não teria razão de ser. Assim, sobre centenas de cópias medievais de um texto de Cícero, monta-se um estema lachmanniano, separam-se as lições mais plausíveis, forma-se, assim, um esboço do que teria sido o original do séc. I a.C. ou o que sobrou dele. O mesmo faz o tradutor quando se pergunta “que quer o autor dizer com isso?”, buscando encontrar elementos de coesão e dando, muitas vezes, inversamente, subsídios ao filólogo no que se refere à busca de uma coerência interna do texto. Ambos são trabalhos de construção de sentido e o conhecimento intertextual é indispensável. Quando se traduz um texto estabelecido pela edição crítica, torna-se fácil ver como a Verdade se distancia e como é ainda ingenuamente perseguida por árdios defensores da “tradução fiel”.

Em último lugar, tanto a Tradução como a Filologia trabalham com a visão multifacetada da língua, diferentemente da Lingüística

Estruturalista ou da Gramática Normativa. A Linguística pós-saussuriana trabalha sobre o sistema sincrônico e, de certa forma, imutável, pois uma mudança qualquer acarretaria na formação de outro sistema. A Gramática Normativa trabalha também sobre um construto: um sistema anacrônico inclui autores muito distantes no tempo e espaço, como Camões e Graciliano Ramos. Sobre esse cânone forma seu sistema ideal, permeado de julgamentos de valor, o que a caracteriza. Tanto a Tradução como a Filologia trabalham com aquilo que Saussure chamaria de *parole*, ou seja, estão diante de atos de fala. A língua para elas nunca é ideal ou estática, mas sempre variadíssima. Esse é o motivo pelo qual os estudos de Dialetoлогия surgiram muito antes da fundação da Linguística Moderna, no bojo da própria Filologia, pois tanto a documentação escrita como os atos de fala dialetais são, no fundo, manifestações de uma língua única e multiforme, que é vista como instituição e não como sistema de signos abstratos, e portanto, pancrônica. Por outro lado, devido a esse objeto de estudo lato, tanto do filólogo como do tradutor cobra-se o conhecimento da Língua como um Todo e não apenas de um de seus muitos subsistemas, aumentando-lhes a responsabilidade.

Nesse último aspecto, diferenciam-se os dois estudos por mera questão de tradição: normalmente, um tradutor de etapas modernas de uma língua não se acha preparado para traduzir etapas mais antigas, ou vice-versa. O problema aqui é mais de instrumentação do que propriamente de especialização, e é isso que será apresentado a seguir.

2. O médio alto-alemão

O período do médio alto-alemão é colocado entre 1050 e 1350, manifestando, portanto, características que o diferenciam do antigo alto-alemão já no séc. XI. O médio alto-alemão é, desde o início, bastante dialetizado, de modo que não se pode falar dele como um sistema, no sentido de Saussure, mas como um conjunto de sistemas. Para o tradutor, a aceitação desse caráter fugidio e diverso é, por si

só, já um trabalho e, diga-se de passagem, não muito fácil, uma vez que a visão ocidental tem uma tradição de interpretação com bases fortemente idealistas (remontando a Platão) e, por outro lado, racionalistas e axiomáticas (novamente, com a base grega de Aristóteles), ambos redutores a elementos mínimos. Acresça-se ainda, a título de reforço dessas interpretações, a concepção monoteísta ocidental, em que diz que só há Um. Se houver um Outro, esse Outro ou faz parte do Um (daí a Trindade) ou simplesmente é totalmente falso, e portanto, não existe ou não merece atenção. Contrariamente, um hindu politeísta pregaria simplesmente que o Outro é apenas Mais Um, convivendo muito mais facilmente com a diferença, seja ela religiosa, lingüística, seja em outros aspectos mais práticos da vida.

Quanto à fragmentação dialetal do médio alto-alemão, não se deve pensar que nele reina o caos. Muito pelo contrário, a necessidade reducionista ocidental, movida pelo racionalismo e pelo idealismo, encontrou espantosas regularidades entre os fenômenos lingüísticos e foi isso o que atraiu os primeiros estudiosos. Esses fenômenos podem ser de variada ordem: as regras fonéticas e a confluência de formas morfológicas estão em primeiro lugar. A semântica, menos visível, entrou em outros momentos, posteriores, como a dialetoлогия ou a onomasiologia. Ao mesmo tempo que se fazia o trabalho de comparação, surgiam outros de reconstrução (de sons, sentidos, palavras e até mesmo sistemas lingüísticos inteiros) e interpretação.

Assim, em contraste com o alto-alemão moderno, o médio alto-alemão parece ter “peculiaridades”, se visto sincronicamente:

1. A grafia, mesmo a das edições críticas, difere essencialmente, havendo inclusive letras e diacríticos estranhos (â, ê, ê, î, ô, û, 3, Æ, Œ). Muitas vezes, essa grafia não revela novos sons, assim, *iu* representa o moderno som *ii*; já *ei* deve ler-se como /EI/, não como em alemão moderno /ai/.
2. A própria fonologia difere: há uma diferença fonológica entre o som fricativo dorso-alveolar /s/, grafado S, que se tornará

sonoro (mas mantido em alguns dialetos, como na Suíça) e um som áptico-alveolar /s/, grafado Z ou, mais propriamente, 3, que originará as atuais grafias *ss* ou *ß*. A reconstrução nos diz, por exemplo, que o grafema *ch* deveria se ler sempre /x/, como em *Bach*, mesmo depois de sons palatais, e nunca como *ich* (como ainda se diz na Suíça).

3. A morfologia é diferente. Assim, o artigo definido feminino no nominativo singular é *diu* e no acusativo, *die*; no plural, o neutro, tanto no nominativo como no acusativo, se diz *diu*, enquanto o masculino e o feminino nos mesmos casos é *die*. Essas distinções já não existem. O numeral 2 também concordava em gênero, sendo *zwêne* a forma do masculino, *zwô*, a forma feminina e *zwei*, a forma neutra.
4. O léxico é profundamente diferente. Como se sabe, é o elemento menos conservador nos sistemas lingüísticos, refletindo o ambiente social da época.
5. A sintaxe não está ainda tão rigidamente fixada; assim, verbos em orações subordinadas nem sempre estão no fim da frase, e adjetivos nem sempre estão antepostos ao substantivo a que se referem.

É preciso ainda informar que o médio alto-alemão, em nenhum momento, pode ser visto como objeto independente, pois é um elo entre o moderno e o antigo alto-alemão (que por sua vez, o é do germânico ocidental, ligado ao germânico comum, como variação do indo-europeu). Assim, ainda hoje, resquícios de *zwo* aparecem na língua falada (sobretudo quando se diz números de telefone, placas etc.) e alguns dialetos possuem ainda hoje a distinção em três gêneros para o numeral 2: no Mauermer Mundart, região do Pfalz, há a diferença entre *zwee Mannsleut* “dois homens”, *zwu Weiber* “duas mulheres” e *zwa Kinner* “duas crianças” (BRÄUTIGAM & LEHR 1981: 64). Isso demonstra o caráter pancrônico desse estudo. Ainda sobre o exemplo do numeral 2, podemos fazer um movimento até a origem

dos tempos, como um batiscafo que mergulha na informação disponível da Língua, entendida como instituição e não como sistema:

Moderno Alto-alemão:

Nom + Ac.	zwei (às vezes zwo)
Gen.	zwei ou zweier
Dat.	zwei ou zweien

Médio Alto-alemão:

Nom + Ac.	zwêne (masc.)/ zwô (fem.)/ zwei (neutro)
Gen.	zweiger
Dat.	zweien

Antigo Alto-alemão:

Nom + Ac.	zwêne (masc.)/ zwô (fem.)/ zwei (neutro)
Gen.	zweio
Dat.	zweim

Vendo a língua como esse elo, o tradutor não se surpreenderá se seu texto em médio alto-alemão tiver elementos que são conservados do antigo ou que apontem para o moderno. Além disso, estabelece a rede que colocará o alemão no quadro das línguas germânicas, assim a forma *zwô* remontaria a um germânico **two*, uma vez que pela segunda *Lautverschiebung* de Grimm (que diz que oclusivas surdas do germânico comum se tornam africadas no alto-alemão), um *t* germânico passa a *z* apenas no alto-alemão, enquanto outras línguas germânicas mantiveram o *t*: assim, inglês *two* (do anglo-saxão *twêne*, *twô*, *twê*, com os três gêneros correspondentes), gótico *twai*, *twôs*, *twa*; holandês *twee*, *two*; islandês *tveir*, *twæ*, *twö*; sueco *två*. Podem citar-se ainda outros exemplos: o germânico **tehun* passa ao alto-alemão *zehan*, depois *zehn*, enquanto inglês diz *ten*; **tanþ* torna-se *zand*, e depois *Zahn*, mas em inglês, *tooth* (a letra *þ*, presente ainda hoje no islandês, é sobrevivência de uma runa que representa o mesmo som interdental

surdo *th* do inglês, sistematicamente transformado em *d* no alto-alemão). Se a investigação quiser ir até o fundo das informações, chegaremos ao indo-europeu, onde o *t* dessas línguas germânicas vem de um *d*, através da primeira *Lautverschiebung* (que diz que as oclusivas sonoras indo-européias se tornam surdas no germânico comum), assim temos o indo-europeu **dwōd*, donde saem também o latim *duō*, o grego *dúo*, o sânscrito *dvā*, o eslavo *dva*, o lituano *dù* etc. etc. O fascinante nessas derivações fonéticas é a incrível regularidade das mudanças fonéticas, assim o mesmo *d* que passa a *t* nas línguas germânicas permanece nas outras línguas. Quanto aos exemplos acima, o germânico **tanþ* vem do indo-europeu **dont-* (com mudança regular de *o* para *a*, dessa mesma raiz extraem-se facilmente lat. *dent-is* e grego *o-dont-os*, ambos no genitivo) e o germânico **tehun*, vem do indo-europeu **dekm* (donde lat. *decem*, pronunciado “dekem”, grego *déka*).

Semanticamente, as surpresas não são menores, uma vez que, continuando a história do numeral 2, pode-se ver que a atual preposição *zwischen*, nada mais é que uma derivação do numeral *dois*, pois em antigo alto-alemão *unter zwiskên* significava “entre dois” (com a mudança regular de *sk* para *sch*), ou seja, diacronicamente, o étimo de uma preposição pode ser um numeral, daí ser fácil entender porque ainda hoje *zwischen* é “entre dois”, enquanto *unter* significa “entre muitos”.

Esse tipo de informações, longe de serem inúteis para um tradutor de textos antigos (ou até mesmo modernos, não necessariamente dialetais), apontam para uma direção da reconstrução do sentido, que deve ser feita não só entre os elementos coocorrentes, mas também com os de uma camada abaixo, proporcionando uma *leitura vertical* do texto.

3. Um exemplo

Tomando por base o texto que está no apêndice, podem-se acusar várias atuações do trabalho filológico no trabalho de tradução.

Trata-se de um manuscrito do séc. XIII ou XIV, em dialeto *Allemanisch*, provavelmente de Straßburg ou imediações. O título *Zum Schlaraffenlandt* (sobre o país da Cocanha) parece não ser aplicado aqui com propriedade, mas acrescentado posteriormente, já que o texto versa sobre uma série de mentiras, contadas aparentemente por duas pessoas, como se vê ainda hoje nos *desafios* de repentistas ou em brincadeiras como as que dizem “*Você não sabe o que que eu vi / lá em cima daquele morro / cinco metros de lingüiça / correndo atrás de um cachorro*” ou em inglês “*I saw the hare chase the hound / forty miles above the ground*”. A rima parece dar ensejo ao outro, que deve contar uma mentira ainda maior, por ex.

do sach ich ein jung esel vei	Então vi um burro novo bem alimentado
mit sinre silberinen nasen	Com seu nariz prateado
jagen zwêne snell hasen	Caçar duas rápidas lebres
unde eine linde, diu was breit	E uma tília, que era larga
deruffe wuohsen fladen heiz	Sobre a qual cresciam bolos quentes

Ao que o outro responderia, rimando com a última palavra:

do sach ich ein viel böese geiz	Então vi uma cabra muito ruim
---------------------------------	-------------------------------

Tipologicamente determinado, aparecem outros problemas de ordem técnica e que só podem ser resolvidos por uma atuação filológica. Assim, é necessário reconstruir o texto, do ponto de vista lingüístico, e contexto, do ponto de vista histórico e geográfico. A reconstrução do cenário de fome e peste, durante o séc. XIV, pode nos dar um índice para a sublimação da imagem da “tília que fornece bolos” e para tantas outras desse país da Cocanha, como a de não ser necessário esfalfar-se para obter o pão de cada dia, pois as leitoas já andavam assadas e com uma faca espetada nas costas e que bastaria arrancar um pedaço e meter de novo a faca no lugar, ou então que nem era necessário caçar, pois as pombas, assadas, entram por si só na boca das pessoas. As razões e o cenário em que o texto se inclui são tarefas da História e também o como da transmissão de textos com o mesmo assunto nos diferentes países europeus.

Do ponto de vista lingüístico, o poema em si traz problemas para a tradução, que serão enunciados:

1. Problemas pontuais, ou seja, o que significa essa ou aquela palavra? Esse tipo de problema está relacionado com a função referencial da linguagem, se for usada aqui a clássica distinção de Jakobson, que se serviu da mesma fonte Bühleriana que Reiss em sua tipologia (GENZLER 1993:71).
2. Problemas de estratégia de tradução, ou seja, uma vez resolvidos os problemas pontuais, em que linguagem a tradução será transmitida e em que forma? Nesse momento, uma vez que o texto está sendo “dado a público” e não se trata de um processo de intertextualidade, pois, em geral, tal tipo de texto é desconhecido, pode-se pensar numa parcimoniosa intervenção do tradutor, isto é, não acrescentar uma função emotiva à já existente no texto de partida. Não se deve interpretar, todavia, que se possa ingenuamente ser “fiel” ao texto *stricto sensu*, mas é possível ser coerente à prática filológica que garante determinados resultados, na medida em que ela também disponha de respostas às questões levantadas. Por outro lado, o público-alvo esperado seriam pessoas de nível universitário que conheçam algo da produção da época, e esse público pode ser construído pelo mesmo texto, uma vez que não se traduz apenas para quem já conhece o texto, mas para que o futuro leitor possa *vir a ser* um potencial interessado no assunto. Justificar-se-ia uma tradução mais “próxima do original”, no sentido mais amplo que essa expressão possa ter, pois é parte de uma tradição desconhecida, que não permite grandes intertextualidades. Além disso, não raro os processos de “atualização do conteúdo” implicam uma banalização de expressões usadas pelo senso comum. Da mesma forma, pensando no outro extremo, uma adaptação da língua de chegada para a época da produção, ou seja, traduzir o texto para o português do século XIV e dizer, por exemplo, para o subtítulo, “*açerca dos mintjreyros*”, não faria sentido, pois ignoraria o leitor e também implicaria em acúmulo de er-

ros. Isso fizeram, deliberadamente, muitos tradutores no passado, como Morris, Carlyle, Newman (BASSNETT-McGUIRE 1992: 67ss.). A tradução, como a edição crítica e diferentemente da edição diplomática, tem a função de facilitar a leitura e nem sempre conserva separações peculiares, reprodução de incoerências ortográficas, erros evidentes, uma vez que agem *em pro do leitor* e o texto deve ser *reader friendly*, parodiando aqui a expressão da Informática, isso tudo sem subestimar o leitor ou nivelá-lo por baixo.

3. Problema da natureza do texto de partida. O fato de se tratar de um texto rimado e com aliterações traz um sério problema, pois acrescenta-se a função poética às duas anteriores. Aqui, exige-se uma postura do tradutor. Ou não se recuperam as rimas ou é preciso de alguma forma trazê-las de volta, no texto de chegada. A primeira opção poderia ter a justificativa exposta no item anterior, tornando-a desnecessária, mas a própria estrutura tipológica implicaria uma perda do reconhecimento do *desafio* já levantado. A solução é o jogo compensatório entre perda e aquisição dos elementos integrantes no poema. Curiosos são os casos de rima quebrada, e se a hipótese do desafio está certa, há intervenção de censura ou intenção de provocar riso, como em frases (de gosto perfeitamente questionável, diga-se de passagem) que dizem “*Raimunda era feia de cara, mas boa de papo*”, sugerindo cacofonia ou palavra-tabu. Seria necessário verificar em um dicionário de rimas do alemão medieval a validade dessa segunda hipótese e, se provada, caberia ao tradutor trazer à língua de chegada elementos que compensem essa vivacidade, o que muitas vezes se perde na tradução de textos antigos.
4. Outras funções são inexistentes (como a metalingüística) ou reduzidas a segundo plano (como a fática e a conativa) e podem, portanto, ser descartadas.

Tomemos agora um pequeno excerto:

Ich sach eins males in der affen zît	Vi uma vez no tempo dos tolos
an einem kleinen sîden vaden	Num pequeno fio de seda
Rome und Latrane tragen	Carregarem Roma e Latrão
und einen fuozelosen man	E um homem sem pé
loufen fur ein snelles pfert	Correr na frente de um cavalo rápido
do sach ich ein vil bæsez swert	Então vi uma espada muito ruim
houwen eine slegebrucke enzwei	Cortar em duas uma ponte levadiça
do sach ich ein jung esel vei	Então vi um burro novo bem alimentado
mit sinre silberinen nasen	Com seu nariz prateado
jagen zwêne snell hasen	Caçar duas rápidas lebres

Quanto aos problemas pontuais, pode-se utilizar de tudo que já foi dito e fazer as seguintes considerações adicionais:

- a) A forma *ich sach*, atual *ich sah*, provando que o *h* era pronunciado inicialmente, como resquício do som velar *ch*. No nosso salto em profundidade, encontraremos que o verbo *sehen* vem do germânico *sehwa* “ver” da raiz indo-européia **sekw-* que quer dizer “seguir”, portanto, “seguir com os olhos” (vide latim *sequor* e daí, palavras como *seqüência*, em português). A mudança de *k* para *h* é prevista na primeira Lautverschiebung (confrontem-se inúmeros exemplos como lat. *cord-is* e alemão *Herz*; lat. *cornu* e alemão *Horn*, lat. *caput* e alemão *Haupt* etc.). Conscientemente evitar-se-á a leitura *sach* como algo relacionado com *Sache*, que tem outra origem.
- b) A forma *zît*, atual *Zeit*, mostra que a ditongação aparece em muitas outras palavras do texto, logo abaixo *sîden* por *Seide*, também *ou* e *û* confluem no ditongo *au* (*loufen* por *laufen*, *houwen* por *hauen*, *ûf* por *auf*, *tûben* por *Tauben*; *ûz* por *aus* etc.). Essas formas não ditongadas aparecem ainda em muitos dialetos do Sul. Incluem-se aqui também *iu*, que se torna *eu*, *âu* (*miuse* por *Mäuse*). Inversamente, *uo* se monotonga (*fuozelos* por *fußlos*).
- c) A forma *affen* significando “tolo” depreende-se também de indícios. Inicialmente do próprio vocábulo *Schlaraffenland* ou ex-

pressões do alemão moderno como *jemanden zum Affen machen*. No médio alto-alemão, há também *affenheit* “bobagem”, *affenlich* “idiota” (também com as formas *effenlich*, *affehtic*, *affëht*) e o verbo *affen* “fazer de bobo” (às vezes *effen*).

- d) A ortografia de *vaden* reflete a forma moderna *Faden* praticamente sem mudança, a não ser que pelo fato de a vogal breve ter-se alongado. Logicamente a diferença entre *pfert* e o atual *Pferd* é puramente ortográfica, idem *-c* em vez de *-k* ou *-g* (*truoc* por *trug*, *wërc* por *Werk*);
- e) A preposição *fur*, que originou *für*, tem aqui um sentido espacial “na frente de”. Por muito tempo, *fur* e *vor* eram simples variantes e podiam ter valores espaciais, temporais, causais ou finais, mas apenas no séc. XVIII, artificial e normativamente, estabeleceu-se que somente *für* pode ter os valores abstratos e *vor*, os concretos. Dialetalmente, a confusão continua, mas resquícios desse período de indiferenciação resistem (cf. *Fürwort*, decalque do latim *prae-positio* e depois, para *pro-nomen*). Curiosamente, nas línguas românicas, as diversas preposições latinas com a idéia de “na frente de” também acabam se confundindo. Assim *pro*, *prae*, *per*, têm a mesma origem, acabam por misturar-se (no português *por*, mas *per+lo* origina *pelo*, já o italiano e o catalão só têm *per*; o francês distingue ainda *par* e *pour*). Mudança de sentido se vê também em *vil bæsez* em vez de *sehr schlecht*, curiosamente com valores muito próximos ao das línguas românicas, onde “muito” se traduz por *sehr* ou *viel*, e “ruim” por *schlecht* ou *böse*.
- f) Sintaticamente observa-se que a presença ou ausência de terminações do adjetivo neutro ou plural ao lado do substantivo está bastante instável: *ein snelles pfert*, *ein vil bæsez swert*, *ein jung esel vei*. Nesse último exemplo (talvez por razões métricas), há a posição posposta do adjetivo. A sintaxe não equivale ainda totalmente à do alemão moderno, mas já não é tão livre como no antigo (*eine linde*, *diu was breit* por *eine Linde*, *die breit war*);

- g) O primeiro elemento da palavra *slegebrucke* sofre metafonia, de *slage-*, donde se reconhece facilmente *Schlag* (cf. inglês *sleep* e alemão *schlafen*).
- h) Resquícios de muitas declinações do antigo alto-alemão aparecem aparecem obscurecidos no médio alto-alemão, assim, os antigos temas em *-a*, *-i*, *-ja*, *-u*, *-wa*, *-ô*, *-î*, *-n* vão paulatinamente ou desaparecendo ou se tornando *-e* ou *-en*, além de criações analógicas, como o plural em *-er*. A forma *nasen*, da antiga declinação feminina em *-ô* (germânico **nasô*), usada muitas vezes no plural, como no português antigo “os narizes” (por metonímia, ou seja, referindo-se às duas narinas).

Quanto aos problemas levantados no item 2 acima, vale a tradução que está presente no apêndice. No entanto, se for necessário um resgate da rima, como apontado no item 3, todo um trabalho de reelaboração partindo dessa tradução (ou seja, necessariamente *depois* da reconstrução filológica do sentido) se faz necessário. O mesmo trecho acima levantado, poderia, por exemplo, ser traduzido da seguinte forma:

Ich sach eins males in der affen zît	Certa vez, no tempo dos tolos, eu vi
an einem kleinen sîden vaden	carregarem num pequeno cordão
Rome und Latrane tragen	de seda, Roma e Latrão
und einen fuozelosen man	e um homem sem pé
loufen fur ein snelles pfert	correr na frente de um ginete
do sach ich ein vil bæsez swert	Já eu vi ainda um canivete
houwen eine slegebrucke enzwei	cortar uma ponte levadiça
do sach ich ein jung esel vei	E eu vi uma mula roliça
mit sinre silberinen nasen	com seu prateado focinho
jagen zwêne snell hasen	caçar dois rápidos coelhinhos

Apresentou-se, nessa última versão, uma disposição visual que possibilite reconhecer o desafio, criando-se espaços entre as falas e o uso do travessão. Também se pode falar de uma *pontuação lingüística*, pois se incluíram partículas como a conjunção aditiva *e* ou a pala-

vra *já*, o pronome relativo *eu* é propositalmente traduzido. Rimar-se-iam, segundo esse esquema, apenas os versos que estão rimando também na língua de partida. A substituição vocabular se faz necessária para a aquisição da rima e o jogo de compensações entra em questão. Assim, *swert* (a espada) se torna *canivete*, perdendo um elemento importante da reconstrução do ambiente de época do poema, imediatamente *pfert* compensa a perda, sendo traduzido não por *cavalo* mas como *ginete* “cavaleiro armado de lança e adaga”, segundo a acepção antiga. Exemplos parecidos seriam o peculiar bolo (de mel) *fladen*, o ato de se *ordenar um bispo*, ou ainda o *fuoder*, unidade de medida que equivaleria à quantidade de uma carroça, e vocabulário de campo, como *geiZe* (a rabiça, ou seja, o braço do arado), *dreschen* (dar golpes de malha para debulhar) etc. Também *esel* torna-se, não *burro*, mas *mula*, a fim de gerar um adjetivo feminino, *roliça* (mais expressivo que *bem alimentado*) que rime com *levadiça*. A inversão vista em *esel vei* pode compensar-se mais abaixo, em *seu prateado focinho*.

Fazendo uso desses jogos compensatórios, chega-se a uma curiosa e até intrigante conclusão: na busca de compensações, muitos elementos que ficavam em segundo plano ou eram mesmo ignorados (como a posição do adjetivo ou a rima quebrada) numa tradução mais literalizante emergem e ficam em primeiro lugar, e essa recuperação de formas torna-a, em certos aspectos, mais “fiel” ao texto de partida. Essa conclusão surpreendente bota por terra a concepção ingênua de tradução “fiel” como a que “traduz sem perder nada do texto da língua de partida”. Aqui, a “fidelidade”, pelo contrário, está de certa forma aliada à estética e, por causa dela, consegue recuperar fatos que uma tradução puramente “referencial” jamais recuperaria, provando que não há de fato, senão didaticamente, dois tipos estanques e facilmente diferenciáveis de tradução. Com isso não se quer voltar à idéia de Schleiermacher do *Geist der Sprache*, porque não está sendo construída uma língua artificial *de* tradução, pois essa preocupação não está no código, mas na *poeticidade da mensagem*. A técnica da *Verfremdung* pode servir como uma técnica possível, jamais como a principal e, sem dúvida, perfeitamente injustificada se o texto de

partida não causa estranheza no contexto em que está situado (KOLLER 1992: 49). É verdade que, muitas vezes, os trabalhos de transposição e reconstrução nem sempre são executados com a mesma obsessão ou, até, com o mesmo cuidado por diferentes tradutores, e é até compreensível, uma vez que não há mesmo uma técnica única a ser imposta, senão olhar a palavra por todos os seus ângulos, sentir a sua dimensão física (textura, odor, sabor) e transcendente, enfim, nunca perdê-la de vista, nem mesmo quando a substituimos por outra de conteúdo completamente diferente do da língua de partida, pois muitas vezes o vínculo, quer metafórico, quer metonímico, quer sinestésico, quer ainda de outra ordem, se apresenta mais importante que a “transferência de etiquetas”, se isso de fato é mesmo possível.

Referências bibliográficas

- AUBERT, F.H. *(In)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas, Unicamp, 1993.
- BASNETT-McGUIRE, S. *Translation studies*. London/New York, Routledge, 1992.
- BRAUNE, Wilhelm. *Althochdeutsche Grammatik*. Tübingen, Max Niemeyer, 1987.
- BRÄUTIGAM, KURT & LEHR, Rudolf. *Landuff, landab: lebendige Mundart von der Pfalz zum Taubergrund, vom Main zur Murg*. Karlsruhe, Badenia, 1981.
- BUNSE, Heinrich A.W. *Iniciação à filologia germânica*. Porto Alegre, Ed. Universidade, 1983.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Rio de Janeiro, Presença, 1979.
- GENTZLER, Edwin. *Contemporary translation studies*. London/New York, Routledge, 1993.
- KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Berlin, Walter de Gruyter, 1989.

- KOLLER, W. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg, Quelle & Meyers, 1992.
- KÖNIG, Walter. *DTV-Atlas zur deutschen Sprache*. München, DTV, 1978.
- KRAHE, Hans. *Indogermanische Sprachwissenschaft*. Vol. 1, Berlin, Walter de Gruyter, 1951.
- KRAHE, Hans. *Germanische Sprachwissenschaft*. Berlin, Walter de Gruyter, 1963.
- LEXER, Matthia. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. Stuttgart, Hirzel, 1976.
- PAUL, Heiřmann. *Mittelhochdeutsche Grammatik*. Tübingen, Max Niemeyer, 1959.
- POKORNY, Julius. *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch I*. 3 vol., Bern/München, Francke, 1959.
- RANKE, F. *Altnordisches Elementarbuch*. Berlin, Walter de Gruyter, 1949.
- SZEMERÉNYI, Oswald. *Introducción a la lingüística comparativa*. Madrid, Gredos, 1978.
- VRIES, J. de. *Etymologisch woordenboek*. Utrecht, Het Spectrum, 1971.

Sobre o país da cocanha

Assim é sobre as mentiras

Ich sach eins males in der affen zît	Vi uma vez no tempo dos tolos
an einem kleinen sîden vaden	Num pequeno fio de seda
Rome und Latrane tragen	Carregarem Roma e Latrão
und einen fuozelosen man	E um homem sem pé
loufen fur ein snelles pfert	Correr na frente de um cavalo rápido
do sach ich ein vil bæsez swert	Então vi uma espada muito ruim
houwen eine slegebrucke enzwei	cortar em duas uma ponte levadiça
do sach ich ein jung esel vei	Então vi um burro novo bem alimentado
mit sinre silberinen nasen	Com seu nariz prateado
jagen zwêne snell hasen	Caçar duas rápidas lebres
unde eine linde, diu was breit	E uma tília, que era larga
deruffe wuohsen fladen heiz	Sobre a qual cresciam bolos quentes
do sach ich ein viel bæse geiz	Então vi uma cabra muito ruim
diu truoc wol hundert fuoder smalzes	Que trazia umas cem carroçadas de banha
und wol sehzig fuoder salzes	E umas sessenta carroçadas de sal
ist daz niut gelogen genuoc?	Não é mentira suficiente?
do sach ich ern einen pfluoc	Então vi um arado arar
ane ros und ane rint	Sem cavalo e sem vaca
do sach ich ein jâhriges kint	Então vi uma criança de um ano
werfen mulsteine viere	Arremessar mós quatro vezes
von Regensburc nach Triere	De Regensburg a Trier
von Trier unze Strazburg hin	De Trier até Straßburg
e3 swam ein habech uber Rîn	Nadava um açor por cima do Reno
daz têt er alle3 mit rêhte	Isso ele fazia como lhe é de direito
do hort ich vische brehten	Então eu ouvi peixes fazerem tanto barulho
daz e3 in den himel schô3	Que atingia o céu
do sach ich honec in eime waz3zerflô3	Então vi mel na forma de rio
von eime tal ûf einen bÛrc	Vindo de um vale, subindo uma montanha
daz waren sælzenen wÛrc	Que eram salinas
do sach ich zwô kreigen	Então vi duas gralhas
eine matte meigen	Ceifar uma campina

do sach ich zwô mucken
 machen eine brucken
 do sach ich zwô tûben
 einen wolf klûben
 do sach ich zwei rinder
 zwô geize bringen
 und sach zwêne frosche
 mit enander dreschen
 Do sach ich zwô miuse
 einen bischof weihen
 do sach ich zwô katzen
 einem bern sine zungen û3 kratzen
 do sach ich einen snecken
 zwêne lowen toten
 do sach ich einen scherer
 einre frowen den bart scheren
 do sach ich zwei sÛgende kint
 ir muoter heizen swîgen
 do sach ich zwêne winde
 eine mul û3er dem wazzer bringen
 da stuont ein bæsez pfert
 und sprach ë3 ware rêht
 do sach ich vier rosser
 û3 howe korne dreschen
 do sach ich zwô geizen
 einen oven heizen
 do sach ich eine rote kuo
 daz brot in den oven tuon
 da sprach ein huon
 est û3 geseit
 ein ungefuoc scheiz ûf die bruoch
 est û3 geseit

Então vi dois mosquitos
 Fazer uma ponte
 Então vi duas pombas
 Despedaçarem um lobo
 Então vi duas vacas
 Levando duas rabiças
 E vi duas rãs
 Malharem juntas uma a outra
 Então vi dois ratos
 Ordenarem um bispo
 Então vi dois gatos
 Arrancarem a unhas a língua de um urso
 Então vi um caracol
 Matar dois leões
 Então vi um barbeiro
 Cortar a barba de uma mulher
 Então vi duas crianças de peito
 Calarem com ordens a sua mãe
 Então vi dois ventos
 Arrancarem um moinho para fora d'água
 Então um cavalo ruim se levantou
 E falou que estava certo
 Então vi quatro cavalos de carga
 Debulharem grãos do meio do feno
 Então vi duas cabras
 Aquecerem um forno
 Então vi uma vaca vermelha
 Pôr pão nesse forno
 Então uma galinha falou
 Foi proclamado
 Um inconveniente fez nas bragas
 Foi proclamado

*RESENHAS –
REZENSIONEN*

Hans Jacob Christoffel von GRIMMELSHAUSEN, Werke II. Grimmelshausen satirische Schriften; historische und Legendenromane. Edição crítica e comentada, org. por Dieter Breuer. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag 1997 (Bibliothek der Frühen Neuzeit, vol. 5/II, 1175 págs., DM 172,00, ISBN 3-618-66475-3)

Assim reza o título do principal romance de Hans Jacob Christoffel von Grimmelshausen (1622-1676), *Der abentheurliche Simplicissimus Teutsch* (publicado em 1668, mas pós-datado 1669 no frontispício, artifício bastante usado no séc. XVII, na tentativa de dar uma maior atualidade à publicação):

“Das ist : / Die Beschreibung dess Lebens eines seltzamen Vaganten / genant Melchior Sternfels von Fuchshaim / wo und welcher gestalt Er nemlich in diese Welt kommen / was er darinn gesehen / gelernt / erfahren und ausgestanden / auch warumb er solche wieder freywillig quittirt.

Überauss lustig / und männiglich nutzlich zu lesen.”

“Extremamente divertido / e a todos útil de ler” é a justificativa – ou quase a intenção programática –, que o autor nos dá, inserida na tópica da arte poética de Horácio: *prodesse et delectare, utile cum dulci*. De fato, o livro encontrou utilidade e proporcionou diversão a muitos, nestes quase 330 anos de publicação – e mais de duzentas edições, além das piratas. Este mesmo autor, preocupado ou, pelo menos, interessado na recepção de sua obra, poderia prever que seu romance é a mais famosa, a mais engraçada, a mais significativa e praticamente a única obra em prosa do séc. XVII alemão ainda lida? A estas inúmeras definições feitas pela *Literaturwissenschaft* alemã, podemos acrescentar inclusive, o que dizem dois críticos que escreveram sobre o *Simplicissimus*, aqui no Brasil: Anatol Rosenfeld: “Há exatamente trezentos anos saiu a primeira edição, depois ampliada, de um dos maio-

res romances da literatura alemã, o primeiro de importância universal (...)” (em *Letras germânicas, Tricentenário de um grande romance (...)*, p. 21); e Otto Maria Carpeaux: “(...) Quanto ao valor literário é o *Simplicissimus* a maior obra da literatura alemã entre o *Nibelungenlied* e Goethe” (em *História da Literatura Ocidental*, vol. 3 (*Barroco e Classicismo*), p. 567).

A história da recepção e da crítica deste romance é um panorama da própria história da crítica literária e da cultura alemãs e suas reflexões. O *Simplicissimus Teutsch* foi, por exemplo, proibido pela Inquisição; passou a ser considerado exemplo de *Volkspoesie*, após a Revolução de 1848; foi tema de debate na Assembléia prussiana em 1876 (sobre sua devida recomendação como leitura de inspiração patriótica para a juventude, ou não, e suas conseqüências); e ganhou a condição de livro exemplar para o Nacional-socialismo – apenas para demonstrar algumas das vicissitudes que acompanharam a sua recepção e compreensão.

Fato é que, já a partir de 1670, as palavras *simplicissimus* e *simplicianisch* transformaram-se em conceitos difundidos em várias ocasiões. Por outro lado, o *Simplicissimus* influenciará diretamente outras obras, formando uma *Simpliciade* (que antecipa o que ocorrerá com o *Robinson Crusoe*), como em Johann Beers, entre outros.

No entanto, a obra de Grimmelshausen vai além de seu romance mais famoso, conforme demonstra um recente lançamento. No final do primeiro semestre de 1997, completou-se, com o terceiro volume, a edição das obras ditas “narrativas” de Grimmelshausen, publicadas pela Deutscher Klassiker Verlag, edição crítica, comentada e primorosa, sempre a partir das primeiras edições originais, organizada por Dieter Breuer (da Universidade de Aachen). A publicação “inaugura-se” em 1989. O primeiro volume traz o romance *Der abentheurliche Simplicissimus Teutsch* (1668) e a *Continuatio des abentheurlichen Simplicissimi* (1669). O segundo, de 1992, prossegue com outros livros do ciclo chamado *Simplissianische Schriften*, cujos títulos não poderiam ser mais instigantes e saborosos, *Die Le-*

bensbeschreibung der Ertzbetrügerin und Landstörtzerin Courasche (1670), *Der Seltzame Springinsfeld* (1670), *Das Wunderbarliche Vogel-Nest*, partes I e II (1672 e 1675, respectivamente), considerados também como “*continuatios*” ou partes inter-relacionadas do *Simplicissimus* (e o próprio Grimmelshausen aconselhou que, para uma compreensão “suficiente” desta sua obra narrativa, seria necessário ler todas essas partes, sem deixar nenhuma de lado), e o colóquio *Rathstübel Plutonis Oder Kunst Reich zu werden* (1672).

O terceiro volume, finalmente, chama a atenção para uma parte da obra de Grimmelshausen bastante desconhecida do público leitor e ainda bem menos estudada e valorizada pela crítica, o que a torna especialmente curiosa e interessante. São os chamados *Satirische Schriften*, e os *Historische und Legendenromane*, doze escritos publicados entre 1666 e 1673: os escritos com pano de fundo primordialmente bíblico *Histori vom Keuschen Joseph in Egypten* (1667) e a seqüência *Des Grundfrommen keuschen Josephs getreuen Dieners und Schaffners MUSAI* (1670); as novelas político-históricas dos primórdios da história da França *Dietwalt und Amelinde* (1670) e do Império bizantino *Prinz Proximus und Lympida* (1672); o diálogo satírico sobre uma “viagem” pelas penas do inferno *Die verkehrte Welt* (1672); o livrinho de adivinhação satírico *Gauckel-Tasche* (1670); a narrativa alegórico-moralista *Beernhäuter* (1670); a novela panfletária anti-bélica *Der stoltze Melcher* (1672); a história humorística, na linhagem do *Simplicissimus*, *Bart-Krieg* (1673); o escrito satírico contra a superstição *Galgen-Männlin* (1673); os ditos espirituosos de *Aus dem Ewig-währenden Calender* (1671); e os agudos e satíricos exercícios de estilo *Anhang e Extrat* (1666).

Dieter Breuer chama a atenção para o fato de que estes escritos não pretenderam ser apenas instrutivos, mas também serviram como experimentação com outros gêneros e formas literárias. É novamente a justificativa horaciana, já estampada no título do *Simplicissimus*: o autor engenhoso chama o leitor para “exercitar sua compreensão”, procurar significados nos escritos, mas também para se divertir com eles, mesmo quando trata de temas históricos. A ordem dos escritos

deste volume segue a cronologia da publicação. Desse modo, o leitor se encontra em um labirinto variado de gêneros, o mesmo labirinto em que se acha o autor.

A leitura da obra de Grimmelshausen demonstra uma atualidade desconcertante, até mesmo para nós, brasileiros, tão distantes da Alemanha, há mais de três séculos após sua publicação. Mas a importância que o romance *Simplicissimus* tem na história da literatura universal corresponde, é claro, ao reconhecimento que ele merece: as experiências e reflexões de *Simplicissimus* parecem ser um comentário permanente de nossa vida e de nosso mundo „constantemente inconstante“. Resta, agora, estender a compreensão da obra aos outros escritos menos conhecidos de Grimmelshausen.

Será que ele imaginaria que até aqui, neste distante Brasil, povoado por „devoradores de piolhos“ (conforme uma passagem em que *Simplicissimus* faz uma alusão aos brasileiros como devoradores de piolhos!... *Simplicissimus*, Livro II, cap. 28), sua obra pode proporcionar utilidade e diversão?

*Maria do Carmo M. Waizbort, pós-graduada,
Área de Alemão, USP*

Gabriele DIEWALD, Grammatikalisierung: Eine Einführung in Sein und Werden grammatischer Formen. Tübingen: Max Niemeyer Verlag 1997 (*Germanistische Arbeitshefte* 36, viii + 131 pág., DM 22,80, ISBN 3-484-25136-0)

Die erste Definition von Grammatikalisierung stammt von MEILLET (1912=1926), als "*le passage d'un mot autonome au rôle d'element grammatical*", obwohl HUMBOLDT schon 1822 dieses Phänomen erforscht hatte. Die Grammatikalisierungsforschung erfolgt heute nach HOPPER (1996: 217) in zwei Richtungen: die eine erklärt diesen Prozeß durch semantische und kognitive Bedeutungen von Wörtern und lexikalischen Kategorien; die andere berücksichtigt die Diskurskontexte (*discourse contexts*), in denen die Grammatikalisierung stattfindet. Nach HOPPER können beide Pole als komplementär angesehen werden: Der erste erklärt, *was* grammatikalisiert wird, und der andere, *wie* der Prozeß vor sich geht.

In den letzten Jahren entstanden zahlreiche Arbeiten zum Thema Grammatikalisierung, darunter das 1997 veröffentlichte Buch von Gabriele DIEWALD, das Gegenstand dieser Rezension ist. Das Buch enthält fünf Kapitel, von denen drei die wichtigsten theoretischen Aspekte und die zwei anderen konkrete Grammatikalisierungsfälle behandeln. Am Ende jedes Kapitels stehen zwei Übungsaufgaben, deren Lösungen am Ende des Buches diskutiert werden.

Im ersten Kapitel bietet DIEWALD eine theoretische Übersicht des Phänomens der Grammatikalisierung, das als die Entstehung von grammatischen Zeichen aus Lexemen und die Verstärkung der grammatischen Funktion von schon bestehenden grammatischen Formen verstanden wird. Zunächst werden die Termini und Begriffe vorgestellt, die notwendig sind, um die verschiedenen Aspekte der Grammatikalisierung diskutieren zu können. Eine grundlegende Unterscheidung ist die zwischen *Inhaltswörtern* und *Funktionswörtern*. Nach DIEWALD haben erstere eine denotative Funktion, d.h. sie dienen zur Benennung, während letztere abstrakte Beziehungen ausdrücken und

dabei eine relationale Funktion erfüllen. Eine weitere grundlegende Differenzierung besteht zwischen *freien* und *gebundenen Morphemen*. Sowohl grammatische als auch lexikalische Zeichen können frei oder gebunden auftreten. Die Autorin stellt eine Tendenz fest, nach der lexikalische Zeichen eher frei auftreten und grammatische eher gebunden. Andere wichtige Unterschiede sind die Größe und die Geschlossenheit einer Gruppe von Zeichen (Wortart oder Flexionsparadigma). Die grammatischen Zeichen neigen zu strenger Paradigmatisierung und bilden deswegen *geschlossene Klassen* mit einer begrenzten Zahl von Mitgliedern. Die lexikalischen Zeichen bilden *offene Klassen*, und die Zahl der Mitglieder einer Klasse ist nicht bestimmbar.

Die sprachlichen Zeichen können aber nicht immer nach den erwähnten Kriterien so einfach klassifiziert werden, da es Übergangsfälle gibt. Um diese Übergänge (DIEWALD spricht in Anlehnung an REIS (1976) von "Übergänglichkeit") zu erklären, zitiert die Autorin Paul HOPPERS Begriff der *emergent grammar*, nach dem die Grammatik eine Ansammlung von wiederkehrenden Teilen im ständigen Wandel des Sprachgebrauchs ist. DIEWALD hält darüber hinaus die Unterscheidung zwischen *Formkategorie* und *semantischer Kategorie* für wichtig. Zu der Formkategorie gehört die Unterscheidung zwischen freien und gebundenen Morphemen. Zu der semantischen Kategorie gehören kognitive Domänen wie *Temporalität*, *Definitheit*, *Aspektualität*, *Modalität* und andere. Diewald macht deutlich, daß die "Übergänglichkeit" zwischen den Zeichen eine integrative Perspektive auf synchrone und diachrone Gesichtspunkte erfordert. Darum werden die erwähnten binären Unterscheidungen nicht kategorial, sondern graduell konzipiert. Auf der Basis dieser Begriffe werden in der zweiten Hälfte des ersten Kapitels die allgemeinen Stadien der Grammatikalisierungsprozesse am Beispiel verschiedener Sprachen vorgestellt. Die "Übergänglichkeit" der Form zeigt sich bei der langsamen Veränderung eines Zeichens in bezug auf seine Inhalts- und Ausdrucksseite.

Die Veränderungen beim Prozeß der Grammatikalisierung erfolgen auf verschiedenen Ebenen. Eine freie Diskursstruktur wird

syntaktisiert, d.h. durch grammatische Regeln geordnet. Dadurch gelangt das Zeichen auf eine andere Ebene, nämlich auf die der Syntax. Wenn ein freies Morphem klitisiert oder zum Affix wird, d.h. an autonome Formen gebunden wird, tritt die Struktur auf die Ebene der Morphologie über. Da ein gebundenes grammatisches Morphem im Deutschen keinen Hauptakzent tragen kann, wird es schwachtonig ausgesprochen und neigt zur Reduktion seiner phonologischen Substanz bis hin zum Schwund. Am Ende dieses Prozesses hat das Zeichen seine lexikalische Bedeutung verloren und eine grammatische Bedeutung gewonnen. Dabei verändert sich nicht nur der Inhalt des Zeichens, sondern auch seine Form, denn eine freie Diskursstruktur wird allmählich zum Syntagma, zum Klitikum und zum Affix. Mit dieser theoretischen Übersicht gelingt DIEWALD eine Beschreibung der Eigenschaften grammatikalisierter Zeichen.

Im zweiten Kapitel präsentiert die Autorin weitere Kriterien, die für die Beschreibung konkreter Grammatikalisierungsfälle notwendig sind. Es handelt sich um die von LEHMANN (1985:306) entwickelten Grammatikalisierungsparameter. Das übergeordnete Kriterium ist die *Autonomie*, die in drei weitere Merkmale unterteilt wird: *Gewicht*, *Kohäsion* und *Variabilität*. Durch die Differenzierung in *syntagmatische* und *paradigmatische Achse*, sind sechs Parameter entstanden, die LEHMANN in der folgenden Tabelle präsentiert:

	paradigmatisch	syntagmatisch
Gewicht	Integrität	Skopus
Kohäsion	Paradigmatizität	Függungse
Variabilität	paradigmatische Variabilität	syntagmatische Variabilität

DIEWALD benutzt diese Kriterien, um bei einer ersten Fallstudie einen synchronischen Vergleich zwischen den deontischen und epistemischen Gebrauchsweisen der Modalverben durchzuführen. Die Analyse zeigt, wie sich beide Varianten in bezug auf die Grammatikalisierung deutlich unterscheiden: während die deontischen Varianten

ten sich ähnlich wie die Vollverben verhalten, sind die epistemischen Varianten auf dem Weg, zu analytischen Modi zu werden (S.29).

Die zweite Fallstudie betrifft die Entwicklung des Dativpassivs (u.a. auch *bekommen*-Passiv genannt; cf. LEIRBUKT 1997). Aus diesen Analysen geht hauptsächlich hervor, daß die Grammatikalisierung nicht in allen Kontexten eines sprachlichen Ausdrucks stattfindet, sondern "an sehr spezifische Kontexte gebunden ist" (S.40). Deswegen müssen die an einem Grammatikalisierungsprozeß beteiligten Lexeme und die entsprechenden Kontexte genau betrachtet werden.

Das dritte Kapitel erläutert die *Metapher* und die *Metonymie*, zwei kognitive Prozesse bzw. Verarbeitungsstrategien, die bei der Grammatikalisierung eine Rolle spielen. Das Zusammenspiel von Metapher und Metonymie, das je nach Einzelfall eine unterschiedliche Gewichtung hat, wird anhand des englischen *be-going-to*-Futurs erklärt. DIEWALD diskutiert Beispiele von HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER (1991: 68) und vervollständigt ihre Analyse durch ein Schema, das in HOPPER & TRAUGOTT (1993: 88) zu finden ist.

Im vierten Kapitel untersucht DIEWALD anhand von zwei nicht-flektierbaren Wortarten, Präpositionen und Modalpartikeln, "die Homogenität bzw. Inhomogenität grammatischer Klassen und Kategorien bezogen auf ihre Mitglieder" (S. 65). Nachdem die Autorin die Präpositionen nach HELBIG & BUSCHA (1986: 402ff.) in primäre und sekundäre eingeteilt hat, prüft sie diese Gruppen anhand von LEHMANN'S Grammatikalisierungsparametern. Ebenso werden die Modalpartikeln mit Hilfe dieser Kriterien untersucht. Es folgt die Darstellung der Bedeutungsentwicklung von neun dieser Partikeln. Am Ende dieser Analysen stellt DIEWALD fest, daß die Präpositionen verschiedene Grammatikalisierungsgrade zeigen, obwohl sie an sich eine geschlossene grammatische Klasse bilden. Die Modalpartikeln dagegen, trotz der Unabgeschlossenheit ihrer Gruppe, zeigen im Paradigma einen gleichmäßigen Grammatikalisierungsgrad.

Im letzten Kapitel diskutiert die Autorin die Verbindung von Grammatikalisierung und Sprachwandel, der alle Veränderungs-

prozesse einer Sprache umfaßt. Nach Meinung der Autorin haben beide Prozesse einen großen Überschneidungsbereich in den Gebieten des morphologischen und des syntaktischen Wandels. Zwei Prinzipien sind für beide Prozesse wichtig, nämlich die *Reanalyse* und die *Analogie*. Die Reanalyse besteht aus der Restrukturierung der Konstituentenstruktur. Die Analogie ergibt sich aus der Ausbreitung eines Strukturmusters, in der eine Veränderung das Ergebnis eines Ausgleichsprozesses ist, der für ähnliche Inhalte ähnliche Formen erzeugt. Als Beispiele für Ausgleichsprozesse zitiert DIEWALD die Vereinheitlichung der Präteritalstämme der starken Verben im heutigen Deutsch, die Übertragung von flexivischen oder derivativen Bildungsmustern auf Lexeme (im Fall des Plurals *Kind/Kinder*) und die Benutzung des Umlauts als unterscheidendes Kategorienmerkmal des Plurals bei Nomen. Unter der Perspektive des Sprachwandels erklärt die Autorin den Lautwandel als die Erfüllung eines Bedürfnisses nach Sprech-erleichterung und den Ausgleich als Ergebnis eines "Deutlichkeits-triebs", d.h. des Strebens nach Informativität. Ein weiteres Motiv für Sprachwandel liegt in der Opposition zwischen Expressivität und Verwendung von üblichen Standardausdrücken. Nach LEHMANN 1989 ist die *Expressivität* der Auslöser für die Erosion der Normalformen und die Bildung neuer grammatischer Formen. Die Expressivität kann zwei Phänomene erklären: die synchrone Variation und die Grammatikalisierungszyklen.

Laut DIEWALD gibt es in der Sprache Varianten mit verschiedenem Grammatikalisierungsgrad. HOPPER 1991 spricht von Schichtung. Je älter die Form ist, desto stärker ist ihre Fusion. Nach HOPPER drücken die verschiedenen Schichten Bedeutungs- oder stilistische Unterschiede aus. Dadurch dienen die Schichten zum Ausdruck unterschiedlicher Stufen von Expressivität. Autonome Wörter neigen dazu, einen hohen Grad von Expressivität zu zeigen. Daraus kann man schließen, daß die verschiedenen Grade der Autonomie von Zeichen die verschiedenen Grade ihrer Expressivität widerspiegeln.

Die Expressivität trägt zu den Grammatikalisierungszyklen bei, indem eine Ausdrucksverstärkung entsteht. Sehr oft führen die Gram-

matikalisierungsprozesse zu Zuständen, die dem Ausgangspunkt gleich sind, aber da anderes Sprachmaterial verwendet wird, ist es expressiver. Als Beispiel dafür erwähnt DIEWALD die Entwicklung des Futurs in den romanischen Sprachen. Im Französischen hat man zwei Möglichkeiten, das Futur zu bilden: mit synthetischen oder analytischen Formen. Die analytische Form ist die jüngere und expressivere und ist möglicherweise überhaupt nur durch das Bedürfnis nach Expressivität entstanden.

Nach DIEWALD sind die Zyklen der Grund, warum die Sprachen nicht im Laufe der Zeit immer "grammatischer" werden. Das Bedürfnis nach Expressivität und die Grammatikalisierungsprozesse sind für ein Spannungsverhältnis zwischen Kreativität und Verständigung verantwortlich, wobei die Sprecher keine neuen Zeichen erfinden, sondern die Zeichen in abweichender Weise benutzen. Man kann auch nicht vorhersehen, wann die Möglichkeit für Sprachwandel oder Grammatikalisierung besteht. Beide Prozesse sind nicht-deterministisch.

Das hier vorgestellte Buch kann dem brasilianischen Leser nur empfohlen werden, denn auch in Brasilien wird die Grammatikalisierung von verschiedenen Linguisten-Gruppen erforscht. Von der Studiengruppe *Discurso & Gramática* der Universidade Federal do Rio de Janeiro wurde 1996 der Sammelband *Gramaticalização no português do Brasil* veröffentlicht, und in der Universidade Federal de Minas Gerais befinden sich verschiedene Projekte über dieses Thema in Arbeit. An der Universidade de São Paulo verfaßte CASTILHO 1996 einen Forschungsüberblick, in dem er eine kritische Analyse der vorhandenen Literatur zum Thema durchführte, und der nordamerikanische Linguist John Robert Ross leitete im Mai/Juni 1997 ein Seminar zu diesem Thema, in dem er unter anderem einige Beispiele für Grammatikalisierungsprozesse im brasilianischen Portugiesisch behandelte, wie zum Beispiel das Wort *até* und die Formen *você, ocê* und *cê*.

Auch für andere Leser, die sich mit diesem Thema noch nicht beschäftigt haben, bietet das Buch mit seinem didaktischen Charak-

ter eine angenehme Lektüre. Das Buch ist im allgemeinen gut verständlich, da die Autorin sich klar ausdrückt, jeden Terminus definiert und ihre Behauptungen mit ausreichenden Beispielen und Literaturangaben belegt. Die Diskussion und Lösungsvorschläge, die sie zu den Übungsaufgaben anbietet, unterstützen das Selbststudium und dienen zur Vertiefung des Themas.

Die Reihenfolge, in der den drei Theoriekapiteln zwei Anwendungskapitel zwischengeschaltet werden, ermöglicht eine direkte Anwendung der Theorie und bereichert die gesamte Darstellung. Da DIEWALD die wichtigsten Gebiete der Grammatikalisierungsforschung behandelt, ist ihr Buch eine nützliche Lektüre für alle, die sich für das Thema interessieren.

Literaturverzeichnis

- CASTILHO, Ataliba T. de. "A gramaticalização" (manuscrito a ser publicado em Estudos Lingüísticos e Literários), 1996.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago, University of Chicago Press, 1991.
- HELBIG, Gerhard & BUSCHA, Joachim. *Deutsche Grammatik: ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Leipzig, Verlag Enzyklopädie, 1986.
- HOPPER, Paul J. "Some Recent Trends in Grammaticalization". In: *Annual Review of Anthropology* 25, S. 217-236, 1996.
- HOPPER, Paul J. & TRAUOGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. "Über das Entstehen der grammatischen Formen, und ihren Einfluss auf die Ideenentwicklung". In: FLITNER, Andreas & GIEL, Klaus (Hgg.): *Werke in fünf Bänden, Bd. III, Schriften zur Sprachphilosophie*. 6. Aufl. Stuttgart, Cotta, S. 31-63, 1822=1988.
- LEHMANN, Christian. "Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change". In: *Lingua e Stile* 20, S. 303-318, 1985.

LEIRBUKT, Oddleif. *Untersuchungen zum bekommen-Passiv im heutigen Deutsch*. Tübingen, Niemeyer, 1997.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et alii. (Hgg.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

MEILLET, Antoine. "L'évolution des formes grammaticales". In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris, Champion, S. 130-148, 1912=1926.

REIS, Marga. "Zum grammatischen Status der Hilfsverben". In: *Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur* 98, S. 64-82, 1976.

*Alessandra Castilho Ferreira da Costa &
Maria Cristina Reckziegel Guedes Evangelista,
pós-graduandas, Área de Alemão, USP*

Oddleif LEIRBUKT, Untersuchungen zum bekommen-Passiv im heutigen Deutsch. Tübingen: Max Niemeyer Verlag 1997 (*Reihe Germanistische Linguistik* 177, ix + 242 pág., DM 118,00, ISBN 3-484-31177-0)

1. O fenômeno que a gramática tradicional denomina de voz (ativa e passiva) e a lingüística moderna, de diátese verbal, tem aspectos gramaticais, semânticos e pragmáticos. Vista da perspectiva gramatical, a diátese envolve modificações morfológicas na forma do verbo e modificações sintáticas nas funções de objetos e sujeitos. Vista da perspectiva semântica, a diátese é um meio lingüístico que serve para focalizar e desfocalizar participantes de processos (cf. BLÜHDORN 1993: 132 s.). Vista da perspectiva pragmática, determinadas diáteses podem ser consideradas mais adequadas para determinados tipos de textos, como, por exemplo, a voz passiva para textos técnico-científicos, no alemão e no português.

Em muitas abordagens sobre diáteses, confundem-se os aspectos semânticos e gramaticais. Várias línguas dispõem de uma série de meios formais para os fins da focalização e desfocalização de participantes de processos. Nem todos esses meios têm necessariamente a característica formal da diátese. O português, por exemplo, dispõe, além da voz passiva propriamente dita:

(1a) Neste artigo, é analisada a voz passiva.,

de uma construção reflexiva impessoal:

(1b) Neste artigo, analisa-se a voz passiva.

Essa construção também é freqüentemente chamada de voz passiva pelos gramáticos (cf. CUNHA & CINTRA 1985: 373), considerando-se, em primeiro lugar, a sua função semântica, e não sua forma gramatical. Quanto à forma gramatical, verificamos, que o verbo em

(1a) (*é analisada*) se distingue claramente do verbo *analisa* que deveria ser utilizado numa frase paralela na voz ativa:

(1c) Neste artigo, o autor analisa a voz passiva.

O verbo em (1b), no entanto, não se distingue formalmente do verbo da voz ativa (cf. LUFT 1996: 133).

A partir desses pressupostos, o português possui duas diáteses verbais: a voz ativa e a voz passiva. Na voz passiva, o objeto direto (OD) da voz ativa é promovido para a função de sujeito (SUJ), e o sujeito da voz ativa é demovido para a função de um adjunto adverbial (AA):

- (2a) A professora (SUJ) emprestou um dicionário (OD) ao aluno (OI).
(2b) Um dicionário (SUJ) foi emprestado ao aluno (OI) pela professora (AA).

O objeto indireto (OI) permanece inalterado, ou seja, não participa da transformação.

Já no inglês, existem uma voz passiva, que promove o objeto direto, e uma voz passiva, que promove o objeto indireto (cf. QUIRK & al. 1985: 57 s.):

- (3a) *I (SUJ) gave him (OI) the book (OD).*
[eu dar-pret lhe o livro]¹
(3b) *The book (SUJ) was given to him (OI). (OD → SUJ)*
[o livro ser-pret dar-part a ele]

¹ As traduções para o português foram feitas com o intuito de esclarecer as estruturas gramaticais da língua estrangeira. Para tanto, os verbos lexicais e auxiliares são dados no infinitivo, com especificações da sua forma. Empregam-se as seguintes siglas: *pres* – presente, *pret* – pretérito, *part* – particípio passado, *inf* – infinitivo, *3ps* – 3ª pessoa, *sg* – singular, *pl* – plural.

- (3c) *He (SUJ) was given the book (OD). (OI → SUJ)*
[ele ser-pret dar-part o livro]

Nas duas construções, utilizam-se a mesma forma do verbo lexical (o particípio passado) e o mesmo verbo auxiliar (*to be*).

No alemão, temos ainda mais formas da voz passiva. Existem duas formas correspondentes às do inglês (cf. EISENBERG 1994: 143 s.):

- (4a) *Sie (SUJ) schenkte ihm (OI) ein Parfüm (OD).*
[ela dar-de-presente-pret lhe um perfume]
(4b) *Ihm (OI) wurde (von ihr) ein Parfüm (SUJ) geschenkt. (OD → SUJ)*
[lhe ser-pret (por ela) um perfume dar-de-presente-part]
(4c) *Er (SUJ) bekam (von ihr) ein Parfüm (OD) geschenkt. (OI → SUJ)*
[ele receber-pret (por ela) um perfume dar-de-presente-part]

As duas construções exigem o uso da mesma forma do verbo lexical (o particípio passado), mas diferentes verbos auxiliares (*werden* na passiva que promove o OD e *bekommen* na passiva que promove o OI). Portanto, as duas formas da voz passiva são geralmente denominadas de *werden-Passiv* [passiva de *werden*] und *bekommen-Passiv* [passiva de *bekommen*].

A *werden-Passiv* e a *bekommen-Passiv* indicam uma visão processual do evento do qual se fala. O alemão dispõe, além disso, de duas formas passivas estáticas que indicam o resultado de um processo. As duas também se compõem do particípio passado do verbo lexical e de um verbo auxiliar. A forma estática correspondente à *werden-Passiv* (que promove o OD), é a *sein-Passiv*:

- (5a) *Der Student (SUJ) gibt die Arbeit (OD) ab.*
[o estudante entregar-pres o trabalho]

- (5b) *Die Arbeit (SUJ) wird abgegeben.*
[o trabalho ser-pres entregar-part]
(5c) *Die Arbeit (SUJ) ist abgegeben.*
[o trabalho estar-pres entregar-part]

A forma estática correspondente a *bekommen-Passiv* (que promove o OI) é a *haben-Passiv* (cf. HELBIG 1989: 219):

- (6a) *Die Krankenschwester (SUJ) bandagiert dem Patienten (OI) den Fuß (OD).*
[a enfermeira enfaixar-pres ao paciente o pé]
(6b) *Der Patient (SUJ) bekommt den Fluß (OD) bandagiert.*
[o paciente receber-pres o pé enfaixar-part]
(6c) *Der Patient (SUJ) hat den Fluß (OD) bandagiert.*
[o paciente ter-pres o pé enfaixar-part]

As diversas formas da voz passiva no alemão distinguem-se na frequência do seu uso. Enquanto não é difícil encontrar exemplos da *werden-Passiv*, a *sein-Passiv* já ocorre menos, a *bekommen-Passiv* ainda menos, e a *haben-Passiv* é bastante rara.

A *bekommen-Passiv*, que é mais típica da língua falada do que da escrita, começou a ser estudada empiricamente na lingüística germânica somente a partir dos anos setenta. Um dos primeiros trabalhos empíricos de maior vulto foi publicado por EROMS, em 1978. Seguiram-se, entre outros, os trabalhos freqüentemente citados de ASKEDAL (1984) e de HENTSCHEL & WEYDT (1995). Desde 1977, também o norueguês Oddleif LEIRBUKT, que é professor titular de lingüística germânica na Universidade de Bergen, Noruega, tem estudado a *bekommen-Passiv* em vários artigos (1977, 1987, entre outros). Na presente monografia, ele apresenta a soma das suas pesquisas sobre esse assunto, podendo se apoiar num vasto *corpus* de dados por ele coletados.

2. Após uma revisão crítica da bibliografia existente sobre o assunto e a apresentação do seu *corpus*, LEIRBUKT analisa a *bekommen-Passiv*

sob seis aspectos principais: a sintaxe e semântica dos verbos lexicais que entram nessa construção (cap. 3); a caracterização gramatical, semântica e estilística dos verbos auxiliares *bekommen*, *erhalten* e *kriegen* (cap. 4); a tipologia dos complementos verbais (cap. 5); restrições que limitam a formação da *bekommen-Passiv* (cap. 6); o comportamento da *bekommen-Passiv* na interação com outros fenômenos gramaticais (tempo e modo, nominalização, correferência de pronomes etc.) (cap. 7); o caráter da *bekommen-Passiv* como diátese independente da voz ativa e da *werden-Passiv* (cap. 8); e a relação sistemática de diversos modelos teóricos da *bekommen-Passiv* (cap. 9).

Os capítulos 3 e 4 (p. 49-112) trazem as descrições básicas. LEIRBUKT mostra que a *bekommen-Passiv* pode ser formada especialmente a partir de verbos transitivos (verbos com OD), como em (4a/c), mas também de alguns verbos intransitivos (verbos sem OD), como, p.ex., *helfen*, em (7a/b):

- (7a) *Die Lehrerin (SUJ) hilft den Schülern (OI).*
[a professora ajuda-pres-3ps-sg aos alunos]
(7b) *Die Schüler (SUJ) bekommen geholfen.*
[os alunos receber-pres-3ps-pl ajudar-part]

Ele distingue várias classes semânticas de verbos que permitem a construção da *bekommen-Passiv*.

Quanto aos verbos auxiliares, pode-se observar que *bekommen*, até hoje, não se enquadra plenamente nesse grupo, enquanto *werden*, *sein* e *haben* são os verbos auxiliares prototípicos do alemão, gramaticalizados e praticamente dessemantizados. *Bekommen* mantém, por enquanto, um significado próprio reconhecível (de “receber”) e pode ser substituído, na construção da *bekommen-Passiv*, pelos verbos sinônimos *erhalten* (forma estilisticamente mais erudita)² e *kriegen* (estilisticamente mais coloquial). Pelo mesmo motivo, pode-se ob-

2 Na verdade, o uso de *erhalten* é mais restrito que o de *bekommen* e *kriegen* (cf. pp. 105 ss.). HENTSCHEL & WEYDT (1995: 172) mostram que os três não são plenamente sinônimos.

servar que *bekommen* não se combina com todos os verbos lexicais para formar a *bekommen-Passiv*, e sim, de preferência com verbos designadores de processos que permitem uma interpretação como transferência de algo, i.e., processos nos quais alguém (o receptor), literal ou metaforicamente, recebe algo (o paciente do processo).

O autor mostra que a construção da *bekommen-Passiv* não se limita a orações com objetos indiretos propriamente ditos (objetos no dativo). Frequentemente, orações com um assim chamado *dativus commodi* ou *incommodi* (um sintagma nominal no dativo, cujo caráter de complemento ou adjunto não está claro e que expressa um beneficiário ou prejudicado de um processo) também entram na *bekommen-Passiv*:

- (8a) *Die Krankenschwester macht ihm das Bett.*
[a enfermeira arrumar-pres lhe a cama]
(8b) *Er bekommt das Bett gemacht.*
[ele receber-pres a cama fazer-part]

E também muitas construções com o assim chamado *Pertinenz-dativ* [dativo possessivo], permitem a formação da *bekommen-Passiv*:

- (9a) *Er trat ihr auf den Fuß.*
[ele pisar-pret lhe no pé]
(9b) *Sie bekam (von ihm) auf den Fuß getreten.*
[ela receber-pret (por ele) no pé pisar-part]

A condição mais importante é sempre a possibilidade de uma interpretação do processo dentro do modelo de transferência.

Nos capítulos 5 e 6 (p. 113-168), discutem-se restrições gramaticais e semânticas que limitam o uso da *bekommen-Passiv*. Além do caráter dos verbos lexicais, a natureza dos complementos é um fator decisivo, nesse âmbito. Em geral, a possibilidade de formar a *bekommen-Passiv* parece ser influenciada mais por fatores semânticos do que gramaticais.

Nos capítulos 7 e 8 (p. 169-195), o autor se concentra na questão do *status* da *bekommen-Passiv* em relação à voz ativa e à *werden-Passiv*. Ele defende seu caráter de diátese verbal independente com traços gramaticais e semânticos próprios. No capítulo 9 (p. 197-228), analisa a compatibilidade das suas observações com vários modelos teóricos da gramática universal e, particularmente, do alemão.

Um aspecto importante concerne às semelhanças e diferença entre a *werden-Passiv* e a *bekommen-Passiv* (p. 200 ss.). A *werden-Passiv* tem uma variante “impessoal”, formada com verbos intransitivos (sem objeto direto), que envolve a demissão do sujeito, mas não a promoção do objeto (pois não há objeto adequado para tanto):

- (10a) *Die Kinder (SUJ) helfen dem alten Mann (OI).*
[as crianças ajudar-pres-3ps-pl ao homem velho]
(10b) *Dem alten Mann (OI) wird geholfen.*
[ao homem velho ser-pres-3ps-sg ajudar-part]

Frases como (10b) não têm sujeito e, portanto, não apresentam concordância do verbo. O auxiliar *werden* está na 3ª pessoa do singular (*wird*), a forma não-marcada que é empregada quando concordância não é possível. Construções desse tipo são impossíveis na *bekommen-Passiv*:

- (11a) *Die Gäste (SUJ) brachten einen Papagei (OD) mit.*
[os convidados trazer-pret-3ps-pl um papagaio]
(11b) **Einen Papagei (OD) bekam mitgebracht.*
[um papagaio receber-pret-3ps-sg trazer-part]

A *bekommen-Passiv* sempre exige a promoção do objeto indireto:

- (12a) *Die Gäste (SUJ) brachten dem Hausherrn (OI) einen Papagei (OD) mit.*
[os convidados trazer-pret-3ps-pl para o dono da casa um papagaio]

- (12b) *Der Hausherr* (SUJ) *bekam einen Papagei* (OD) *mitgebracht*.
[o dono da casa receber-pret-3ps-sg um papagaio trazer-part]

LEIRBUKT (p. 202 s.) explica essa diferença com a hipótese de que a *werden-Passiv* se fundamentaria na demissão do sujeito e, a *bekommen-Passiv*, na promoção do objeto. Tal explicação, contudo, só seria convincente se a *bekommen-Passiv* permitisse uma construção com promoção do objeto, sem demissão do sujeito, assim como a *werden-Passiv* permite uma construção com demissão do sujeito, sem promoção do objeto. Creio que uma construção desse tipo com *bekommen* inexistente:

- (13a) *Einige Studentinnen* (SUJ) *empfohlen ihm* (OI) *den Yachtclub* (OD).
[algumas estudantes recomendar-pret-3ps-pl lhe o iate clube]
(13b) **Einige Studentinnen* (SUJ) *bekam(en) er* (SUJ) *den Yachtclub* (OD) *empfohlen*.
[algumas estudantes receber-pret-3ps-sg(pl) ele o iate clube recomendar-part]

A impossibilidade de (13b) nos leva a concluir que a *bekommen-Passiv*, assim como a *werden-Passiv*, se fundamenta primeiramente na demissão do sujeito com a possibilidade posterior de promover um objeto. O fato de que a *werden-Passiv*, diferentemente da *bekommen-Passiv*, possibilita uma demissão do sujeito sem a subsequente promoção do objeto, demonstra o maior grau de gramaticalização por ele atingido e o menor grau de gramaticalização da *bekommen-Passiv*.

Nas páginas 199 s., LEIRBUKT discute a opinião de HAIDER (1984, 1986), de que a construção com *bekommen* não seria voz passiva, pois *bekommen* e seus sinônimos *erhalten* e *kriegen* podem ser utilizados como verbos auxiliares tanto em construções da voz ativa quanto

da voz passiva. Nem HAIDER nem LEIRBUKT parecem notar que a mesma observação é válida para *werden*, cujo *status* como auxiliar formador da passiva nunca ninguém questionou:

- (14) *Die Bücher werden gelesen*. (voz passiva)
[os livros ser-pres-3ps-pl ler-part]
(15) *Die Studenten werden lesen*. (futuro, voz ativa)
[os estudantes ir-pres-3ps-pl ler-inf],

e também para *sein*:

- (16) *Das Fenster ist geputzt*. (voz passiva)
[a janela estar-pres-3ps-sg lavar-part]
(17) *Die Hausfrau ist am Fenster putzen/das Fenster am putzen*. (forma aspectual progressiva da linguagem coloquial, voz ativa)
[a dona de casa estar-pres-3ps-sg no janela lavar-inf/a janela no lavar-inf]
[→A dona de casa está lavando as janelas/a janela.]

e *haben*:

- (18) *Der Patient hat den Fuß bandagiert*. (voz passiva)
[o paciente ter-pres o pé enfaixar-part]
(19) *Ich habe das Buch gelesen*. (pretérito perfeito, voz ativa)
[eu ter-pres o livro ler-part]
(20) *(Laß mich in Ruhe,) ich habe zu tun*. (forma modal, voz ativa)
[(deixe-me em paz,) eu ter-pres a fazer-inf]
[→ Deixe-me em paz, preciso trabalhar.]

Na verdade, a característica de ocorrer tanto em construções da voz passiva quanto da voz ativa parece ser uma qualidade prototípica dos verbos auxiliares do alemão. Diametralmente oposto ao intuito de HAIDER, esse é um argumento a favor do caráter da construção com *bekommen* como voz passiva.

3. O livro de LEIRBUKT é rico em exemplos e em discussões de bibliografia, mas traz poucas surpresas. Na verdade, ele confirma tudo o que, antes da sua leitura, já se podia saber (ou, ao menos, imaginar) sobre a *bekommen-Passiv*. Grandes novidades, ele fica devendo.

Em alguns pontos, a análise feita é até mesmo superficial. A questão que talvez seja a mais importante, i.e., a questão da gramaticalização do verbo *bekommen*, é muito pouco abordada. O que falta em especial, é a perspectiva histórica: Desde quando existe essa construção, de onde ela vem e como ela se desenvolveu (cf. p. 206)? Mas também do ângulo sincrônico poder-se-ia esperar um aprofundamento e uma sistematização maior: Quais características de *bekommen* são indícios de gramaticalização e quais são indícios do contrário? Como se relacionam entre si *bekommen* como verbo auxiliar em construções da voz ativa e da voz passiva e *bekommen* como verbo lexical? Uma excelente análise desse tipo para o verbo *werden*, que poderia ter servido de modelo, foi elaborada por AMRHEIN (1996).

A abordagem de LEIRBUKT se baseia numa metodologia estruturalista e classificadora, que, hoje em dia, parece um pouco antiquada. Conceitos como metaforização, protótipo, gramaticalização etc., que exercem um papel central em modelos lingüísticos mais recentes, aparecem apenas marginalmente. Concepções da ciência cognitiva, que já se provaram frutíferas em estudos lingüísticos empíricos (cf., p.ex., DI MEOLA 1994) e que certamente poderiam contribuir muito à análise da *bekommen-Passiv*, infelizmente não foram levadas em conta.

Mas mesmo considerando seus defeitos, o livro me parece importante, em particular para a lingüística (germânica) nos países não-germanófonos, pois não existe, atualmente, nenhum outro tratado monográfico da *bekommen-Passiv* tão abrangente e rico em material empírico. E quanto às perguntas para as quais não oferece resposta, o livro ao menos as traz ao nível de consciência. Ter atingido isso, já constitui um mérito indubitável.

Referências bibliográficas

- AMRHEIN, Jürgen. *Die Semantik von werden. Grammatische Polysemie und die Verbalkategorien Diathese, Aspekt und Modus*. Trier, Wissenschaftlicher Verlag, 1996.
- ASKEDAL, John Ole. "Grammatikalisierung und Auxiliarisierung im sogenannten 'bekommen/erhalten/kriegen-Passiv' des Deutschen". In: *Kopenhagener Beiträge zur germanistischen Linguistik* 22, p. 5-47, 1984.
- BLÜHDORN, Hardarik. *Funktionale Zeichentheorie und deskriptive Linguistik. Ein Entwurf am Beispiel des Gegenwartsdeutschen*. Erlangen, Palm & Enke, 1993.
- CUNHA, Celso & Luís F. Lindley CINTRA. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- DI MEOLA, Claudio. *Kommen und gehen. Eine kognitiv-linguistische Untersuchung der Polysemie deiktischer Bewegungsverben*. Tübingen, Niemeyer, 1994.
- EISENBERG, Peter. *Grundriß der deutschen Grammatik*. 3ª ed., Stuttgart, Metzler, 1994.
- EROMS, Hans-Werner. "Zur Konversion der Dativphrasen". In: *Sprachwissenschaft* 3, p. 357-405, 1978.
- HAIDER, Hubert. "Mona Lisa lächelt stumm – Über das sogenannte deutsche 'Rezipientenpassiv'". In: *Linguistische Berichte* 89, p. 32-42, 1984.
- HAIDER, Hubert. "Fehlende Argumente: vom Passiv zu kohärenten Infinitiven". In: *Linguistische Berichte* 101, p. 3-33, 1986.
- HELBIG, Gerhard. "Das Passiv – und kein Ende". In: *Deutsch als Fremdsprache* 26, p. 215-221, 1989.
- HENTSCHEL, Elke & Harald WEYDT. "Das leidige *bekommen-Passiv*". In: POPP, Heidrun (org.). *Deutsch als Fremdsprache. An den Quellen eines Faches. Festschrift für Gerhard Helbig zum 65. Geburtstag*. München, Iudicium, p. 165-183, 1995.

LEIRBUKT, Oddleif. "Über passivische Fügungen der Struktur *bekommen/kriegen/erhalten* + Partizip II im heutigen Deutsch". In: *Språk og språkundervisning* 10/2, p. 47-55, 1977.

LEIRBUKT, Oddleif. "Bildungs- und Restriktionsregeln des *bekommen*-Passivs". In: Centre de Recherche en Linguistique Germanistique (Nice) (org.). *Das Passiv im Deutschen. Akten des Kolloquiums über das Passiv im Deutschen*, Nizza 1986. Tübingen, Niemeyer, p. 99-116, 1987.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 13ª ed., São Paulo, Globo, 1996.

QUIRK, Randolph, Sidney GREENBAUM, Geoffrey LEECH & Jan SVARTVIK. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London, Longman, 1985.

Hardarik Blühdorn, Área de Alemão, USP

INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES

Serão submetidos à aprovação da Comissão Científica **artigos e resenhas de livros especializados** sobre temas no âmbito de **literatura, linguística e tradução de expressão alemã**. Os trabalhos podem ser redigidos em português, alemão, inglês, espanhol ou francês e devem ser inéditos.

Os originais devem ser entregues em **disquetes** de formato PC, processados em Word for Windows 2.0 ou 6.0, acompanhados de uma **cópia impressa** em papel.

Pede-se que os textos sejam livres de quaisquer **formatações** (texto corrido, sem recuos e notas de rodapé). O texto deve estar marginado à esquerda e digitado em espaço duplo, sem divisão silábica. Entre dois parágrafos, deve haver uma linha em branco.

Para os recuos inevitáveis use-se o **tabulador**. A **barra de espaços** empregue-se apenas entre duas palavras, e apenas uma vez. A tecla **<ENTER>** use-se apenas para terminar um parágrafo.

A **fonte** deve ser Times New Roman, **tamanho 14**. Quando se usam **símbolos especiais** ou fontes diferentes, pede-se fornecer o arquivo da fonte no disquete.

Os seguintes itens devem ser observados na formatação da fonte:

- empregue *itálico* para palavras estrangeiras e neologismos,
- empregue **negrito** para destaques, por ex., de termos técnicos,
- evite **grifos**,
- evite **LETRAS MAIÚSCULAS**, a não ser no início de palavras,
- empregue "aspas" para citações (trechos mais extensos em parágrafos separados),
- empregue 'apóstrofos' para citações dentro de citações,
- para os nomes de autores citados, empregue caracteres normais ou **CAIXA ALTA** (não use **LETRAS MAIÚSCULAS**).